

O ÄLEMEMOTI

A LÁGRIMA DE GIUS II



ANDRÉ REGAL

O ÄLEMEMOTI

A LÁGRIMA DE GIUS II



ANDRÉ REGAL

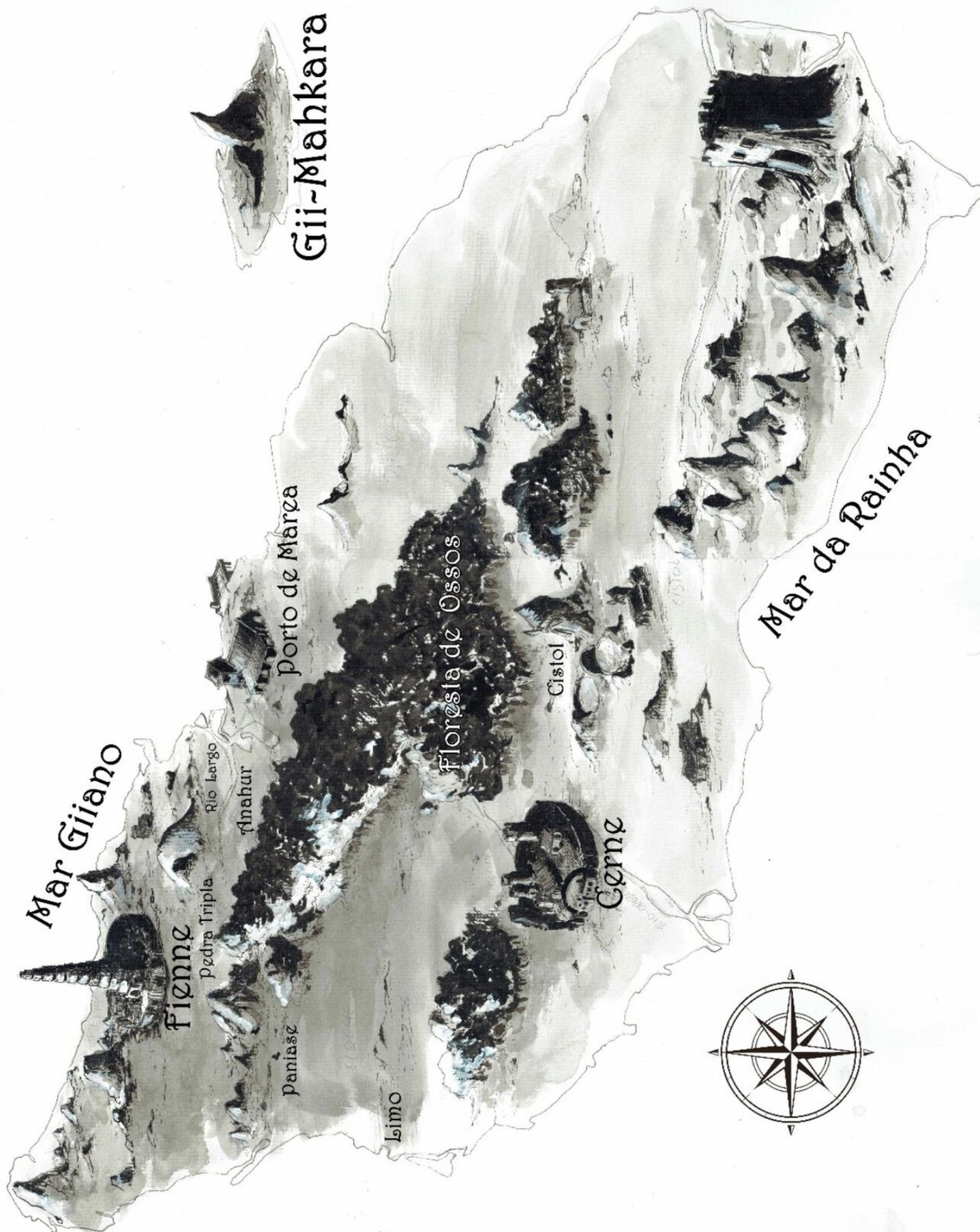
O Älememoti

- A Lágrima de Gius II -

Por André Regal

Para minha esposa, Camila...

Sem você, nada disso seria possível.



Sumário

Prólogo

PRIMEIRO TOMO

1 – Rato

2 – Curtume

3 – Tempo e Natureza

4 – Oliva

5 – O Estupor e a Vigília

6 – Limo

7 – Donzelas Etéreas

8 – Meu Nome

9 – Sombra e Ossos

10 – O Capitão

11 – Caça

12 – Ceifa

SEGUNDO TOMO

13 – Campanário

14 – A Caixa do Mezinheiro

15 – Bor'ze'il

16 – A Caverna

17 – Comunhão

18 – Patas

19 – Uma Última Prece

20 – O Prócer

21 – Fogo

22 – Yer'lenel, o Abstruso

23 – O Coelho e as Cartas

24 – Escolopendras

25 – Sumuraq

26 – Periferia de Anahur

27 – Entrada do Covil

TERCEIRO TOMO

28 – Fienne

29 – O Prisioneiro e a Mãe

30 – Aquele Homem

31 – A Herbalista

32 – O Domo

33 – Vá à Merda

34 – Sentença

Epílogo

Prólogo

Elenesta, ano 6.534, Era do Sol

Era fim da manhã, e o istmo ligando Elenesta ao *Norte Desconhecido* já refletia o branco ofuscante vindo do sol a pino. O horizonte parecia tomado por inúmeras placas de paredes invisíveis e balouçantes, enganando os olhos de quem observava ao longe, fazendo o temido trecho de terra ganhar vida. O Mar Giiano repousava na margem leste, lambendo vez ou outra as encostas rochosas, mas sem se manifestar muito, como se o sol também o tivesse derrotado. E era o início do outono, essa era uma estação que parecia não ter autoridade sobre o reino seco de Gatuste. Nem em pleno inverno ficava, de fato, muito frio ali. Ao longe, uma silhueta pálida e cinza azulada emergia do solo e tentava tocar as nuvens, talvez a milhas dali. O adormecido vulcão chamado *Monte Fienn* não parecia fazer parte do reino dos drinares. Não para quem o avistava dali. Não mais. Tão distante e reservado. Tímido, Ziuruh diria. Causou o alvoroço que pôde em seus dias de glória e agora não passava de atulhamento de basalto escuro, opaco e morto.

Ziuruh girou o pescoço e olhou mais uma vez para a capital, Fienne, que, àquela distância, já se misturava aos outros elementos do horizonte. Mal dava para divisar a torre de pedra negra no centro da cidade. Ótimo. Era impossível que vissem o que estava prestes a acontecer, e tudo ocorria exatamente como planejado. Em outras épocas, era comum ver patrulhamentos drinares por aquelas bandas, e Ziuruh não teria aceitado a incumbência. De jeito nenhum. Os vermelhos montavam dovars que não precisavam de rédeas e, assim, tinham as mãos livres para usarem seus arcos ou lanças. Isso quando não enfeitiçavam o próprio chão por onde a presa pisava ao ser caçada. Não. Aquele era o dia certo para o trabalho, e quem o designou sabia disso. Terceiro dia da onzena drinar, culminando com o festival de alinhamento do sol e o equinócio. Os drinares se preocupam mais com os céus do que com a Terra, pensou Ziuruh. Era uma data muito especial, pelo que ele sabia. Uma espécie de celebração, ocorrida de tempos em tempos, como se agradecessem ao Cosmos por fornecerem as condições necessárias para plantio e colheita, bem como estações de abundância em água e animais de caça. *Culto estranho esse*. Até onde o lagarto sabia, estrelas e planetas não eram vivos. Mas os drinares deviam ter plena ciência disso. Eles sabiam muita coisa e sabiam bem.

Havia, junto de Ziuruh, outros seres que só se diferenciavam dos inanimados pela habilidade de poder escolher aonde ir com as próprias pernas. Alguns deles estavam a algumas braças logo abaixo, lutando para subir as encostas. Lang'oárs. Membros de sua espécie. Mas Ziuruh não os considerava seus irmãos. O lagarto-

xamã olhou para o próprio braço e fez algo parecido com uma careta. A pele escura, quase preta e escamosa estava viscosa pelo resto de água do mar que ainda não havia evaporado. Quase não havia marcas de batalha, pois Ziuruh praticamente não pegava em armas. Aprendera outras formas de usar seus atributos. Acima de tudo, aprendera o que lagarto nenhum no mundo havia aprendido: a usar o cérebro.

Sim. Havia mais nos lang'oárs do que apenas carcaça e musculatura, mas poucos sabiam disso como ele. Seu rosto brilhou, então, com o pensamento. Havia algo de natural em seu ódio pelos drinares, mas, como sempre acontecia com os grandes rivais, algo além do ódio nasceu, pelo menos nele. Um profundo respeito. Ziuruh estava acima dos seus e de seu próprio tempo e, por mais que para ele fosse molesto admitir, devia isso aos vermelhos.

Quase perdendo o pouco de ânimo que recuperara com os últimos devaneios, ele observou a forma estabanada como seu grupo de lagartos saía da água. Alguns ofegantes, ainda surpresos pela baixa temperatura do Mar Giiano, e outros se acotovelando, brigando para apanhar primeiro alguma concha colorida que haviam acabado de avistar. Tinha-se ido o tempo em que os lagartos dominavam metade de Elenesta e aniquilavam quaisquer almas corajosas o suficiente para os contestar. Drinares, em sua maioria, mas também homens — claros e escuros. Ziuruh não era nascido naqueles dias, obviamente, mas o legado de sua espécie ainda contava com abundância de registros espalhados por toda a península. Registros escondidos em cidades que afundaram em pântanos, pedras com inscrições tão antigas quanto as primeiras coisas já escritas e ossadas espalhadas em campos onde aconteceram as maiores matanças de tais dias. Foram tempos em que a proliferação lang'oár e, por consequência, o possível domínio de outras terras margeavam a possibilidade... a realidade.

Mas aí chegaram inimigos novos.

As primeiras tribos humanas vieram em canoas que milagrosamente cruzaram o Giiano e chegaram inteiras na costa leste. Compunham-se principalmente dos escuros giudin, mas, milênios antes, a ilha era tomada por humanos mistos de todos os tamanhos e coloração de pele. Conviviam em unidade, outro milagre. Isso, é claro, muito antes de descobrirem que podiam se matar mutuamente quando divergiam em intentos. Mas as primeiras invasões foram favoráveis aos antepassados de Ziuruh. Os giudin foram rechaçados pelos ferozes lagartos praianos, que os superavam em proporção muito maior. Dez, vinte por um. Mas as coisas não se deram apressadamente, como ocorria nos dias atuais. Quando a cidade que hoje é conhecida como Porto de Marea não passava de um charco enferrujado — charco esse que não é mais sombra do que um dia cobriu toda Piriele, os *Pântanos Salgados* —, recebeu os primeiros navegantes vindos do Leste, e os lagartos deixaram que eles desembarcassem enquanto mantinham-se

escondidos sob as águas e vegetação brejeira, bem como ocultos em copas frondosas de sapucaias. Ziuruh teria tido orgulho de viver em tal época. Os humanos montaram acampamento e caçaram por toda a encosta como se fossem senhores daquela terra, mataram animais e os assaram em fogueiras. Tanto as aves, os cervos e os peixes, que já serviam de alimento aos lang'oárs, quanto as serpentes, os lagartos e os dragões-rasteiros, considerados sagrados. Ainda assim, não foram exterminados imediatamente.

Só depois de semanas, quando os humanos já nem olhavam mais para as embarcações, certos de que tinham vindo para ficar, os lang'oárs saltaram de seus esconderijos e os empalaram nos arredores de seus acampamentos. Muitos foram mortos enquanto ainda dormiam, outros foram arrastados até as fogueiras e assados vivos, para que seus gritos chegassem às alturas e intimidassem os que ainda pensavam em invadir a península, mas que ainda não tinham tido o disparate. Os poucos homens que tentaram revidar dispunham de armamento tão parco e vestiam peles tão fáceis de penetrar, que não demorou para que o silêncio voltasse a reinar no reino leste.

Entretanto, como os humanos têm corações ainda maiores em ganância do que todas as outras criaturas somadas, acabaram por produzir uma rainha de língua afiada que os convenceria a não desistir de se espalhar pelo mundo. Uma meretriz que, além de ter parido uma filha de cada capitão e druida com quem se deitou, teve a ousadia de rebatizar a península sagrada, dando a ela seu próprio nome, Elenesta. Década após década, os humanos continuavam atracando nas margens e eles vinham mais fortes. Se os lagartos usavam lanças de uma braça, eles traziam alabardas de duas. Se os lagartos derretiam o cobre, o estanho, o chumbo, os humanos traziam lâminas de ferro afiadas. O veneno usado nas flechas dos lagartos matava com rapidez, mas pouco pôde fazer em comparação com as inúmeras doenças trazidas nas embarcações de invasores. Muito falou-se sobre capitães e comandantes giudin que guiavam suas tropas trajando peles inteiriças dos próprios lang'oárs. Isso, naturalmente, ocupou os lagartos por um tempo, e, pelas décadas e séculos que se seguiram, eles se viam cada vez mais e mais afastados das costas marítimas, que foram ganhando agrupamentos de barracas de varas, portos e vilarejos. Como se não pudesse ficar ainda pior, ninguém contava que os drinares, vermelhos oportunistas, se revolveriam na lama dos fracassos passados e se ergueriam novamente.

Se ergueriam novamente...

Ziuruh refletiu por um momento enquanto olhava para o bando que o seguia. Era um grupo lastimável, mas era o que tinha. Sem contar os milhares que haviam ficado de tocaia até que o patrão desse a ordem. Ziuruh, na verdade, nem os teria trazido, mas foi por pura prudência de não jogar dados com a sorte caso algum

batedor drinar resolvesse quebrar a tradição e abandonar a cidade em dia de festividades.

— Aqui, seus infelizes — disse, desanimado, em seu idioma nativo.

Os lang'oárs olharam para cima e avistaram o líder. Um deles aborreceu-se de tanto assistir à briga pela concha colorida, que simplesmente a tomou das mãos de alguém e a atirou na água. Ziuruh aprovou a atitude.

— Bom, Zual'lha — disse o xamã. — Você tem permissão para degolar qualquer um que não conseguir permanecer em silêncio daqui para frente. E você, Oro'zhul — complementou, apontando para outro dos menos inúteis, um lagarto que carregava nas costas uma montante quase do tamanho dele próprio —, irá bem atrás dos outros. Ficaré encarregado de cortar a cauda daqueles curiosos o suficiente para ficar coletando coisas brilhantes do chão. Lembrem-se de que estão em território drinar, e seus pertences são hediondos. Nossos ancestrais e os ancestrais de nossos ancestrais batizaram essas areias, até então brancas, em sangue drinar. *Terra Vermelha*, como sabem, é o nome desse território inóspito. E devem se lembrar de quem o nomeou assim.

Depois de alguns resmungos ininteligíveis por parte do bando, Ziuruh ouviu alguém perguntar:

— Então já chegamos, chefe? — perguntou um de pele verde-claro.

Chefe ? Ziuruh cerrou os olhos. Ainda não estavam levando a sério. Seria bom dar uma lição que valesse para todo o grupo, para que eles vissem que não estavam tratando com um mero mercador de escravos. Primeiro, ele olhou para o chão onde os lagartos ensopados pisavam. Depois, sempre em silêncio, escolheu uma pequena pedra, do tamanho de um grão de arroz, e abriu um pouco os olhos, decidido. A pedrinha começou a flutuar até atingir a altura de um palmo do chão. Nenhum dos lagartos reparou. A pedrinha subiu ainda mais, parando diante do nariz do palerma que fez a última pergunta. Ziuruh a fez bambolear de um lado ao outro até algum deles perceber.

— O que é isso?... — murmurou um dos lagartos. A essa altura, Ziuruh já havia conseguido atrair a atenção de todos eles.

A pedra então foi lentamente se desfazendo sob o olhar do bando. Não no sentido de que ela foi se esfarelando, mas diminuindo de tamanho, pouco a pouco, até ficar invisível. Ziuruh sentiu uma dor insuportável crescendo na base das costas. Uma agulhada terrível, mas só duraria alguns instantes. A magia drinar custava caro, mas era um preço que ele pagava com satisfação. Os malditos drinares podiam realizar o *manejo* sem pagar tal preço, mas ele, Ziuruh — e ele sempre pensava nisso com orgulho, o que ajudava a suportar a dor —, era o único não drinar capaz de executá-lo sem o uso de cetérios.

Quando ele soltou a respiração e piscou, teve certeza de que a dor trocava de lugar, e o lagarto verde-claro já caía no chão, agonizando, as mãos pressionando a lateral do corpo, bem na linha da cintura. Ziuruh já não sentia mais nada.

— Zalash? — Os companheiros tentaram acudir o companheiro caído.

— Quem não quiser cair junto dele deve subir essa encosta imediatamente e em silêncio — comandou o líder. — Zalash vai ficar bem. Ele só terá... certo desconforto num dos rins pelos próximos dias. — Ziuruh ainda olhou de esguelha para Oro'zhul, como que reafirmando as últimas ordens. — Mas ele não vai ficar para trás... não é mesmo, Zalash?

— Não, senhor... — gemeu Zalash, ainda no chão.

Os outros lagartos se prontificaram a ajudar o colega caído. Zalash se recompôs da maneira que pôde, fez força para cerrar os dedos no cabo da lança e olhou para cima, assentindo para o líder. Ziuruh ainda sentiu qualquer nesga de revolta no olhar dele, mas não ligou muito. Não esperava que tais animais agissem com muito mais do que instintos básicos, e só aquela conversa já deveria ter sido demais para eles.

— É como deve ser. — Ziuruh só piscou os olhos e deu as costas para o grupo.

Ele tentou esvaziar a mente e voltar sua atenção para o que fazia. Os olhos fixaram-se em um trecho da região em específico: o miolo do istmo. Gatuste, vista de cima por uma criatura alada, certamente teria o aspecto de um mapa desenhado à mão. Dunas, cânions, vegetação desértica, cactos que mais pareciam pessoas de braços erguidos e animais sorrateiros. Tudo do lado vermelho do continente, no alto Norte.

Para além do istmo, abria-se uma cadeia aparentemente interminável de montanhas que começavam na cor alaranjada e iam migrando aos poucos para os tons amarelados, esverdeados e azulados. Começavam achatadas e terminavam pontiagudas, no horizonte. Que tipo de seres habitava o Norte Desconhecido? É o que descobririam. E, por último, o toque do cartógrafo: uma linha preta cortada de fora a fora, de uma margem a outra do istmo, dividindo as duas partes.

Essa linha era o motivo da viagem até ali.

Quando o último lagarto terminou de escalar a encosta atrás dele, Ziuruh já avançava sozinho. Ele não olhou para trás a fim de verificar a formação da fila, tampouco se preocupou em conferir se Oro'zhul vinha por último, como ele ordenara. Não queria que o pensamento se desviasse novamente. A fronteira estava diante de seus olhos.

Quando chegaram bem em frente ao muro, começou um coro de murmúrios com reações variadas. Zual'lha arregalou os olhos e tentou tocar na superfície, mas

Ziuruh logo ofereceu-lhe um olhar reprovador. Oro'zhul e outro lagarto indigente franziram o cenho, provavelmente questionando-se a respeito da eficiência da construção. Até mesmo Zalash se manifestou, a despeito da dor no rim. Era quase certo que a presença da mineração em seu órgão tivesse influenciado sua reação, mas ele soltou um suspiro de admiração. Sendo esse ou não o motivo, o verdadeiro estava certo. A fronteira era realmente impressionante, para o bem ou para o mal.

Tratava-se de uma espécie diferente de muro ou parede, nada parecido com a folha maciça e inteiriça que todos estavam acostumados a ver. O muro era composto por um arco escuro, feito a partir de milhares de blocos de basalto encaixados lado a lado e presos por uma trave superior, longa o suficiente para percorrer milhas e milhas pela extensão do istmo. O miolo era formado por placas de vidro completamente transparentes, mas não era vidro comum. Os outros lagartos não percebiam, mas, só de se aproximar, Ziuruh já sentia a pele ficando mais quente. Algo como um poder antigo e desconhecido escondia-se nos séculos de idade daquela estrutura. Quando o feiticeiro esticou o braço para tocar o vidro, sentiu as escamas vibrando, inquietas. Um desenho passou a surgir no meio da folha transparente e foi ganhando gradativamente uma espécie de luz própria. Parecia uma letra de algum alfabeto morto há muito tempo. Ziuruh não o conhecia. A luz tornou-se laranja, depois vermelha, e, nessa hora, o feiticeiro teve de recolher o braço, senão o teria incinerado. Olhou para os lados, como que por instinto, a fim de se certificar de que realmente não havia guardas drinares ali. Não viu nada.

— Magnífico... — murmurou baixinho, enquanto esfregava o braço queimado. — É incrível como os vermelhos subestimam seus adversários. Não se dão o trabalho de guarnecer a fronteira, pois acham que ninguém tem capacidade de ativar seus mecanismos.

Logo em seguida, deu alguns passos para o lado e resolveu tentar o mesmo movimento em outra folha. Igual. Ergueu os olhos e especulou se, por cima da parede — que devia ter umas dez jardas de altura —, seria possível atravessar.

— Algum de vocês — ele estalou os dedos em direção ao bando — tem força o suficiente para atirar algo por cima da trave?

Um dos lagartos deu um passo à frente. Ele parecia tímido sob a perspectiva de falar diretamente com Ziuruh. Bateu no próprio ombro, mostrando o arco que trazia pendurado nas costas.

— Qual é o seu nome, filho?

— Zeli'ah, senhor.

— Bom. Poderia fazer a fineza de atirar uma flecha sobre o muro?

O lagarto obedeceu. Com certa agilidade, mas não muita, retirou o arco das costas, posicionou uma flecha velha na corda — Ziuruh jamais entenderia o porquê

de os lagartos terem preferência por coisas enferrujadas e de eficácia duvidosa — e disparou. O projétil assobiou e passou sem dificuldade para o outro lado, caindo e espatifando-se sobre um rochedo. Um dos lang'oárs deu um tapinha de aprovação nas costas do colega, mas Ziuruh não ficou plenamente satisfeito. Flechas não tinham vida e talvez não fossem critério para avaliar o alcance da proteção acima do arco. Eles teriam de tirar um tempo para observar como se comportavam os pássaros. Mas isso tudo era mera curiosidade. O que importava mesmo eram as folhas transparentes à sua frente. Teria de estudá-las com muita calma se quisesse fazer algum movimento. Se necessário, usaria um dos lagartos como cobaia. Ou partes de um, pouco a pouco.

Ele correu os olhos pelo grupo e fez uma rápida contagem. Sim... havia material para muita pesquisa ali.

— *Iari'shar* ... — gemeu Zual'lha, apontando para o outro lado do vidro. — Senhor Ziuruh!...

Todos olharam em direção às rochas onde havia pousado a flecha. Ziuruh estreitou os olhos e também viu. Uma criatura, que possivelmente estivera dormindo, levantava-se e olhava para o bando de lagartos. Ela girou, farejou e começou a fazer movimentos pontuais com a cabeça. Para cima e para baixo. O olhar era de apreensão e desconfiança. Que animal seria aquele? Certamente as expressões dos demais lagartos perguntavam o mesmo. Não se parecia com um dovar, mas era tão grande quanto um. Andava sobre as quatro patas, e cada pata tinha três dedos com garras compridas e abertas para os lados. A cabeça era a parte mais estranha e não se parecia com nada que já tinha visto. Tinha olhos aparentemente pacíficos, mas eles não condiziam com a carapaça endurecida. Das costas, bem como dos cotovelos, brotavam chifres pontiagudos como pontas de lanças, e a mandíbula, mais larga que o focinho, era cravejada de presas apontando para cima. A barriga quase tocava o chão, e tinha como couro um tapete espinhento capaz de triturar um drinar azarado o suficiente para ser atropelado. Era, sem dúvida, uma criatura capaz de fazer um bom estrago se quisesse.

— Será que esse bicho pode atravessar o vidro? — arriscou Zalash, amedrontado.

Ziuruh soltou um pesado suspiro ao ouvir essa pergunta. Tinha até cogitado a hipótese de remover a pedra alojada no rim do lagarto, mas mudou de ideia. A punição fora até moderada.

— Isso certamente colocaria em xeque os séculos de alegada eficiência do muro, não acha? — sibilou o xamã.

Ele voltou os olhos para a criatura. Um ser do Norte Desconhecido! Pelas águas, eles existiam mesmo...

Ziuruh nunca vira nada parecido com aquilo em parte alguma de Elenesta! Claro. Todo o Norte havia sido selado pelos vermelhos e, segundo as lendas, o motivo era simples: os truques drinares não conseguiam ter grande eficácia contra alguns dos seres provenientes dali. Ele ficou imaginando quanto sangue havia sido derramado nas décadas que levaram para construir um muro como aquele. Pensou no quanto os drinares deviam temer ter de passar por tudo novamente.

De repente, o feiticeiro passou a ser tomado por uma incalculável euforia. Sentiu uma onda de energia crescente correndo por suas artérias, pulsando nos músculos e abrindo ainda mais seus olhos. Ele não era um prestidigitador barato. Não, não ele... Ziuruh havia aprendido e dominado coisas que até mesmo os mais eruditos vermelhos não conseguiram. Ele podia controlar e ser senhor não só daquela criatura que o encarava pelo vidro, mas de todo e qualquer ser do mundo.

Não havia outro lugar onde ele gostaria de estar naquele momento. As próximas horas de estudo e pesquisa certamente valeriam o esforço, mesmo que custassem algumas das vidas ali presentes. Se ele fosse bem-sucedido em seus intentos, faria a saga dos marginalizados lang'oárs entrar para a história.

Dos lang'oárs não. A sua.

PRIMEIRO TOMO

*...A madrugada é alta.
O monstro está à porta.*

Canção de ninar popular em Cerne.



1 – Rato

Era noite escura. A primeira realmente calma desde que tudo acontecera. No alto da colina, nas pocilgas de Baldo, os porcos pareciam ter finalmente encontrado sua paz. Como se o céu também tivesse resolvido descansar, recolheu cada estrela visível e colocou sob suas asas, deixando às vistas de Symas nada mais do que um cobertor de negrume. Ainda ventava frio, mas a alma do ex-soldado não sentia. Ele estava parado na porta havia uns bons momentos, como se suas costas tivessem pedido um tempo para se despedirem da casa do fazendeiro. Um ruído de algo correndo por baixo das tábuas do celeiro fez seu corpo se arrepiar, mas ele abafou uma interjeição de susto. Um rato, provavelmente. *Irônico*, ele pensou. Ratos eram asquerosos, como ele também se sentia, e corriam com o mesmo propósito de fazer com que sua presença passasse despercebida.

Um gole de vômito subiu e parou no alto de sua garganta, azedando a base de sua língua. Symas encheu as bochechas de saliva e cuspiu no chão.

O círculo de luz débil e vacilante vindo da lamparina na varanda ajudava nos primeiros passos, mas não mais do que isso. As pernas ainda não tinham forças, e Symas notou isso em especial na coxa esquerda quando a pôs para suportar o peso do corpo logo ao pisar do lado de fora. Sem contar a ferida do abdome, que ainda não havia cicatrizado por completo. Mas talvez a sensação pior fosse na cabeça, que girava em um redemoinho de confusões. As coisas que ouvira ainda soavam muito confusas em sua mente.

Nos últimos dias, não havia se passado uma hora sequer em que ele não pensasse estar a bordo de um sonho tenebroso. Lembrou-se com clareza das palavras de Vescas quando despertou naquela hora. Agarrou o rapaz pelo braço, pois ele estava com o rosto choroso, e isso era estranho; afinal, Symas tinha acabado de sonhar com desgraças intermináveis. O rapaz lançou, então, um olhar condescendente a Symas, sugerindo que ele descansasse mais e tomasse um copo de chá quente, pois precisavam conversar. E foi aí que a figura do velho entrou em cena.

Manchado... ainda estava vivo. Em um primeiro momento, o velho olhou para ele com olhos quase tão tristes quanto os de Vescas, e Symas ainda não sabia de quem se tratava. Começaram contando sobre a ida dos dois imbecis até as pocilgas na madrugada. Pelos puteiros... Symas os advertira tanto quanto a isso! Depois a conversa se desenrolou em uma velocidade estonteante, culminando em um massacre ao grupo de brakkis invasores por outra criatura misteriosa. Uma criatura que seria ele próprio.

Ao lembrar-se disso agora, o ex-soldado novamente sentiu um calafrio percorrendo por todo o corpo. Olhou para as próprias mãos, que tremiam. De pavor ou fraqueza, não soube dizer. A pele ainda pálida e malnutrida não dialogava com a atrocidade violenta que aparentemente cometeram. Symas respirou fundo e tomou uma decisão como nunca havia feito antes na vida: aquelas mãos nunca mais machucariam outra pessoa. Mentira... machucariam apenas mais uma, e não mais do que isso.

Outra mentira.

Quase como se o próprio pescoço dispusesse também da capacidade de ouvir seus pensamentos, ele coçou o lugar onde antes ficava o cordão. Symas torceu os lábios num sorriso triste. E o cordão era a chave de tudo, afinal de contas. Era imperativo que ele encontrasse e destruísse Bärdey. Sua vida e a de outros dependia disso. Por mais doloroso que fosse ter de abandonar o rapaz Vescas e o velho amigo Manchado, ele tinha de ir embora. Era perigoso demais.

Symas atravessou o quintal seguindo à sua esquerda, às margens do fio de córrego que cortava o terreno. Viu uma sombra avolumando-se mais e mais a cada passo e a reconheceu como sendo o moinho de vento. Com passadas leves que faziam o cascalho do chão crocitar, o soldado procurou em volta até encontrar o túmulo de Baldo. Symas abaixou-se com dificuldade, recolheu uma pedra no chão e a posicionou junto das outras no monte. *Pobre fazendeiro*. Não havia sido morto pelas mãos de Symas, mas isso não o isentava de ter parte no sangue. Foi culpa de sua atual ineficiência na maldita Estrada da Pedreira, e isso o deixou ainda mais irritado consigo mesmo. O guerreiro que fora um dia não erraria daquela forma. O lagarto nunca poderia ter fugido. Em outra época, Symas foi famoso por nunca deixar que seus inimigos tivessem chance de escapar com vida.

Ele fechou os olhos e tentou se despedir do fazendeiro. Não fez uma prece, pois a quem se dirigiria? Symas havia perdido sua fé no deus calado Koma fazia muito tempo, e toda vez era igual. Quantos já não tinha visto morrer à sua frente e quantas vezes não ficara em silêncio diante dos túmulos? Teria o fazendeiro um espírito? Estaria ele observando as coisas de algum lugar? Ninguém sabia. Mas, se fosse verdade que os mortos deixavam seus corpos e vagavam por outros círculos imateriais, certamente Baldo estaria em algum bem alto, de onde pudesse conferir se a sua esposa, o cavalo de guerra, os seus porcos e o moinho passavam bem. E ele riria, com aquela risada minúscula que tinha força para abrir um par de orelhas como aquele. Sim... ele estaria sorrindo. Talvez porque tudo estivesse bem agora? Talvez porque Symas estaria indo embora para sempre? Não dava para saber, mas o pensamento, pelo menos, era reconfortante.

Symas ouviu uma pata raspando ruidosamente o chão, e seus olhos logo acompanharam.

Roc... roc...

Então o cavalo também estava acordado. O ex-soldado ponderou por um momento enquanto observava a figura opaca do animal nas sombras. Não tinha considerado a hipótese de sair de lá a cavalo. Não depois de tomar conhecimento de sua própria monstruosidade. Ele deu dois passos e sentiu a agulhada na coxa esquerda. Quando essa dor cessaria? Depois que parou de andar de forma brusca para aliviar a perna, foi a vez de as costelas protestarem. Então o cavalo bufou e balançou a cabeça, quase em um convite.

Era evidente que Symas, andando a pé, não tomaria dianteira alguma.

Está bem, Gorbos. Desta vez, aceitarei de bom grado sua ajuda. Mas vou deixá-lo quando o sol estiver alto e já tivermos percorrido uma boa distância. Depois disso, sei que voltará para casa em segurança. Catrin precisa de você.

Symas olhou uma última vez para a casa de Baldo e, em seguida, para o Norte. Se fossem atrás dele, certamente tomariam aquele rumo. Vescas, pelo menos, o faria. Billa poderia chegar à conclusão de que Symas acabaria optando pelo Sul, mas ele teria um palpite incorreto quanto ao destino.

Não o encontrariam.

2 – Curtume

Bärdey saiu por uma rua na lateral da taberna *O Coelho e o Bardo* e firmou a peruca branca. Podia ouvir com nitidez o som escandaloso que vinha lá de dentro. Os homens, claramente com níveis alcoólicos elevados, gritavam e socavam as mesas. Ele fez uma careta, virou à esquerda, passando pela escultura da espiral de fogo, e seguiu direto, tombando novamente para a direita, em uma das várias divisas com a *Cidade Nova*.

O portão ainda estava aberto, e uma multidão acotovelava-se pela rua estreita. Quando a noite caía, em Cerne, as trombetas nas atalaias soavam três notas estridentes, e os moradores tinham de se recolher para seus bairros. Bärdey virou o pescoço e sentiu o ar fresco do rio atingindo-o do lado esquerdo do rosto. O rio Orobos assobiava em paralelo, cortando a cidade em duas, a apenas uma quadra de distância. Ele pensou que devia haver na cidade um sistema de escoamento, desviando o rio e banhando outras partes da cidade. A distribuição seria muito mais fácil. É claro, algumas famílias teriam de ser despejadas de suas casas, mas seria um mal necessário, coisas típicas dos negócios. O rei, frouxo feito um par de calções sem amarras, jamais permitiria.

Mas o tempo dele logo passaria, e viriam os novos. Os derradeiros.

Ele espremeu-se pelos portões com a insuportável sensação de que todos que passavam por ele o tocavam de alguma forma. Com a mão direita firmando o chapéu na cabeça, atravessou o enorme arco de pedra e lançou-se para o canto da rua, onde podia respirar um pouco mais livremente. Ali era evidente a diferença na ambientação. Em vez das construções baixas com telhas de barro da *Cidade Velha*, Bärdey viu-se cercado por muros altos e largos, além de prédios de dois ou três andares. A região antiga parecia outra capital, muito mais majestosa e heterogênea. Destoava o cenário com templos de abóbadas arredondadas, palácios da corte crivados de colunas na fachada e monumentos enormes representando figuras importantes do passado.

Bärdey seguiu pela longa rua central, procurando encostar-se na fileira de tendas, onde havia menos gente. Irritou-se ao quase tropeçar em um caixote de galinhas, o que por pouco não custou a ele uma queda na poeira. Seu objetivo era chegar até o cruzamento da ponte que dava nos quadrantes reais. Ele precisava falar com Bertom. Os últimos boatos trazidos por Penumbra foram de que o gorducho mandara matar o cavaleiro tagarela — o que já era uma estupenda surpresa. Então, pelo falecido deus, por que raios não o deixava ir atrás de sua esposa grávida? Antes da ponte, porém, a rua se abria e ficava três vezes mais larga em determinado ponto. Bärdey deu então um suspiro de satisfação. Era uma das

áreas de feiras públicas e, pelo aglomerado de gente reunida em círculo logo à frente, supôs que devia estar acontecendo algum espetáculo de rua. Fazia tempo que ele não apreciava um de perto.

À medida que se aproximava do tumulto, ouviu uma voz profunda feito um trovão recitando trechos de comédia de pauta. Bärdey comprimiu-se entre duas mulheres gordas e conseguiu chegar mais perto do palco. O espetáculo cômico acontecia na traseira de um teatro móvel, uma carroça de grupos itinerantes. Por cima do estrado e de frente a um par de cortinas vermelhas, estava um jovem rapaz, o maior que Bärdey já vira. Devia pesar mais do que os dois cavalos juntos. A pele era bronzeada — mas não totalmente escura, como a dos *giudin* —, o que o aborreceu instantaneamente, afinal, era um mestiço, talvez um filho de refugiados baderneiros. Mas o rapagão até parecia ter certo futuro nos solilóquios. Empostava bem a voz, tinha presença de palco e um ritmo que acusava um talento natural para as artes cênicas.

— ...Quem se zanga com a comadre? — ele ouviu proferindo o ator mocetão. — Você, seguindo pela beira? Não eu! Fiz as pazes com a bexiga! Ontem mesmo, fartei-me de mamões, mas, que eu saiba, não têm qualquer trato com a goteira!...

Bärdey pegou-se rindo junto à multidão. Realmente, o rapaz não era de todo mau. O bandido chegou a cruzar os braços e a relaxar o corpo, soltando o peso por sobre uma perna, mas algo no meio da plateia chamou sua atenção. Um garoto mirrado, de cabelos desgrenhados, desfilava para lá e para cá, pedindo esmolas. Ele não usava camisa e, cobrindo as pernas, não tinha mais do que um velho saco de barbante esfarrapado, com remendos servindo como bolsos. Tinha a pele machucada e manchada de tanto sol, e os pés, descalços, pisavam como que acostumados ao chão empoeirado. Esticava os braços pedindo por alguma moeda, mas as pessoas afastavam-se dele como se fosse um leproso. Bärdey o teria ignorado imediatamente; afinal, era apenas um filho de mendigos.

Quando o garoto trocou de lado, porém, Bärdey pôde notar que a metade direita do corpo dele estava queimada, desde o rosto até o pé. E parecia ser um ferimento antigo, visto que a pele já havia cicatrizado e se colado no lugar novamente, dando a impressão de que ele tinha metade do corpo costurada em couro curtido.

Por isso as pessoas o evitavam. Ele era grotesco, um animal. Não merecia mais ser chamado de humano. Um julgamento dado ironicamente pelas pessoas religiosas, *as famílias de bem* ... os piedosos adoradores de Koma... Bärdey não era o mais escrupuloso dos homens, ele sabia disso muito bem. Mas contentava-se em assumi-lo.

O garoto não desistia e permanecia de mãos estendidas, pedindo. As palmas pálidas, sujas de terra, viradas para cima como as das estátuas. Em certo momento, ele pareceu aproveitar-se quando ninguém estava olhando e meteu a mão num bolso improvisado da calça. Retirou de lá três ou quatro moedas de latão, olhou-as por um momento e atirou-as no meio do povo, sem mais nem menos. Bärdey descruzou os braços, interessado. O que o pirralho estava fazendo?

Como quando se joga milho aos pombos, as pessoas começaram a empurrar-se mutuamente e dobrar-se para frente, tentando catar o dinheiro. Bärdey não tirou os olhos do menino e reparou que, em poucos instantes, ele deslocou-se de um lado a outro, passando as mãos leves nos bolsos, bornais e sacolas de alguns. Ele deslizava os dedos tão rápido quanto fazia um mágico, recolhia algo de valor e metia, por último, no próprio bolso. Depressa demais para as vistas comuns notarem. Bärdey sentiu a própria boca abrindo um sorriso. O infeliz era um pequeno gênio. Exatamente como ele, quando garoto.

Então ele teve uma deliciosa ideia.

Em um piscar de olhos, o menino dava as costas e misturava-se à multidão, mas Bärdey não pretendia deixá-lo ir embora. Ouvindo as rimas do solilóquio ficando desvanecidas, ele deu uma ombrada em um velho que lutava com a bengala para ficar de pé, desviou de um casal que pulava a *rabena ternária* ao som da trupe e foi ao encalço do moleque.

A rua estreitou-se novamente, mas sempre em linha reta, e Bärdey sentiu alívio por poder andar mais livremente. O menino não estava longe, mas parecia um animal em fuga. Mergulhava agachado feito um gato entre as tendas, saltava meias-paredes e desviava da guarda, como quem faz isso há muito tempo. Quando chegasse à esquina, no final da rua, a quadra se abriria em várias outras ramificadas e ficaria muito difícil alcançá-lo.

Bärdey olhou para frente, e o garoto já tomava uma boa vantagem. Bem adiante, saindo talvez dos quadrantes reais, dois guardas viravam a esquina, vindo ao encontro deles, e a luz refletida nas armaduras fez com que ele tivesse uma ideia. Bärdey enfiou dois dedos na própria boca e assobiou o mais alto que pôde. Como ele só andava na capital disfarçado como Gobe, poderia chamar um pouco de atenção. Em seguida, começou a agitar os braços e a apontar para o garoto. Os guardas pararam por um instante, como se tentassem entender a comunicação, mas logo avistaram o menino saindo sorrateiro de baixo de uma das tendas.

— Parem o garoto! — gritou Bärdey, a plenos pulmões.

O menino olhou na direção de Bärdey e só então percebeu que estava sendo seguido. Girou a cabeça para o lado da rua onde os guardas estavam e coçou os cabelos, desesperado. Tudo que ele pôde fazer foi começar a subir em um amontoado de caixotes, na esperança de poder alcançar uma das sacadas no andar

de cima, mas os guardas já corriam a passos largos em sua direção, segurando firme as lanças pontiagudas.

Antes que as mãos do garoto alcançassem o patamar superior, as dos guardas alcançaram suas calças e o puxaram para baixo, estatelando-o no chão poeirento. Bärdey aproveitou e correu até lá.

— Esse piolhento roubou algo que o pertence, senhor? — perguntou um dos guardas, com a voz ríspida, assim que ele chegou perto deles. — Temos uma casa especial para esse tipo de infrator. Será um prazer levá-lo e também um favor à nossa Cerne.

O garoto rosnou para os guardas e encheu a mão de terra, sem que eles percebessem.

— Não, não! — Bärdey adiantava-se, com as mãos esticadas para frente. Uma moeda de ouro reluzia nos dedos dele. — Pelo voador divino, não... esse menino é ajudante do alfaiate e foi responsável por entregar minhas vestes de casamento. Foi embora da minha casa sem receber o troco do patrão, e isso, senhores, como podem imaginar, traria a ele sérios problemas. Coitado do garoto se o tomam por ladrão!

Os guardas torceram o rosto e lançaram um olhar meio de desprezo para o menino.

— E precisava gritar pela guarda? — chiou um dos soldados. — Num primeiro momento realmente o tomamos por ladrão! Imagine se o garoto é atingido por um virote de besta antes mesmo de termos a chance de fazer perguntas! Ou se meu colega aqui o espeta com a lança...

Bärdey abriu um sorriso de dentes amarelados.

— Por sorte não estamos em um vilarejo de beira de estrada, não, senhores? Nunca passou pela minha cabeça que a civilizada Cerne empalasse crianças. — Ele adiantou-se em completar: — Muito menos pelas cabeças dos senhores, tenho certeza.

Os guardas limitaram-se a bufar.

— Foi seu patrão quem fez isso com você? — apontou um deles para as queimaduras, mas o menino franziu ainda mais as sobrancelhas falhas. — Está mudo, infeliz? Você é o quê? Um escravo? Responda aos seus superiores quando falarem com você!

— Esse moleque parece um chouriço enrolado em couro, isso sim — resmungou o outro guarda, recolhendo a lança.

Bärdey abaixou-se, ajudou o garoto a ficar de pé e bateu a poeira nas costas dele.

— Bem, cavalheiros... — disse ele, empertigando-se e tomando uma postura séria. — Agora que já fizeram sua troça diária, acredito que não temos mais nada a

discutir. Agradeço a ajuda, mas a partir de agora eu resolvo com o pequenino aqui. — Ele tirou do bolso duas moedas de prata. — Isso é pelo seu incômodo.

Os guardas trocaram olhares desconfiados, mas aceitaram o dinheiro.

— Viva a *Pedra do Cerne* — disse entediado um dos soldados, em despedida.

Por fim, os dois guardas deram as costas e continuaram, eventualmente, a descer a rua. Quando o som ritmado de metal das grevas começou a ficar inaudível, Bärdey, que não havia soltado o braço do moleque, virou-se para ele:

— Ouça-me bem. Como percebeu, não vim aqui para machucá-lo, mas farei isso com prazer se necessário. Está me ouvindo? Tome. — Ele estendeu a mão e ofereceu ao menino a moeda de ouro.

Os olhos do garoto faiscaram como se fosse a primeira vez em que ele colocava as mãos em ouro de verdade. Os dedinhos magros relutaram e tremeram antes de tocar o metal.

— Linda, exatamente como dizem, não é? — incitou Bärdey. — Ouça com atenção: o que me diria se eu o oferecesse uma dessas por semana? Excelente, não? Muito melhor do que os trocados que anda roubando na feira, e é um valor que poucos aqui conseguiriam trabalhando. Comigo você tem ainda uma gloriosa vantagem: sem guardas, sem fuga, sem medo. Tudo o que deve fazer é trabalhar para *mim*. O que acha?

O garoto fechou os dedos contra a moeda e guardou-a no bolso, junto com o material roubado. Bärdey o achou ainda mais parecido com um animal quando ele o encarou.

— O que preciso fazer? — bufou o garoto, finalmente. Ele tinha um sotaque grosseiro, como se tivesse aprendido a falar na marra, acentuando as consoantes e emendando uma palavra na outra. Talvez ele tivesse vindo do Norte, pelos lados de *Caenar* ou *Campo de Eloche*, mas Bärdey achou pouco provável que o moleque tivesse viajado tanto.

— Ah, você fala. Fico feliz em saber, mas é uma habilidade pouco útil quando estou por perto. Atenha-se à economia de palavras na maior parte do tempo. Agora deixe-me fazer uma pergunta: já machucou alguém antes?

O menino fechou ainda mais a cara e demorou um instante, mas por fim sacudiu a cabeça negativamente.

— Excelente — falou Bärdey. — Dessa forma, meus ajudantes poderão ensiná-lo do zero e não teremos de perder tempo corrigindo suas falhas de procedimento. Isso não quer dizer que o pedirei para machucar alguém. Pelo menos não agora. Está claro? — Um mero balançar de cabeça. — Por enquanto, só preciso da sua carinha de pidão e eventualmente dos dedos leves. Onde vive?

O garoto apontou para os muros no extremo oeste da cidade.

— Nas fornalhas — disse o garoto, com sua fala atabalhoada. Era um pouco difícil entender de primeira o que ele dizia. — Telhados.

— Ótimo — Bärdey falou com toda calma do mundo, meio indicando que, a partir desse momento, seria assim que o garoto devia proceder. — Seu nome de agora em diante será *Curtume*, pois, com essas queimaduras, é disso que me lembra. Além do mais, não acho que os outros rapazes teriam algo mais lisonjeiro para sugerir. Agradeça-me por isso. Ouça: espere-me no portão oeste, bem perto de seu esconderijo, que o encontrarei daqui a duas horas. — Bärdey tinha certeza de que o garoto não iria desaparecer. Se havia algo que aprendera em sua experiência de vida, era que ouro demais nunca se mostrava suficiente. Para selar o pensamento, balançou o pulso casualmente para que o garoto visse mais uma vez o brilho dourado do metal na pulseira. — Estamos de acordo?

O menino fez que sim com a cabeça. Imediatamente após Bärdey afrouxar o aperto no braço, ele já estava longe.

— Se não sou eu para salvar essas crianças... — suspirou.

De repente, Bärdey ouviu, vinda de bem perto de sua nuca, a batida de duas palmas e teve um sobressalto. Quando olhou para trás, viu um homem enorme aproximando-se perigosamente dele. Já afastando-se por instinto, mas sem deixar apagar a luzinha no alto da mente que o lembrava de estar disfarçado no momento, ele perguntou:

— Quem é você? — Bärdey apertou os olhos e não precisou de resposta. Já vira o sujeito há pouco tempo, e a sombra que ele lançava sobre os outros era inconfundível. — Você é o brutamontes que foi atrás do cavaleiro.

O homem arreganhou os dentes e passou a mão pela crina que ostentava no alto da cabeça.

— Irmão dele — a boca sorria, mas a voz mostrava indignação.

Quase inconfundível...

— Ah, sim. Tinha me esquecido de que foram feitos na mesma fôrma. Como se um só já não bastasse. — Bärdey cuspiu no chão entre ele e o gêmeo. — O que quer? O rei mandou que me *acompanhasse* em minha próxima designação também? Se for o caso, permita-me declinar.

O homem abriu ainda mais o sorriso.

— Você é realmente tudo o que falam, Gilliam Bärdey. Não, não tenho a intenção de machucá-lo. — Ele passou a mão pelo punho da espada embainhada, como que para dar um recado a Bärdey. Como se dissesse: *a não ser que me paguem para isso*. — Tenho acompanhado seus passos desde que fiquei sabendo quem era, na verdade, o tal *emissário* do rei.

Bärdey sentiu um calor subindo pelo estômago. As pessoas em Cerne falavam demais.

— Se me conhece, sabe que esse tom não será tolerado na conversa. Digame, como ficou sabendo quem sou? Quem cantou?

— Queira me desculpar se pareço estar me divertindo, mas garanto que não rio como troça a você. E, se me permite a franqueza, não quero aborrecê-lo, mas creio que não está em posição de me fazer qualquer ameaça. Façamos assim: você não faz perguntas demais, e as coisas permanecem como estão.

A queimação da azia subiu pela garganta de Bärdey. Esse à sua frente era um sujeito perigoso. Um que deveria ser eliminado na hora certa.

— Se ouvi bem a tagarelice entre você e seu irmão, é conhecido como *Canhoto*, estou certo? — O homem assentiu. — Pois passe bem, meu amigo. Quando eu precisar de alguém proficiente com a mão esquerda, o avisarei. Como andou me bisbilhotando, reparou que acabei de conseguir a ajuda de que necessitava.

Bärdey deu as costas, mas sentiu a mão pesada de Canhoto pousando em seu ombro.

— Já que tocou no assunto — continuou Canhoto, como se a conversa nunca tivesse sido pausada —, vamos ao que interessa. Como já sabe, meu irmão foi incumbido de acabar com o passarinho cantador. Isso lhe rendeu um bom dinheiro, para falar a verdade. Sabe?... Meu irmão e eu somos conhecidos por termos certa... rivalidade. Competimos em absolutamente tudo, até em número de mulheres que levamos para a cama. Quando o número de mulheres se iguala, disputamos quem chegou ao clímax mais vezes numa mesma noite. Contabilizamos o número de inimigos abatidos em combate e também as formas criativas como cada um foi morto. Sabe como é...

Sei, sim... Lido com pessoas de mente perturbada por toda a minha vida .

— Chegue ao ponto.

O sujeito empurrou a ponta da espada embainhada com o pé — uma espada bastarda, quase do tamanho do próprio Bärdey. Usou-a como bengala para aliviar o peso carregado pelas pernas.

— Justo. Preciso de mais dinheiro, e o rei não terá nada para mim. Digo, não depois de ir ao seu esconderijo e levar as escolopendras da ilha.

— Espere um pouco. Você vai aonde?

Canhoto gargalhou.

— O balofo do rei não lhe presta mesmo o devido respeito. Ele me mandou ir à sua alcova, esconderijo, base, ou como quer que eu chame. Pediu-me para lhe entregar dois animais estranhos; insetos, na verdade. Um presente dado pelos emissários giudin em sua última visita. Como não sabemos bem onde é, exceto que bandeia os lados de Anahur e Rio Largo, de pouca valia eu seria se não viesse falar com você antes.

— Ah, sim? — Bärdey lembrou-se de como os irmãos vieram discutindo acaloradamente algo na manhã em que o cavaleiro partiu. — Se me recordo bem, vinham debatendo um assunto dessa natureza. Quem devia ir aonde ou algo assim.

— Exatamente. Mas isso não vem mais ao caso. Neste momento, meu irmão está me ultrapassando. — Ele esfregou as manzorras. — Talvez gastando seus ganhos num bordel ou comprando mais um par de cavalos lustrosos. Eu queria saber se tem algo que eu possa fazer para... me igualar em justiça com ele.

— Pensei que já tivesse levado as criaturas. Um dos meus... companheiros ideológicos havia me dado o recado. Confesso que fico um pouco aliviado por não ter descoberto também o local e tenha vindo falar comigo. — Bärdey ponderou por um instante. Por mais que fosse atrativa a ideia de dar ordens a um touro desgovernado como um dos gêmeos, poderia não ser uma boa ideia ter um homem daquele tamanho e com temperamento tão dúbio misturado à sua gente. Matematicamente, as chances de dar tudo errado eram maiores que as de sucesso. — Em resumo, fico lisonjeado, caro Canhoto, mas também estou escasso em recursos financeiros. Mas já agradeço de antemão por levar os presentes até meu refúgio. Depois disso, você volta a aguardar mais incumbências de seu rei. Qual é mesmo o nome que deu às criaturas?

— Escolopendras, senhor.

Bärdey gostou de ser chamado de *senhor*. Talvez o grandalhão tivesse feito de propósito para conquistar sua simpatia, mas, ainda assim, ele gostou.

— Mal posso esperar para saber do que se trata. Leve-as imediatamente. Não quero que estrague a surpresa. Agora, se me dá licença...

O homem o interpelou novamente.

— Pelo que ouvi, o rei não deu permissão para que fosse atrás da mulher do cavaleiro, estou certo? A tal grávida.

Bärdey estava perdendo a paciência. Canhoto era mais inteligente do que aparentava e de riso fácil, e ainda parecia estar se divertindo às suas custas, só para mostrar que sabia de uma coisa ou outra.

— Meu assunto com o rei está encaminhado, meu caro. Não há necessidade de se preocupar.

— Perdoe mais essa intromissão, mas tenho a impressão de que Sua Majestade, o gorducho, não irá ceder nesse caso. Ouça-me, Gilliam Bärdey. — Ele olhou para os lados e corrigiu. — *Senhor emissário*. Aprendi em minha linha de trabalho que a melhor forma de obter resultado é procurar fazer as coisas com as próprias mãos. Eu desgostei daquele cavaleiro no momento em que bati os olhos nele. Acredito, sim, que sua mulher dará com a língua nos dentes, e ambos sabemos que isso causará um alvoroço em Cerne, o que culminará em sua captura — o dedo de Canhoto bateu no peito de Bärdey como um virote de besta — e

provável decapitação. Não quero fingir que me importo com o senhor, mas aparentemente esse é um assunto que o deixa bastante ansioso. Eu só quero um pagamento justo e *sei* que dispõe dele. Depois de seguir para seu refúgio com as escolopendras, você poderá considerar a grávida morta. — Canhoto ergueu os olhos, claramente tentando se lembrar de algo. — Tão morta quanto as palavras do poeta Seugut.

Bärdey reprimiu um sorriso. Esse gigante... tinha de tomar cuidado para acabar não se afeiçoando a ele.

3 – Tempo e Natureza

Vescas sentiu o impacto no rosto, e a ardência veio bem depois de abrir os olhos. Com a luz do dia atrapalhando a visão após o súbito despertar, ele foi, aos poucos, reconhecendo a silhueta de Billa parada logo em frente à sua cama.

— Levante-se! — O velho nem esperou que Vescas abrisse a boca.

Vescas, com um gemido preguiçoso, sentou-se na beira da cama, meio zozzo de sono. O rapaz ainda estava desorientado, perguntando-se onde estariam os elementos com os quais interagira há pouco e as pessoas com as quais falava. Era claramente o rastro do último sonho que ainda não se dissipara da mente. O hálito fedido do velho, entretanto, acelerava o processo de despertar.

— Billa, o que foi?... pelos deuses, vire essa boca para lá!

Billa puxou as cobertas com um único movimento da mão, e Vescas sentiu o clima fresco da manhã lambendo seus pés.

— *O que foi* é que seu amigo, teimoso como uma mula, fugiu.

Vescas coçou os olhos e bocejou.

— O cavalo? O que houve com Gorbos?

— Que cavalo, imbecil? Estou falando de Symas! Ele foi embora!

Essas palavras enxotaram qualquer resquício de sonho da cabeça do rapaz. Vescas eriçou as costas e sentou-se direito na beira da cama.

— Como assim *embora* ? Symas não está em condições de caminhar sequer até as pocilgas! Você tem... — Ele bocejou demoradamente. Billa não podia estar falando sério. Era a primeira noite em que Vescas dormia plenamente desde que tudo acontecera. O sono estava tão prazeroso! — Você tem certeza disso? Procurou no celeiro? Talvez ele estivesse procurando mais um pouco daquele fumo perfumado de Baldo.

A voz de Catrin os interrompeu. Ela falou da cozinha com um tom que implicava certa urgência:

— O chá está servido, Mestre Billa!

Billa respirou fundo e olhou para Vescas.

— Ande. Vá jogar uma água fria nesse rosto. Catrin fez um chá de ervas amargas para afugentar o sono e ajudar com os ferimentos. Symas foi realmente embora. Não precisei sequer procurar em cada canto da fazenda nem ir até os porcos. Ele pegou o cavalo Gorbos e fugiu. Teve até mesmo o cuidado de recolher suas coisas para levar consigo.

— Mas por quê? Qual seria a motivação dele em se afastar? Ele pareceu bem quando contamos tudo o que se passou. Quer dizer... *bem* na medida do possível. Afinal, não foi culpa dele!

— Foi o que também me pareceu. Mas como você reagiria, garoto, quando soubesse que matou e esquartejou moças por aí? Famílias inteiras?... Não convivi com Symas o suficiente, mas é evidente que ele entendeu a urgência que carrega nos próprios ombros. Não o culpo, essa é a verdade. Ele precisa do cordão se não quer matar mais ninguém. — Billa baixou a cabeça, e sua voz quase não saiu. Foi mais um sopro do que uma frase: — Penso que ele talvez não queira correr o risco de nos matar.

Vescas ficou tentado a dizer ao velho que isso jamais aconteceria. Que Symas era gentil demais para se permitir uma daquelas *transfigurações* quando estivesse próximo deles. Mas não seria verdade, e Billa também sabia. Só Vescas carregava agora a lembrança da aparência aterradora de Symas ao mudar de forma. O modo como os olhos dele ficaram parecendo duas sanguessugas sedentas e vermelhas. Como a voz engrolada de bêbado habituado dera lugar ao som de cascalho sob botas pesadas. A forma como Vescas havia tentado dialogar com ele, tentado lembrá-lo de que eram companheiros, implorando por misericórdia. Nada daquilo funcionou e mesmo assim ele foi atacado. A mera recordação das imagens era suficiente para fazer os ombros esqueléticos dele estremecerem.

— Você teria feito diferente? — Vescas balbuciou. — Teria abandonado seus companheiros e saído para viajar em condições lamentáveis de saúde?

O velho aproximou-se e baixou ainda mais a voz:

— Ele matará de novo, garoto. Ele sabe, eu sei e você sabe. — Para Vescas, Billa queria dizer mais do que aquelas coisas. Ele também dizia, com uma voz oculta, que estava cansado. Que lhe custara muito reunir-se novamente com Symas apenas para vê-lo ir embora novamente. — Ele está coberto de razão em querer desaparecer, mas eu também estou se pretendo encontrá-lo antes que ele faça qualquer coisa.

Vescas não gostou da ideia.

— Mas como vai encontrá-lo? A essa hora ele deve estar muito longe. Gorbos não é um animal veloz?

— É verdade. Mas creio que ele tomaria uma dianteira melhor se soubesse para onde ir, e não creio que ele saiba. Pelo que Symas conversou com você em viagem, ele tem alguma pista de como encontrar Gilliam Bärdey? Ele sabe ao menos por onde começar?

— Nenhuma pista. Isso me deixa um pouco confuso, pois foi para isso que ele me chamou. Prometi que faria isso em troca do dinheiro pela cabeça do *brakki gigante*.

— Ah, sim... agora me recordo. Mas creio que o tal dinheiro está fora da jogada a essa altura, estou certo?

Um peso desagradável abateu-se sobre os ombros de Vescas. Tudo começou porque ele próprio prometera a Symas que encontraria o bandido Bärdey em troca da recompensa. Sim... o dinheiro do médico; uma arroba em ouro. O fato de ter acontecido tanta coisa em tão pouco tempo não impediria os homens de Galen de chegarem cada vez mais perto de Vescas. Ele sentiu os ombros estremecerem e coçou o braço no local onde haviam partido seus ossos violentamente. Devia haver uma forma de conseguir dinheiro, e o velho tinha razão. A essa altura o médico já poderia estar retirando a recompensa. Mas, ainda que não estivesse, o que poderia fazer? Entregar o companheiro de bandeja à guarda?

— Talvez. Não sei se a guarda suspendeu as buscas ou se o médico retirou o prêmio. Quer dizer, o homem estava bêbado demais quando prometeu. Podem ter feito com que ele mudasse de ideia. Precisamos ouvir de alguém que foi até Cistol recentemente.

— Podem ter retirado a recompensa pela demora, ou... — Billa coçou a barba e, como sempre, voaram pelo ar partículas de caspa — podem suspeitar que o ferreiro Symas seja o assassino que procuram. Quer dizer... O homem nunca mais voltou para casa, e sua prostituta favorita apareceu morta. Não foi isso que aconteceu? E como alguém que esteve lá, eu te digo: há certa tensão em cima do nome de Symas. Não duvide da hipótese de que ele pode ser agora um suspeito.

— Exatamente. Mas Symas não voltaria para lá sem motivo.

— E por que não? — perguntou o velho, subindo uma oitava na voz. — Todas as suas coisas estão lá, como seu dinheiro e sua coleção de bebida. Sem falar nos guardas que conhece, nos mercadores que passam por lá com frequência!

Vescas ouviu um sinal de alarme nos ouvidos.

— Mas e se a guarda o tem realmente como suspeito? Ele deveria saber disso, não?

— Você saberia? — Billa esperou um momento, mas Vescas não sabia se era uma pergunta retórica ou não. O velho apenas continuou: — Pense bem... o homem passou metade da viagem até aqui bêbado, machucado ou as duas coisas. Depois perdeu a consciência e se transformou mais uma vez em um monstro inconsciente. Agora, enquanto ainda se recupera de ferimentos graves — ele apontou com o queixo para a mão de Vescas, lembrando-o de que o rapaz quase matou Symas com a adaga de brumo —, toma uma montaria na alta madrugada e sai sem rumo. Para onde acha que a cabeça dele o levará?

— Mas... é perigoso demais. Mesmo que a guarda não esteja atrás dele, há muita gente em Cistol que ele pode machucar se acontecer de novo. Ele deveria saber disso!

Billa inclinou o corpo em direção à cozinha e fez um sinal a Catrin de que já estavam indo. Depois voltou-se para Vescas:

— Ele sabe disso. Mas também sabe que o incidente não ocorrerá agora. Pelo menos é o que todos pensamos. Se ele vai passar em Cistol, e eu acho que vai, será de forma breve. Não ficará mais do que um dia ou sequer isso! Pegará suas coisas, procurará por alguma pista de Bärdey e dará no pé tão rápido quanto chegou. — O tom de Billa tornou-se subitamente obscuro. — Symas sempre teve um senso de justiça meio macabro. Creio que ele se sentirá mais seguro ao redor da guarda... afinal, caso aconteça novamente, ele iria gostar de saber que será abatido sumariamente.

A cabeça de Vescas estava girando como pás de moinho. Voltar a Cistol atrás de Symas? Isso não fazia sentido. Nunca o alcançariam. Além disso...

— Não — Vescas falou, decididamente. — Não irei a Cistol.

— Do que está falando? — rosnou Billa, com o rosto enrugado começando a corar.

— Não posso fazer isso, Billa. Não posso ficar colhendo migalhas de coisas que eu mesmo derramei pelo caminho. Eu prometi a Symas que encontraria Bärdey, e é isso que vou fazer. Não é o que ele precisa?

— Mestre Billa — era Catrin quem entrava no cômodo, com uma bandeja nas mãos. Ela tinha o rosto sério e resignado, talvez influência das longas conversas que tivera com o velho, mas os olhos ainda acusavam intensos períodos de choro —, eu trouxe o chá, antes que esfrie por completo.

O rosto de Billa suavizou-se instantaneamente. Ele sorriu para Catrin e fez um gesto que dizia não ser necessário o incômodo. A mulher entregou uma caneca cheia a Vescas. Ainda estava quente.

— Agradeço prontamente, Catrin — disse Billa a ela. — Por que não vai se deitar um pouco? Já enchi os cochos e troquei a água das galinhas.

— Obrigado, Catrin. — Vescas levou a caneca aos lábios. O chá de ervas era escuro e amargo, como carqueja.

— Vescas, meu rapaz — continuou Billa. — Preciso que coloque os pensamentos em ordem só por um momento e analise essa ideia maluca. Symas passou anos procurando informações sobre Bärdey e nunca conseguiu agarrá-lo. Não quero desmerecer você por sua idade ou inexperiência, mas como acha que pode fazer um trabalho melhor?

Agora foi a vez de Vescas começar a se enfiar.

— Eu passei uma década roubando cernenses bem debaixo do queixo de Symas, e parece que o resultado foi o mesmo, não? — Não era bem verdade. Vescas lembrava-se muito bem do dia em que Symas o capturou na capital, mas Billa não sabia disso. — E estou falando de uma época em que ele era líder de unidade!

Billa baixou a cabeça e fez um muxoxo, mas Vescas prosseguiu:

— Ele não consegue achar Bärdey, e você sabe disso. Ele o teria feito nesses dois anos em que viveu em Cistol.

— Ele não queria, garoto!

— Não queria? — Vescas explodiu, derramando um pouco de chá sobre as cobertas.

Foi Catrin quem os interrompeu, abrindo os braços e falando calmamente:

— Vescas, rapaz... não quero me intrometer, perdoe-me, mas não foi possível evitar ouvir a conversa desde a cozinha. Você está abalado, todos estamos. O que aconteceu nos últimos dias foi uma tragédia para o meu pobre Baldo e nossa casa. Mas se tem uma coisa que aprendi com ele é a seguinte: não carregue em seus ombros o peso do tempo e da natureza. O que passou, passou. Não é culpa de Symas, e muito menos sua. — Vescas sentiu a própria garganta fechando-se, como se a mão pesada de Symas a estivesse esmagando. Ela prosseguiu: — Você aceitou essa tarefa por necessidade, e Baldo o abençoou por isso. Mas creio que mestre Billa tenha razão neste assunto. Você não deve ir sozinho atrás desse bandido.

— Também acha que eu não conseguiria encontrá-lo? — Vescas mais afirmou do que perguntou. Sentia os lábios retorcidos em uma caricatura e tratou de cobri-los sorvendo mais um gole da caneca.

— O que eu acho — Catrin levantou-se e tocou nas cobertas de Vescas mais uma vez antes de dar as costas — é que nada disso foi culpa sua. Não cabe a você consertar as coisas sozinho.

Billa pousou gentilmente a mão sobre o joelho de Vescas.

— Vamos encontrá-lo juntos, garoto.

4 – Oliva

— Evite as estradas, Ashia — a voz de Pitra ricocheteava com violência nos ouvidos dela. — Quantas vezes mais terei de dizer?

— Meus pés estão doendo de tanto pisar em pedras, irmãozinho... por favor, deixe-me seguir por aqui.

E era verdade. Ashia parou na beira da estradinha e conferiu o estado das solas dos pés. Estavam em carne viva de tanto se arrastarem em meio a pedras pontiagudas, galhos pontiagudos, espinhos pontiagudos. Os calçados ela já havia perdido fazia muito tempo e nem se lembrava onde. O braço direito vinha pendendo ao lado do corpo, pois, àquela altura, ela já tinha entendido que a mão estراçalhada doía menos quando ela evitava movimentos com ele. Inclusive tentava não olhar, mas, sempre que lavava o membro ferido, sentia falta dos nacos de dedos arrancados. Inteiros ali, exceto pelo cotoco do dedo médio, só restavam o polegar e o indicador. A saia havia se tornado farrapos, e a blusa permanecia aberta o tempo todo. A única coisa impedindo que seus seios ficassem totalmente à vista era a correia da sacola — objeto que ela, graças às orientações de Pitra, tratava com mais esmero que o resto — pendurada nos ombros.

Estavam em um local bonito, aos olhos dela. Uma estradinha usada por charretes — como era evidenciado pela constante trilha que socava a grama — dividia dois tufos de capim verde amarelado. Pinheiros baixos e rechonchudos despontavam do chão, formando uma fileira ao lado direito, enquanto, ao seu lado esquerdo, espalhava-se uma planície que se derramava por uma milha e meia, até frear aos pés de uma mata virgem.

O panorama que mais captava a atenção de Ashia ficava logo à sua frente, onde começavam a salpicar ali e acolá ramos de margaridas, crisântemos e girassóis. Depois, abruptamente, abria-se uma enorme porção de terra carpida, demarcada em formato retangular e arada para plantio. Morava gente ali, era evidente. Mesmo estando muito longe para ver qualquer pessoa ou casa, ela podia ver sujeiras no céu do horizonte, como manchas, dando a entender que algumas chaminés ali por perto estavam em atividade. O rio que bamboleava pelas colinas, o mesmo rio que os havia trazido até ali, passava logo ao lado do terreno arado e seguia para o norte, onde se afinilava e sumia num brilho tênue.

— Veja, Pitra! — ela chamou. — Encontramos um vilarejo.

— Então vamos contorná-lo sem chamar atenção. Eu não deveria ter de dizer isso.

— De jeito nenhum! Estou morrendo de fome, e meus machucados estão inflamados. Vamos pedir ajuda.

— Como acha que vão ajudá-la, irmã? — Pitra deu um tapa na nuca dela. Ashia não entendeu como ele pôde alcançar ali. — Está em frangalhos! Vão pensar que é uma pedinte e enxotá-la a machadadas. Quer mesmo passar por tudo aquilo de novo? Não se cansa de fugir?

Ela girou nos calcanhares subitamente, o que fez a mão destroçada latejar. Apontou o indicador esquerdo no rosto do garoto:

— E contornar o vilarejo não é fugir? Fique quieto se não quiser ajudar.

Pitra não falou mais nada. Ashia respirou fundo, voltou a colocar os pés na estrada — sempre cuidando para pisar onde havia grama, para aliviar a dor —, e seguiu em direção ao retângulo arado.

Não demorou muito para que fossem abordados por uma carroça. Um casal de idosos com as roupas poeirentas conduziam um burro que parecia sofrer com o peso da carga. O veículo passou por ela, e Ashia preocupou-se com o fato de o homem ficar encarando-a por demasiado tempo, sem prestar atenção à estrada. Até que ele, por fim, recebeu um tapa da esposa e continuou seu trajeto. Ashia reuniu um pouco de coragem e falou com eles, antes que se afastassem muito. A voz saiu falhada:

— Com licença. Os senhores moram nessa vila?

A mulher virou-se para trás e lançou em direção a ela um olhar reprovador.

— Volte para a estrada e deixe-nos em paz, mendiga.

— Não sou mendiga, só estou... um pouco perdida.

— Querida, talvez ela... — O homem parecia mais inclinado a ajudar, mas foi rechaçado pela esposa.

— Escute, garota. Você não é bem-vinda aqui. Todos os nossos homens são de família. Vá procurar em outro lugar.

— Mas...

Não ouviram mais nada. A mulher praticamente tomou as rédeas do burro e acelerou estrada abaixo.

Quando Ashia chegou ao vilarejo, se decepcionou um pouco com o tamanho e o estado do lugar. Com exceção de uma das casas, que era bonita, erguida em dois andares e que parecia ter sido reformada recentemente, restavam no máximo cinco casebres pífios e em avançado estado de decomposição. Uma estrada mais larga dividia a fraca comunidade em duas partes e fazia uma curva à direita, às margens do rio, onde já não havia mais construção alguma. Aliás, era bem ali, na beira do rio, o lugar onde estava estacionada a carroça que passara por ela e Pitra, no alto da colina, pouco antes. Não viu o casal, mas uns poucos moradores apareciam de vez em quando na janela, os rostos desinteressados, e uma velha que

aparentava estar nos últimos dias de vida lutava para pendurar uma ave depenada num defumador.

Ave defumada... o estômago de Ashia cantou uma triste canção, e ela engoliu em seco. Fazia tempo demais que vinha comendo apenas batatas, frutinhas silvestres e raízes.

Um único guarda era toda a força militar que Ashia podia ver no local e, ainda assim, parecia ser força excessiva. Ele estava encostado ao lado de uma guarita de barro, os braços cruzados sobre o peito, como que para ajudá-lo a equilibrar o peso e a ficar de pé, e os olhos fechados pesadamente. Ela viu que, junto às botas dele, havia uma garrafa vazia, tombada de lado. A velha da ave defumada foi a primeira a notar a presença de Ashia na vila. Limpou as mãos no próprio traseiro e mancou em direção a ela e Pitra.

— Minha filha... — os olhos da mulher fixaram-se nos seios de Ashia — mas o que é isso? Não é permitido que as putas trabalhem em Oliva. Não sabia disso? Vista-se direito.

Ashia puxou instintivamente as bandas da blusa e cobriu melhor o peito.

— Do que a senhora está falando? Não sou nenhuma prostituta! Estou de passagem, e... tenho fome. Vim pedir qualquer tipo de ajuda para que eu e meu irmão possamos voltar para a estrada.

A mulher procurou em volta, checando se havia mais alguém com Ashia. Por um instante, ela a encarou com ar intrigado. Depois, a expressão mudou para preocupação quando a velha olhou em direção ao guarda que cochilava ao lado da guarita. Algumas cabeças curiosas de vizinhos começaram a surgir nas janelas dos próprios casebres.

— Venha para dentro. — A velha puxou-a pelo braço. — Vou ver o que posso fazer.

Ashia não se preocupou nem com o guarda, nem com as pessoas curiosas. Apenas abriu um sorriso, olhou para o irmão com um toque de empáfia e declarou, orgulhosa:

— Eu disse que seria uma boa ideia, Pitra.

— Mas com quem diabos está falando? — perguntou a velha.

— Com meu irmãozinho.

A velha sacudiu a cabeça, desesperançosa.

— Venha, ande. Não está boa, minha filha.

Ashia foi puxada para dentro, e seus olhos demoraram para se acostumar à pouca luminosidade do casebre. Era um lar muito pobre. Uma mesa, dois banquinhos, um fogão com lenha crepitando intermitentemente e um retângulo de palha no chão, que devia ser a cama onde a velha dormia. O cheiro de fumaça era constante ali dentro. A mulher idosa puxou um banquinho para que Ashia se

sentasse, colocou um copo sujo diante dela e encheu-o com água fresca da moringa.

— Obrigá... — Ashia levou o copo aos lábios antes de concluir o agradecimento. Nem ela própria sabia que tinha tanta sede. Ela achou estranho, porém, que a velha só tivesse servido um copo, e não dois. Deixou um resto para Pitra e empurrou o copo de lado, para que o irmão pegasse. — Beba um pouco também. Está tão cansado quanto eu.

O semblante no rosto da mulher suavizou, misturando curiosidade e pena. Era um rosto engraçado, Ashia pensou. Não muito feminino. Três fios de bigode preto cresciam nas laterais dos lábios. Devia ser coisa de idade muito avançada. A velha, assim como sua casa, tinha cheiro de fumaça.

— Qual é o seu nome, minha filha?

— Ashia...

— Me chamo Etnet, e essa é minha humilde casa. Sinto não poder oferecer muito, mas fique à vontade enquanto estiver aqui. — Ela apontou para o ponto da mesa onde Ashia fitava. — Há quanto tempo perdeu seu irmão?

— Mande-a se calar, Ashia... — alertou Pitra, no ouvido dela.

— Do que a senhora está falando?

— Nada, minha filha... nada. Vou cortar um pedaço de queijo para você — ela se afastou da mesa. Era evidente sua dificuldade em se locomover direito. Essa mulher devia ter uns 70 anos! — Ah, tenho um pouco de linha aqui perto da cama. Talvez seja uma boa ideia costurar essa sua blusa antes que siga viagem. Não quer que os homens fiquem encarando você com segundas intenções. Depois posso cortar um pedaço de queijo. Dois, na verdade. Um para que coma agora e outro para levar consigo. Sinto, porém, minha filha... que terá de sair de Oliva o quanto antes.

— Por que tenho de ir depressa?

— Porque Oliva é comandada pelo Sr. Amir'Fel, um comerciante rico que vende tudo que produzimos e fica com todo o dinheiro para si. E o Sr. Amir'Fel é um daqueles homens que acredita ter o poder de ensinar aos outros como devem se comportar, de modo que moças solteiras não podem andar por essas bandas. Inclusive sinto muito por tê-la chamado de puta, mas é que... bem... foi o que me pareceu.

— *Oliva* ?

— *Nu'hakf* , na realidade. Oliva é a tradução para o nome drinar. Esse lugar já pertenceu a eles, os *desertores* , mas eles foram rechaçados por fazendeiros e se encolheram em sua comunidade maior, Anahur. Aliás, não fica longe daqui, e é para onde recomendo que vá quando partir. Precisa comer apropriadamente, lavar-

se e tratar desses ferimentos com urgência. O que faz por essas bandas? Olhe o estado em que se encontra esse rosto, minha filha... essas roupas.

Ashia tocou o próprio rosto com o indicador direito. Sentiu um talho por baixo do olho, e ela nem se lembrava de onde o havia ganhado. A Sra. Etnet arregalou os olhos quando viu a mão destruída dela.

— Onde se machucou assim, pelos céus?... E seus pés... estão esfolados.

Ashia olhou para cima, tentando se recordar. Pitra tamborilou os dedos sobre a mesa, ansioso para tomar a palavra:

— Eu posso contar, mas não pouparei detalhes.

— Cale-se, Pitra. Isso é falta de educação. — Baixou os olhos e soltou o ar dos pulmões. — Um homem... tentou me machucar.

— Isso me parece mais do que uma mera *tentativa*, minha filha. Precisa ir ver um médico com urgência. Como aconteceu? Onde está sua família?

— Que interrogatório é esse, Ashia? — espetou Pitra. — Ninguém tem o direito de saber sobre sua vida. Pegue logo a comida que ela lhe oferecer, e vamos dar o fora daqui.

Ashia sacudiu a cabeça e comprimiu os ouvidos. Memórias a atingiam como facas afiadas no cérebro.

— Não... quero falar sobre isso, Sra. Etnet.

— Não precisa, se não quiser. Veja, tenho um pano limpo aqui e meia garrafa da merda que fazem no alambique. Não vou beber, mesmo.

Então, ela se levantou, caminhou pelo cômodo e puxou um pedaço de pano manchado de marrom de uma prateleira da parede. Foi até a beira da cama, rangeu todos os ossos quando se abaixou e apanhou uma garrafa que continha um líquido castanho. Ela arrancou a rolha com a boca e espargiu um pouco sobre o tecido. Voltou-se para a mesinha e, com a mesma labuta demonstrada para se locomover, deixou cair o corpo no banquinho. Colocou na mesa um pedaço de queijo, uma faquinha, e fez um sinal, dando a entender que Ashia podia se servir. Por fim, Sra. Etnet puxou gentilmente seu braço direito, posicionando a mão sobre o pano.

— Isso vai doer um pouco, minha filha, mas vai ajudar a mantê-la limpa. Coma um pouco enquanto isso, pois vai precisar também de alguma distração.

Ashia olhou para Pitra.

— O que acha?

— Deixe.

Voltou o olhar para a Sra. Etnet:

— Pode enfaixar, por favor.

Antes de começar, a velha derramou um pouco do líquido sobre os machucados, como que para lavá-los. A bebida, que cheirava a um destilado de grãos, fez os ferimentos da mão arderem tanto, que Ashia quase desmaiou. Ela

fechou os olhos, trincou os dentes e nem sequer passou pela sua cabeça morder um pouco de queijo para esquecer. No fim das contas, conseguiu captar muito pouco do que dizia a velha — que não parou de falar desde o início do processo —, mas um nome soou muito claramente nos ouvidos de Ashia:

— ... e *Rio Largo* pode ser, também, uma boa opção, caso decida atravessar até a outra margem do rio. As águas do Nodoso só se alargam quando chegam perto das duas cidades, de modo que você não terá dificuldades em encontrar um vau por essas bandas. Até mesmo um por onde dê para passar a pé.

— Espere... — disse Pitra. — Já ouvimos esse nome antes.

— Sra. Etnet... — Ela sugou o ar por entre os dentes arreganhados. A ardência embaçava suas vistas. — A senhora... ai!... Disse *Rio Largo* ?

— Sim, é a vizinha de Anahur. Fica logo na margem oposta do Nodoso, esse rio que corta para o norte. Há todo tipo de gente por lá, pois todos querem logo garantir os melhores pedaços de terra. Estou lhe dizendo, minha filha... essa cidade ainda será a capital, um dia. Estão abrindo canais no rio para que tenham acesso pelo mar. Eu mesma me mudaria para lá, se pudesse, mas, desde que meu filho Kernet me deixou, estou à mercê da boa vontade do Sr. Amir'Fel. Acredito que ele só não me enxotou ainda porque essa casa não vale nada, muito menos esse terreno.

Sim... Rio Largo. Ela já havia avistado essa cidade antes, do alto de um morro. Não conseguia se lembrar quando.

— Então vamos para lá, Ashia...

— Talvez... — Ashia complementou. Ela mexeu os dedos restantes da mão direita. Agora os ferimentos estavam menos dolorosos. — Talvez eu e meu irmão passemos por lá.

— Façam isso. Dizem que os emissários do seu povo estão de passagem esses dias.

— Quem?

— Os giiudin. — A velha fez uma careta, mas não de desprezo. — Ah, você sabe melhor do que eu. Não dou conta do que acontece nesse lugar esquecido por Koma, quanto mais do que anda se passando na ilha distante. Além disso, são um povo esquisito e misterioso, se quer saber. Sem ofensas, claro.

Giiudin... essa era outra palavra que não soava estranho aos ouvidos de Ashia. O que a Sra. Etnet quis dizer com *seu povo*? Ashia e Pitra tinham parentes, era isso?

— Mude de assunto, irmã.

— Sim... os conheço — mentiu Ashia. — Estamos procurando por eles.

— Bem... — A velha afastou-se um pouco, a fim de dar uma boa olhada na mão de Ashia. — É o que eu faria se estivesse perdida no seu lugar. Agora, quanto

a esse curativo... não é o melhor do mundo, mas deve dar conta de não piorar a inflamação, ao menos. Vamos dar um jeito nesse seu... *decote* ?

Com a agulha e linha nas mãos, a Sra. Etnet cuidou de prender as duas bandas rasgadas da blusa. Ashia aproveitou para cortar e comer um pedaço do queijo. O alimento entrou em sua boca como um favo do mel mais doce e espalhou por sua língua, derretendo. Era um misto de dulçor, salinidade e gordura que foi muito bem-vindo. Pelo sabor, fora fabricado com leite de cabra e devia ter custado um bom dinheiro, pois a Sra. Etnet não tinha qualquer animal em sua propriedade, muito menos essa quantidade de leite.

— Eu... — os olhos de Ashia ficaram involuntariamente umedecidos — agradeço muito, Sra. Etnet. Não tenho como pagar por tudo isso.

A velha fez um muxoxo e sacudiu a mão, dispensando o comentário.

— Deixe de bobagens. Tenho mais do que preciso. Você pode até levar o resto do queijo, Ashia. — Ela abriu um sorriso e também os braços, contemplando o trabalho que havia feito na moça. — Veja só... está outra pessoa. Só sinto em não poder oferecer um banho quente, pois demoraria muito para preparar a água. Como disse antes... sinto que tenha de partir agora.

Ashia se levantou para agradecer novamente. A mulher havia feito muito por ela, e agora os dois tinham um caminho certo para trilhar. Iriam para Rio Largo e Anahur. Sra. Etnet aproximou-se de repente, e Ashia pensou que fosse ganhar um abraço, mas, em vez disso, a velha apenas tocou a nuca dela, como que procurando por alguma coisa, os dedos fucando em meio aos cabelos crespos.

— O que foi? — perguntou Ashia.

— Não deixe que a toquem, irmã — exortou Pitra, acuado. — Afaste-se.

— Fique quieto — ralhou com o irmão e olhou de volta para a velha. — O que houve com meu cabelo?

— Não é o cabelo... estou vendo se não bateu a cabeça, mas não encontro sinais de pancada. E, por favor, insisto para que não confie muito no meu curativo. Deve procurar por um médico assim que tocar os pés em Anahur. — A Sra. Etnet esticou o indicador, lembrando-se de algo. — Tenho um par de sandálias velhas que vai lhe servir.

Ashia puxou a cabeça e deu um passo para trás.

— Não bati a cabeça, Sra. Etnet.

— Como não, minha filha? Está falando sozinha desde que pisou em Oliva. Não há ninguém aqui com você.

— Não deixe que ela fale assim sobre mim, irmã...

— Não gosto do seu tom, Sra. Etnet...

A velha deu de ombros, por fim, e apontou para o queijo.

— Está bem, minha filha... como quiser. Apenas pegue a comida. Aqui, não se esqueça de calçar essas sandálias. São ainda piores que as minhas, mas deve ajudar a não machucá-la mais. E não saia pela porta da frente. Esprema-se ali, pela janelinha dos fundos, para evitar que o guarda a veja e faça perguntas. Ande.

— Vai deixar que ela diga essas coisas e ria da nossa cara, Ashia? — provocou Pitra. — Quando estivermos a caminho de Rio Largo, essa velha vai espalhar para todo mundo que você está louca.

Ashia não respondeu ao irmão, por mais que estivesse tentada a fazê-lo. Passou a mão no pedaço de queijo por cima da mesa, calçou as sandálias e dirigiu-se aos fundos do casebre.

— Muito obrigada, Sra. Etnet.

A velha dispensou, gentilmente, com um gesto.

A mente de Ashia fazia cócegas. Aquela conversa não estava mais agradável como antes, tampouco aquele lugar com cheiro enfumaçado. Ela procurou por Pitra, para puxá-lo pelo braço, mas não o viu. Talvez já tivesse pulado a janela na frente dela e retomado a viagem.

5 – O Estupor e a Vigília

O trote macio de Gorbos permitia que Symas soltasse as mãos das rédeas e cuidasse das bandagens no abdome sem parar de cavalgar. Seria até uma boa ideia descer e montar acampamento, uma vez que o Sol já havia desaparecido, e as copas das árvores trocavam discretamente do laranja para o cinza azulado. Mas ele não queria perder tempo enquanto não chegasse aos lagos, pelo menos, o que não demoraria a acontecer. Além disso, ele tinha certeza de que Vescas e Billa já davam por falta dele a essa altura e provavelmente botavam em prática algum plano palerma para encontrá-lo. Talvez até estivessem em seu encalço, bem adiantados. Isso não deveria acontecer.

Nesse momento, Symas subia e descia por uma estrada estreita e cheia de curvas que ele conhecia muito bem e que ficava a cerca de cinco milhas do lago Trisca. Queria chegar tão pronto quanto possível para pegar uma parte de seu dinheiro e, com sorte, coletar algumas informações antes de seguir viagem para onde quer que fosse. Não dormiria na cidade.

A sensação geral no espírito, contudo, não era das mais encorajadoras. Ele sentia que passara por tudo aquilo nas últimas semanas apenas para recomeçar do zero e em clara desvantagem em relação a antes. Dava tanta vontade de desistir, que ele quase o fazia. Mas algo dentro dele ainda estava aceso. Ele não pararia agora.

Com as bandagens enroladas no punho, deixou a camisa dobrada sobre o peitoral enquanto aproveitava na barriga o vento fresco da noite. Os machucados agradeciam, também. As costelas já estavam praticamente novas em comparação à última vez em que estivera ali, e doía só de lembrar do coice de escudo que havia recebido do lagartão escuro. E o furo de adaga no lado direito não estava nem bom, nem ruim. Agora não doía, mas, em noites anteriores, de mais calor, o ferimento inchava, ameaçava abrir os pontos e secretava pus. Horrível. Sem dúvida as infusões de Catrin e Manchado fizeram um trabalho e tanto na recuperação. Pelo menos a maior parte da mancha negra deixada pelo brumo já havia desaparecido, de modo que ele podia olhar para o próprio reflexo e não ver mais uma criatura semimorta. E Symas sabia que Vescas não estava errado em machucá-lo. Qualquer um teria feito o mesmo. Se tinha qualquer queixa quanto a essa perfuração, seria a de que o rapaz deveria ter feito um buraco mais profundo. Teria poupado a todos de muitos problemas.

A vontade que tinha agora era a de compensar o garoto por tudo que ele passou. Afinal de contas, Symas o tirou de seu caminho com a promessa de grande pagamento, e, desde então, só houve prejuízos.

Pagamento... Sim. Mesmo após toda a desgraça nas terras de Baldo, Vescas ainda mencionava o dia em que ele e Symas lutaram com os lagartos na beira do lago. Ele insistia em dizer que havia se esquecido de apanhar um bloco de prata que fora guardado cuidadosamente no acampamento das criaturas. Isso... Por que não? Symas não poderia pagar a arroba em ouro que Vescas merecia, mas um bom lingote de prata seria um começo. Ainda que não pagasse o rapaz, dinheiro nunca era inútil, ainda mais na situação em que Symas se encontrava. Não custava dar uma olhada.

Quando o ar ficou ainda mais fresco de uma hora para outra, ele sabia que havia descido até os entornos do Trisca. Gorbos meneou o quadril e dilatou as narinas, soltando o ar com força. Symas deu alguns tapinhas no pescoço do animal e sorriu. Esse era um animal magnífico. Pobre Baldo, que não o veria mais...

— Está com fome ou sede, soldado? — perguntou ao cavalo, que respondeu fazendo a única coisa que sabia: raspar a pata dianteira no chão. — Ah, pois muito bem. Devo alertá-lo, entretanto: se quiser comer algo, é melhor que o faça agora, pois lá na beira do lago só há pedrinhas redondas e carcaça de lagarto. Não é muito saborosa, creio eu. Pelo menos não falta água ali! Vá ser feliz, ande — completou, soltando as rédeas.

Symas desceu e deixou Gorbos à vontade para pastar. Ele aproveitou para sentar-se encostado numa árvore, tirou o cantil da cintura e usou o restante da água para molhar a cabeça. Não ia encher a barriga com água morna quando estava a poucas centenas de metros do Trisca. Já com o rosto pingando, ficou observando o vulto castanho do cavalo andando de um arbusto ao outro, como uma criança numa barraca de doces. Porém, o cavalo não comeu muito, pois, logo que deu as primeiras dentadas nas plantas, aparentemente algo começou a incomodá-lo. Ele balançou a cabeça, serpenteou a cintura de um lado a outro e bufou.

— O que foi, campeão? — perguntou Symas, sem a menor vontade de se levantar. Mas era melhor que o fizesse, pois seria uma lástima que uma cobra picasse o animal no meio do nada.

Quando Symas aproximou-se de Gorbos, nem se deu o trabalho de procurar no chão. Ali, do alto da estrada, era fácil esquadrinhar quase todo o lago Trisca, e ele logo captou várias luzes de lanternas iluminando os arredores das águas.

— Só faltava essa... — murmurou. — Quem são essas pessoas?

De início, Symas pensou que se tratava dos caçadores da recompensa do brakki gigante, mas esse pensamento logo o abandonou, pois não fazia muito sentido. Depois de sabe-se lá quantas semanas, ainda estariam nos arredores da cidade? Não... não eram eles.

O ex-soldado decidiu, então, descer mais um pouco a estrada e chegar mais perto, para ter uma visão mais privilegiada. Ele voltou até a árvore ao lado da qual

havia se sentado, conferiu se não havia esquecido algo para trás e montou novamente no cavalo. Com o máximo de suavidade no tropel possível, Symas conseguiu descer até a baixada onde ficava a margem mais distante de onde estavam as lanternas. Mas era estranho... as luzes quase não se moviam e, pelo que ele podia notar, havia definitivamente pessoas ali, de pé. Mas não era uma ronda.

Symas resolveu que ia deixar Gorbos amarrado em algum lugar ali na beira d'água e aproximar-se a pé. Escolheu um toco seco qualquer e assim ele fez. De mal jeito, mesmo, só dando uma voltinha na corda. Cavalos eram parecidos com pessoas nesse aspecto. Não eram muito conhecidos por conferir os nós que os prendiam.

Passo a passo ele avançou, e foi ficando cada vez mais evidente que aquelas pessoas ali não procuravam por alguma coisa, e sim mantinham vigília. Já mais perto, dava para contar com precisão o número de lanternas. Eram seis. Como vivera próximo a eles o bastante para reconhecê-los a distância, não teve dúvidas. Eram guardas de Cistol. Symas reconheceu todos eles, inclusive o franzino Cid, que ficava a maior parte do tempo tomando conta da guarita na entrada da cidade.

Mas por que diabos eles estariam montando vigília na beira do lago?

Um arrepio perpassou a espinha de Symas quando ele pensou na possibilidade de eles já saberem sobre sua monstruosidade. Seria possível? *Como?* Vescas e Billa não saíram da casa de Baldo, e a mulher dele, Catrin, ficou o tempo todo preparando comida e remédios para ajudar todos eles...

Foi então que uma lembrança passou voando diante dos olhos de Symas. Igna, a jovem prostituta. Não era difícil ligá-lo à morte dela, e parecia que a guarda chegara à mesma conclusão.

Merda ...

Uma carga nova de tristeza pousou sobre os ombros de Symas, mas ele não podia ser preso agora, precisava prosseguir. E, para desgraçar ainda mais as coisas, não conseguiria mais entrar despercebido em Cistol. Voltar para a Estrada da Pedreira estava fora de cogitação, ele perdera muito tempo para chegar até ali. Não, ele não voltaria. Talvez o melhor a fazer fosse contornar o Trisca e procurar por trilhas, em volta do Lado Negro, que o levasse a outra estrada, ignorando Cistol. Era uma ideia factível. Um incômodo, sim, mas parecia ser a melhor opção.

Em meio às suas especulações, sem mais nem menos, Symas começou a passar mal. Suas narinas ficaram duras, e ele sentiu cheiros estranhos, azedos, suados. Parecia tratar-se dos cheiros dos soldados. *Como assim?* Ele sacudiu a cabeça e sentiu que sua respiração também mudou, foi ficando mais ofegante. A visão passou a ficar turva, deixando as árvores ao redor com aspecto de carvão e as águas dos lagos como poças brancas de calcário. Era uma sensação horrível, opressora.

O que está acontecendo comigo? Estou me transformando?...

Ele ajoelhou-se, colocou as mãos nos ouvidos e apertou bem os olhos. Respirou tão lentamente quanto podia e, pouco depois, sentiu a pressão sanguínea na cabeça se anuviar e a respiração ficar mais calma. Aos poucos, a visão ficou mais nítida, até que, eventualmente, voltou a sentir-se normal. O rosto estava pingando suor. A camisa, colada às costas.

Aquilo não deveria ter acontecido enquanto ele estava acordado. Symas estava perdendo a luta a cada dia. Perdendo rapidamente. Não podia desperdiçar mais tempo.

Ele se levantou, um pouco enfraquecido, e voltou a focar no que realmente importava no momento. Só precisava passar pela guarda ali presente. Suspirou e voltou para onde estava o cavalo. Ajoelhou-se à beira do lago e encharcou a cabeça de água fria, pensando no que fazer em seguida. Conhecia a guarda bem demais para saber como eles procederiam e decidiu: esperaria pela troca de turno, que se daria ao nascer do sol. Era impossível que os guardas sincronizassem corretamente as rendições de vigília, então teria alguma brecha, algum soldado lerdo, qualquer coisa ele encontraria para passar furtivamente.

Só precisava esperar.

Depois de horas, as luzes das lanternas mesclaram-se aos sonhos de Symas, que não aguentara a fadiga e caíra no sono, por mais que não quisesse. Os pontos brilhantes das luminárias flutuavam diante dos seus olhos, como estrelas no céu. Ele reconheceu a constelação do Rei Branco, com sua estrela mais brilhante em destaque. Sua coroa. As pernas, formadas por uma estrela do lado esquerdo e outras duas do direito, moveram-se disfarçadamente, e o rei principiou uma solene marcha em direção a algum inimigo que estava ao longe. Symas olhou para o Leste, procurando pelo rival do rei, que devia estar à espreita, de tocaia, mas não o avistou. Tampouco no Oeste ou no Norte. Só o rei corria sozinho em direção ao Sol. Corria... corria... corria. Vagarosamente, como quem tenta correr mergulhado em geleia e tem os movimentos restringidos.

Corria...

Symas abriu os olhos, assustado, e demorou-se um tempo, piscando sem parar. Não devia ter adormecido. Esfregou o rosto, sentindo a cabeça espumada de exaustão e os olhos entorpecidos, que teimavam em permanecer fechados. Os borrões alaranjados nas mãos de figuras que se moviam o advertiam que ele adormecera no exato momento em que começava a troca de turno dos soldados. Morto de sono ou não, tinha de ficar alerta. Pateticamente, colocou o indicador sobre os lábios e fez um sinal para que o cavalo permanecesse em silêncio, conforme a outra mão segurava as rédeas. Com o corpo meio curvado para frente,

ele se arrastou margem adentro, prestando a atenção que podia à movimentação dos soldados.

Os primeiros homens, os que passaram a noite vigiando a intercessão entre um lago e outro, já estavam bem mais afastados, quase atingindo a colina que levava a Cistol. Symas já conseguia, inclusive, avistar o novo destacamento lá no alto do morro, vindo em direção aos lagos. Quanto ao restante dos noturnos, dois deles ainda margeavam o Negro, e um retardatário ficara para trás. Tudo bem, era um só. Symas olhou para o céu, calculou que tinha minutos antes de clarear e resolveu andar mais depressa. Ele nocautearia esse retardatário, montaria e desapareceria antes que os colegas dessem conta.

Esse é um bom plano, certo? Symas pensou, dando um longo bocejo. *É incrível como, nos últimos tempos, não posso passar por esse lugar sem ter problemas.*

Ele chegou perto o suficiente para dar uma boa analisada no soldado restante. Symas o reconheceu. Timmo, um jovem recém-emancipado que não devia ser mais velho do que Vescas. Conhecia até mesmo a mãe dele, uma senhora gentil que vivia pedindo para que Marlo, dono da ferraria, reparasse alguns de seus utensílios — pois eram herança de família —, em vez de comprar novos. Symas sacudiu a cabeça, entristecido. Era um infortúnio ter de machucar um sujeito tão jovem, mas não havia escolha. Ele baixou a mão silenciosamente e procurou por uma pedra no chão. Mais arredondada, para não causar grande ferimento, e que encaixasse bem entre seus dedos. Quando encontrou uma ao seu agrado, Symas, passo a passo, rastejou até ficar bem às costas do infeliz.

O golpe foi rápido, e o rapaz sequer gemeu de dor, só liberou todo o ar dos pulmões num suspiro forçado e caiu amolecido. Symas largou a pedra e abaixou-se, passando a mão na cabeça do jovem e certificando-se de que não usara de força excessiva. Seus dedos detectaram um inchaço umedecido com sangue, mas não foi um trauma fatal. Ou, pelo menos, era o que ele esperava.

Ao se levantar e esquadrihar seus arredores, Symas se deu conta de que estava bem próximo do local onde os lagartos fizeram acampamento naquela noite fatídica com Vescas. Logo à sua esquerda, ele viu a clareira, que estava quase intocada; exceto pela fogueira, que fora substituída por uma nova e ainda comportava algumas brasas agonizantes. O tronco onde os lagartos se sentaram, a disposição das pedras... tudo permanecia igual. Ótimo. Um pouco de sorte seria bom para mudar a maré. Se havia uma chance de os pilantras da guarda não terem futeado e encontrado a barra de prata, não custava conferir. Symas arrastou o corpo flácido do soldado para perto dos arbustos e, sempre olhando para os lados, conferindo se não havia chamado atenção, encaminhou-se para a clareira.

Ele foi diretamente ao tronco de madeira. Vescas havia dito que o lang'oár o escondera de modo discreto ali atrás, num local de difícil detecção, mas era difícil acreditar que ainda não a tivessem encontrado e levado. Primeiro porque os lagartos eram burros e não saberiam esconder nada bem, tanto mais uma barra brilhante. E, segundo, porque Vescas era um salafrário bom de lábia que sempre aumentava suas histórias. Só havia um jeito de descobrir.

Aproveitando o restante de escuridão da noite, Symas evitou passar perto das brasas da fogueira, para não formar sombras que despertassem interesse. Ao chegar perto do objetivo, em vez de ter a chance de procurar pela prata, ele tomou um susto e quase caiu no chão. O coração saltou do peito, e ele cambaleou, o ar preso no meio da garganta, e a mão instintivamente foi em direção ao cabo de sua espada. Uma figura estava encolhida perto do assento dos lagartos e levantou-se quando se deparou com Symas. Na penumbra acinzentada, ele pensou que estava sendo emboscado por mais um lagarto, mas, pouco a pouco, foi identificando formas na silhueta. Era um jovem humano. Cid, o guarda dos portões.

Symas ficou por um segundo sem reação. Como havia ficado mais um homem para trás? Ele não contara direito? Sua mente ainda estava embaralhada de cansaço, e ele não se dera conta de ter contado, ao despertar, somente cinco soldados saindo da ronda, e não seis. O cavalo Gorbos deu um puxão nas rédeas e afastou-se, livre. Sem a corda na mão, Symas abriu os dedos em direção ao rapaz, fazendo gestos para que ele não gritasse nem chamasse pelos colegas. A mão direita, porém, implorava para que ele sacasse a espada e silenciasse o guarda antes que mais problemas surgissem.

— Cid... — Symas gaguejou. — Você me conhece. Vamos conversar.

Cid, com horror esculpido no rosto — já que ele também se assustara —, só deu dois passos para trás. Ele tinha o lingote de prata na mão.

— Por... por que você voltou aqui, Symas? — Cid olhou para todos os lados. Seus olhos acusavam desespero. Ele pensava em algo, e rápido. — Vai me matar também?

— Eu não matei ninguém — mentiu. — Estava tentando ganhar a recompensa do médico, por isso sumi. Se estou de volta, é porque vim recuperar a barra de prata do meu amigo, mas, num gesto de boa fé, prefiro que fique com ela. — O guarda não pareceu cair na desculpa de Symas. — Ei, Cid, por que não nos acalmamos e conversamos como homens?

— Não se aproxime e tire a mão dessa espada. Eu gritaria a todos antes de você poder dar o primeiro golpe. — Cid cuspiu no chão, mas não tirou os olhos de Symas. E Symas não tirou a mão do cabo da espada. — Por que não joga sua espada ali, perto da fogueira? Posso ouvir você se mantiver a distância e não fizer nenhuma besteira.

Symas afastou lentamente a mão da bainha, os dedos abertos. Com essa mesma mão, ele enxugou o rosto, pois da testa já brotavam gotas de suor. Então veio o cheiro. O odor do sangue do soldado, impregnado em seus dedos. Primeiro entrou em suas narinas com um toque metálico, como o de ferro polido, mas foi ficando doce, pastoso... Symas não percebeu quando os sentidos o abandonaram, mergulhando-o num agradável estupor sonolento. Ele começou a lambe os dedos e a sorrir, feito um animal. Tampouco percebeu a forma como os olhos de Cid se esbugalhavam mais e mais a cada segundo. Quando saiu do devaneio, foi por causa de outro susto, pois o guarda já estava berrando a plenos pulmões.

— Eu o encontrei! — a voz de Cid vinha esganiçada da garganta. — O ferreiro está aqui! Depressa!

6 – Limo

O sol viajava livremente pelo céu de poucas nuvens do reino de Eloche. Os raios se derramavam sobre as copas vermelhas da Floresta de Fogo e, também, sobre as estradas que compunham toda a extensão territorial do distrito cernense. Bem a oeste, bastante distante das árvores rúbias, e quase no litoral do Mar da Rainha, havia uma discreta cadeia de montes que não recebia tanto calor assim e permanecia, na maior parte do tempo, em sombra e frescor. Quase sem boas estradas que o ligassem às rotas de comércio, um dos trechos menos visitados dentre todos no reino era formado por uma vila semiabandonada chamada *Limo* e uma meia dúzia de matagais em torno dela. Contando com os tais montes escuros, a região era conhecida como *Vale da Pedra Negra*.

O nome certamente não favorecia aqueles que queriam vender a ideia de que se mudar para lá era uma boa pedida e certamente não convenceu Alda, grávida de oito meses e já quase sem conseguir se locomover direito. Só aceitou porque o marido, Immas Dargo, soldado do rei, havia insistido muito, dado o estado de consternação em que se encontrava. Foi então que, sem muitas expectativas, Alda pegou um cavalo emprestado com sua amiga, a Sra. Kerma, provisões mínimas — até por não saber como prender carga com boas amarras — e partiu em direção ao vale, em busca do refúgio que possivelmente seus tios pudessem oferecer. Ela só não sabia que o local seria tão bonito.

Não era *Limo* o lugar bonito — pois a vila em questão só resistia à tentação de ruir sobre os próprios alicerces por apoio divino —, e sim a pequena grotta rodeada por bosques e cortada por um riacho que o *povo vagante* escolheu para morar. Ali era sua nova casa, depois de anos de peregrinação, e também dos seus tios. *Vasa* era o novo nome dado ao lugar, que agora florescia em uma próspera e musical comunidade.

Foi inclusive a insistente *tálera de dois*, na rabeça do tio Escano, a responsável pelo despertar de Alda, que se sentia obrigada a sair de casa para acompanhá-los na tábua de desjejum. Ela até tentava se irritar com as mesmas melodias toda manhã, mas não conseguia. *Vasa* era um lugar agradável demais para se aborrecer, mesmo quando se carregava na barriga um pequeno ser humano que drenava toda a energia da mãe. O bebê, como que não compartilhando do bom humor de Alda, mas ao mesmo tempo desejoso de esticar as próprias pernas, remexeu-se no ventre dela, formando calombos na pele esticada.

— Já tão cedo, Gerimm? — ela perguntou à própria barriga. — Minha bexiga está prestes a explodir. Volte a dormir, volte.

Sentindo uma nova torção no abdome, Alda quase teve de se sentar novamente, e sair da cama já havia tomado dela um enorme esforço, dada a dor acentuada na virilha. Os joelhos também já tinham visto dias melhores, mas aguentariam mais um mês.

Um mês... esse era o tempo que fazia desde seu último contato com o marido e, desde então, nem sequer uma carta chegara em nome dele. Alda não podia evitar pensar no pior, mas, caso Immas tivesse sido ferido ou morto na luta contra os rebeldes, ela já teria sido notificada — acreditava. Por isso, tentava manter-se positiva. A propósito, não era um mês o tempo que designaram para que ele comandasse o posto? Ou teria sido impressão sua? De qualquer maneira, não demoraria para que ele voltasse, pois por nada neste mundo Dargo perderia o nascimento de seu filho, e Alda tinha certeza de que seria um menino.

Ela ficaria tão mais calma se ele enviasse notícias logo...

Ao abrir a porta da choupana, Alda foi agraciada com o ar leve e fresco da comunidade. E era incrível, pois a cada dia a sensação era melhor. A grota tinha por chão um tapete baixo de relva viçosa, e as árvores de copa espaçada se inclinavam cada dia mais em direção aos moradores, como que para fazer sombra de propósito. Água fresca de riacho corria de uma ponta a outra do acampamento, até desembocar numa cachoeira que ficava mais ao sul, separando dois matagais.

Por detrás das árvores, ao norte, subiam os braços negros dos montes de pedra que davam nome à região. Por causa deles, o dia sempre se demorava um pouco mais com a massa de ar frio da madrugada, e o Sol costumava dar as caras quando era quase a hora do almoço. As outras choupanas eram tão lindas quanto à de seus tios, onde ela se hospedava. Eram casinhas erguidas como que de improviso, com tábuas irregulares, pregos insuficientes, ripas ainda cheias de farpas e montes e mais montes de palha e junco para formar os telhados. Ainda assim, vendo e sentindo de perto o tempo todo, não parecia para Alda um lugar real, onde as pessoas moravam, mas sim uma pintura cheia de cor e alegria. Moinhos d'água, chaminés, cerquinhas de bambu e canteiros de violetas compunham os adornos das charmosas moradias da comunidade. Todo dia de manhã era a mesma coisa: Alda ficava muito inclinada a acreditar que aquele lugar era realmente mágico, como diziam os *vagantes*.

Música, Alda, o tio insistia a todo momento. *As árvores daqui gostam de música e regozijo. Comece a prestar atenção.*

— Desculpe, titio... — ela murmurou a si mesma, torcendo os lábios — ainda acho que isso é desculpa para que o senhor possa beber e cantar o dia todo.

Por pensar em bebida, a bexiga deu outra fígada, e ela resolveu que era melhor não arriscar molhar as roupas por acidente na frente de todo mundo. Acenou para o casal da casa ao lado — e eles já vinham preparados para sentarem-

se mais um dia inteiro em roda. A mulher trazia nas mãos uma travessa de biscoitos recém-assados, e o marido afinava a última corda de seu alaúde.

— Bom dia, Sra. Dargo — disse a mulher a Alda. — Devia pedir ao seu tio Escano para tocar algo mais suave, para que você possa dançar também.

— Como vai, Sra. kas'zi? Por Koma, não vá sugerir isso ao meu tio, pois ele me puxaria pelo braço e me faria pular até que o bebê deslizesse pelo meio das minhas pernas.

— Bobagem, você está ótima.

E, dizendo isso, a mulher empertigou-se, orgulhosa com sua travessa de guloseimas, e seguiu com o marido na direção de onde vinha a música. Alda riu, e alguma outra coisa nela doeu. *Ótim a, sim ...* Se Immas não voltasse logo, as coisas ficariam feias para ele.

Como de costume, ela passou ao lado da macieira, e o cheiro levemente doce e acetoso abriu seu apetite. Como ela adorava as frutas daquele lugar! E era inacreditável a velocidade com que ficavam maduras! No dia anterior, Alda tinha certeza de que a maioria ali estava meio esverdeada e, já de manhã, mostravam-se vermelhas e suculentas. Apanhou a mais vistosa, enfiou entre os seios — que doeram — e dirigiu-se à latrina, pois seu tempo estava se esgotando.

A tarde já era alta. Alda, meio embriagada por causa do terceiro copo de vinho, começava a ver as árvores e a relva baixa dançando conforme a música. Acima do gramado, figuras alegres pulavam, rodando saias, atirando chapéus para o alto. Os No'Gui, os Baixarruta, os Pingos — com criança de colo e tudo. Alda também via, mesmo que mais escondidinhos num canto, as quatro filhas dos U'diasq brincando com as encrenqueiras Goh'jk. Havia, inclusive, gente que Alda nunca tinha visto na vida. Provavelmente vinham de Limo como convidados. Estavam todos ali para comemorar mais um semestre na nova comunidade, e a roda de festejo e de celebração, que já ocorria mesmo sem qualquer motivo, agora parecia muito maior. A fogueira já estava sendo preparada no mesmo lugar da anterior, porém duas vezes mais larga, com toras de lenha mais vigorosas. A tábua de alimentos havia ganhado um anexo, formando um “L” repleto de carne de ave temperada pronta para assar, tortas de maçã, compotas de ameixa, geleias de damasco, pães redondos e de miolo fofo, pães finos de enrolar, biscoitos de nata de cabra, purê de batatas-doces com manteiga de cabra, cenouras cozidas, leite fervido, um pouco de vinho e cerveja trazida de Limo — que era péssima e tinha cheiro de urina velha, mas dava conta de servir a todos.

A voz de seu tio tinha um timbre bonito, rascante, e o casal de filhos dos Pingo vinham melhorando cada vez mais na segunda voz. A letra da canção tinha sido ouvida tantas vezes, que era impossível ainda não ter decorado.

Vasa, Vasa...

Sombra alta na manhã.

Vasa, Vasa...

Campos ternos do amanhã.

Vasa é nossa casa,

Vasa é nosso lar.

A floresta viva,

Com o coração em brasa.

Alda engoliu o último pedaço de pão com geleia que seu corpo podia suportar e deixou os ombros e a cabeça desabarem. Nem mesmo a rabeça escandalosa do tio Escano — sempre acompanhada pelo alaúde dos Kas'zi e os tambores de mão dos Baixarruta — a impediria de cair em um sono profundo, mas, aparentemente, a mão de dedos roliços de sua tia, sim.

— Não, senhora! — ralhou a tia, pegando-a pelo braço e fazendo menção de levantá-la.

— Tia Gersad... — protestou Alda. — Eu preciso cochilar, comi demais.

— Nada disso. Não na *semestrena*. E todos devem celebrar. Quando digo todos, digo todos. Você e o cabeçudinho também. — A tia abaixou-se de frente para Alda e a envolveu, passando os braços por baixo dos dela. Juntou as mãos às costas da jovem mãe e começou a levantá-la. Alda quase sufocou com o rosto enfiado entre os dois mamões-de-corda que a tia chamava de seios e sacudiu a cabeça num pedido de socorro.

— Está bem... está bem! A senhora venceu! — Ficou de pé e bateu a sujeira do traseiro. — Eu vou celebrar. Só não me peça para dançar, pois meus joelhos não aguentam.

— Ora essa. — A tia Gersad tinha os cabelos encaracolados e acobreados. As mechas pareciam sacudir de indignação conforme a expressão no rosto dela se acentuava. — Você é uma de nós, não tem ossos tão fracos assim. O que seu marido pensará se voltar da campanha como herói do distrito e encontrar um farrapo de esposa caída ao chão, fraca demais para o recebê-lo? Negará relações com ele?

— Tia! — Alda ficou com o rosto vermelho, mas, por sorte, ninguém ali parecia prestar atenção na conversa das duas. A música era alta demais. — Pare com isso, olha o tamanho dessa barriga...

A tia Gersad encheu mais um copo de vinho, beliscou uma asa codorna e a entregou à sobrinha.

— Está parecendo uma boneca de pano. E veja essas olheiras!... parecem dois buracos numa caveira! Se seu filho não for o próximo a nascer por sua

fraqueza, nós a desonraremos como membro da nossa família. Ai de seu traseiro se tivermos de fazer uma festa a um Goh'jk endiabrado antes do seu Gerimm! Por isso... coma, minha filha, e celebre! — A tia já ia virando de costas, remexendo o quadril no ritmo da música, quando resolveu girar nos calcanhares e acrescentar mais alguma coisa: — Não ligue para sua tia embriagada. Só estamos felizes de tê-la aqui conosco.

Alda riu, apesar da vontade de dar uma cotovelada na tia. Levantou o copo de vinho e fingiu tomar mais um gole.

— Alda — o tio berrou, sem nunca parar de tocar —, essa é para você. Vamos lá, senhores, a *Sálvia do Campo* em um, dois, três...

— Tio, não precisa....

E, em questão de instantes, uma nova música preenchia o ambiente. Alda desabou no seu assento novamente e sorriu. O povo vagante era exagerado, mas muito divertido. Aquele podia ser um ambiente saudável para criar seu filho, no fim das contas. Se Immas concordasse, é claro. Os tios deixariam o pequeno Gerimm mole como um vagante, e seu pai balancearia com a dureza do soldado. Era um bom plano...

Então Alda sentiu um vazio ao seu lado, onde Immas poderia estar sentado. Seu estômago esfriou um pouco, e ela se amuou. Teria passado o resto da tarde e a noitinha assim, entristecida de saudades do marido, não fosse uma figura esquelética que surgiu diante de seus olhos. Uma das crianças passava em meio às outras sem dançar, só se desviando. O garoto chegou bem próximo de Alda e viu o lugar vazio ao lado dela. Com o rosto de cão faminto, esticou o dedinho magro e perguntou:

— Posso me sentar aqui, moça?

Alda sentiu compaixão logo à primeira vista pelo menino. Ele usava trapos como roupa, e seus cabelos estavam embaraçados, desgrenhados. O rosto tinha manchas de poeira e lágrimas secas, mas isso não era nada. Toda a sua pele, desde a testa até a cintura, onde ela podia ver, era tomada por cicatrizes profundas de queimadura. Na verdade, toda a metade direita do corpo. Um horror... o que poderia ter causado aquilo?

O menino devia ser filho de um dos moradores da desvalida Limo. Alda poderia perguntar depois.

— Claro que pode. — Ela deslizou para o lado e estendeu a asa de codorna assada, que foi aceita e levada imediatamente à boca. — Onde estão seus pais?

O menino apontou para um dos matagais afastados do acampamento.

— Estão... no mato. Acho que não voltam até anoitecer.

Alda corou.

— Bem... deixe-os lá por enquanto. Devem estar caçando alguma coisa. Vem comigo, eu pego algo para você beber. Essa cerveja é uma abominação, mas

acho que ainda resta um pouco de vinho na bilha.

— Obrigado... senhorita.

— Sou senhora. Mas não se preocupe com formalidades. Pode me chamar de Alda, se quiser. O que acha?

O menino riu, desajeitado.

— Está bem. Nunca bebi vinho, porque é muito caro. É ruim?

— Pois há sempre uma primeira vez, não? Eu sou louca por vinho, como todos deviam ser. Qual é o seu nome?

Ele sacudiu a cabeça negativamente.

— Não tenho. Bem... me chamam só pelo meu apelido, agora.

— Seus pais não lhe deram um nome? Deve estar enganado. — Alda estava determinada a confrontar os pais desse garoto. Não era possível que um pequenino como aquele fosse tão maltratado. — Isso não importa agora. Pode me dizer seu apelido, que o chamarei por ele de agora em diante.

— Me chamam de *Curtume* .

7 – Donzelas Etéreas

Os ombros de Vescas sacolejavam de um lado a outro, fazendo-o sentir-se como um boneco de pano. Seu traseiro estava ardido por causa do fundo cheio de farpas da carroça, e as narinas, anestesiadas pelo cheiro forte de urina e esterco frescos. Ele deveria ter trazido consigo o frasquinho da pomada milagrosa aplicada nele por Symas, quando tomaram uma surra dos lang'oárs na beira dos lagos. Teria ajudado a suportar a inhaca. Pior ainda era a salinidade no ar, que o fazia sentir mais sede, e eles não dispunham de muita água, exceto pela que podiam carregar nos cantis disponíveis na casa do orelhudo.

Ainda assim, o rapaz conseguia dar risada. A situação do velho Billa, ao seu lado, estava bem pior que a dele. Dada a falta do braço esquerdo, os arrancos da carroça arremessavam a carcaça mole dele de um lado a outro, e sua testa já era fonte de gotas encorpadas de suor. O único braço tinha de revezar os lados direito e esquerdo para acudi-lo e não deixá-lo cair de cara no esterco mole. Esterco, inclusive, que já cobria metade da perna direita do velho, deixando-a verde-musgo do joelho para baixo.

— Está tudo bem aí? — perguntou Vescas, mordendo o lábio, enquanto via o sofrimento de Billa.

— Quando descermos, me lembre de quebrar sua cabeça. Olhe essa perna cheia de bosta! Você não podia ter sentado mais para lá, não é? Essa bunda magra não ocupa tanto espaço assim! Veja, veja... me deixou praticamente debaixo da vaca.

— Isso não é justo — retorquiu Vescas. — Do meu lado também tem uma vaca, e maior que a sua.

— Mas essa aí não caga, pelo visto. — Billa se calou e agitou a mão em frente ao rosto para espantar a mosca que o rodeava. — Nem é cheia de carrapatos e moscas. Agora preste atenção em como vou ganhar mais uma chuva de mijo quando essa aqui começar a rodar o rabo. Ah, mas será um deleite!

A vaca, de fato, começou a agitar o rabo, fazendo voar urina e excremento por todos os lados, obrigando Billa a cobrir o rosto. Vescas desatou a rir, também se protegendo.

— Animal desgraçado! — grasnou Billa.

Ouvindo o berreiro do velho, o condutor da carroça, um homem de ombros e costas largos e ensopados de suor chamado Ahmes Fröwe, virou-se para trás com o rosto estampado em forma de carranca:

— O que está acontecendo aí?

— Nada, Sr. Fröwe — começou a responder o rapaz, já arrependendo-se em seguida. Era evidente como o carroceiro não gostava dele. — O velho Billa aqui estava me contando uma anedota, mas vamos falar mais baixo daqui em diante.

O Sr. Fröwe só fez um muxoxo, olhou para o lado, dando uma cusparada na beira da estrada, e voltou a conduzir. A filha ao lado, Teru, que devia ter a mesma idade de Vescas, permaneceu olhando para o caminho à frente deles, sem se mover uma polegada sequer. Os cavalos aceleraram um pouco, depois de um estalo nas rédeas, e viraram à direita, onde a estrada estreitava e entrava em uma curva ladeada por árvores magras e ressequidas. Vescas baixou bastante a voz antes de falar novamente e colou-se ao ombro de Billa.

— Por que tenho a impressão de que o Sr. Fröwe não vai muito com a minha cara?

Billa afrouxou os lábios e riu, finalmente, apesar de estar com o rosto vermelho de raiva. Das falhas nos dentes voou uma minúscula bolinha de cuspe.

— Ah, o gênio percebeu... — rangeu o velho, com voz de tábua esticando. — Eu prometi a mim mesmo que ficaria calado, mas já não é possível. Desde o início, muito antes de subirmos aqui, quando você resolveu fazer um comentário sobre os *atributos* da filha do homem, eu sabia que estaríamos na merda... e não é que Koma é um filho de rameira vingativo? Olhe para mim! O chifrudo só se esqueceu de mirar apropriadamente, pois quem deveria estar encharcado em bosta é você!

— Mas eu não... — Vescas fez uma pausa e baixou de novo o tom de voz — mas eu jamais falei algo sobre os... bem, sobre os... — as mãos dele insinuavam círculos por sobre o próprio peito — ah, você sabe que eu não falei!

— Garoto... Se seus olhos se fixam de forma doentia sobre um decote e você diz algo tão estúpido quanto: *pelos deuses, mas como ela já é moça*, ou alguma burrice do tipo, não espere favores do pai. Ainda mais um que tem o triplo do seu tamanho, o que não é difícil!

— Se sabia que o homem ficaria bravo, por que subiu na carroça?

— E o que esperava que eu fizesse, lerdo? Que esperasse mais duas horas na beira da estrada e torcesse para que aparecesse outro carroceiro? Estamos longe da capital, lembra-se? Longe de Cistol, de tudo! A não ser que não se importe em virar comida de lagarto ou ser saqueado por bandoleiros. — Vescas lembrou-se de que já quase fora comido por lagartos e saqueado por ladrões de estrada. Em ambos os casos, o preço que pagou foi caro. — Portanto, cale essa latrina e divirta-se com a viagem. Não deve demorar até que alcancemos a Estrada da Pedreira.

Dizendo isso, Billa fechou os olhos, certamente tentando suportar sua própria provação com a urina, o esterco e as moscas. Começou a murmurar algo baixinho, que parecia uma oração, mas vinha acompanhada por expressões faciais tão

revoltosas, que Vescas preferiu nem prestar atenção. Em vez disso, o jovem aproveitou para engatinhar por baixo da vaca ao seu lado e checar a estrada, para assegurar-se de que não faltava muito.

Vescas esticou o pescoço para olhar por sobre a lateral da carroça. Checando com bastante atenção, pestanejou, limpou os olhos e torceu os lábios. Não estava muito certo de que ele e Symas haviam passado por ali. A estrada mostrava-se muito mais estreita do que quando saíram dos arredores da casa de Baldo, e quase não havia marcas de rodas. A quantidade excessiva de pedregulhos e tufo espessos de capim faziam agora com que sacolejassem o dobro. Na beira da estrada, nada das colinas que ele e Symas cruzaram, tampouco qualquer sinal do riacho que acompanharam por quase todo o percurso. Tudo ali era diferente, e as árvores, cada vez mais mirradas e desnutridas, aglomeravam-se pouco a pouco, juntando ao fundo de uma vez, num paredão sombrio, de onde não se podia ver mais além.

Definitivamente não era a Estrada da Pedreira.

— Ei! — Vescas fez um sinal para que Billa olhasse também pela lateral da carroça. O velho assentiu e, com dificuldade, esticou o pescoço para olhar do outro lado. A cara que ele fez não foi das mais animadoras. — Acho que não é aqui...

— Nunca passaram por essa estrada, você e Symas?

— Estou dizendo que não. Acho que o carroceiro está nos pregando uma peça. O que faremos?

Billa nem esperou que Vescas fechasse a boca e já gritou o carroceiro. Talvez tenha sido uma decisão bastante sensata.

— Ah, muito obrigado, Sr. Fröwe, mas acho que ficaremos por aqui!

O homem olhou para trás, com uma insinuação de sorriso no rosto, mas não desacelerou de imediato.

— O senhor tem certeza? Se cruzarmos aquele trecho mais fechado ali, chegaremos ao local combinado. Sabe como é, nós, que trabalhamos com carga valiosa, aprendemos a cortar caminho por estradas improváveis. Menos ladrões.

— Não tenho dúvida, Sr. Fröwe — retrucou Billa. — Não tenho qualquer dúvida. Acontece que o rapaz e eu decidimos montar acampamento e seguir um pouco afastados da estrada pela manhã. Há muito o que discutir sobre nossa empreitada.

— Pois se o senhor diz... — Os cavalos imediatamente frearam, dando o último solavanco na carroça. A vaca ao lado de Billa mugiu, quase como se lamentasse o fato de que agora não teria mais em quem cagar.

— Passem bem, Vescas e... — a moça, Teru, tentou se despedir cordialmente, mas recebeu um olhar repreensivo do pai, que a fez calar-se instantaneamente.

Vescas catou sua bolsa no chão, saltou da carroça e estendeu o braço para ajudar Billa a descer. Ainda deu uma última olhada ao redor, apenas para sentir-se ainda mais desolado. Estavam completamente perdidos e rodeados por uma floresta tenebrosa. Não conseguiriam mais carona dali em diante, isso era um fato. O olhar de Billa para ele, enquanto descia da carroça, também não o fez sentir-se menos estúpido.

Já fazia cerca de meia hora desde que desceram da condução e, até então, o cenário parecia cada vez mais sinistro. Ainda era dia, Vescas tinha certeza, mas, quanto mais se enfiavam pela trilha rodeada de árvores mortas, mais o tempo ia ficando escuro. Os pés de Vescas, calçados com as botas finas que favoreciam a movimentação ligeira e silenciosa, sofriam com a grande incidência de gravetos duros como ferro. Ele levou um tempo para perceber que muitos desses gravetos eram, na verdade, ossos. De todos os tipos e tamanhos. Não tantos assim, a ponto de deixá-lo intrigado, mas o suficiente para saber que não fora apenas um animal a morrer ali. À medida que avançavam, mais o número de árvores aumentava e menos trilha havia para ser pisada.

Chegaram em uma espécie de clareira, onde o chão mesclava terra escura com manchas esparsas de relva amarelada. Ali, os troncos, ainda que também ressecados, passavam a surgir diante deles com mais volume. Árvores mais velhas, diferentes das varas mortas da beira da estrada, já podiam ser vistas, e algumas delas tinham formatos estranhos, retorcidos, moribundos. A luz do sol já não dominava os arredores como fazia meia hora antes, pelo contrário. Ela surgia em pontos específicos, como manchas brancas no fundo penumbroso oferecido pelas árvores. Daquele ponto em diante, Vescas teve certeza de que os havia conduzido mais ainda para dentro da floresta, e não rumo à estrada principal. Ele parou de repente quando se deu conta de que, além de tudo, a trilha havia cessado.

— Espere aí, Billa. Não vejo a trilha.

— Agora mais essa... — começou Billa, tombando a cabeça para trás. — Rapaz, sinceramente não sei por que ainda lhe dou ouvidos.

Vescas tentou ignorar o comentário do velho e começou a procurar por sinais da trilha no chão. Não havia nenhum. Então ele girou o corpo e procurou pela trilha de onde vieram. Andou bastante pelos locais onde ele tinha a certeza de ter atravessado, mas também não viu qualquer sinal do caminho percorrido. Uma discreta gota fria de suor desceu por suas costas.

Era como se tivessem atravessado uma porta que logo depois foi fechada.

— Fique calmo, Billa... — Vescas falou sem muita firmeza na voz. — Isso aqui não deve ser mais do que um arvoredo ralo, ou um bosque. Andamos até o final da trilha, e ela certamente começará de novo em algum ponto a partir daqui.

Só estou seguindo as orientações de Baldo, e ele entendia do assunto. Conhecia essas terras como ninguém.

— Que orientações? — Billa bramiu.

— O orelhudo... é que ele dizia que todas as rotas partindo da casa dele levavam à Estrada da Pedreira.

— Ah, que ótimo! Podemos nos sentar então e aguardar a próxima condução, não? — Billa riu sarcasticamente, esticando o braço e girando o corpo, como quem mostra o panorama. — Dizem que o mercado é muito dinâmico por essas terras. Por Koma! Como é bom estar na capital, não?

— Muito engraçado — Vescas murmurou. — Por que, em vez de ficar latindo no ouvido, não ajuda a procurar a trilha? Ela era estreita, mas muito clara de se notar, até agora há pouco.

— Por que eu não ajudo? Eu digo! Porque não há trilha! Você nos enfiou numa selva morta, imbecil. — Billa coçou vigorosamente a Barba. Havia perdigotos de saliva presos nela. — Entende, agora, como não posso deixar que você tome a frente?

— Mas o caminho estava aqui atrás há um instante! — Vescas gesticulou ao redor, convidando Billa: — Não quer me ajudar a encontrar um rastro que seja, e então voltamos para a estrada por onde a carroça nos trouxe?

Billa olhou para cima e abriu a palma da mão, como fazem os religiosos quando vão orar ao seu deus.

— Ó, tu, dos chifres mais belos que o reino dos mandriões já contemplou. Será este seu primeiro milagre? — Depois, olhou para Vescas. — Já estou procurando desde a hora que chegamos. Essa foi sua primeira ideia decente.

Passaram um bom tempo abaixados, rodeando passo a passo todo o perímetro da clareira, procurando, vasculhando, revirando folhas, removendo gravetos, averiguando qualquer sinal que pudesse ligá-los à antiga trilha. Vescas perdeu a noção das horas, Billa já parecia exausto, mas não tiveram qualquer êxito. A floresta parecia cercá-los e jogá-los na penumbra cada vez mais, e o rapaz especulou se aquele lugar não seria vivo, se não era uma entidade enfeitiçada ou algo do tipo. Quando, por fim, o velho não aguentou dar mais um passo, ele desabou o traseiro em cima de uma pedra e deu de ombros. Sua testa escorria suor, e seu peito sacudia por baixo da camisa.

— Continue você — balbuciou. — Não aguento mais tentar consertar suas presepadas.

Vescas deu mais alguns passos, decidido a resolver sozinho, mas não aguentou e aproximou-se de Billa. Ele tinha de falar o que estava ponderando.

— Ei, velho...

— Fale, imbecil.

— Não acha que esse lugar é um pouco estranho demais?

Billa riu.

— De jeito nenhum. Me lembra os jardins do Forte Branco no verão.

— Estou falando sério... é evidente que é estranho, as árvores parecem pessoas gordas dando o último suspiro, mas não é disso que estou falando. — Ele inclinou o corpo, num tom quase confidencial: — Você não acha que pode ser... como eu posso dizer... amaldiçoado ou algo assim?

Billa virou-se e encarou o rapaz com uma expressão neutra.

— Não está falando sério, está?

Vescas bufou e encolheu os ombros contra o pescoço.

— Bem, eu... pensei que...

— Pensou o quê? Que vive uma bruxa por aqui ou coisa parecida? Que o chão foi tomado por algum tipo de encantamento? Que o ar que respiramos neste exato momento pode estar nos envenenando pouco a pouco e que por isso estamos ficando cada vez mais nervosos, até que, por fim, podemos culminar num pugilato até que um de nós caia morto? É isso que está sugerindo?

— Não precisa me gozar... só estou comentando.

— Pois então sente-se aqui, jovem imbecil, que eu lhe contarei uma coisa. Apesar de ser burro e covarde, você me lembrou de algo interessante.

Vescas olhou para os lados. Pendurado no galho de uma das árvores retorcidas, ele viu o que parecia ser um cadáver pendurado por uma corda. Seu queixo baixou imediatamente, mas, quando avistou com os olhos semicerrados, percebeu que se tratava de um ninho de *ferrilho*, e eles costumavam ser bem compridos. Ele limpou os olhos e sentou-se ao lado do velho.

— Preciso mesmo de um ar... fale, o que é?

— Serei breve. Não é grande coisa. Lembra-se de quando contei sobre a mãe de Symas? — Vescas assentiu. — Pois bem... naqueles dias, quando eu era ainda um iniciado no templo do Forte Branco, costumava sentar-me com meus companheiros. Muitas vezes, inclusive, Reuel, pai de Symas, estava junto. Sentávamos e contávamos histórias para assustar um ao outro. Como traquinagem, apenas para fazer com que as noites de sono naquele frio inóspito, que já eram sofridas, ficassem ainda piores. Éramos um bando de moleques. Acontece que nessas reuniões havia uma regra que não podia ser quebrada: as histórias tinham de ser verdadeiras. Claro... nem sempre era uma regra levada à risca, eu mesmo inventei uma lorota atrás da outra para ganhar a rodada da noite, mas certa lenda me chamou a atenção, pois quem a contou era muito respeitado pelos adeptos. Para ser sincero, até hoje me pergunto se é verdadeira.

“Esse meu amigo dizia haver uma floresta em certa parte de Elenesta onde ninguém podia atravessar. Como essa porcaria aqui, onde você nos enfiou. E a tal

floresta era intransponível não por ser muito extensa, o que também era verdade, mas por ser cercada por feitiços que nem mesmo os drinares aprenderam a interpretar. Segundo esse meu amigo, a floresta era chamada de *Sepulcro Negro*. Sabe por quê? Só se entrava lá uma vez. Imagine... já é horrível a perspectiva de ficar preso em uma mata escura como essa por dias, até que a fome e a sede me definhem por completo. Fico arrepiado de pensar. Contudo, segundo a lenda, o andarilho que caísse vítima das teias dessa floresta não teria tempo para morrer de sede, pois antes disso seria caçado por elas... as *donzelas etéreas*. — Billa bufou, com um meio sorriso na boca desdentada, e olhou para o teto escuro da mata. Apenas arrematou, baixinho: — Não é bem o jeito que eu gostaria de morrer.

Vescas piscou repetidamente, esperando que o velho concluísse a história, mas, pelo visto, não ouviria mais nada, a não ser que perguntasse.

— O que diabos são donzelas etéreas? — indagou, finalmente. — Vai dizer ou fazer suspense?

Billa deu uma olhadela maliciosa de lado.

— Não me diga que está com medo.

— Medo? — Vescas limpou a garganta. — De forma alguma. Estou curioso. Conclua o relato. Ou lenda, como queira chamar.

— Esqueci — disse Billa, suspirando — que você ainda não tem sequer idade para tomar um porre de taberna, quanto mais de saber sobre donzelas etéreas. Eu lhe contarei, com prazer. As donzelas são seres intangíveis, espirituais, que vagueiam por locais pouco visitados pelos humanos. Elas se manifestam sempre em corpos de moças, como sugere o nome, e moças invariavelmente muito atraentes. Rapaz, eu disse *muito ... atraentes*. São tão boas na arte do disfarce, que somente uma avaliação muito aproximada e acurada poderia distingui-las de um ser humano normal. Obviamente, a taxa de sucesso daquele que se arrisca a olhá-las de perto é sempre muito baixa, pois, que par de olhos deixaria de apreciar um belo jogo de seios à mostra? Que par de ouvidos ouviria outra coisa senão o gemido libidinoso que elas emanam?

Vescas sentiu-se estranho de uma hora para outra. A garganta ficou levemente mais ressecada, o que fez sua mão apalpar às cegas à procura do cantil. Alguma coisa em sua virilha se manifestou discretamente, como um formigamento. E bateu imediatamente uma onda de vergonha, pois, se conseguia ser seduzido apenas pelas palavras do velho, o que uma donzela como essa faria caso o encontrasse?... Aliás, que aparência teria uma delas?

Enquanto ele montava, em sua cabeça, o corpo perfeito para uma donzela etérea, incluindo o volume das nádegas e a altura do umbigo, ouviu os dedos de Billa estalando bem em frente ao seu nariz.

— Acorde, imbecil. Se quiser, eu paro por aqui. Posso sentir o tronco embaixo do meu traseiro tremendo com você.

— Não estou com medo, já disse!

— E galinhas gostam de minhocas?... Então deixe-me concluir. O sujeito estúpido o suficiente para aproximar-se de uma moça pelada no meio da floresta não terá, como imagina, uma noite agradável e um belo polimento no seu mastro. Não, não... primeiro a donzela atrai o infeliz até seu covil, o livra de todas as suas vestimentas, pois são indigestas, e faz com que se deite em um catre tão maldito quanto elas próprias. Ali, o sujeito fecha os olhos numa espécie de sono mágico para nunca mais abri-los novamente, já que a donzela se debruça sobre ele e o devora, pedaço por pedaço. Dizem que elas comem primeiro as partes periféricas, apenas para manter as vítimas vivas por mais tempo.

O rapaz não soube o que comentar. Não estava gostando muito dessa lenda.

— Estou dizendo isso — continuou Billa — por causa desse agradável matagal para onde nos trouxe, animal. Olhe para os lados. A trilha se perdeu em questão de braços! Acha que é por cegueira nossa que não a encontramos? É evidente que há alguma coisa estranha com este lugar.

— Tenho certeza... — Vescas olhou para um canto escuro da mata. Pensou ter visto ali algo se movendo, e seu coração deu um murro no peito. Ele respirou fundo, convenceu-se de que não era nada e prosseguiu: — plena certeza de que a encontraremos.

— Garoto... acorde. — Billa se levantou do tronco e suas juntas pareceram ranger com o movimento. — Estamos perdidos, e a pior coisa que podemos fazer é ficar plantados no mesmo lugar. Eu vou seguir adiante. Há luz vindo daquele ponto, e pode ser que encontremos outro caminho. Uma fazenda, uma cabana, uma vila... há de ter alguma coisa no horizonte.

Vescas também se levantou, num pulo. Não tinha a menor pretensão de embrenhar-se naquela mata escura, ainda mais depois de ouvir uma das porcarias de lendas que Billa contava.

— Não vai não! Está louco?

— Louco por quê, seu demente?

— Acabou de me dizer que a floresta é maldita e cheia de moças com os seios de fora!

Billa abriu a boca em um sorriso. Tossiu dois relinchos compridos antes de falar:

— Você é, de fato, uma criança. Não é possível que tenha acreditado. Digame que estou enganado. Era uma brincadeira! Deixe de ser frouxo e recomponha-se. Daqui a pouco não teremos mais água!

— Não acreditei! Eu vou... vou ficar porque acho que sei onde está a trilha.

— Pois acho bom não ficar para trás. — Billa começou a andar mata adentro. Já chegava perto da árvore gorda e retorcida, e era incrível como a névoa do local o envolvia depressa, fazendo-o quase sumir de vista em poucos instantes. — Com donzela ou sem donzela, não durará um dia neste breu sem minha ajuda.

— Billa, não faça as coisas precipitadamente...

Não ouviu resposta, só o cantarolar desafinado de Billa ao longe.

Sem que ele próprio entendesse, Vescas desabou no assento de novo. Não entraria ainda mais na floresta, mesmo que isso significasse ficar ali sozinho. Estava decidido. Ainda que a lenda do velho fosse baboseira, era perigoso. Um velho caquético e um magricela não podem atravessar florestas. Isso mesmo. Ele acenderia uma fogueira e ficaria ali de vigília até que o teimoso voltasse, arrependido.

8 – Meu Nome

Cerne, ano 6501, Era do Sol

Wynna entrou lentamente na banheira de pedra e sentiu cada músculo do corpo relaxando ao entrar em contato com a água quente. Ela deixou o quadril escorregar e foi liberando a tensão nos ombros e no pescoço. Fora uma noite muito movimentada, até para ela, que ainda era nova na *Pétalas Abertas* e nem tinha tanta clientela assim. Algumas meninas ainda estavam atendendo àquela hora da madrugada, mas, para ela, a noite estava encerrada.

Esticou o braço e apanhou um copo de vinho posicionado estrategicamente ao lado da banheira e deu um gole. Sentiu a maravilhosa sensação de calor provocada pelo peito adentro pela fermentação alcoólica. A acidez espalhando-se pela língua, fazendo-a salivar. O teor alcoólico batendo na porta de seus sentidos, pedindo permissão para inebriá-los.

A mão de dedos compridos apanhou um pedaço de sabão na beira da pedra e deslizou em meio às suas pernas. Wynna sentiu os tendões da virilha doloridos por causa das estocadas grosseiras de Bër, o capitão da terceira unidade. Quando os dedos ensaboados menearam pelos lábios e no meio da vulva, veio uma ardência que a fez lacrimejar. *Rufião desgraçado* ... Ela prometeu a si mesma que essa havia sido a última noite com ele. Encheu as mãos d'água e espalhou pelo rosto, borrando a maquiagem e fazendo-a escorrer em linhas rosadas pelas bochechas. Seus olhos cansados agradeceram e imediatamente se fecharam. Ela deixou a cabeça tombar para trás e respirou lentamente. Agora não pensaria em nada... só relaxaria.

Então a porta da frente recebeu três pancadas tão fortes, que Wynna conseguiu ouvir do segundo andar. Ela endireitou o corpo, secou o rosto com as mãos e ficou em silêncio, para certificar-se de que ouvira direito. Então, mais três batidas impacientes. Praguejando contra os espíritos protetores das putas, ela ficou de pé, enxugou-se de forma desleixada e enfiou-se debaixo de um roupão de linho.

Desceu pé ante pé pelas escadas, os olhos semicerrados acostumando-se novamente à iluminação alaranjada dos lampiões. Ainda era possível ouvir, vindos dos quartos dos fundos do corredor, gemidos e risadas de clientes que ainda permaneciam na casa. No saguão, frestas estreitas da janela da frente ainda estavam abertas, liberando um sopro lânguido de vento e fazendo tanto as cortinas de seda do arco quanto as dos dosséis dos camarotes privados oscilarem discretamente. Ela parou diante da porta dupla bem a tempo de ouvir uma nova sessão de batidas. O

cansaço era tanto, que ela sequer fez perguntas precavidas antes de girar a maçaneta, sem cerimônias.

Ao abrir a porta, Wynna deparou-se com três pessoas vestindo roupas de camponeses. Um homem que parecia ter o rosto engessado em um constante semblante furibundo vinha segurando uma criança pela mão. Um menino que, pelo tamanho, não podia ter mais que cinco ou seis anos. A mulher atrás deles, com os cabelos presos numa grossa trança castanha, estava encurvada em posição de pedinte. Seu rosto sugeria constante desalento, e os olhos eram marcados por mais de uma camada de lágrimas.

— Puta — começou o homem —, queremos falar com o arauto.

Wynna abriu a boca para responder, mas demorou-se um pouco, antes de passar sua estupefação inicial.

— Como disse, senhor?

— Por favor — choramingou a mulher, tentando puxar o homem pelo braço, mas sendo rechaçada na disputa de força —, não deixe que levem meu menino. Ele é só uma criatura inocente.

O homem esqueceu a prostituta e olhou de volta para a mulher, trancando ainda mais a cara, os lábios apertados, curvados para baixo:

— Fique calada se não quiser ficar sem os dentes, mulher. Como tem coragem de defender esse pequeno demônio depois do estrago que causou?!

— Como sabe que foi ele?

— Havia sangue em seus dedos! Além do mais, vivíamos sem incidentes até a chegada dele. Sabe disso, não sei por que ainda argumenta.

Wynna não estava entendendo absolutamente nada. Pigarreou, para lembrá-los de que ela ainda estava ali, de frente para eles, parcialmente molhada no vento frio e usando apenas um roupão.

— Eu posso saber o que os senhores desejam? — ela indagou. — Peço que continuem essa alteração quando estiverem em sua própria casa, por gentileza.

— Pois bem — ruminou o homem, a contragosto. — Minha mulher e eu ouvimos dizer que o arauto do Forte Branco estava em Cerne, tratando de assuntos com nosso rei. Chegamos a ir ao pátio do castelo para pedir uma audiência, mas os guardas nos expulsaram de lá, alegando que o rei estava dormindo. Pode ser verdade, ainda que todo cernense saiba que Sua Majestade gosta mesmo é de farrear por aí. Rodamos todas as tabernas, nossas pernas estão parecendo presuntos, mas ainda não havia nos ocorrido de procurar na casa das putas. Encontramos dois ou três moradores que afirmaram terem visto o rei vindo nessa direção. Portanto, se puder fazer a fineza de chamar seu convidado, o arauto, ficaremos agradecidos.

Wynna empertigou-se, intrigada.

— E que assunto teriam a essa hora da madrugada com o arauto? — Então ela se apressou em corrigir a própria fala: — Digo, não que eu esteja confirmando a presença dele aqui. Muito menos do rei Merletom! Essa é uma casa profissional, a maior do distrito, e seguimos sempre mantendo sigilo absoluto sobre nossa clientela. Peço respeito se quiser ser rebatido apropriadamente.

— Não venha de conversa mole, rameira. — O homem deu um passo à frente e deu um puxão no braço do menino, fazendo-o balançar como roupa no varal. — Diga logo em que quarto está o arauto, pois ele deve levar esse pequeno demônio ao seu verdadeiro pai. Não o queremos mais. Se não chamar o homem, deixaremos esse moleque aqui mesmo, na porta, e, se ele adoecer, o problema será de vocês. Me entendeu bem? Não voltaremos para casa com ele!

A mulher, atrás deles, afrouxou os joelhos e caiu no choro.

— Tenha piedade, senhorita... não o deixe abandonar nosso menino...

Wynna ergueu as mãos, as palmas apontadas para frente:

— Por favor, procurem se acalmar. Ainda não entendi direito o que está acontecendo! — Ela baixou os olhos até o protagonista daquela confusão, o garoto. O rosto dele era encovado, salpicado por mechas de cabelo seboso e escuro. Tinha as bochechas manchadas por sujeira típica de quintal, e as mãozinhas continham uma crosta enegrecida, principalmente nas pontas dos dedos. Apesar da aparência frágil e desnutrida, ele mantinha, por baixo das sobrancelhas, um olhar férreo e determinado. — Esse garoto é filho do arauto e querem devolver, é isso que estão dizendo? Por que sua esposa o chama de filho e se recusa a abrir mão dele?

O homem esgarrou uma pasta esverdeada no chão. Limpou a boca com a manga da camisa e resmoneou:

— Está com os ouvidos sujos, puta? Acabei de dizer que o arauto o levará ao seu verdadeiro pai. — Ele deu um cascudo na cabeça do menino, que desequilibrou, mas permaneceu firme em sua expressão facial. — Esse infeliz nunca foi nem nunca será filho meu. É filho do ministro Kacima, de Lineliande. Aquele miserável nos deu dinheiro para que ficássemos com a criança, alegando que uma admissão pública de sua paternidade seria escandalosa demais, devido à crise política no reino do sul. Como precisávamos de recursos para suportar o inverno que viria, aceitamos. Afinal... que mal pode fazer um bebê, não é verdade? — O homem deu outro cascudo na criança. Dessa vez, os olhinhos dele lacrimejaram. Wynna sentiu uma vontade imensa de machucar aquele homem. — Não faz ideia, moça. Um monstrinho, se quer saber. E se não deseja conhecer também suas verdadeiras inclinações, recomendo que chame o arauto.

Quem acabou por salvar Wynna do problema foi sua patroa, Madame Efrin-Dortga, que chegou de mansinho por trás dela, já acusando sua presença com o

forte perfume de rosas que sempre a acompanhava. A cafetina passou pela jovem funcionária roubando todos os olhares para si, pois assim ela era. Uma presença forte. Cruzou os braços de frente para o homem e perguntou:

— Posso saber o que está acontecendo aqui?

O homem fez uma careta e começou a falar:

— Finalmente... a senhora fique sabendo que... — ele foi interrompido pela cafetina.

— Não estou me dirigindo ao senhor. Responda quando for solicitado. — Ela curvou um pouco o corpo para frente, o decote se abrindo e revelando o volumoso par de seios conhecido por toda a Cidade Nova. Ergueu, com as pontas dos dedos, o queixo da criança, a fim de conectarem os olhares. — Você, pequeno... pode me dizer o que querem fazer com você?

O homem deu um passo à frente, estufando o peito e cerrando os punhos.

— Quem a senhora pensa que é para falar comigo dessa maneira?

Madame Efrin-Dortga passou a mão na testa, espantando os caracóis dourados que eram seus cabelos, e se empertigou, sem recuar.

— Se não quiser ter todos os ossos do corpo partidos pelos meus guardas, sugiro que mantenha uma distância cortês. Não fará bem para a imagem de sua família ter o patriarca ensanguentado, caído no chão como um porco na porta de um bordel. — Ela esperou o homem digerir o que tinha escutado e viu sua expressão passar do ódio para a indignação, e, por fim, para a resignação. Ele recuou, e ela pôde prosseguir com a criança: — Pode responder. Não apanhará novamente enquanto eu estiver aqui.

O menino olhou para trás, certamente esperando por mais uma pancada, que não veio. Encarou a cafetina com determinação e falou firmemente, com palavras bem pronunciadas para um menino de cinco anos:

— Ele não me quer mais na casa dele. Diz que não sou seu filho. — A criança apontou para a mulher atrás de si, que não parara de chorar dolorosamente desde então. — Ela, sim, me trata bem, mas ele bate em nós dois, e eu gostaria que batessem nele, em vez disso. É verdade que meu verdadeiro pai mora no reino do sul?

Madame Efrin-Dortga fez um carinho nos cabelos do garoto. Ergueu-se novamente, fazendo um sinal com o indicador em direção à rua. As unhas bem-feitas refletiam a iluminação alaranjada das lanternas.

— Sigam seu caminho. O menino será devolvido ao pai. Nunca mais pisem aqui novamente, ou chamarei a segurança.

A mulher abriu a boca e deixou o corpo terminar de desmoronar ao chão. Wynna sentiu pena do choro dela, um lamento de dor real. Dor de mãe. Mas a jovem prostituta não podia fazer nada a respeito. Apenas observou enquanto o

homem se recolhia ao mínimo de dignidade e puxava a esposa pelo braço, arrastando a ambos rua abaixo. Os olhos do menino, sem qualquer alegria, também fitavam a mulher.

Como que musicalmente, a voz da cafetina veio aveludada aos ouvidos da prostituta, como sempre vinha, fazendo-a se acalmar. O que pediu, em sequência, tranquilizou-a mais ainda.

— Wyn, vá até meus aposentos e me traga a bolsinha de veludo. — Levantou a voz para se fazer ouvida pelo casal que ia embora: — Senhora. Só um momento.

Wynna assentiu com entusiasmo. Sabia que dentro da bolsinha em questão havia algumas moedas de ouro. Teve certeza de que o choro daquela mulher pobre também tocara o coração da patroa e ficou orgulhosa por trabalhar sob a tutela de alguém com tal caráter. Madame Efrin-Dortga mostrara muitas vezes a Wynna como uma prostituta podia, quando queria, ser superior. Era ela quem a erguia sempre que vinha o desejo de desistir.

A patroa abaixou-se mais uma vez e sorriu para o garoto, que não sorriu de volta. Antes de subir para os aposentos em busca da bolsinha, Wynna ouviu um trecho da fala dela:

— Seus olhos são aguçados, sabia?... meu pai era um fluente na língua antiga, e faz muito tempo que deixamos de usá-la. Mas quer aprender algo novo? A palavra que descreveria seu olhar é *Bärdey* ...

Aos poucos, a mistura de sensações e recordações na mente de *Bärdey* levantaram um voo suave, e os móveis que ele via, bonitos, lustrosos e envernizados, foram se transformando e dando lugar aos empoeirados entulhos de madeira que o taberneiro chamava de mobília. Um pano carcomido balançando sobre a careca do homem e uma mesinha oval com uma das pernas maior do que as outras não deveriam tê-lo levado de volta às memórias de sua antiga casa. Devia ser culpa de algum cheiro no local. *Cheiros sempre traem o sofredor que quer esquecer algo infeliz*, ele costumava pensar. Isso não significava que ele retinha lembranças ruins do bordel onde fora criado, ao contrário. Eram boas. Como um doce comprado com suadas moedas e que cai no chão cedo demais.

Bärdey lançou um olhar cheio de desprezo para o taberneiro e mais soluçou que falou:

— Estou com medo de perguntar. O que o senhor serve aí?

Como se a *Presa e Lobo* — que, graças à placa quebrada, parecia se chamar *Presa e Lbo* — ficasse lotada de visitantes a semana toda, o taberneiro devolveu com a mesma apatia:

— *Clopre Escuro* vindo de Trevisan, destilado de grãos e vinho ralo. Não recomendo muito o último, mas tem um bom coice, para um vinho.

Bärdey estudou o único cliente do local, conferindo qual fora a escolha dele. De canto de olho, pôde notar uma bebida castanha no copinho de barro. O destilado. Todo o cenário era deprimente, e ele esperava não ter que se demorar naquelas redondezas. Queria resolver logo essa última pendência com a Sra. Dargo e voltar às suas atividades. Havia muito o que estudar sobre a capital dos drinares, e ele não iria sem ter, antes, uma boa reunião com seu velho amigo Crentos — e ainda não entrara em sua cabeça o fato de um homem instruído como o rei Bertom acreditar que os brincos em posse da rainha drinar fossem realmente um antigo pertence do deus Giius. Todo o plano era extravagante e inacreditável, mas parecia que o rei estava mesmo determinado a reviver um ser que sequer fora divino. Não fossem tão valiosos com um comerciante ilegal, a busca pelos brincos seria uma enorme perda de tempo.

Bärdey queria todos os relatórios, mesmo confiando que seu adivinho não permitiria que aqueles animais revirassem o local de pernas para o ar. E ele não se referia aos lagartos, mas aos palermas que respondiam a ele. Seria bom voltar para casa depois de meses fora.

Treplicando com o mesmo espírito pusilânime, Bärdey decretou sua decisão:

— Quero o que o feliz cliente ali está tomando. — Virou-se para Canhoto, que fazia sombra ao seu lado e nem chamara a atenção do proprietário. — O que bebe, meu caro? Arriscaria esse tal de Clopre Escuro? Soa mais como você.

Canhoto só estalou os lábios, dando de ombros. Estava ocupado demais sendo paranoico e olhando o tempo todo por sobre o próprio ombro.

— Que seja — disse ele. — Já que é você quem paga. Estou preocupado com o menino. Confesso que estaria mais tranquilo se pudesse estudar nossos... — ele recebeu um olhar duro de Bärdey e tratou de disfarçar o resto da frase — *exemplares botânicos* de perto.

— As *plantas* não sairão do lugar, Canhoto. — Ele passou o dedo pelo tampo do balcão. Deixou um risco sobre a poeira. — Importa-se de ser chamado assim?

— De forma alguma. Se me difere de meu irmão, é um elogio.

As bebidas foram servidas. Bärdey ergueu o copo para simular um brinde, mas não colocou os lábios na borda até que Canhoto bebesse a sua primeiro. Só queria ter certeza de que os sabores das bebidas não tinham correlação com a aparência do lugar. Satisfeito pela meia careta do colega, virou seu copo em um só gole. A bebida desceu rascante, deixando um rastro de malte na língua. Não era totalmente desprezível.

— Não devemos demorar — insistiu Canhoto, depois de um momento de silêncio.

— Tem razão, mas Curtume sabe se virar, não se preocupe. Se ele chegar primeiro ao acampamento, nos aguardará, como foi combinado.

— Com a velocidade com que o sol está baixando, me pergunto se acharemos o caminho de volta no escuro.

Bärdey bateu o copo na mesa e deixou duas moedas de cobre para o taberneiro. O homem nem prestou atenção e continuou limpando os copos com um pano mais sujo que o chão.

— Você venceu — falou Bärdey. — Vamos pegar o relatório do menino.

Canhoto também pousou seu copo.

— Você manda, *Sorriso Amarelo* .

A mão de Bärdey foi mais rápida que os olhos do soldado e, antes que este percebesse, já tinha a ponta da adaga pressionada contra sua garganta.

— Odeio esse apelido — sussurrou Bärdey, com a voz tão rascante quanto o destilado de grãos, o que fez a expressão alegre de Canhoto desaparecer —, e você sequer pediu minha permissão para usá-lo. Se quiser poder falar outras palavras no futuro, me chame pelo meu nome.



9 – Sombra e Ossos

— Parece que nossos caminhos finalmente voltaram a se cruzar, não, ladrãozinho? — essa voz não era estranha. — Espero que seus ossos já estejam colados de volta, pois quero ter o prazer de quebrá-los novamente.

Galen surgiu das sombras, destacando-se em meio a um grupo de rostos embaçados e disformes. Estranhamente, ele parecia vinte anos mais velho, com rugas em excesso se destacando nos cantos dos olhos e da boca. As mãos seguravam firme o mesmo porrete de sempre e o sopesavam sem qualquer sinal de pressa. Ele sorriu, um dos dentes metálicos brilhando sob a luz da lua, e não falou mais nada. Vescas não pôde reagir quando ouviu o pedaço de madeira assobiando em direção à sua cabeça e, em seguida, estalando.

Vescas despertou abruptamente, e os dedos correram pelos cabelos, certificando-se de que sua cabeça não estava rachada. Sua testa estava banhada em suor, e a brisa amena que balançava as folhagens deixavam-na gelada, como a pele de um morto. Ele demorou-se ali por um tempo, apoiado nos cotovelos, até que a respiração se acalmasse um pouco e ele se convencesse de que fora apenas um sonho. Levou mais tempo ainda para se dar conta de que havia caído a noite e ele estava envolvido por uma escuridão inacreditável. Não fossem as brasas moribundas da fogueira ao seu lado, ele não saberia dizer nem sequer onde ficava o chão. *Uma hora excelente para acordar e ter insônia*, ele pensou.

Nenhum sinal do velho Billa. A pessoa tinha de ser absurdamente sórdida para abandoná-lo na beira daquela floresta. E fazia frio, como ele logo percebeu, esfregando os braços. Até os panos de montar barraca Billa levava.

Vescas abaixou-se e soprou as brasas o mais gentilmente que pôde. Elas brilhavam, quase voltavam a se acender, mas a brisa do local parecia lutar contra o calor, apagando-as de volta. Usou os dedos para varrer o chão e catar algumas folhas secas, jogou-as por cima da fogueira e tentou novamente. Instantes depois, sentiu o muito bem-vindo cheiro de fumaça, e logo surgia uma língua de chama, iluminando um pouco os arredores. Por conseguinte, fechou os olhos, aninhou-se outra vez e tentou retomar o sono.

Fechar os olhos foi como embriagar-se instantaneamente. Sua cabeça estava pesada sem motivo aparente, e a sensação foi a de que o chão passava a girar sob seu corpo. Vescas abriu os olhos a contragosto, pestanejou e tentou de novo. Em poucos momentos, teve a sensação de que um ínfimo tufão escuro se abria debaixo dele e crescia, sugando tudo ao redor. Os utensílios de acampamento, as folhagens baixas, seus cabelos e as chamas da fogueira. Tudo se retorcendo e se concentrando

no olho do tufão, esticando, tensionando, deixando-o enjoado. Quando ele estava substantivamente nauseado, não se aguentou e apoiou-se nos cotovelos mais uma vez. Teve de respirar profundamente umas três vezes para espantar a náusea e diminuir a queimação no peito.

— O que há comigo?...

Vescas engatinhou até a beirada da fogueira e apanhou a panelinha — a única que Billa não levava —, onde havia feito sua refeição. Ele farejou o conteúdo ao mesmo tempo em que tentava puxar pela memória se havia comido alguma das ervas locais. Não se lembrou de ter usado nada dali para temperar seu ensopado. Mas ele tinha de estar envenenado. Nunca sentia náuseas e, com menos frequência ainda, se embebedava.

Um estalo na escuridão terminou de despertá-lo de vez. Vescas sentiu a nuca ficando eriçada e prendeu a respiração. Ouvira direito? Novamente, um estalo, como de algo seco que é pisoteado. Vinha de não muito longe, mas era impossível saber a direção correta. Para onde quer que Vescas olhasse, só enxergava o negrume, com exceção do pequeno círculo de iluminação formado pela fogueira. Não demorou muito para ouvir mais um estalo e mais outro. Deu-se conta de que algo ou alguém caminhava em sua direção, e o pânico começou a tomar forma em seu ventre.

— Calma... — ele sussurrou a si mesmo, arrastando o traseiro para mais perto do fogo. — É um animal. Animais selvagens não gostam de fogo nem costumam incomodar os humanos. É assim com os lobos, será assim com os outros.

Para sustentar a própria afirmação, Vescas apanhou do chão um graveto — se deu conta de que segurava um osso de costela — e o atirou mais ou menos na direção de onde vinham os passos. Esperou ouvir a debandada do animal assustado, mas só ouviu o osso batendo no chão. E, pouco depois, mais dois passos em sua direção.

— Xô!... — Ele tentou engolir, mas foi como engolir um chumaço de feno. — Vá para outro lugar! Não há nada aqui!

A resposta foi um sopro de vento frio nas costas, que o gelou da base da espinha até as orelhas. Com a respiração suspensa e o queixo tensionado para que os dentes não batessem, ele aguardou qualquer ruído em resposta. Uma possibilidade que o agradou foi a de que podia ser Billa com mais uma de suas piadas de mau gosto. Tinha de ser!

Os passos continuaram, e o instante seguinte fez o coração de Vescas quase parar de bater, pois um vulto surgiu diante dele. Ele tentou decifrar o que estava vendo, associar a imagem a um humano ou a animal conhecido, mas definitivamente não era Billa. A figura indistinta andava sobre os dois pés e tinha

braços tão magros e compridos, que as mãos quase se arrastavam pelo chão. Se é que tinha mãos, pois estava escuro demais. Não era possível distinguir detalhes na cabeça arredondada e sem pescoço, mas duas esferas, dois olhos carentes de íris, brilhavam feito moedas expostas ao sol. Era uma silhueta alta, muito mais alta do que o maior lang'oár que já vira, e andava meio encurvado, como que em constante posição de caça.

Vescas caiu para trás e começou a se afastar quando a criatura pisou na área iluminada. Nem mesmo a luz da fogueira vencida o negror da sombra, que ia engolindo a claridade, distorcendo-a. Então ele pôde ouvir a respiração da criatura. Um som borbulhante e comprido, como o grito de uma pessoa que tem os pulmões cheios d'água. Em seguida, cinco cobras negras deslizaram das sombras, e ele deu-se conta de que eram os dedos da criatura tentando alcançá-lo. Foi nessa hora que os pés compridos da própria criatura pisaram nas chamas sem qualquer medo de se queimarem. E, para seu horror, elas se apagaram, deixando-o outra vez imerso no breu.

Com a respiração travada no peito e uma artéria pulsando de forma dolorosa na têmpora, não havia muito o que fazer. Vescas só sentiu seus membros tentando buscar apoio no chão para que ele se erguesse, mas o solo não estava mais firme, tinha se tornado uma substância mole, como algodão, engolindo-o até os cotovelos. Quanto mais os dedos da criatura aproximavam-se de seus calcanhares, mais frio fazia. Ficava gelado, na verdade, e chegava quase a doer os ossos. Ainda assim, Vescas suave, lutando contra o chão almofadado.

Com os dentes trincados, ele rolou para o lado e se arrastou até uma área onde sentiu o solo ficando mais firme e menos frio. Ele sabia de qual direção vinha o monstro por causa de sua respiração borbulhante, que insistia em alcançá-lo. Ficou de pé e pisoteou o chão ao redor, certificando-se de que ali estava bem firme. Ainda não enxergava nada, mas começou a correr, as mãos na frente do rosto para tentar tatear a árvore antes que seu nariz o fizesse.

Correr naquela escuridão era desesperador, como Vescas logo percebeu. Inúmeros galhos, espinhos e farpas lanharam seu rosto e rasgaram parte de sua camisa, mas, depois de um tempo, ele não ouvia mais a respiração do monstro. Seus braços chegaram a encontrar-se com árvores por duas ocasiões, e suas botas leves ganharam novas perfurações devido à quantidade ridícula de ossos espalhados por aquele lugar, mas, por pura sorte, ele não bateu com a cabeça nem teve maiores ferimentos.

Agora, com o peito ofegante, ele olhava para todos os lados e não via nada. Não fazia a menor ideia de onde estava. Todos os seus suprimentos e utensílios haviam sido largados para trás, e dar-se conta disso o fez sentir fome e frio

instantâneos. Ele abraçou os cotovelos e tentou recolocar a cabeça no lugar, mas o queixo batia forte, batucando internamente em seus ouvidos. Batia de medo.

Vescas pegou-se varrendo o chão com as mãos, abrindo espaço suficiente para se deitar, e assim o fez. Encolheu-se como um bebê, esfregando os ombros, torcendo para que fosse mais difícil para outras criaturas o avistarem se permanecesse colado ao chão. De forma alguma acenderia outra fogueira — nem poderia, sem suas pederneiras —, pois acreditava que fora o fogo o responsável por denunciar sua posição. Fechou os olhos, mais para descansá-los do que para adormecer, o que seria altamente improvável, e temeu por Billa. Se o velho não tivesse encontrado uma saída, não estaria mais vivo.

Sem conseguir pegar no sono, Vescas experimentou a noite mais longa de sua vida, regada a sons indescritíveis e uma constante sensação de que algo saltaria a qualquer momento dos arbustos e rasgaria sua jugular. Não foi capaz de dormir nem por um segundo.

O dia seguinte chegou, contrariando as expectativas do rapaz e dando-lhe um leve sopro de otimismo. Em qualquer outra parte do mundo pareceria ainda ser noite, mas, na *Floresta de Ossos*, avistar uma mancha cinzenta no céu, em vez de um negror total, era um bom sinal. Vescas já podia divisar seus arredores. Não gostou muito do que viu, mas agradeceu por ter tido o tino de deitar-se ali, e não três passos adiante, pois teria afundado em um brejo de águas de aspecto pastoso.

Ele pôde divisar parte da vegetação ao seu redor. Ciprestes, salgueiros e bordos enfeitados por linhas de trepadeiras, bem como um mar de poças d'água rodeado por capim e junco em decomposição. O som ambiente era um coro que misturava coaxar de sapos e um zumbido infernal e interminável de cigarras. Vescas viu que, da água, surgiam dúzias de pares de minúsculos olhos que o encaravam, mas ele já nem sabia se acreditava ou não que aquele lugar abrigasse animais comuns. Ele apanhou do chão um objeto comprido e sujo de terra — provavelmente outro osso — e o atirou na água, para espantar os olhos curiosos. Uma revoada de patos selvagens explodiu em outra área próxima e subiu para o céu, quase matando-o de susto.

— Filhos da puta...

Ele esfregou os olhos e descobriu que estava com mais sede que o normal. Os animais na água eram provavelmente sapos ou rãs comuns, então ele decidiu arriscar e beber um pouco do poço. Ajoelhou na beirada e apanhou uma porção, formando uma concha com as mãos. Lavou o rosto primeiro, a água gelada como no inverno, cheirou as palmas para certificar-se de que não havia nada ali além de água. Satisfeito, decidiu que podia bebê-la. Com tristeza, tirou a camisa para fazer exatamente como Symas o havia ensinado. Em áreas assim, onde a água não era

corrente, era necessário filtrá-la antes de consumir, pois a quantidade de parasitas contida nela podia acamar uma pessoa por meses ou até matá-la. E, sem uma fogueira, fervê-la estava fora de questão.

Vescas olhou para as próprias costelas. A pele muito pálida e magra o lembrava de que ele não tinha qualquer constituição para ficar doente. Symas podia perder todos os ossos do tórax com um golpe de escudo e sobrevivia tranquilamente, mas ele não. Se um verme eclodisse em seus intestinos, não sairia até comer tudo o que havia restado.

Então ele usou a camisa como filtro, pescando uma porção generosa das águas escuras, fechando a mão para deixá-la com o formato de um cantil e colocando-a acima da cabeça, onde ela já caía limpa. Ele bebeu com sofreguidão, descobrindo que sua sede estava, realmente, no limite. Depois, torceu a camisa com o máximo de força que tinha nos braços, mas não a vestiu de imediato, não naquele frio. Preferiu deixá-la na cintura por enquanto e andar com o passo mais acelerado, para esquentar o corpo. Para onde iria, ele não fazia ideia, mas precisava procurar por uma saída. Os inúmeros poços de água escura deixavam uma trilha sólida entre eles, e era por ali que ele seguiria.

Vescas sentiu um arrepio pouco antes de deixar o lugar, ao perceber que, a apenas duas jardas de onde ele bebera, uma cabeça de crocodilo estivera observando-o secretamente. Acelerou o passo.

Horas se passaram — ou pelo menos a sensação de horas —, até que ele avistou algo que lembrava uma clareira. Ali as poças d'água já eram bem mais esparsas, e o espaço entre uma árvore e outra abria-se generosamente. Vescas desabou de costas para um salgueiro e tentou recobrar o fôlego sem perder o ânimo. Já nem fazia mais frio, pelo contrário. Sua camisa agora estava colada ao corpo, fazendo com que ele se perguntasse como era possível que o lugar tivesse tal variação de temperatura em tão pouco tempo. Mas, já que ele vinha bebendo de quando em quando nas poças, o calor não era o pior, e sim os mosquitos. Alguns eram grandes, do tamanho de moedas. Com os braços, então, crivados de picadas, e o estômago varado de fome, ele olhou ao seu redor e pensou no que podia fazer para sobreviver até a noite. Não queria nem pensar nisso agora, pois a ideia de passar outra noite no frio e na escuridão o deprimiria por completo.

Já mais restaurado, ele se levantou e começou a colher as framboesas que encontrou nos arbustos. Também havia por ali pezinhos minguaos de caqui, mas, ao provar deles e quase perder a língua devido à forte adstringência dos frutos mal desenvolvidos, desistiu. Ele pensou em pescar algo, nem que fosse uma rã. Não deveria ser difícil improvisar uma espécie de finco com os inúmeros ossos do chão e espetá-las. Então, ele começou a catar do chão aqueles que ele julgou mais

apropriados. Precisava conseguir. Ele não tinha muitas esperanças de que ali na floresta o anoitecer fosse ocorrer no horário habitual, então cada momento contava.

Pouco depois de começar, certo som viajou no ar até seus ouvidos, fazendo-o parar por completo. Era uma espécie de lamúria, e ele ouviu com toda a atenção, quase sem respirar, tentando captá-lo novamente, até que, na segunda vez, o som veio mais claro, e não era uma lamúria, e sim um cantarolar. *Claro!*, pensou. Estava na beira da floresta e, por sorte, caminhara até a borda, onde havia alguma civilização. Terminou, então, de comer as frutas e seguiu, displicentemente, na direção de onde vinha a música.

A cada passo que dava, Vescas ficava mais satisfeito. Uma trilha havia voltado a se formar por baixo de seus pés, e ele via cada vez menos árvores. Onde ele iria sair? Talvez mais ao norte, para os lados de *Peleiros*, o que seria bom. Ou mesmo a oeste, próximo a *Carga de Barro*, o que o deixava mais longe de seu objetivo. Mas a verdade é que não importava muito, desde que ele encontrasse a estrada e uma carona. E não parecia longe disso, já que o panorama mudava rapidamente, abandonando o ambiente florestal e dando lugar a campinas e colinas que, mesmo de aspecto abandonado, compunham uma imagem muito bem-vinda. Um veio de água doce, talvez nascido na floresta, descia velozmente a nordeste e, mais importante, podia-se ver o céu com mais clareza. Vescas ainda não confiava que saíra completamente da floresta, mas sentia que estava prestes a fazê-lo.

— Billa, por onde você anda?... — Ele olhou para todos os lados, preocupado, mas não podia voltar para procurá-lo. Não iria.

Vescas chegou, finalmente, a uma espécie de assentamento, o que foi um bálsamo aos seus olhos. O lugar era horroroso: um barraco mal erguido com telhado que mesclava tábuas podres, feixes de palha e paredes de barro esburacadas. O chão era uma vala barrenta que poderia fazer desaparecer uma criança e que faria qualquer caminhante distraído escorregar a todo momento. Um varal tinha uma toalha encardida secando ao vento — já que o sol ainda estava escondido —, e uma velha bastante enrugada prostrava-se ajoelhada embaixo dele, cantarolando e esfregando uma peça de roupa numa tina caindo aos pedaços. O cheiro de lixívia vinha forte como um murro.

— Olá! — ele arriscou. A velha caiu para trás e deu um grito de susto. Vescas abriu as mãos em sinal de paz. — Desculpe-me, senhora. Acabei de sair da floresta e estou meio perdido. Eu não quis assustá-la.

— Da floresta? — ela perguntou, já se recompondo, mas com o olhar suspeito.

— Sim, senhora.

— Você diz... *da* floresta? Aquela floresta?

— Isso.

— E que diabos um rapaz magricela como você iria querer dentro da Floresta de Ossos? Por acaso perdeu o juízo? Fique sabendo que, se for um ladrão, quebrou a cara, pois eu não tenho nada. Pode ir dando o fora daqui.

— Não, não... não sou ladrão — disse ele, sem saber se estava mentindo ou falando a verdade. — Quanto à floresta, eu entrei sem querer numa pequena área, bem na borda, mas logo saí, porque vi que era perigosa.

— Meu filho... — ela se levantou e limpou na saia as mãos que se sujaram de terra — ninguém sai daquele lugar. Se você está aqui é porque não entrou lá. Meu marido morreu lá. Foi caçar patos, o desgraçado. Dizem que ela o envolve e o embrulha em escuridão, e você não vive para contar a história.

Vescas engoliu em seco. Quase virara história de bardo nas mãos da criatura sombria.

— Eu... tive sorte, senhora. Meu amigo, já não sei. Ainda tenho esperança de que ele tenha conseguido sair também. Eu queria pedir uma coisa, se não for incomodar... aliás, antes, se puder me esclarecer: onde estamos? Aqui é perto de Carga de Barro?

Ela fez uma careta.

— Burro como uma porta, coitado. Não deve ter entrado mesmo na floresta, ou teria virado comida. Não. Carga de Barro fica a três dias daqui. Aqui é *Folha Seca*, pertence à estância do sargento Dijks.

— Minha nossa... então desviei demais.

— Desviou, pelo visto. O que queria pedir? Fale logo, pois tenho roupa pra lavar e não gosto de ladrões.

— Já disse que não sou nenhum ladrão, senhora. Eu só preciso de algo para comer.

A velha riu e estapeou a própria perna. Se tinha três dentes na boca, era muito.

— Essa é a primeira verdade que fala. Tá parecendo a ossada no fundo da floresta, de tão desnutrido. Eu tenho um pouco de purê de batata-doce, se servir. Ou então carne-seca, mas não sei se iria gostar.

Os olhos de Vescas fitaram instintivamente um varal onde havia pedaços de carne preta secando. A quantidade de moscas era inacreditável. Pensando bem, o lugar todo, além de caquético, era imundo.

— Seria ótimo. O purê, por favor. — Ele juntou as mãos em agradecimento e percebeu que precisava mesmo comer. Seus dedos tremiam.

— Fique aqui, que vou buscar — ela ergueu as sobrancelhas com ar de enfado. — Disse que morreu seu amigo, é isso?

— Não sei, na verdade... espero que não. — Ele resolveu arriscar, mesmo sem qualquer expectativa. Que mal faria? — Por acaso a senhora não viu passar

por aqui um velho? Ele é careca, já bem idoso, e não tem o braço esquerdo.

A primeira expressão amigável do dia surgiu no rosto da mulher. As rugas dobraram de volume.

— Ah, você que é o amigo do velho Billa? Ele disse que você tinha ficado para trás e morrido!

10 – O Capitão

A maré mudara, sim, pensou Symas. Para pior. E de forma espetacular. Além de ter sido obrigado a se render por Cid, aquele moleque franzino e impertinente, tivera de esperar até que buscassem Willmak, o capitão da guarda, que aparentemente não estava longe dali. Tudo aconteceu rápido demais, essa era a verdade. Quando Cid gritou pelos companheiros, deu a Symas um tempo até que eles se aproximassem, e ele podia ter aproveitado para fugir se Gorbos — que dali em diante só pastaria capim ressecado, no que dependesse de Symas — não tivesse escapado de suas mãos pouco antes. E de maneira nenhuma ele atacaria Cid a pé, dando motivo para que o perseguissem e cravassem nele uma lança antes que ele avistasse e alcançasse a montaria.

Agora, pensando com mais calma, e sem ter a mente anuviada pelo apetite de seu monstro, além, é claro, do fato de estar cercado por oito soldados armados, ele percebeu que fizera uma péssima escolha. E o capitão finalmente se aproximava.

Willmak desceu do cavalo e cumprimentou seus homens, que o reverenciaram como a lenda que era na região. A imagem dele era sempre impressionante aos olhos de Symas. Um homem que devia ter seus sessenta anos e aparentava ser mais jovem que metade dos guardas. Willmak vestia uma armadura simples: um gibão vermelho estofado protegido por uma couraça de aço, espaldares de uma camada e luvas de couro. No lugar das grevas de aço comum daqueles modelos, ele calçava botas corriqueiras de arquearia, adaptadas e chumbadas com rebites de bronze. O que mais chamava a atenção era a goleira desproporcional, que daria para proteger três soldados. Symas especulou se a degola seria uma morte mais assustadora aos olhos do capitão.

Willmak, com as duas mãos na cintura e a bainha de sua espada quase tocando o chão, aproximou-se do ex-soldado rendido.

— Symas — disse ele, com uma nota de respeito na voz. — Estamos no seu encaço há algumas semanas, e acredito ser essa uma ótima oportunidade para que se explique. Tive dificuldades em acreditar que o aprendiz de ferreiro fosse capaz de cometer atos de tamanha violência, mas, infelizmente é o que as evidências mostram até agora.

Symas estava desarmado graças a Cid, que agora brincava e girava sua espada confiscada. Ele não era assim. Estava se mostrando aos colegas e ao capitão.

— Willmak... — disse Symas — circunstâncias estranhas essas que nos unem, não é? Pode me explicar por que seus homens me prenderam?

— Sem rodeios, Symas — o capitão falou. — Diga algo em sua defesa ou fique em silêncio para que o levemos. Por respeito aos seus serviços prestados à comunidade, terá um julgamento justo.

— Não é o que está pensando, capitão. Sei que investiga a morte de Anne, mas não sou nenhum assassino.

— E por que fugiu por todo esse tempo?

— Sabe que não fugi. Assim como todo homem de Cistol, fui atrás do brakki que a matou. Eu queria a recompensa. Me encontrei em Cistol com um antigo amigo, que veio num dos vagões de visitantes do Sr. Belve. Ele precisava de dinheiro, e eu, de um companheiro de expedição.

O capitão fez um bico e cuspiu no chão, passando o pé imediatamente por cima da espuma de cuspe.

— E desapareceu por... foi o quê? Um mês? Vou tentar adivinhar: *não encontraram* o brakki, não é? Vamos, Symas... facilite minha vida. Uma confissão pode contar muito lá na frente. Podem ser clementes contigo.

— Não tenho nada a confessar, Willmak. Deixe-me ir. Que espécie de justiça é essa? Vão me prender com base em um palpite? Por que eu fiquei fora por um tempo? Isso é absurdo, e você sabe disso.

Willmak o encarou por um momento em silêncio e depois decidiu soltar a próxima frase de uma vez:

— Igna também foi vítima do brakki. — Symas engoliu em seco. Aquilo era péssimo. Eles realmente suspeitavam dele pela morte de Igna. Então, o capitão, sem também expressar muita coisa, prosseguiu: — Como não está surpreso, suponho que também já soubesse, mesmo estando longe daqui.

— Isso é uma piada, Willmak! Se eu estivesse chorando, estaria liberado? Eu mal conhecia a garota!

Alguns soldados riram, num burburinho de fundo, e Cid, apoiando-se na espada de forma provocativa, encarou Symas.

— Não é o que os seguranças do bordel nos disseram. Na verdade... — o capitão colocou as mãos para trás e começou a andar em círculos. Symas conhecia aquele ritmo de interrogatório. Eles tentariam cansá-lo até que confessasse. Estava só começando — nós fomos até sua casa e demos uma olhada. Fique tranquilo, nada foi levado, mas algumas coisas estão fora do lugar, depois da revista. Seu dinheiro ficará confiscado até que sua situação seja resolvida. Eu sei que é desagradável, mas é a lei. Ah, e uma peça de roupa da prostituta foi encontrada em seu quarto, sabia disso? Uma peça íntima, o que é estranho, já que mal a conhecia.

— Devo tê-la contratado uma vez, mas isso não faz de mim um criminoso.

— De maneira alguma. Suponho que algumas peças rasgadas de suas roupas tampouco possam provar coisa alguma.

Um sinal de alarme tocou na cabeça de Symas nessa hora.

— E?... — provocou Symas. Ele queria que Willmak falasse mais, que desse mais indícios do que estava em sua mente.

— Você sabe o que significa. Por acaso se envolveu em conflito físico com a garota? Por acaso foi ela quem rasgou suas roupas? Ou quem sabe foi... outra coisa? — Essa última pergunta veio num tom que desagradou Symas. — Se prometer me contar tudo, e somente a mim, poderei oferecer-lhe alguma regalia, alguma justiça.

Symas riu forçadamente e agitou a cabeça em negativa, mas, no fundo, pensou na proposta do capitão. Uma conversa a sós daria a ele uma chance de escapar. Afinal de contas, Willmak não tinha mais do que uma mera suspeita, aparentemente. Até que os soldados se afastassem, ele teria também tempo para poder elaborar melhor seus álibis. Ir preso estava fora de cogitação. Cortariam sua cabeça e, por mais que isso fosse justo, Bärdey ainda estava solto. Symas pousou as mãos nos joelhos e ficou de pé, encarando o capitão. Fez um sinal positivo com a cabeça, aceitando a proposta.

Sim. Falaria com ele a sós. Queria saber exatamente quais eram as suspeitas do capitão.

Willmak, satisfeito, acenou para seus homens, e eles começaram a se afastar. Um a um, menos Cid.

— O que está esperando? — perguntou o capitão ao guarda. — Junte-se aos outros, antes que eu perca a paciência.

— Perdoe-me, capitão — falou Cid —, mas eu não confio no ferreiro. Ele pode tentar desarmá-lo. Ou pior, entrar em seu *estado diferente* e atacá-lo. Deixe-me ficar como apoio, por favor.

— *Estado* ? — o capitão abriu bem os olhos. — Soldado Cid, posso saber do que está falando?

Cid deu um risinho cínico em direção a Symas e continuou, em tom confidente:

— Eu também sei *o que* ele é, capitão. Ouvi a conversa que o funerário Pamfa teve com o ajudante, em uma de minhas rondas noturnas. Os idiotas costumam berrar um com o outro, foi pura sorte outras pessoas não terem escutado. Contudo, não tive chance de ver a criança.

— Criança? — Symas deu um passo para frente, mas Willmak puxou uma parte da espada para fora da bainha, fazendo-o recuar novamente. — Fale logo, Cid! Que criança?

— Cid, fique quieto — rosnou o capitão, suspirando em seguida e voltando-se para Symas. — Agora que estamos a sós, não precisamos mais das formalidades. O Sr. Pamfa me contou tudo. Quando Igna morreu, seu nome foi imediatamente

mencionado como possível suspeito, e o corpo da moça foi encaminhado à funerária. Ela não estava destruída como Anne, mas havia indícios de que se encontrara com o mesmo monstro. Pelos escuros e acinzentados, para ser mais específico. Some isso ao fato de que ela praticamente não se deitava com mais ninguém, e essas são palavras das próprias colegas de bordel, e também às suas roupas rasgadas... bem. Não sei como acontece, mas você sabe. Por isso, conte tudo agora.

— Espere aí, capitão... que criança?

— Ela estava grávida, imbecil! — falou Cid. — E sua criança é tão monstruosa quanto você.

Symas sentiu o chão desaparecendo sob seus pés.

— É... verdade isso?

Willmak assentiu, sombriamente.

— Sim... o feto era uma mistura diabólica de humano com brakki. — Ele olhou para o guarda. — Cid, se uma palavra sobre isso chegar aos ouvidos de um morador de Cistol, tomarei sua cabeça. O funerário e seu ajudante já estão cientes.

— Absolutamente, senhor.

Os olhos de Symas começaram a marejar. Um filho?... Ela estava grávida e não disse nada? Ela não tinha outros clientes senão ele? Pobre Igna... Ela estaria viva se a tivesse rechaçado na primeira tentativa. Como ele pôde deflorar a filha de seu amigo? Uma moça que não devia ter sequer quinze anos? E como ele pôde continuar pagando para que ela o oferecesse prazer? Isso era doentio e monstruoso... mas era exatamente isso que ele era. Talvez devesse realmente deixar que Willmak o levasse cativo. Ou quem sabe ele devesse sair correndo e tentar a sorte, mesmo se isso significasse que estaria se arriscando a levar uma estocada pelas costas. Mas monstros não têm honra, ou têm?

Symas sentiu sua cabeça coçando desesperadamente, e seus dedos começar a correr frenéticos pelo couro cabeludo. Parecia que ele havia levado um banho de óleo fervente. Um grito se alojou em sua caixa torácica, mas não conseguiu sair. Suor começou a descer pelo pescoço, e seus braços e pernas ficaram subitamente muito pesados. De repente, sentiu pouca vontade de resistir.

— Eu não sabia da criança, capitão — ele começou a confessar, com a voz mole. — Tampouco sabia o que estava fazendo. Como eu bebo muito e me meto mais ainda em brigas, nunca tive curiosidade em saber o porquê das roupas rasgadas. Mas eu juro que não sabia de nada até recentemente. Acredita em mim, não acredita?

O capitão fungou e evitou olhar Symas nos olhos.

— Não importa em que acredito. Ainda assim preciso levá-lo, filho. Terá chance de se defender diante de um magistrado oficial.

— Gilliam Bärdey...

O capitão ergueu o queixo.

— O quê?

— Bärdey. Ele é o culpado. Ele roubou o amuleto que me protegia da maldição. É ele quem devia perder a cabeça.

Willmak balançou a cabeça lentamente, absorvendo as palavras de Symas e tentando formar o quadro todo em sua mente. Parecia estar começando a entender.

— Amuleto, é?...

— Que vocês dois percam — interrompeu Cid, apontando a espada embainhada de Symas em direção a ele — e o mundo seja um lugar melhor, então. Levante-se e ponha as mãos para trás, o capitão quer amarrá-lo.

Symas viu, então, o fim de sua jornada. E, estranhamente, sentia-se mais leve agora que o capitão também sabia. Eles o prenderiam, e, uma vez amarrado, seria levado até a prisão de Cistol e aguardaria a chegada de um magistrado para abrir seu julgamento. Quanto tempo isso levaria? Um mês? Dois? Para perder a cabeça, no fim, ou no mínimo ser enforcado?

Ele conhecia a lei em Eloche... não o deixariam preso. Morreria como um bandido comum, abatido como um animal e, enquanto isso, um monstro ainda mais sórdido que ele andaria solto pelos quatro reinos, espalhando o caos e o terror que lhe eram tão caros. Isso não era justiça. Um mundo onde Bärdey andava livremente não era mundo. Mas ele tivera sua chance de acabar com o bandido e não o fez. Fora fraco e tolo. Um alvo fácil. Sua mãe teria vergonha em vê-lo assim, nesse estado.

Cid o cutucou com a bainha da espada, mas ele nem sentiu.

Como teria sido um novo encontro entre Symas e Bärdey nas atuais circunstâncias? Seria o monstro um predador mais eficiente do que ele fora em seus dias de flâmule cernense? Symas não sabia dizer, mas a perspectiva de abrir a barriga de Bärdey e retirar cada um de seus órgãos era quase deliciosa.

Mais um cutucão com a bainha.

— Está surdo, merda? — vinha a voz de Cid.

Talvez sua história não devesse terminar ali. Talvez ele devesse forçar-se a escrever o capítulo que faltava. Talvez...

— Levant...

A mão de Symas voou para frente e agarrou firme a bainha da espada. Ele a puxou com força suficiente para trazer junto o guarda magricela, esborrachando-o no chão. Symas apoiou-se em um dos joelhos e, com a mesma velocidade, sacou a espada e bateu com o botão na têmpora de Cid, com toda a força, deixando-o desacordado. O capitão Willmak imediatamente sacou a sua e começou a andar para o lado. Sua voz estava calma, porém cautelosa:

— Symas, não faça bobagens. Será morto se me enfrentar.

Provavelmente era verdade. O capitão era do seu tamanho, estava mais descansado e usava peças pesadas de armadura, ao passo que Symas trajava pijamas, tinha costelas quebradas mal cicatrizadas e uma perfuração no abdome. Sem contar que a espada do oficial devia estar afiadíssima, ao contrário da sua, que não servia para capar um gato.

— Desculpe, mas eu não posso ser abatido como um animal, capitão — defendeu-se Symas, também dando passadas de lado, em posição de duelo. — Não enquanto Bärdey viver. Se precisar, o enfrentarei agora, e o matarei sem cerimônias. Deixe-me ir embora.

O capitão riu, com certa pena nos olhos.

— Sabe que não consegue me matar, filho... e sabe também que não posso deixar que vá. Guardas! Aqui, imediatamente!

Symas ouviu o clangor metálico das passadas dos guardas vindo em sua direção. Ele tinha apenas instantes se quisesse fazer alguma coisa. Posicionou as duas pernas enquanto pensava, colocando o pé direito apontado para frente e o calcanhar de trás alinhado a ele. Onde estava o maldito cavalo? Prometeu a si mesmo que ainda o venderia para que fizessem salsichas com ele. Mas estava claro que ter apenas Willmak em seu encaixe, caso decidisse fugir, era melhor que todo o pelotão. Resolveu tentar criar uma brecha tomando a iniciativa e atacando.

Como já suspeitava, o capitão era rápido, e suas espadas se chocaram com um estalo alto. Dava para sentir a força nos braços de Willmak, que se mantiveram imperturbados. O capitão girou o pulso e rechaçou o ataque. Symas deu um passo para trás, evitando por uma polegada ser atingido no pescoço. Seus pés resvalaram no corpo desmaiado de Cid, e isso o deu uma ideia. Os guardas já chegavam, e depressa. Não havia tempo para uma luta. Nem chances de vencer uma.

Symas fintou o próximo ataque, obrigando Willmak a se posicionar mais uma vez na defensiva, mas, em vez de atacar o capitão, ele baixou a espada até a nuca descoberta de Cid, encostando a ponta bem no intervalo entre uma vértebra e outra.

— O que pensa que está fazendo? — rosnou o capitão.

— O que preciso fazer. Afaste-se, Willmak, ou eu mato o guarda.

O capitão bufou e deu um passo à frente.

— Não acho que seria capaz.

Em resposta, Symas espetou a espada na pele do guarda caído, deixando entrar uma porção considerável. Cid gemeu, e sua mão estremeceu, mas ele não despertou. Isso foi o suficiente para que Willmak parasse de avançar e baixasse a espada. Symas respirou aliviado, sempre olhando ao redor, tentando avistar o cavalo. Viu uma mancha se movendo em algum lugar próximo às águas e suspirou.

Curvou o corpo para frente, agarrou o pulso de Cid e começou a arrastá-lo para trás. Assobiou desesperado, tentando chamar a atenção do animal.

— Symas... — o capitão estendeu a mão aberta. — Não meta o rapaz nisso. Consegui a brecha que queria, então dê o fora. Mas deixe-o aqui.

— Deve achar... — Symas respondeu, fazendo força para arrastar o guarda. Suas costelas latejavam, mas ele não deixaria que descobrissem. Já estava em desvantagem demais. — Deve achar que sou um idiota. O guarda vem comigo para garantir que vocês não venham atrás. Quando me sentir seguro, eu o solto, e ele volta feliz para casa.

— Isso é um erro, Symas. — O restante dos guardas acabava de chegar e se juntava ao capitão. Eles trocavam olhares perdidos, sem saber o que fazer. — Me pergunto *quando* se sentirá seguro o suficiente. Não terá paz enquanto fugir da lei, sabe disso.

Symas engoliu em seco. Pensou em falar alguma coisa, mas só murmurou um xingamento e continuou arrastando o guarda. De repente, um dos membros do pelotão decididamente afastou-se do capitão e sacou sua espada. Veio correndo em direção a Symas.

— Não vai levar meu amigo, seu desgraçado! — ele gritou.

Symas soltou o braço de Cid e deixou a coluna ereta. O rapaz ia mesmo atacá-lo.

— Ellid, volte já aqui! — berrou Willmak.

O rapaz aproximou-se em grande velocidade, segurando a espada com as duas mãos. Desferiu um ataque com toda a força, num arco de cima para baixo. Symas bloqueou com certa facilidade e saltou para o lado, tendo todo o flanco do soldado à sua disposição. Com tristeza, ele fez o que devia ser feito. Mirou na área descoberta sob a axila e enfiou metade da espada no corpo do rapaz, que soltou sua arma e caiu de joelhos, antes de morrer. Symas fechou os olhos e balançou a cabeça.

— Está satisfeito? — gritou para o capitão. — Quer devastar mais alguma família? Contenha seus malditos homens!

Willmak tinha o rosto trancado em uma máscara de fúria. Os olhos estavam abertos ao limite, e os bigodes pareciam ter criado vida própria. Depois daquilo, ninguém falou mais nada. Deixaram que Symas arrastasse Cid até o cavalo — que se aproximara distraidamente, como se nada estivesse acontecendo. Symas fez força para erguer o corpo de Cid do chão. Ele o amarraria, amordaçaria e partiria para o sul, contornando Cistol e evitando a Floresta de Ossos. Depois, seguiria para o Nordeste, procurando por novos ares. A pergunta de Willmak, contudo, o perturbaria por um tempo. Ele se sentiria seguro outra vez?

11 – Caça

Ashia despertou, demorando muito para abrir os olhos, pois os sentia mais pesados do que o normal. A fogueira pífia que acendera na noite anterior ainda ardia com umas brasas teimosas, mas ela não as atiçaria novamente, por causa da hora. Inclusive, estava ficando boa nisso, mesmo às custas de boa parte do sono, uma vez que acender o fogo ainda era um suplício e fazia a mão direita latejar. E, sempre que a mão latejava, ela sonhava com coisas ruins.

Mas agora não teria de se esforçar novamente. Era hora de ir. O domo roxo do céu já começava a ganhar uma franja alaranjada, e ela sabia, por alguma razão, que onde essa franja surgia era o nascente; o Leste. A alvorada estava chegando, e ela tinha de continuar caminhando, antes que morresse de fome. Uma pena, pois o sol ia rugir bem por detrás das grimpas escuras dos montes, que ficavam ao longe, e formaria um desenho incrível e sombreado, o qual ela gostaria de admirar por horas, sentada. Dos montes, o solo despencava em queda livre até um planalto, um tabuleiro suspenso, aplainado nas bordas e se derramando no quase descampado — só não o era por causa das árvores esqueléticas espalhadas por ali. Realmente uma pena.

Para deixá-la ainda mais desolada, Pitra continuava desaparecido desde a parada em Oliva. Vira silhuetas do irmão e ouvira sua voz ao longe, mas sentia que ele estava cada vez mais difícil de se deixar alcançar.

E até que ali não era um lugar feio, ela logo concluiu quando se sentou, encostando-se numa das árvores. Por ser uma baixada nivelada, não havia colinas prejudicando o campo de visão a norte e noroeste, e uma fileira de árvores peladas indicavam o caminho. Era para lá que seguiria. Bom, bom... a sombra era mínima, mas, ainda assim, era sombra. Ela olhou para os pés e, por um momento, chegou a ignorar a dor das bolhas e arranhões, pois o chão estava recoberto por folhas secas e era macio de pisotear. As sandálias da Sra. Etnet ajudavam muito, também.

Ela inspirou o ar fresco até o limite dos pulmões e deu um sorriso. Adorava o outono. Contudo, um barulho insistente estava incomodando-a desde antes de abrir os olhos. Um *crec*, *crec* que ela não sabia de onde vinha, mas parecia ser da própria árvore onde se encostara. Enquanto dormia, chegou a sonhar que se deitava em uma rede, em uma casa grande e bonita, como uma mansão, que parecia inexplicavelmente ser sua. Seria um sonho delicioso, mas os criados começavam a morrer, um por um, e, à medida que caíam no chão, uma turba de sapos saltava por cima dos corpos para comer os restos. E coaxavam incessantemente.

Estranho... muito estranho. Pelo pouco que sabia, sapos não comiam gente. Ainda mais morta. Mas o barulho a incomodava, fazia cada vez mais empregados

da casa caírem mortos no chão e serem comidos. Por fim, o coaxar irritante acabou por despertá-la. Quando acordou no chão duro e úmido, notou que o barulho persistia, mas o ignorou, por causa do sono e dos olhos pesados. Agora, se sentindo mais viva, resolveu olhar para cima para entender a causa.

Ela teve imediatamente um mal súbito, e seu estômago deu uma cambalhota. Em um dos galhos da árvore estavam pendurados dois homens enforcados. Um deles já em estado bastante avançado de decomposição, era quase ossos puros, mas o outro parecia ter sido morto recentemente. Era um indivíduo de uma barriga mais avantajada, tinha as mãos amarradas para trás, já roxas, quase pretas, dada a força dos nós. Na cabeça, ambos tinham um capuz preto ocultando seus rostos e, por cima dos capuzes, corvos empoleirados brincavam e davam, vez ou outra, bicadas no tecido. O vento batia, e ambos os corpos dependurados reiniciavam o *crec*, *crec* das cordas.

Ashia ficou absolutamente horrorizada. Pobrezinhos... o que tinham feito para merecer uma punição assim? Ela reparou que havia um bilhete no tronco da árvore, um pedaço retangular de tecido preso por um prego. Dizia o seguinte:

*Desertores, invasores, incitadores e desocupados.
Se não estão com os homens do marquês, seu destino é um só.*

O que aquilo queria dizer? Ashia ficou preocupada, com medo de se encaixar em algum daqueles quesitos, e olhou por sobre o ombro, arredia. Por via das dúvidas, era melhor juntar logo seus trapos e seguir viagem. Anahur não devia estar longe, agora. Com sorte, chegaria lá antes do próximo anoitecer.

De repente, enquanto ainda pensava, uma mão pousou sobre o ombro dela.

— Então aqui está você.

Ashia deu um grito e pulou para trás. Então viu que era Pitra, sorrindo inocentemente para ela.

— Por que fez isso? Quase me matou de susto!

— Me desculpe, irmã... eu estava à sua procura. Fiquei esperando do lado de fora da janela daquela senhora, em Oliva, mas você demorou demais, e tive que seguir viagem sozinho. Me arrependi, claro, por isso passei a maior parte do tempo procurando por você.

Ashia apontou o dedo da mão boa para ele:

— Pois nunca mais faça isso! Podia ter se machucado!

— Está com medo de que o mesmo aconteça com a gente? — Ele, impassível, com as mãozinhas cruzadas nas costas, acenou com a cabeça em direção aos homens enforcados. — Não se preocupe. Somos rápidos, e os soldados do marquês fazem muito barulho. Não nos encontrarão.

— Mas não somos desertores, ou desocupados, ou... — ela piscou várias vezes, tentando se lembrar do conteúdo do bilhete — olha, não somos nada

daquilo. Por que nos pegariam?

— Somos praticamente as quatro coisas, Ashia... as quatro! — ele suspirou. — Mas talvez tenha razão. Para todos os efeitos, somos apenas visitantes, e não deve ser difícil provar. Mas não vamos nos arriscar muito, está bem?

— Combinado. Agora... poderia me ajudar a apagar o fogo e a juntar nossas coisas? — Ela apontou para a fileira de árvores peladas no horizonte. Uma tampa do sol já começava a nascer. — É para lá que vamos.

— Claro.

— A propósito... como passou a noite? Teve frio ou fome? — Ela parou. — Pensando bem... como me encontrou?

Pitra mostrou uma área no chão, não muito longe da fogueira de Ashia. Era um pedaço de terra socada, bem úmido pelo orvalho da madrugada.

— Pelas pegadas, ora.

Ela se aproximou, para ver de perto o que o irmão mostrava, e eram, de fato, pegadas. As marcas indicavam que eram pés femininos, como os de Ashia, pequenos e delicados. Eram inclusive quase imperceptíveis, como se a dona não pesasse muito. Poderiam muito bem se tratar de rastros deixados por Ashia, mas havia um problema: ela não viera do Norte, como mostravam os rastros, e sim do Sul. Além disso, as pegadas suaves eram de pés descalços. Ashia engoliu em seco e sentiu ainda mais urgência em sair dali.

— Essas não são minhas, Pitra. Vamos embora daqui.

— Como sabe que não são suas?

Ela o puxou pelo braço e deu uns bons dez passos antes de apontar em vários locais no chão. Havia dezenas de marcas mais profundas deixadas por ela ali. Ela até colocou o próprio pé por cima de uma delas, para fazer uma boa demonstração ao irmão.

— Por isso. *Essas* são minhas.

Pitra balançou a cabeça e soltou o ar, quase num assobio.

— Não estou gostando disso.

— Eu, menos. Venha.

Ele relutou em ser conduzido e fez uma expressão triste.

— Estou com muita fome, irmã...

— Eu também, Pitra. Muita.

Era bom ter o irmão por perto novamente. O sol, já bem avançado no céu, lançava milhões de raios de luz que se fundiam no ar, transformando-se em uma massa morna e levemente alaranjada. Não estava quente o suficiente para incomodá-los, mas a sombra magra das árvores desnudas certamente ajudava. E que caminho bonito formavam as folhas caídas à frente deles! Uma estradinha

macia que não era morada de aranhas cabeludas, das quais ela morria de medo. Um caminho desenhado pelo próprio Koma para ela. Sim... Koma. Ela se lembrava do nome do deus que criara quase tudo que existia no mundo. Ela teve até uma vaga lembrança de estar sentada ao lado de Pitra em algum lugar não muito confortável, onde ela contava a ele em minúcias a história dos dois irmãos divinos. Não parecia ter acontecido muito tempo atrás.

Como era bom tê-lo ali ao lado dela!

— Pintassilgo! — ele gritou, saltitante, à frente dela.

Por sorte, tinham encontrado, não muito depois de partirem, restos de um acampamento abandonado. Lá havia uma bolsa que fora deixada para trás e que continha frutas secas suficientes para que aguentassem por mais meio dia de viagem sem problemas.

— Você demorou demais! — provocou Ashia. — Acho que esse não vai valer...

— Claro que vale! Você não disse isso nas regras!

— E quem precisa de regras quando se tem o senso comum?

— Sem senso comum, Ashia. — Ele bateu duas palmas e depois cruzou os braços, esperando. — A minha foi *pintassilgo*. Sua vez.

— Queijo — ela disse, rindo.

— Queijo não vale!

— Por que não?

— Porque queijo não é animal, espertinha. Você perdeu e vai ter que dar duas piruetas.

Ela não tinha a menor intenção de pagar a prenda, ainda mais com uma mão só. Estava apenas provocando o irmão.

— Mas queijo... — ela quase soprou, misteriosamente — vem de um animal, não?

— Não! Pague a prenda.

— Era brincadeira, Pitra. Sou um pouco mais esperta que isso. Agora para valer: quebra-nozes.

Ele ruminou, balançando a cabeça.

— Quero duas chances na minha vez também.

Ela riu de uma forma gostosa, como não fazia há um tempo. Sentia-se tão leve, tão livre. Estavam bem adiantados e chegariam antes de anoitecer. Ela só precisava de um plano, ou ensaiar com perfeição sua fala para quando fosse pedir ajuda, de modo que não parecesse uma desabrigada.

— Pitra... estou aguardando, molenga.

— Espere...

O menino se abaixou, olhando fixamente para um ponto no chão. Ele apanhou um graveto e começou a cutucar o solo com ele. Ashia se aproximou, curiosa. Pitra havia encontrado um coelho morto.

— Pare de espetá-lo — ela disse. — Deve estar apodrecido, e você vai fazer levantar fedor de carniça.

— Não, ele não está podre, olha... — Ele cutucou as costelas do coelho, e pareciam bem macias. — Acho que ele morreu há pouco tempo.

— Estranho...

Ela tocou o couro do animal morto e o sentiu realmente tenro sob os dedos. Não estava nem muito frio, na verdade. Ashia especulou sobre o que poderia ter matado o pobrezinho naquele lugar ermo. Teria sido uma fera, como um jaguar? Apreensiva, ela conferiu os arredores, mas não via ou ouvia coisa alguma. Pensando bem, um jaguar não deixaria de comer a presa. Decidiu apanhar o coelho pelas orelhas e conferir mais de perto. O couro estava praticamente intacto, exceto por um furo manchado de sangue na região das costelas. Ashia olhou para o céu. Um gavião, talvez?

— Acha que tem uma cobra por aqui? — Pitra perguntou.

— Acho que não, mas, por via das dúvidas, não fique muito perto das árvores. Vamos caminhar um pouco mais afastados delas, pelo menos por ora.

— Mas e o coelho?

— Vamos enterrá-lo, ué. Quer que ele apodreça por aqui? Isso pode atrair predadores.

— Não, Ashia. Vamos comê-lo!

— Está louco? — Ela deu um peteleco na orelha dele. — E se estiver envenenado por uma cobra?

Pitra colocou o dedo bem em cima do furo no couro do animal.

— Um furo, Ashia. Cobras têm dois dentes.

— Não são dentes, cabeçudo, são presas.

— Dois presas.

— Duas.

Ela riu de novo, mas deu-lhe outro peteleco, dessa vez com menos força.

— Está bem... por sua conta e risco, hein? Se morrermos engasgados, vou assombrá-lo à noite.

— Mas isso não é justo.

— Estou brincando. Deve ter sido morto por um gavião que não aguentou carregá-lo, provavelmente. Mas... — ela deu de ombros — será difícil comê-lo cru, não acha? Que tal juntarmos lenha e prepararmos uma fogueira?

— Mas sua mão não vai latejar?

— Vai, mas será por uma boa causa.

— Eba! — Ele pulou, com as mãozinhas apontadas para o alto. — Então eu pego a palha, que é mais leve, e você junta a lenha!

— Não, senhor. Você traz os dois — ela apontou para uma área cheia de galhos secos caídos ao chão —, já que sou eu quem vai ter de rasgar e estripar o bicho com as mãos.

E só de pensar no quão difícil seria, ela quase desanimou.

— Combinado, então!

Assim, Pitra correu até o amontoado de galhos enquanto Ashia fazia uma leitura cuidadosa do animal em suas mãos. Ela o virou de barriga para cima, e a cabeça, sustentada por um pescoço flácido, tombou para trás. Era uma sensação estranha ter um animal tão fofo nas mãos e pensar em formas de arrancar suas vísceras. Enfiou a ponta do dedo no ferimento das costelas, e achou que seria uma boa ideia rasgar o couro a partir dali. Depois, com um graveto, ela podia ir perfurando a membrana, fazendo-a se soltar do couro. Depois pensaria em como arrancar as tripas.

— Pitra! — ela gritou. Pretendia pedi-lo que trouxesse uma ponta afiada, para que ela trabalhasse.

Ela olhou para o monte de galhos, mas não o viu.

— Pitra! Não deve se afastar, já falei mais de mil vezes!

Como o tempo passou e o irmão não respondeu, ela logo ficou alarmada. Levantou-se, sem largar o coelho, e decidiu ir procurar por ele. Não tinha dado sequer um passo em direção ao monte de galhos quando sentiu algo frio e duro encostando em seu pescoço. Parecia uma faca. Uma voz álgida e áspera penetrou seus ouvidos, fazendo-a ter um sobressalto.

— Então foi você que roubou minha comida. Pretende pagar por ela?



12 – Ceifa

Bärdey fechou os olhos para ouvir melhor o som das criaturas noturnas. Grilos, aves madrugadoras e até micos de cheiro, daqueles que resolvem guinchar e torrar a paciência de quem tenta dormir. Criaturas que ele sempre desprezara, mas não agora. O piar delas era bem-vindo. Todos os sons, na verdade, que estranhamente compunham o quadro de um lugar silencioso. E essa quietude era quase boa demais para ser verdade, em comparação com a música escandalosa que floreira o lugar durante todo o dia. E fora um longo dia de espera... Abrindo os olhos e vendo com mais calma nesse momento, Bärdey sentiu um tipo de alívio difícil de descrever. Era como se um ser pesado e exigente estivesse vivendo dentro dele durante as últimas semanas, consumindo-o e tomando sua energia. Não mais. Seu corpo estava leve, sua respiração mais profunda, fluente, e seu coração batia de forma mais branda.

Em contraste com a cama de lençóis brancos, as charmosas armações redondas na janela e o aquecedor móvel — um simpático bojo metálico de quatro pernas, equipado com uma portinhola que lembrava um porquinho —, o corpo da grávida seria uma visão perturbadora demais em outras ocasiões. Não dava para saber em que posição ela havia dormido, pois Canhoto havia revirado a moça depois de tê-la estrangulado. Provavelmente a violara algumas vezes, já que era possível ver suas *partes* descobertas e ensanguentadas. A mulher inteira havia sido massacrada. O pescoço continha vergões negros, dada a pressão que as manzorras do sujeito podiam aplicar, e a língua havia sido removida por uma lâmina, provavelmente antes de ela morrer. Os seios fartos, já suculentos em preparação para a criança que viria, estavam intactos, por alguma razão. Banhados por sangue, sim, mas que vinha da língua cortada. A verdadeira carnificina, entretanto, havia ocorrido na barriga, aberta e flácida. De um lado, tombavam algumas vísceras, ainda vicejantes, como se a dona estivesse viva, e, do outro, dependurava-se um bebê quase que completamente formado, estrangulado por algo que podia ser intestino delgado ou cordão umbilical. O sangue empoçado debaixo dela entranhava-se no branco do lençol, pintando-o, e corria pelos fios do tecido até chegar no estrado da cama, de onde pingava e formava uma nova poça no chão, já pegajosa e meio ressecada. O cheiro metálico e nauseabundo dominava o dormitório.

Canhoto, ao lado dele, sorria e brincava com a ponta da faca, rodopiando-a por cima do polegar. O sorriso foi devolvido por Bärdey, que cruzou os braços e perguntou:

— Sobrou mais alguém?

— Ninguém, chefe. Só o menino com cara de couro. Se quiser, dou um jeito nele também.

— Por qual razão eu iria querê-lo morto?

— Sei lá... ele viu coisas demais. Pode complicar para o nosso lado.

A voz de Bärdey baixou.

— Você também viu.

Canhoto ficou imóvel por um momento, mas acabou abrindo um sorriso e mostrando todos os dentes. Ele guardou a faca na cintura e começou a caminhar em direção à porta. Bärdey lançou um último olhar à mulher antes de sair.

— Alda, Alda... ou melhor: *Sra. Dargo*. Eu gostaria que não tivesse me obrigado a fazer isso. Durma em paz com seu filho.

E, com um gesto vago com a mão, ele deixou o quarto.

O largo corredor parecia uma mistura entre sala de estar e cozinha. Era repleto de prateleiras suspensas — uma forma engenhosa de se aproveitar o pouco espaço de cada uma daquelas casas — entupidas de mantimentos, sacos de grãos, frascos com óleos diversos e caixinhas de ervas secas. Na parede, um objeto chamava a atenção e agradou Bärdey imediatamente quando ele entrou na casa pela primeira vez: uma mesa dobrável. Ele não havia prestado atenção antes. Era frágil, de madeira ruim e com dobradiças enferrujadas, mas uma boa ideia para se deixar nas mãos de um artesão competente. Talvez um dia ele tivesse uma também. Ele fez um desenho mental para depois replicar, quando tivesse tempo.

À sua esquerda, um dormitório escuro revelava-se pela fresta aberta da porta. Bärdey indagou a Canhoto:

— Preciso conferir?

O mercenário só balançou a cabeça em negativa, antes de alcançar a porta que dava para fora.

— Um casal mais velho. Pais, tios... quem sabe? Degolados enquanto dormiam.

— Esplêndido.

O ar puro vindo do lado de fora era o melhor que Bärdey havia inspirado em anos. Os andarilhos tinham razão em gostar do lugar. Alguns corpos caídos perto da fogueira indicavam que Canhoto havia tido algum trabalho antes de poder entrar nas casinhas. Espetos de carne, mesas reviradas, comida espalhada pelo chão e uma rabeça quebrada sugeriam que as coisas não haviam sido tão calmas quanto o mercenário tinha sugerido.

— Houve resistência aqui? — Bärdey perguntou.

— Absolutamente nenhuma. Por quê?

— Isso está uma bagunça.

— Precisava ver como eles se comportavam durante o dia. Eu mesmo cheguei a pensar que não iriam dormir nunca, esse parecia ser um povo realmente festeiro. Um velho bêbado estava caído perto da mesa já derrubada. Aparentemente tocou rabeca até não se aguentar de pé. Os outros dois, perto da fogueira, dormiam aninhados um com o outro. Foram golpes rápidos e silenciosos. Não sofreram, muito menos gritaram, se é o que quer saber.

— Na verdade, pouco importa agora. Só fiquei curioso. E quanto àquele alaúde no chão?

Canhoto mastigou algo imaginário e cuspiu, antes de colocar as mãos na cintura e responder:

— Pisei nele sem querer, mas ninguém ouviu. Já estavam mortos.

— Está bem... se você diz.

Difícilmente algo tiraria a paz de Bärdey naquele momento.

Eles caminharam mais um pouco ao redor da comunidade. Canhoto ia mostrando, orgulhoso, como ele executara todo o plano de forma eficiente. Ali ele havia se esgueirado por entre duas casas e degolado um casal romântico que se amassava às escondidas; no outro canto ele havia surpreendido um homem de quatro que vomitava — e contava rindo como a espada tinha entrado com facilidade pelo rabo do sujeito e parado no estômago — e, numa outra área mais aberta, ele demonstrava, passo a passo, como fizera para arrombar a janela e saltar para um quarto onde três indefesas crianças dormiam, lado a lado. Por um momento, Bärdey achou que havia sido um preço um pouco alto a se pagar para encerrar aquele aborrecimento com a grávida. Valeria a pena, disso ele não tinha dúvidas, mas o preço fora alto. O melhor que ele poderia fazer agora era encontrar uma garrafa de aguardente com algum conteúdo e esvaziá-la.

Ele meteu a mão na cintura e tirou do bolso um saquinho recheado de moedas. Ofereceu-o a Canhoto.

— Tome. Seu pagamento merecido.

Canhoto aproximou-se, sem cerimônias, e apanhou o dinheiro.

— Obrigado, Bärdey. Foi excelente trabalhar com você.

— Não pense que é tudo seu. Tire uma ou duas moedas e dê ao garoto. Ele também trabalhou. Por falar nisso, onde estaria o infeliz? Não o matou, tenho certeza.

— De jeito nenhum.

— Nunca se sabe... há pouco, estava tentando me convencer de que o pobre moleque deveria ser estripado.

— Não o matei!

Bärdey suspirou.

— Acredito em você. Se puder me fazer essa última fineza, encontre-o, sim? Ele voltará comigo para casa.

— Onde vou encontrar esse merdinha? — Canhoto abriu os braços para a escuridão em volta do acampamento.

— Se for difícil para você, eu mesmo procuro.

O mercenário só bufou e deu de ombros. Girou nos calcanhares e começou a andar a esmo. Enquanto isso, Bärdey ficou parado, respirando profundamente por várias vezes, como se o ar fosse capaz de limpá-lo por dentro, de renová-lo. Vendo as copas das árvores meio cinzentas e murchas, porém, ele se incomodou um pouco. Lembrava delas um pouco mais verdejantes quando as avistou ao longe, de dia, enquanto tocaiavam a comunidade. Elas haviam secado do dia para a noite? Curioso... mas pouco importava, como todo o resto. Em instantes, daria o fora dali.

— Que diabo?... — ele foi interrompido pela voz de Canhoto.

— O que houve? — Bärdey perguntou, vendo que o homem se agachava no chão, procurando por algo.

— Só me faltava um cacete desse, agora...

— Fale de uma vez!

Bärdey perdeu a paciência e foi até o local onde Canhoto se agachava. Não viu nada ali, exceto pela mancha negra de sangue espalhada por cima da grama. Da poça seguia-se uma outra poça menor e algumas manchas compridas, como se algo tivesse se arrastado em direção ao bosque. Bärdey suspirou e fechou os olhos. Ele se preparou para perguntar, mas tinha medo da resposta.

— Canhoto, você matou alguém aqui? Deveria ter um corpo pálido e muito morto aqui, absolutamente falecido, exatamente onde meu dedo está apontando?

Canhoto fez que sim com a cabeça, já se levantando para seguir os rastros que levavam para fora da comunidade.

— Eu cortei o pescoço do desgraçado, tenho certeza!

— Pois parece — Bärdey agora começava a explodir — que sua faca estava meio cega, não?... Preciso pedir?

— Não, *chefe* ... vou achar o maldito e finalizar o serviço. Ele não deve ter ido longe, perdeu muito sangue.

— Consegue ver o sangue, ao menos?

— Muito engraçado.

Enquanto Canhoto seguia o rastro, Bärdey caiu, sentado, e apertou os olhos usando os dedos. Sua cabeça começava a doer.

O menino do rosto de couro ia à frente, até depressa demais, talvez aproveitando a boa luz que vinha da lua naquela noite. Por ser tão pequeno, era possível que não tivesse tato o suficiente para saber que ela não podia acompanhá-

lo tão depressa. Além disso, a relva baixa estava escorregadia, e ela calçava apenas sandálias trançadas de junco. Cada passo era um potencial tombo feio.

— Sabe que eu tenho uma criança na barriga, não é? — perguntou Alda, ofegante.

Estavam há mais de uma hora perambulando pelas florestas nos arredores da comunidade. As sombras esticavam-se, quase que se desprendendo das árvores, e espalhavam-se pelo solo, os galhos abertos como braços desesperados. O garoto, *qual era mesmo o nome dele?* Curtume... Ele pedira ajuda a ela para encontrar os pais, que já deveriam ter aparecido e poderiam estar meio perdidos na mata. De início, ela havia pensado que seria uma coisa rápida e que ela estaria de volta antes de dar vontade de urinar novamente. Era assim que calculava o tempo agora. Se era possível fazer entre uma mijada e outra, era rápido. Se não, era demorado. Agora, já agonizava, com uma disputa de dores entre a bexiga e as costas sobrecarregadas.

— Desculpa, moça... eu vou devagar.

— Olha, Curtume... eu não sei se gosto desse nome. Não posso te chamar pelo nome verdadeiro? Bom, não interessa agora. Curtume, me escute. Não consigo mais andar floresta adentro, então vou te fazer uma proposta: vamos voltar para a comunidade, e lá você pode tomar um banho de tina, comer e beber o que tiver vontade, com exceção dos destilados, e até dormir um pouco. É mais fácil que seus pais se orientem pelos sons de cantoria e o encontrem. O que acha?

O menino coçou a cabeça. Olhou inutilmente em direção à comunidade — já que não era possível avistar os moradores dali — e pareceu tomar um tempo para se decidir. Alda aproveitou para ouvir a música do acampamento, talvez para continuar se orientando, mas não ouviu nada. Eles já teriam parado de tocar, ou ela e o menino estavam tão longe assim?

— Não sei se acho uma boa ideia — ele falou. — Não podemos passar mais um tempo aqui procurando?

— Eu vejo como está ansioso para se encontrar com eles, mas minhas costas já não aguentam mais. Por favor, vamos voltar... me dá sua mão.

Ele continuou pensativo, olhando sempre em direção ao acampamento. Ela não teve muita paciência e o puxou pelo pulso, sentindo certa resistência de início. Depois, ele começou a ceder e acompanhou seu ritmo.

— É que não quero incomodar...

— *É que* nada. Vem comigo.

E subir de volta era ainda pior do que descer, ela logo concluiu. Tinha de manter os pés apontados para os lados para não escorregar colina abaixo e, várias vezes, sentiu que a bexiga ia explodir e molhar suas pernas. Sentia-se tão estúpida por não lhe pedir que esperasse um pouco até que ela pudesse ir a uma moita e se aliviar, mas, por alguma razão, não falava nada.

— Sra. Dargo... — ele começou, timidamente.

— Alda. Sim?

— Melhor a senhora não subir.

— Do que está falando? Estou me mijando aqui. Nem deveríamos ter demorado tanto.

— Não, é que...

— Diga, então... por que não quer ir? Está com vergonha de tomar banho perto dos outros? Eu mando colocarem a tina dentro de casa, e ninguém vai vê-lo pelado — ela riu. — Bobinho.

— Não tenho vergonha de ficar pelado!

— Então o quê?

O menino se calou, mas, a partir dali, Alda sentiu que ele estava mais pesado para ser puxado. Ela teria continuado as perguntas até descobrir o que o incomodava, mas, ao sair das áreas mais fechadas da mata e dar de frente para as colinas que levavam direto ao acampamento, ela ficou ainda mais ansiosa por chegar logo. Em meio à clareira iluminada pelos prateados raios lunares, ela viu algo caído ao chão. Algo como uma pessoa desacordada. Puxou o menino com mais força e acelerou o passo. Ele, que também pareceu ver a pessoa caída, fez o contrário, puxando-a para trás.

— Não — sussurrou ele. — Vamos voltar.

Alda olhou com mais atenção e teve certeza de que aquilo no chão era uma pessoa. Um homem, aparentemente. E não podia ser um bêbado, pois ainda estavam longe das fogueiras. A base de sua espinha passou, involuntariamente, a ficar mais fria.

— O que está acontecendo, Curtume? Por acaso sabe quem é que está caído ali no chão?

— Não...

— Então por que não me deixa ir ver? Pode ser alguém ferido.

Ele já segurava o braço dela com as duas mãos e usava os calcanhares como freios. Estava determinado a não deixar que ela avançasse.

— Eles vão machucá-la também.

Um véu negro começou a tomar as vistas dela. Sentiu as pernas ficando subitamente mais amolecidas.

— Do... do que está falando, Curtume?

Ele desviou o olhar e não disse nada. Alda, então, com um puxão, soltou-se do menino, levantou a barra das saias e começou a ir mais depressa em direção ao corpo caído. Quando estava a mais ou menos quinze passos de distância, já conseguia discernir algumas características nas vestimentas e o reconheceu como sendo A'dual, o tenor. Uma mancha escura de sangue arrastava-se dos pés dele e

seguiam em direção à comunidade. Ela parou por um momento, meio que para recobrar o fôlego, meio que para criar coragem de avançar. Sua cabeça funcionava como um moinho, triturando pensamentos em alta velocidade, tentando entender, formular o que estava acontecendo. Eram saqueadores? E o garoto, que parecia saber sobre tudo? Fora ele quem os havia atraído até o acampamento? Teria de pensar em outra hora. A'dual estava muito machucado, e ela tinha de ir ver se ele ainda estava vivo. Então, soltou-se do pinheiro e resolveu ir até o amigo caído.

Foi quando uma sombra de um sujeito enorme se projetou morro acima. Um homem dos ombros mais largos que ela já vira, segurando uma espada na mão esquerda, coçando o topo da cabeça com a direita. Os cabelos eram raspados, exceto pelo tufo central, como uma crina de cavalo. Como que por instinto, ela se jogou no chão, cuidando para não dar nenhum impacto na barriga, e misturou-se às sombras do gramado. O suor começou a descer de sua testa até os olhos, fazendo-os ficarem ardidos. O homem aproximou-se de A'dual, ajoelhou-se e cravou a espada nas costas dele, sem pestanejar, enterrando-a até a metade. O amigo caído não se moveu. Já estava morto. Alda engoliu um grito de horror.

— Bärdey! — chamou ele, olhando para trás. — Serviço feito. Só confirmei, mas ele já estava caído. O filho da puta tinha muito sangue, mas eu disse que havia cortado direito! Está feliz agora?

O nome ecoou na cabeça de Alda. Bärdey... repetiu-se mil vezes, ricocheteando entre um ouvido e outro. Esse era o homem que Immas havia encontrado perto de Cerne! Com horror absoluto, ela deu-se conta de que o bandido conhecia a identidade do marido e viera atrás dela. Mas por que ela? Será que isso significava que...

— Não. — Curtume tapou a boca dela antes que ela soluçasse de choro. Ele sacudiu a cabeça, os olhos implorando para que ela não fizesse barulho, pois poderia ter o mesmo destino. — Você tem que fugir daqui, Sra. Dargo. Eu fui obrigado a fazer isso, mas a protegi, porque gostei da senhora. Não vá ao acampamento, eles devem ter matado todo mundo, porque é isso que pretendiam fazer. A senhora *tem* que ir embora!

— Maravilhoso, Canhoto! — ela ouviu a voz de Bärdey respondendo lá do alto. Uma voz rascante, asquerosa. — Agora pode voltar para o rei gorducho e fazer... o que quer que vocês fazem quando estão à toa.

— Não há pressa... — o grandalhão retrucou. — Ainda quero resgatar duas ou três garrafas daquela aguardente para a viagem.

— Não vá para a capital de jeito nenhum — continuou Curtume, sussurrando. — Bärdey é emissário do rei. Eu não entendo direito, mas eles fazem coisas juntos. Trabalhos e tal.

O menino destapou a boca de Alda, sempre insistindo para que ela ficasse em silêncio. Ela baixou a cabeça e começou a chorar da forma mais discreta que podia. Ainda não assimilara a ideia de que haviam matado toda a comunidade. Ela teria de ir até lá para ver.

— O que vou fazer?... — ela gemeu.

— Não sei, Sra. Dargo.

O homem grandalhão parou de subir a colina e olhou para trás.

— Espere aí, Bärdey... acho que ouvi algo.

Curtume arregalou os olhos, alarmado. Começou a ajudar Alda a se levantar.

— Saia daqui, Sra. Dargo. Saia depressa e em silêncio, por favor.

— Será o *carinha de couro velho*? — perguntou Bärdey lá do alto. — Se não for, encontre-o. Ele não pode ficar aqui sozinho.

— Sei lá se é ele — disse o homem da espada. — Mas vou checar.

Alda ficou de pé e começou a descer a colina da forma mais rápida e silenciosa que podia. Um calor começou a descer em meio às suas pernas, e ela se deu conta de que havia mijado sem perceber. Olhou para trás uma última vez e viu Curtume saindo de trás de uma moita e encontrando-se com o grandalhão.

— Ah, você está aí! — O homem deu um cascudo no menino, que reclamou.

— Ei! Isso dói.

— Por onde andou, putinho?

— Eu estava cagando! Por que você fica jogando cadáver onde os outros cagam?

— Eu não joguei, animal. Ele saiu andando degolado, que nem uma galinha.

— Ele virou-se para o alto, colocou a mão em concha na boca. — Eu o encontrei! Estava cagando, o moleque!

— Esplêndido!

E então Alda não viu nem ouviu mais nada. Entrou de volta na mata e andou tanto quanto pôde.

SEGUNDO TOMO

*O fogo corrompe o puro
E purifica o ímpio.*

Lamentos de Elenesta.

13 – Campanário

A mão veio no rosto de Symas com força involuntária. Sua própria mão. A ardência do tapa poderia tê-lo incomodado, mas a satisfação em ver o mosquito — enorme, do tamanho de um dobrão de ouro — esmagado em uma meleca sangrenta se sobressaiu. Mesmo à fraca luz da lua, os olhos experientes do ex-soldado captavam detalhes e nuances nos arredores. Não havia árvores por ali, mas elas não deviam estar longe. Mosquitões daquele tamanho gostavam das poças e regatos das florestas. Rios também os agradavam, mas Symas não tinha conhecimento de nenhum por aquelas bandas. Estavam próximos a um córrego, talvez? Era possível, e, se encontrassem um, valeria a pena apear, recarregar os cantis e dar um fresco ao cavalo, que já se mostrava exausto e com os pelos pingando suor.

A mão de Symas voou no ar de novo, mas, desta vez, não aberta em um tapa, tampouco em direção ao próprio rosto, mas rumo à cabeça de Cid, que ainda dormia debruçado na garupa como um porco. Foi como bater em uma cumbuca seca. O indivíduo estava apagado, e isso não era necessariamente ruim. Meteu os calcanhares nos flancos do cavalo e prosseguiu a viagem.

— Só mais um pouco, Gorbos...

Depois de quase meia hora a galope, Symas avistou um cocuruto cinza azulado despontando do chão e ficando cada vez maior. Conforme a montaria avançava, outra cimeira surgia, seguida de um monte, e mais outra, até que, quando vistos em sua totalidade, formavam uma cadeia composta por abrolhos e píncaros circundados de uma saia de encostas e colinas. Até onde podia ver, iam dos limites da parte nordeste de Eloche, não muitas horas depois de Cistol, até desaparecer na neblina, bem no coração enevoadado do reino de Piriele. Symas freou o cavalo para contemplar a vista. Fazia muito tempo que não botava os pés numa fronteira.

Ele já estivera ali em outra ocasião, mas, tantos anos atrás, que nem se atreveria a calcular. Na ocasião, era soldado de infantaria e teve destaque na *Batalha do Campanário*, quando o obscuro Bertom era ainda príncipe herdeiro. Magro na época e não participou da campanha, evidentemente. Symas sentiu as bochechas enchendo-se de saliva azeda. Conflito sórdido, como todos os outros. Seria possível encontrar novamente as velhas ruínas? E quanto a Bri'or? Quiçá ele estivesse descansando no mesmo lugar, sob o arco, se as tempestades já não tivessem varrido todo o resto. Valeria a pena a visita.

Com mais um cutucão nas costelas de Gorbos, a marcha recomeçou, só que colina abaixo desta vez. Agora ele sabia se orientar. Fez o cavalo cruzar cautelosamente por um terreno ruim e pedregoso, de onde se espichava um descampado ladeado por resquícios de antigas construções humanas. Eram as

últimas evidências das comunidades e vilarejos que floresciam ao redor da *Cidade do Sino*. Symas avistou veios ressecados — o que o preocupou um pouco — ornados por palafitas semidesmoronadas e recobertas por musgo seco. Procurou por um local onde o fundo do que fora o rio se erguia até quase a superfície, formando um vau, e atravessou para a margem leste. Com a travessia, foi imediatamente tomado por uma miríade de lembranças boas e ruins. A mão foi imediatamente até o punho da espada e, em seguida, até o pescoço, em busca do cordão. Com a miríade de lembranças, veio, também, como um balde de água fria, a urgência.

Logo ali, quase na beira do que antes era um imprescindível córrego, desdobrava-se uma campina absolutamente desolada, com vários acres de diâmetro. Palco de batalhas ainda mais antigas do que as do campanário. Ali a vida já dava indícios de abandono total. Restos de árvores mortas, erigidas apenas pela força constritora da terra, crânios compridos e chifrudos, botões metálicos de armas e escudos, um ou outro abutre esperançoso empoleirado em alguma estaca encarquilhada. Symas a cruzou em respeito total e silêncio, evitando até mesmo que sua mente se distraísse com pensamentos. Debaixo das patas do cavalo jaziam tantos mortos quanto se podia contar.

E foi nessa hora que Cid despertou.

— Quê?... — ele gemeu. — Quê?...

— Cale a boca — sibilou Symas.

Cid ergueu a cabeça, o que era o máximo que podia fazer.

— Para onde está me levando?

— Até uma árvore alta e vistosa. — Symas girou a cabeça e olhou para ele com olhos duros, mas com um meio sorriso de canto. — Acho que merece um enforcamento e um enterro dignos de um soldado.

Cid começou a se debater.

— Do que está falando, aberração? Me deixe ir embora!

— Ei, ei... estou brincando. Fique em silêncio por um momento, e já falo com você. Estamos em terras quase sagradas. Muitos dos seus irmãos morreram neste lugar.

O guarda balançou a cabeça de um lado a outro, esquadrinhando a área morta que os cercava.

— Isso aqui não é o campanário?

— Aqui, não. Mais à frente.

— Não tive irmãos mortos aqui. Agora, se puder me sentar direito, agradeço. Estou quase mijando seu cavalo inteiro.

— Não se atreva a fazer isso. E se não sabe o mínimo da história de sua cidade, Cistol participou, sim, da Batalha do Campanário. Não como Cerne, mas

todas as distritais participaram.

— Certo, professor. Agora me sinta direito. Minha cabeça está explodindo! Minha nuca está ardendo... O que pretende? Vai me matar como fez com as garotas? Não tenho medo de você.

— Tem, sim. E cale a boca.

Quando saíram do antigo campo de batalha, o terreno começou um aclave discreto, por onde seguiram até que as montanhas se tornassem apenas pontas surgindo no horizonte. O chão já passava a ser mais gramado, até mesmo com alguma incidência de tufos coloridos de capim-cidreira e *erva de amo* ; aqui e acolá brotavam ramos de camomila ainda não florida, botões de *olho de garça* e *polinas* , salpicando a relva baixa como sardas na tez das mulheres do leste. Symas saberia chegar à Cidade do Sino até mesmo de olhos fechados a partir dali.

No alto da colina surgia o forte, que ainda seria imponente e intimidador se não estivesse reduzido a um quinto do tamanho original e não passasse agora de um anel de blocos de pedra entristecido. Ao passar por ele, Symas podia reviver em sua memória trechos da batalha que o consagrou na guarda cernense. O arco que antes mantinha sob si a porta que dava acesso às escadarias da torre era uma boca aberta de um defunto, como todo o resto do cenário. Como tantos defuntos que Symas fizera na subida até o topo, para acender a fogueira de sinal.

— Eu vou insistir, ferreiro — Cid recomeçou o grunhido. — Por que estamos aqui?

— Não esperava que eu enfrentasse toda a guarda e o capitão, esperava? — Um momento de silêncio, e o guarda não respondeu. — Tive que trazer você como... *companhia* .

— E pretende me soltar em algum momento? Pretende ao menos me dar algo para beber ou comer?

— Assim que eu descobrir alguma coisa que me ajude.

— Como o quê?

— Você ouve muitas coisas trabalhando nos portões, Cid. Deve ter ouvido algo sobre Gilliam Bärdey.

— E por que pensa que vou querer ajudar o cara que me sequestrou?

— Colabore, Cid. É melhor para você.

— Não tenho que receber ordens suas. Pode lambar minha bunda se quiser.

Symas freou bruscamente o cavalo e desceu. Foi até Cid e puxou suas calças com força, até os joelhos, revelando as nádegas pálidas do sujeito.

— Ei! O que pensa que está fazendo?!

Symas ignorou a pergunta, afastou-se de Cid e atravessou um pátio de pedra em frangalhos, cheio de tufos de vegetação brotando pelas frestas. Abaixou-se e

começou a arrancar chumaços de capim, juntando-os numa mão.

— Oi! Ferreiro?

— Você me deu uma boa ideia. Não vou lambar sua bunda, mas o cavalo vai, depois que eu enfiar adentro esse capim.

E se aproximou do guarda, que começou a tentar se desvencilhar.

— Es... está louco?!

— Não se mexa, ou vai doer mais. Depois de te ornar o cu, vou te colocar no chão, para facilitar. Esse cavalo é bom, mas ainda não consegue comer dos próprios flancos.

Symas roçou o chumaço de capim no traseiro do guarda, que soltou um grito desesperado.

— Não, não! Eu falo, desgraçado! Filho da puta! Eu falo!

Symas contornou o cavalo e parou bem de frente de Cid, olhando-o no olho. Ergueu o capim perto do rosto dele.

— Não tente me enrolar. Eu posso sentir o cheiro de uma mentira a milhas de distância. Não vou ser legal contigo. Ficou claro?

— Ficou. — Cid deixou a cabeça tombar para baixo e respirou fundo. — Mas eu não sei muita coisa, eu juro. As notícias nunca chegam direito em Cistol, não sem alguém distorcê-las antes.

— Qualquer coisa já ajuda. Mas fale tudo que tem ouvido sobre Bärdey. Tudo. — Symas ouviu, bem distante, uma espécie de uivo esticado e distorcido. Ele conhecia aquele som. Tudo culpa dos gritos de Cid. Desgraçado. Ele realmente merecia um tufo de capim no rabo. — Mas não agora. Vamos achar um lugar para montar acampamento.

Gorbos começou a se agitar e a raspar as patas dianteiras no chão. Sem vestir de volta as calças no guarda, Symas subiu apressadamente no cavalo e esporeou suas costelas.

— Que uivo foi esse? — perguntou Cid, com a voz mole. — Não é o que estou pensando, é?

— É.

Os cascos bateram no chão em um trote que acelerou até um galope pleno. Cortaram a periferia em ruínas, aproveitando as velhas ruas de pedra que ainda se mantinham mais intactas que as bases das construções. Passaram pelo que no passado se chamou *Praça da Marcha*, onde tiveram de desviar de colunatas caídas, estátuas desmornadas e buracos grotescos na rua. Entraram em um beco estreito, cortando caminho para o bairro mercante e torcendo para que isso apagasse um pouco seus rastros. Mas Symas tinha pouca esperança. Quase nada no mundo tinha o nariz tão aguçado quanto os rabujos, e, se eles tinham sentido o cheiro do cavalo, iriam encontrá-lo.

Na larga avenida, era possível ver resíduos entulhados das fileiras de tendas e barracas que alegravam os dias santos da Cidade do Sino. A via, que antes era de terra socada recoberta por palha, agora era quase pantanosa, e a ponte, ao final dela, que levava ao bairro do templo, estava partida em três pedaços, graças às catapultas do imperador piriense. Symas havia se esquecido desse detalhe.

Os uivos distantes se comunicavam com outros mais próximos, e eles começavam a dialogar de uma forma que fez os pelos dos braços de Symas ficarem de pé. Com urgência, ele puxou as rédeas do cavalo e o fez dar meia-volta. Saíram da avenida pela esquerda e desceram uma trilha ladeada por pedras de lápide improvisadas e pilhas de elmos enferrujados, que ficavam às sombras de uma construção que fora majestosa, o palácio do tesouro de campanha. É claro que não devia haver sequer uma moeda restante no local, mas, se estivesse com Vescas na garupa, Symas provavelmente teria sido obrigado a descer para procurar. Com ou sem rabujo em seus calcanhares.

Cid, apavorado, sacudindo na garupa, mostrava-se uma companhia mais saudável, embora não parasse de reclamar sobre a bunda de fora.

Symas riu com o próprio pensamento e sentiu o gosto salgado de uma gota de suor que descia pelos lados do rosto.

— O que vamos fazer, ferreiro? — Cid resmoneou. — Você nos trouxe para um lugar infestado de rabujos!

— Cale a boca.

O cavalo desceu a trilha e chegou até uma vala onde o ar ficou subitamente mais fresco e agradável de se respirar. Era possível ver, ao longe, a baixada onde ficava o templo e o velho campanário, antes imponente como uma seta que se comunicava com o céu, tombado de lado e cheio de buracos. Era lá que iriam montar acampamento. Era lá que estavam enterrados seus antigos companheiros de campanha. Symas inspirou profundamente, sentindo o ar do vale refrescando e limpando seus pulmões. O som de água corrente veio como uma melodia de rabeca em seus ouvidos. O riacho ainda existia. Ele ergueu a perna, passou-a por cima de Cid e saltou para o chão. Valeria a pena abastecer os cantis, desde que isso fosse feito depressa. Sem perder tempo, sacou seu recipiente dos alforjes e, sempre olhando para os lados, caminhou até a beira da água. Gorbos raspava, nervoso, as patas dianteiras no solo.

Quando ele levou a boca do cantil na água, sentiu uma vibração discreta. De início, pensou se tratar das bolhas de ar que entravam no recipiente junto à água corrente, mas ele logo constatou que não era uma vibração, era um som. Um ruído tremido e meio gorgolejante. E não estava muito longe. Symas ergueu as sobrancelhas e logo depois os olhos, como se os movimentos bruscos do próprio rosto fossem capazes denunciar sua posição.

E então ele o viu, na margem oposta do riacho. O rabujo macho, rosnando para ele. Era uma criatura bem conhecida por todos, mas que nunca deixava de causar asco em Symas. Como um cachorro selvagem deformado, ele tinha a cabeça comprida como a de um pônei, orelhas pontiagudas — no caso dos machos — e um focinho ranhento que ostentava fileiras de dentes sobressalentes e pontiagudos, bem como quatro presas que perfurariam couro batido com facilidade. Os olhos eram dois carvões apagados e sem vida, as costelas despontavam da pele a ponto de ser possível contá-las com facilidade, e o traseiro extremamente magro não condizia com a quantidade de comida que consumiam. Mas a magreza não deveria servir para enganar um olho incauto, pois as pernas e as patas dos rabujos tinham força suficiente para fazê-los capturar sem dificuldades um veado em fuga.

Logo depois do rosnado, veio o cheiro de carniça. Os velhos diziam que, se um sujeito sentisse o cheiro podre de um rabujo, o animal já o tinha escolhido como comida. Symas sacou a espada e começou a agitá-la no ar, insinuando movimentos circulares. O rabujo atravessou o riacho como se nem houvesse água ali e saltou com os dentes à mostra. Symas jogou-se para o lado a tempo de tentar um ataque meio desequilibrado. A espada cravejada de brumo resvalou na pele dura e cheia de perebas da criatura, sem feri-la.

O animal pousou no chão, as patas flexionadas, a cabeça baixa e o focinho estremecendo. Ele preparava um novo bote, e Symas trocou a base dos pés, deixando a perna esquerda à frente. O rabujo lançou-se novamente ao pescoço de Symas, num movimento tão rápido, que parecia impossível sem uma boa tomada de impulso antes. O ex-soldado sentiu o filete quente da saliva do monstro colando-se em seu pescoço logo depois de se esquivar. O cheiro impregnou-se em sua pele de forma ainda mais asquerosa. Com um contra-ataque, Symas colocou força nos ombros e descreveu um arco de cima para baixo, sentindo finalmente a lâmina da espada penetrar o couro do rabujo, que arqueou as patas e ganiu desoladamente.

Symas tentou mais um ataque, mas a criatura, mesmo confusa, era rápida e moveu-se para o lado como se deslizesse pelo chão. O ataque brusco fez suas costelas latejarem, e as mãos baixaram involuntariamente. Quase perdeu o pulso por causa de uma mordida rápida feito um relâmpago, que, por sorte, pegara no pomo da espada. Por puro reflexo, Symas baixou a outra mão, como uma marreta, bem na cabeça da criatura. O rabujo soltou o punho da espada e andou para trás, dando uma oportunidade para que Symas o perfurasse com a ponta da espada, e assim ele o fez. Atravessou a lâmina até que um palmo dela fosse visível do outro lado, e então o monstro caiu.

Symas puxou a espada, pegajosa com sangue escuro, cravou-a no chão e se apoiou, respirando aliviado, ao passo que o rabujo dava os seus últimos espasmos

no solo.

Então um relincho cortou o ar e, em seguida, um grito de horror. Symas olhou para trás e viu outro rabujo próximo ao cavalo, com as presas cravadas no calcanhar de Cid, tentando puxá-lo para si.

— Tire-o daqui! — gorgolejava Cid.

Gorbos escoiceava o ar, e o rabujo fazia força. Estava prestes a derrubar o guarda do lombo do cavalo. Symas correu até o monstro já em posição de balestra, porém, meio tarde, pois o corpo de Cid já era arremessado ao chão. O guarda estatelou-se, e foi possível ouvir o ar escapando de uma vez dos seus pulmões. O rabujo, pressentindo as intenções de Symas, largou o tornozelo ensanguentado de Cid e arqueou-se, preparando-se para enfrentar um novo inimigo. A lâmina brumada não foi rápida o suficiente, e a criatura não teve qualquer dificuldade em dar um pequeno salto para trás. Contrariando o costume dos rabujos, este não pulou no pescoço, mas nas pernas de Symas, o que o pegou de surpresa. Para se defender, ele tirou o peso do pé de apoio, tentou contragolpear com o punho da espada, mas errou o movimento e se desequilibrou. O rabujo, implacável, tentou atacar a outra perna e foi tudo muito depressa. Cid machucado, Gorbos desesperado, o rabujo que se movimentava como o vento, o cheiro horroroso de carne podre... a dor nas costelas e no flanco. Como já era difícil se manter firme nas margens barrentas do riacho, Symas acabou se desequilibrando e caindo ao chão.

Seus cotovelos se afundaram na lama, e a espada bateu no solo sem fazer barulho. A primeira coisa que ele fez foi tentar apanhá-la de volta. Isso era mais importante que ficar de pé. O monstro, contudo, foi mais esperto e tentou abocanhar seu pulso. Salvou a mão da mordida por puro milagre e começou a se arrastar de costas no barro. O rabujo, desta vez, foi em seu pescoço, e Symas teve de ignorar a dor latejante nas costelas para rolar de lado e ver a criatura enterrar as presas na lama. Aí, sim, ele apanhou a espada e apoiou-se nos joelhos, para se levantar. O monstro retirou o focinho do chão, coberto de lama, e os olhos negros e baços quase faiscaram de ódio.

Symas enterrou os calcanhares, forçou a perna de base, já cansado de se esquivar, e tentou uma de suas melhores combinações. Atacou de cima para baixo, já sabendo que o rabujo se esquivaria rapidamente, e emendou, em um esforço que ia além de suas capacidades, com um arco lateral. Atingiu o monstro logo onde terminava o pescoço e começava o peitoral endurecido. O sangue preto esguichou, misturando-se à água barrenta. Como não estavam muito acostumados a serem estocados e feridos, os rabujos ficavam meio perdidos quando sangravam, e este, assim como seu companheiro, começou a ganir e a trocar as pernas. Então, Symas, aproveitando a brecha, diferentemente do que fizera na luta passada, aplicou o golpe final, decepando a cabeça do monstro, que rolou até quase encostar nas águas

do riacho. O sangue desceu em filetes serpenteantes pela margem e misturou-se à correnteza, colorindo-a de uma púrpura repugnante.

Symas resmungou um palavrão e foi trocando as pernas até Cid. O maldito ficaria bem, só precisava de uma bandagem, que sairia da própria camisa, é claro. Ele girou o pescoço e olhou na direção do campanário. Independentemente de o lugar estar infestado de rabujos, teriam de montar acampamento lá. Voltar estava fora de questão e daria ainda mais trabalho sair de fininho. Além do mais, o cavalo precisava desesperadamente de um descanso, a espada carecia de uma limpeza com vinagre e mais fio, e eles ainda tinham de cuidar para que o guarda falasse sobre os boatos envolvendo Bärdey e contivesse seus escândalos, para evitar que fossem atacados novamente.

É... o dia não tardaria a nascer e seria longo.

14 – A Caixa do Mezinheiro

Cerne, ano 6506, Era do Sol

Bärdey trocou o embrulho de lado, que já pesava em sua mão direita. Parou de andar e resolveu tomar um fôlego bem na sombra oferecida pelo anexo acima de sua cabeça, uma construção parecida com um corredor com janelas, responsável por ligar a casa de magistratura com as dependências do tesouro e da biblioteca municipal. Como era possível que ele, crescendo cada dia mais, achasse as compras cada vez mais pesadas? Talvez o velho Gobe viesse aumentando o rol em consonância com o crescimento da turma de aprendizes. Era a única explicação. Pelos deuses... não deviam colocar o mais raquítico da turma para carregar peso. Se ao menos Penumbra não estivesse acamado...

Retomando coragem para continuar, ele pisou no pátio ensolarado da praça e acelerou o passo. O movimento dos transeuntes estava a pino. Bärdey poderia ter passado pela ala de peixaria e carnes, cortando a direita e margeando o Orobos até o beco. Ele terminaria suas compras e iria comer, antes das lições, mas ainda havia algo a ser feito. Já tinha combinado tudo com a moça e só restava saber se o homem ainda estava no local. Decidido, marchou até o retângulo de chão batido onde os músicos e malabaristas ensaiavam, passou por baixo do palco, ignorando as batucadas percussivas dos surdos e tambores, e emergiu na ala aberta e quase libertadora de perfumaria, boticários e herbalismo. Ali era sempre mais fácil se locomover. Entrou por uma larga e solidamente chumbada rua de balaústres, sempre cabisbaixo, para não chamar atenção da guarda, e fluiu até a alameda do Palacete Diplomático.

A área era uma espécie de mercado de ricos, onde já se via a diferença em relação ao mercado popular logo pelo nível das barracas, que não eram mais de ripas e lonas, e sim prédios reduzidos de pedra e alvenaria, a maioria com portas, janelas, vitrais e placas excepcionalmente esculpidas e dependuradas por correntes. Estacionada ao longo de uma fileira de bétulas, uma carroça real cernense, com quatro cavalos robustos que descansavam à sombra, sugeria, a quem passasse por ali, que hóspedes importantes estavam na cidade. E ele sabia quem era. Pelo menos fazia uma ideia.

Então ele viu o que procurava e, por sorte, ainda estava ali: um grupo de homens, soldados oficiais da guarda, usando armaduras ainda mais protetivas, conversava e até se entretinha com as histórias de um dos homens mais estranhos que Bärdey, em seus quase onze anos de vida, já vira. Era um indivíduo muito mais alto que a maioria dos adultos, tinha os cabelos brancos e esquisitos,

encaracolados, de aspecto duro e, quando Bärdey o viu pela primeira vez, o homem usava um capuz. Suas roupas eram absolutamente inexplicáveis. Um tipo de meio gibão de peles brancas, ornamentado por penas de diversas cores e tamanhos — tão bem cortadas e presas ao seu tórax, que davam a impressão de serem capazes de proteger como uma boa armadura. O pescoço estava oculto por um colar quase inteiriço, formado por centenas de conchas idênticas e ladeadas por duas presas encurvadas de quase um palmo de tamanho cada uma. E ele não usava calças, mas algo como uma saia bordada, um pouco puída na barra, era verdade, mas, ainda assim, com tantos diagramas, círculos e triângulos habilidosamente bordados, que conseguia deslumbrar quem a fitasse. A mão direita, longilínea e de dedos delgados, repousava sobre o colar durante quase toda a conversa, ao passo que a esquerda segurava o objeto que atraía Bärdey até ali. Uma caixa.

Ele a viu pela primeira vez quando o homem parou no mercado popular, menos de uma hora antes, acompanhado da escolta. Na ocasião, o homem puxara a caixa para fora por um breve momento enquanto revirava seus alforjes e agora ele a mantinha na mão, completamente exposta, mostrando-a aos guardas e deixando-os igualmente encantados.

Não se tratava de uma caixa qualquer, mas um objeto hipnótico, quase enfeitiçador, de tão belo. Bärdey nunca vira nada tão delicadamente entalhado, ele gostaria muito de poder ler e analisar cada um dos desenhos na superfície da madeira. Alguns dos entalhes, e até mesmo algumas das simbologias nas roupas do homem, Bärdey só entenderia quando fosse adulto e líder da Ordem. Além de dispor dos belos motivos entalhados, a caixa tinha bordas que reluziam, sugerindo uma guarnição de ouro, o que significava que ela, por si só, deveria valer uma fortuna! Mas o que ela guardava? Era quase inebriante imaginar o que Gobe acharia de seu franzino aluno se fosse capaz de levar seu conteúdo até o esconderijo.

Mas chegar perto dela não seria nada fácil, por isso ele havia combinado com as putas.

O tal homem certamente não era nenhum idiota. Os guardas o tratavam por *mezinheiro*, e Bärdey não fazia ideia do que isso significava, mas era claramente um cargo importante, ou não fariam questão de pajeá-lo na porta do palacete enquanto seu amo conversava com as autoridades da capital. E mesmo que ele parecesse ser um homem bem velho, a pele escura exibia poucas rugas, e os dentes eram incrivelmente vívidos e intactos, o que era incrível, já que a maioria dos cavaleiros da capital, homens nobres e honrados, tinha lacunas onde deveria haver incisivos. Seus braços eram magros, mas com músculos bem definidos, firmes. Sim... aquele homem negro era de uma beleza especial, exótica, e Bärdey acreditava saber sua origem. Gobe havia falado de uma raça de homens que vivia

nas longínquas ilhas do leste, em especial a grande Gii-Mahkara, onde nenhum cernense tinha permissão de entrar. Nem cernense, nem qualquer pessoa dos quatro reinos. O povo de lá era fanático por sua própria cultura e conhecido por ser berço dos guerreiros mais valorosos do continente. Eram os giiudin. Gobe iria enlouquecer quando soubesse.

E então começou. Não foi bem como Bärdey esperava, mas ele teve certeza de que era sua deixa. Olhando para a direita, viu duas putas descendo uma rua próxima e chegando à praça. Duas desconhecidas, mas não devia ser coincidência. Elas vinham discutindo fervorosamente acerca de algo que, daquela distância, não era possível ouvir. E nem era necessário, pois, em pouco tempo, todos os olhares das redondezas voltaram-se para as duas. Quando elas estavam já bem próximas dos guardas e do mezinheiro, a discussão evoluiu para uma troca de sopapos e safanões. Pronto. Os três guardas — um só resolveria, mas Bärdey entenderia, um pouco mais tarde na vida, que, quando os homens veem uma oportunidade de se aproximarem de uma mulher sem parecerem intrometidos, aproveitam — deixaram o mezinheiro sozinho, que se manteve, curioso, a observar.

Bärdey sabia qual era o próximo passo e não perdeu tempo. Enfiou-se em um beco onde só caberia mesmo uma criança magricela e arrastou-se entre as paredes, enegrecendo os ombros com lodo, até vazar numa outra rua, perpendicular à posição do homem. Ali, ele já avistou a outra puta com quem tinha combinado. Ela se aprumava, preparando-se, e retocava os cabelos. A moça também colocou um dos seios para fora, o que Bärdey — nem um pouco impressionado, já que ele os via o tempo todo em suas *mães* — não entendeu bem. Mas ele não parou para perguntar, pois uma mera troca de olhares com a puta foi suficiente para saber que estava na hora. Sem perder tempo, mergulhou num buraco de escoamento na parede oposta à do beco de onde viera e ficou escondido atrás de uma grade. Estava bem escuro, e ele não seria visto. Era a vez da moça.

Primeiro, ela deixou cair uma cesta cheia de frutas e legumes, que saíram rolando ruela abaixo. Depois cuspiu no dedo e esfregou no olho, borrando uma maquiagem que contornava os cílios, dando-a o aspecto de quem havia chorado. Em seguida, encheu os pulmões e soltou uma lamúria melodiosa:

— Que azar... não bastasse a grosseria do tendeiro, agora perco toda a compra da semana, e não há um só guarda filho da mãe para ajudar! Alguém!...

E não demorou muito para que o mezinheiro, interessado, surgisse na esquina. Ele notou imediatamente que a moça lutava para recuperar suas compras — e ela, malandramente, catava algumas batatas ao passo que deixava outras escapar dos dedos — e abriu um largo sorriso:

— Vá, vá... — falou ele, como quem acalma uma criança chorosa — não é necessária tanta chateação. Eu ajudo com as compras. Afinal, é costume também

em minhas terras que as mulheres cuidem dos alimentos. Reconstitua-se e deixe comigo.

Dizendo isso, ele se abaixou e começou a catar pimentões e cenouras fugitivas. Uma delas parou bem próxima à grade, e Bärdey encolheu-se ainda mais, temendo ser visto. A sua bolsa com a caixinha, entretanto, manteve-se firme presa aos ombros.

— Quem é o senhor? — indagou a moça, enxugando as lágrimas falsas. — Pelas roupas, não é daqui.

— Acertou em cheio. Digamos que sou de... uma terra distante e que não vem ao caso agora.

Ela estendeu a cesta para que ele pudesse colocar os vegetais.

— Pode me chamar de Cadente — disse ela, sorrindo.

— *Cadente* ? Um nome deveras incomum, acredito. Mas eu não diria que não é bonito, pois não há nada na senhorita que não seja.

Ela olhou para o próprio seio, à mostra, e, com uma falsidade que Bärdey achou inacreditável, sorriu, envergonhada, e voltou a cobri-lo.

— Desculpe meu desmazelo, é que passei por certos apuros vindo para cá. Quanto a meu nome... — ela riu timidamente — talvez seja melhor que o senhor não saiba sua origem. É mais um apelido.

— Pois não precisa explicar, e ele é adorável, se quer saber. Eu sou um mezinheiro e, se não sabe, os mezinheiros são curandeiros com alta capacidade. Sim, eu sou. E meu nome é Ahmar, filho de Dahmar, o *cura dos ilhéus* . E, por favor... não me chame de senhor, pois quando penso em minha idade chego a perder o sorriso.

— Ah, você vem de uma ilha? Não é difícil adivinhar de qual delas, dada a forte tonalidade de sua pele. É um emissário? O grão-rei está tratando de negócios na bela Cerne?

— Me pegou, senhorita. Sou um giiudin, mas isso não deve ter exigido de você grandes virtudes investigativas. Eu me misturo à multidão tão bem quanto um galgo em meio às raposas. — Ele riu generosamente, exibindo a bela dentição perolada. — E, com a idade já mais avançada, deve imaginar como me desloco como uma sombra pelas vielas.

— Não diga bobagens, o senhor está em excelente forma. — Ela se aproximou e o tocou no ombro, enquanto ele colocava na cesta o restante dos pimentões rolantes. — E vamos falar a verdade... um sorriso tão bonito é um deleite que todas na capital deviam apreciar.

— Agradeço, senhorita.

— E esse peitoral de fazer inveja em qualquer candidato a escudeiro, hã? — Ela passou as mãos pelos firmes trapézios do mezinheiro, que, se estava com

qualquer timidez, não parecia. — Deixe essa bolsa no chão por um momento, acho que vale a pena conferir como essa juventude não escapou de seu corpo.

— Não entendo, senhorita — disse o curandeiro, checando rapidamente se não vinha ninguém.

— O que há para entender? Estou lhe oferecendo uma particularidade dos serviços prestados em Cerne.

— Ah... — Ele riu de novo, dessa vez, mais tranquilo. Devia estar habituado à prostituição em Gii-Mahkara. — É uma cortesã. Não acha, nesse caso, que devíamos procurar um local mais reservado?

Não, sua idiota. Diga que não.

Nessa hora, Bärdey viu que certo volume começou a se mover involuntariamente por baixo dos saiotos do homem. A mão delicada dela subiu pela coxa do giudin e parou bem na virilha.

— Não é o que o *seu amigo* aqui está dizendo.

— Senhorita... os guardas vão ver.

Estava dando certo, pois a bolsa com a caixa foi largada no chão. Bem perto das mãozinhas de Bärdey. Como era esperta aquela puta...

— Como está o saquinho? — ela falou e gargalhou como uma criança travessa. — Claro, me refiro ao de moedas.

— Acredito que... posso cobrir seus serviços.

A mulher colocou a mão direita entre as pernas do curandeiro, que já tinha os olhos fechados e a cabeça jogada para trás, e começou a fazer carícias ali. Bärdey não perdeu tempo e abriu, o mais discretamente possível, a sacola do homem e tocou na caixa. Ouro. Ouro puro. Sua boca chegou a salivar, mas ele não a levaria, pois certamente não chegaria longe quando o giudin desse por falta do objeto. Em vez disso, moveu um mecanismo de tranca da caixinha e contemplou apenas o conteúdo. Sua respiração falhou por um momento ao bater os olhos sobre a pedra.

Era difícil descrever a beleza do mineral, a começar por sua cor: uma mistura de azul, violeta, amarelo e até laranja. Lisa, grande como uma batata, ela era recheada por uma arte que só podia vir das mãos dos deuses, principalmente Giius, o mais sensível dos seres. Algo como nuvens carregadas de tempestades fluíam por dentro do sólido — e pareciam literalmente se mover —, ao passo que raios dourados como os da sobretarde lhe davam volume e provocavam a vontade de lançar os olhos para o céu, a fim de conferir se o tempo estava, de fato, fechando.

Agora a caixa já nem interessava mais.

Cheio de uma culpa que o assolou de uma hora para outra, Bärdey olhou para o mezinheiro e quase pediu desculpas pela bisbilhotagem. O velho, entretanto, estava em outro plano nessa hora, afinal, a puta já se apoiava nos joelhos e fazia,

no membro duro do sujeito, coisas com as mãos e a boca. Mais uma vez, uma imagem que ele estava cansado de ver em casa.

Então, de forma quase involuntária, o menino envolveu a pedra, sentindo a frieza incomum do objeto nos dedinhos, e a ocultou em sua própria bolsa. Ele preparou-se para dar o fora dali, mas uma alfinetada no cérebro o manteve no lugar. *E o peso?* A pedra era bem pesada, e o curandeiro notaria isso tão logo colocasse as mãos na sacola e a erguesse do chão. Milagrosamente, uma das batatas da puta havia rolado para dentro da grade de escoamento e tinha um tamanho parecido com o da pedra. Bärdey catou-a do chão, sopesou-a e, satisfeito, colocou dentro da complicada caixinha. Os gemidos do velho começaram a ficar mais altos, e sua respiração, mais ofegante. Também era possível ouvir que o bate-boca das duas putas com os guardas havia diminuído de volume, mas não terminado. Esplêndido.

Aproveitando uma brecha, deslizou pelo buraco, meteu-se de volta no beco e deu o fora dali. A puta mereceria, mais tarde, seu pagamento.

15 – Bor'ze'il

Ashia sentiu ainda mais a pressão da lâmina no pescoço e teve certeza de que a qualquer momento sua pele seria rompida.

— Responda, giiana — disse a voz fria de mulher em seu ouvido. O hálito era quente. — O que faz aqui?

Essa palavra reverberou na mente de Ashia. *Giiana*. Não era a primeira vez que ela era chamada disso. Não era o povo que vivia na ilha distante, ao leste, o chamado giudin? Não eram eles que ela devia encontrar em Rio Largo?

— Não sou uma giudin... — ela conseguiu responder, meio engasgada.

A mulher resmungou baixinho, mas não afrouxou a pressão. Ashia sentia o cheiro que vinha dela. Sangue ressecado e ervas maceradas.

— Uma mestiça, então. Isso não importa. Pela última vez, responda à minha pergunta.

— Por favor, não me mate. Meu irmão ficará totalmente sozinho. Não estamos aqui para invadir seus domínios, estamos de passagem para Rio Largo.

— Rio Largo, hein?... E onde está esse irmão? Você já o abandonou, pelo visto.

— Não! Ele foi coletar lenha para a fogueira. Estava logo ali! Aposto que foi você quem o pegou!

Nesse momento, Ashia esperou ser degolada, mas, ao invés disso, a faca liberou o pescoço, e a dona da voz deu a volta para que ficassem frente a frente. Era a figura mais impressionante que Ashia já havia visto. Uma mulher alta, quase que completamente careca, exceto pela fina trança vermelha no lado esquerdo, que percorria desde o alto da orelha até a nuca, por onde despencava e ficava balançando a cada movimento. O resto da cabeça era raspado à perfeição. As roupas, de tecidos leves, estavam menos sujas do que deveriam, as manoplas e botas eram compridas, de couro reforçado, e uma capa cor de terra caía pelos ombros, assim como uma aljava e um arco que parecia incrivelmente leve. Mas Ashia ficou impressionada, de fato, com as feições dessa mulher. As sobrancelhas eram inexistentes, deixando o rosto comprido ainda mais ovalado. A pele, ainda que fosse marcada por antigas escoriações, mantinha uma espécie de feminilidade rústica. E os olhos, muito maiores do que se esperaria de uma mulher, tinham íris amarelas e pupilas cortadas na horizontal. Uma visão rara. Uma drinar.

A caçadora abaixou-se, tocou o queixo de Ashia, erguendo-o levemente, e estudou seu rosto por uns instantes. Os dedos longilíneos correram pela marca da faca no pescoço.

— Está doendo? Eu a machuquei?

— Não... estou bem.

Ashia não entendeu o porquê de ter sido solta de repente, mas não comentou. Quem falou foi a mulher drinar.

— Meu nome é Bor'ze'il, e o seu?

— Ashia.

— Muito bem, Ashia — o tom de voz da drinar ficou mais tênue de uma hora para outra. — Quer me contar o que aconteceu? Você parece ter passado por maus bocados. E, mesmo por baixo dessas ataduras, posso sentir o cheiro de carne infeccionada vindo da sua mão. Há também marcas de queimadura na região da clavícula e sabe-se lá onde mais.

— Maus bocados?... Eu... não me lembro de tudo com clareza... Não podemos encontrar meu irmão antes?

O rosto de Bor'ze'il ficou sério.

— Ashia... ninguém anda por aqui sem que eu saiba. Este é o meu território e também dos meus irmãos. Nada nem ninguém se move por aqui sem que eu ouça. Você está sozinha e, pelo visto, precisa de ajuda.

Mais uma pessoa chamando-a de louca.

— Não é verdade!

— Tome, mastigue isso. — Bor'ze'il meteu a mão na sacola que trazia consigo presa ao cinto e tirou dela um ramo de ervas parecido com um ramo de tomilho ou alecrim. — Vai fazer com que se sinta melhor.

Ashia sabia que deveria declinar, mas não sentiu qualquer impulso em desconfiar da mulher. Era uma sensação inexplicável. Apenas obedeceu e colocou as ervas na boca, mastigando em seguida. O sabor começou meio adocicado, mas logo envolveu a língua em uma mistura de adstringência com amargor. Ainda assim, a sensação de dormência ia preenchendo sua boca, cobrindo as paredes das bochechas, fazendo-a querer mastigar ainda mais.

— Isso é *charra doce* — comentou a drinar. — Deve fazer com que sua cabeça fique mais leve, mas não se preocupe. Não lhe fará qualquer mal. Mas é só para mastigar, não engolir.

Era verdade. Ashia sentiu que seus pensamentos começavam a saltitar sobre bolas de algodão. Esquadrinhou os arredores, e as árvores pareciam balançar numa dança suave, bem como a grama, que agora passava a exalar uma delicada camada de vapor em resposta aos raios solares. Só agora, sentindo um profundo relaxamento, ela percebeu o quanto seu estômago estivera contraído durante os últimos dias. Uma espécie de melodia soou em seus ouvidos. Melodia saída da boca da mulher drinar.

— Agora é hora de me contar o que aconteceu, Ashia. Cerne fez alguma aliança com os giiudin? Mandaram você para cá?

As perguntas não fizeram qualquer sentido, pois Ashia já estava praticamente sonhando acordada. Então, fragmentos de memórias começaram a perpassar sobre os seus olhos. Uma discussão em uma mansão. Sim, uma mansão em que morava, que podia chamar de sua. Todos os empregados reunidos, até mesmo aqueles que trabalhavam com o gado e as cabras. Um homem em roupas exuberantes recitava, a todos os presentes, trechos de um livro espesso. Ela conhecia aquele livro. *Lihta Bherme*. Um livro de botânica?... Em seguida, veio a imagem de todos na casa apontando o dedo para ela, e, logo depois, ela era expulsa da mansão, sem saber o motivo, e levava Pitra consigo.

— Continue mastigando, Ashia. Não pare e tente não engolir.

Música... música.

As próximas memórias vieram embaralhadas. Em determinado momento, Ashia e o irmão estavam brincando e pulando pelas estradas e, num outro, andavam pé ante pé em um templo escuro e aparentemente abandonado. Uma urna com cinzas se espatifava no chão. Dois pedaços de papel, como cartas. Ela retornou novamente para a estrada, onde olhava para uma folha azul que trazia na mão... Amanila? Um outro fragmento. O Sr. Degar morto, estirado na cama, bem como sua mulher. Os pés dele, com os dedos azulados, saltando para fora do colchão. Dor, muita dor. E mais outro. Ela se viu ainda criança, observando, impotente, enquanto os marujos embrulhavam o corpo de seu pai para atirá-lo ao mar. Onde estaria sua mãe? Não a via em parte alguma no deque.

De repente, tudo ficou escuro e pastoso demais para se sustentar. Sua boca deixou escapar a gosma esverdeada e seus olhos se fecharam quase que involuntariamente.

Quanto tempo havia passado?

Ela abriu os olhos com dificuldade e não viu mais o renque de árvores enfileiradas. Tudo nos arredores estava em escuridão total, exceto pela área em que ela se deitava. Um círculo de luz não muito maior do que uns cinco ou seis passos, trazido por uma fogueira. A drinar estava ali perto, concentrada em empalar o coelho pela boca e colocá-lo num dispositivo armado por cima das chamas. Pitra estava afastado, no limite entre a área iluminada e a escura, distraído com alguma coisa. Ashia suspirou e, como numa conexão mágica de pensamentos, a caçadora virou-se para ela.

— Ah, está acordada. — Ela deixou o coelho sapecando no fogo e aproximou-se, já mexendo em sua sacola. — Como se sente?

Era uma boa pergunta.

— Estranha... — disse Ashia. — Minha cabeça parece feita de metal, e meu cérebro parece estar desconfortável dentro dela.

— Ótimo.

— Péssimo. E minha boca está com aquela sensação de repuxo nas paredes internas. E o gosto amargo está pior, agora. Senhora drinar... o que estou fazendo aqui?

Bor'ze'il ignorou a pergunta.

— Isso significa que a erva está fazendo efeito.

— Mas por que eu preciso disso? — Ashia perguntou, já olhando em direção a Pitra, na esperança de que o irmão pudesse se juntar à conversa, mas ele havia desaparecido novamente. — Pitra... onde o encontrou?

A caçadora riu e estendeu a mão. Outro ramo de charra doce.

— Você tem um estoque dessa coisa?

— Todos temos. Serve para uma infinidade de tarefas. Por favor, mastigue.

Ashia pegou o ramo, mas não o colocou na boca. Em vez disso, olhou para Bor'ze'il e comentou, com tristeza:

— Eu me lembrei de algumas coisas.

— Eu sei... você as falava em voz alta. Parece que não é uma espiã giudin, afinal de contas.

— Pitra não precisa de um pouco também? Ele tem seus próprios fermentos.

— Ele não está aqui, e você sabe disso.

Os lábios de Ashia se retorceram.

— Não é verdade...

— Não mesmo — Pitra sussurrou, de algum lugar atrás dela.

Bor'ze'il, meio que antecipando o que Ashia faria em seguida, colocou as duas mãos no rosto dela e segurou firme, para que sua cabeça não se virasse para trás.

— Seu irmão não está ali, Ashia, é coisa da sua cabeça, e eu posso provar. Sabe como? Pitra é o nome dele, correto? Peça para que ele te conte o que está vendo atrás de você. Há uma ave noturna pousada num galho a poucos passos de nós. Peça para que ele a descreva.

Ashia tentou forçar a cabeça, mas foi inútil.

— Não. Qual é a necessidade disso?

— Peça a ele, Ashia.

Ela gaguejou, como se tivesse medo do que ouviria a seguir, mas perguntou assim mesmo:

— Pitra, irmãozinho. Descreva o pássaro para nós. A drinar está olhando para ele. Pode fazer isso?

Alguns instantes de silêncio se seguiram, deixando Ashia ainda mais insegura. Porém, veio finalmente a voz do menino:

— É um *noitibó*. Está meio camuflado entre as folhagens.

Os olhos de Ashia se iluminaram. Era um de seus pássaros favoritos. Ela riu e olhou triunfantemente para a drinar, falando em tom de desafio:

— Satisfeita? — Ashia arrastou um pouco a pergunta, com sarcasmo infantil.

A drinar sorriu, piscou pesadamente e liberou o rosto de Ashia, que olhou imediatamente para trás, a fim de conferir a descrição do pássaro.

Havia uma coruja. Albina, branca como a neve.

— N... não — gaguejou Ashia. — Tem algo errado.

— Coisas ruins aconteceram contigo, Ashia. Eu quero apenas ajudar. Mastigue, vamos.

Talvez a drinar não quisesse ajudar coisa alguma. Talvez as perguntas e as ervas fossem para satisfazer uma curiosidade egoísta, mas, outra vez, Ashia foi tomada por uma vontade estranha de obedecer. Ela enfiou o ramo de charro na boca, e os sabores voltaram. Não demorou muito para que a cabeça dela começasse a latejar. Ela levou a mão à têmpora e começou a pressionar, meio que para aliviar o desconforto, meio que para espremer as lembranças para fora da cabeça. Sentiu a mão da drinar segurando a sua.

— Não lute, Ashia.

Não, ela não queria aquelas imagens. Por alguma razão, sabia quais viriam a seguir, mas foi inevitável. Ela e Pitra saindo, escondidos, do templo. Homens fedorentos e mal aparentados os cercaram na boca da caverna. Um deles era baixo, tinha o rosto deformado e a cabeça achatada. Tinha as mãos extremamente fortes... um outro apareceu sorrindo, e Ashia sentiu calafrios. A pele dele era coberta por eczemas que fediam a pus. Ele passava a língua pelos lábios enquanto olhava para ela, e ela se sentiu totalmente nua e vulnerável.

— Pare com isso! — Ashia berrou, conforme sua mão esquerda procurava por algum objeto no chão que pudesse ser usado como arma.

Ela encontrou uma pedra e a atirou bem ao rosto da mulher drinar, que sequer piscou. O objeto surpreendentemente se espatifou em pleno ar, um palmo antes de atingir o alvo.

— Não lute, Ashia, eu já disse.

Como ela fez isso ?...

— Por favor, pare...

Quando Ashia terminou, lembrava-se de tudo, até o momento em que havia chegado ali, sozinha. Ela deixou o corpo tombar para frente e começou a chorar. *Pitra... por quê? ...* Por que ela inventara de sair à procura de remédios para uma doença que ela não conhecia? Por que levava Pitra, uma criaturinha tão inocente, consigo? Não sabia sequer se o irmão havia sido enterrado com dignidade. Ficou pensando em seu corpinho caído ao lado de uma árvore, os corvos tirando proveito

dele, os vermes se refestelando. Uma golfada de ácido subiu pela garganta, e ela jogou a cabeça de lado, fazendo vômito e expelindo a pasta esverdeada do charrodoce. A mão da caçadora pousou gentilmente em seu ombro.

— Sinto que tenha passado por isso.

Ashia sentiu mais convulsões estomacais e tentou vomitar novamente.

— Contudo — prosseguiu a drinar —, temo que tenha sido necessário.

— Como pode fazer... — Ashia se interrompeu, para cuspir outra gosma de saliva azeda que se ajuntara em sua boca. Um fio de baba ficou preso em seu queixo. — Como pode fazer a mínima ideia do que passei?

— Lembre-se de que está invadindo as terras dos desertores, Ashia. Eu a encontrei à deriva e não a abati por mera curiosidade. Nenhuma lei de minha terra teria me punido por isso. Se a ajudei, foi por compaixão, e deveria ser grata por isso.

— Devo esperar que tenha algum outro truque para amenizar a dor que sinto agora?

A caçadora deu um meio sorriso enquanto mexia de novo em sua sacola.

— Tenho. Tempo.

Ela sacou um pedaço de pano limpo e um frasco contendo um líquido parecido com chá.

— Não sei o que fazer agora... — disse Ashia, olhando para o céu com os olhos remelentos. Ela só sentia uma dor insistente e vontade de chorar. — Estou completamente sozinha. Eu nem devia estar no meio deste mato.

— A essa altura, ainda que não seja mais seu instinto primário, é inevitável que continue seu caminho até Anahur. De lá pode conseguir um barco que a conduza de volta a Porto de Marea, ou... não sei. É com você, agora. Mas, por ora, digo para que não pense nisso. A noite está chegando, e não recomendo que ande por aí sozinha. É minha convidada para jantar e pernoitar, se quiser.

— Não tenho medo de animais selvagens, tampouco tenho fome — mentiu Ashia, duas vezes.

— Não me refiro a feras, e sim aos meus irmãos.

— *Desertores*, você tinha dito?

— Precisamente. São muitos os drinares que vagam por aqui, e eles nada sabem sobre você, ainda. Mas amanhã lhe conto melhor, se me deixar trocar as ataduras de sua mão e dar um jeito nessas suas roupas. E se comer um pouco do coelho, é claro. Afinal, foi você quem o encontrou. É um convite de uma viajante a outra, e não é cortês declinar. O que diz?

16 – A Caverna

— Por que ele escolheria um lugar desgraçado como esse? — Vescas perguntou, indignado.

Encontravam-se em uma área mil vezes pior do que a visitada por ele na última noite, quando dormiu na floresta. Era um brejo escuro, com aquele tipo de água mais escura ainda, porém disfarçado por uma fina camada de relva, para ajudar os crocodilos a se camuflarem. Toda vegetação maior do que um palmo estava morta e retorcida, como se o próprio ar do lugar fosse nocivo. Cada plegada onde pisava espetava e machucava seus pés, fosse ela terra mais seca, fosse submersa. E fedia. Pelos deuses, Vescas não se lembrava de ter sentido tanto fedor em sua vida — com exceção, talvez, do episódio com os lagartos na beira do lago. Agora era como se a própria lama no entorno dos charcos tivesse sido uma criatura que agora estava morta fazia uma semana.

Pelo menos era numa clareira, e não na floresta. Não estava quente, mas batia sol na área e já estava de bom tamanho. Ao longe, era possível ver o paredão negro formado pelas árvores ressecadas, e ainda assim era uma visão opressora. Vescas especulou se, em algum lugar ali, a criatura sombria da noite passada não estava de tocaia, esperando para que ele se distraísse.

— Você me pergunta porque acha que sei ou por não conseguir ficar sem falar? — retrucou a velha, que se arrastava à frente, indicando o caminho.

— Que mau humor... deuses.

— Acha que não pedi para que o senhor Billa pernoitasse em minha cabana? Não sou tão megera quanto pensa. Se ele veio para cá, foi porque quis. Devia ficar satisfeito que ele não tenha ido procurar por conta própria e pediu minha ajuda. Conheço esse lugar como a palma da minha mão.

— Eu não disse que a culpa era da senhora... Aliás, qual é mesmo seu nome? Me esqueci, desculpe.

A velha remexeu as bochechas e cuspiu no brejo. Inúmeros girinos subiram à superfície da água para interagir com a espuma do cuspe.

— Eu não disse meu nome.

Vescas esperou que ela concluísse, mas ficou por isso mesmo.

— Ah... — Ele apontou com a cabeça para a lagoa verde diante deles. — Teremos de entrar nisso aí?

— Não. Vamos contornar e seguir na direção do poente. E rápido, pois não gosto daqui.

— Falta muito?

— Já está cansado? — Ela riu, exibindo as gengivas ociosas.

— Para sua informação, passei a noite em claro e não foi nada, nada agradável. Tinha uma... uma coisa atrás de mim. Mas provavelmente vai caçar de mim e dizer que era um gato selvagem.

A velha, ainda sorrindo, aproximou-se subitamente de Vescas. Ela o olhou de cima a baixo e o farejou várias vezes seguidas. Murmurando algo a si própria, ela assentiu com a cabeça.

— O que foi?

— Nada — ela respondeu. — Você poderá dormir na caverna, se é fresco demais para seguir mais um dia de viagem. Aposto meu incensário como o mestre Billa acendeu ao menos uma boa fogueira. E ele tinha comida de sobra, pelo que vi.

— Ele tinha, sim, pois levou praticamente todo nosso estoque. — Vescas ponderou por um momento. — Agora que mencionou, não é mais provável que Billa já tenha recomeçado a viagem? Ele tinha me dito algo sobre Carga de Barro, mas talvez tenha comentado com a senhora sobre a direção para a qual ele seguiria.

— Como eu disse antes, não chegarão a Carga de Barro saindo daqui. Ele ficou bem chateado quando eu disse, mas é possível que ele siga direto para Folha Seca.

— *Peleiros* também fica longe?

— Fica. Mas é ligada por mais estradas, e nenhuma sai daqui. Insisto, rapaz, Folha Seca.

— Não respondeu minha pergunta. O que a faz pensar que ele já não recomeçou a viagem?

— Nada. Você pode partir deste mesmo lago em direção ao nascente e já seguir para o vilarejo. Contudo, não vá ficar com cara de chapéu usado caso não encontre seu amigo por lá. Ele disse que queria uma caverna, e uma caverna eu o dei. Uma vez que estamos aqui, é melhor checar, não acha?

— Acho que tem razão, não sei...

Ela o ignorou e apontou o dedo, que mais parecia um galho seco, para uma das margens.

— Desta vez você vai na frente. Essa região é cheia de cobras.

Não muito depois, saíam da área pantanosa. Vescas tinha as canelas recobertas por uma camada seca de barro, e uma de suas botas enchia-se d'água como um barco furado. O solo embranquecera de repente e ficara plano como uma margem de rio, mas não conduzia a um corpo d'água, e sim a uma parede anelada, como um barranco, que formava uma meia-lua esverdeada por musgo e enfeitada por raízes retorcidas. Em determinado ponto desse anel, uma discreta entrada ia se

revelando aos seus olhos. Ele olhou para o céu. O sol não se movera muito. Estavam bem adiantados.

— É essa a caverna? — ele perguntou.

— Parece uma caverna?

— Estou vendo que é uma. Não sei que motivo os velhos têm para cismarem comigo. Billa fala do mesmo jeito. Quero saber se essa é a *sua* caverna.

A velha riu, e Vescas teve certeza de que ela estava pensando em alguma piada indecente.

— Minha caverna... — ela repetia, divertida.

Vescas se aproximou da entrada. Era estreita e certamente não fora cortada por mãos humanas. Ele teve de remover uma cortina de trepadeiras para poder avistar o interior. Absolutamente escuro.

— Billa! — ele gritou, deixando a voz ecoar antes de continuar. — Está aí, infeliz?

De repente, Vescas sentiu sua nuca ficando gelada. Seus ouvidos captaram bem de perto uma sequência de estalar de dentes. Seu coração quase parou de bater. Ele olhou para trás, com a voz presa na garganta, mas não viu nada, apenas o rosto curioso da velha, que esperava a alguns passos de distância, com os braços cruzados.

— Que foi? — ela indagou. — É claro que ele não iria responder, essa merda é profunda, não é uma toca de urso.

— Não, é que... — ele olhou em volta, mas tudo parecia normal. — Não ouviu isso?

— Isso o quê?

— Um ruído, um monte de cliques. Não ouviu?

— Rapaz, acho que bateu com a cabeça. Vai entrar ou não?

— Vou sim...

Ele lançou um último olhar aos arredores e mergulhou na escuridão da caverna. Ficou repetindo a si mesmo que não era novidade. Ele já havia passado por coisa pior ao lado de Symas. Ficaria tudo bem. A velha vinha logo atrás, mas, por alguma razão, isso não o fazia se sentir mais seguro.

Não demorou muito para que os olhos dele se acostumassem à escuridão, e ele pôde caminhar pelas galerias com relativa facilidade. O piso não era muito escorregadio, e as paredes mostravam-se irregulares o tempo todo. Ora os corredores se alargavam, permitindo que ele explorasse com mais calma, ora se afunilavam em gargalos, despertando nele nuances claustrofóbicas. A boa notícia era que os corredores não se bifurcavam, caso contrário ele teria de enfrentar uma espécie de labirinto no escuro. Mas não, era um caminho linear. E foi fácil identificar a atividade de Billa na noite anterior. Vescas passou por uma espécie de

antessala onde havia uma tocha apagada presa à parede, uma prateleira improvisada feita de raízes trançadas e até uma escada de cordas, já apodrecida, esquecida no chão. Do teto vinha, além de raízes penduradas, um filete muito bem-vindo de luz, proveniente de uma rachadura.

— Parece que ele andou fuçando por aqui — comentou a velha, com a voz serena.

— Eu diria que sim. — Ele fungou e contraiu o nariz. — Está sentindo esse cheiro?

Vescas abaixou-se num canto e identificou um montinho de dejetos. Não pareciam muito velhos, talvez da noite anterior.

— Olhe — ele chamou a velha. — Ele realmente passou por aqui. Quer dizer... é humana, não é?

A velha se aproximou e deu uma farejada profunda. Seu rosto permaneceu impassível.

— É sim. A pior bosta da natureza. O seu amigo cagou aqui na noite passada, não há dúvidas.

— Billa! — Vescas gritou, com as mãos em concha.

A velha fez uma careta e tapou os ouvidos.

— Está maluco? Pare com esse berreiro. A quantidade de eco que isso faz...

— Qual é o problema? É só um pouco de barulho.

— E se o seu amigo tiver sido comido por uma fera selvagem? Vamos acabar entrando no cardápio também.

— Ah, pare de exagerar. Não sou tão medroso assim, e a senhora disse que conhecia o lugar.

Eles continuaram avançado por mais algumas galerias, claustros e passadiços, até que, depois de certo progresso, Vescas sentiu os pulmões se enchendo de ar mais fresco e limpo. Alcançaram um tipo de câmara, ou saguão, mas que era uma área aberta demais para ser considerada um cômodo. Na verdade, era impossível distinguir qualquer teto ou parede ali, e o pouco de visão que ele havia ganhado dentro da caverna havia sido reduzido a quase nada. Arrependeu-se amargamente de não ter ao menos tentado acender a tocha que tinham encontrado.

Com cuidado, ele avançou pela trilha menos escorregadia que seus pés tocavam. A velha, colada atrás dele, não dizia coisa alguma, pois certamente estava tão apavorada quanto ele. Era óbvio que ela conhecia a região, mas talvez nunca havia entrado ali. Ela não enganava ninguém com aquele papo de que conhecia tudo como a palma da mão. Aliás, que diabos Billa tinha na cabeça para se enfiar num lugar daqueles?

Ele parou quando chutou uma pedrinha e percebeu que ela não rolara para frente, mas despencara.

— Ôu... — Ele estacou de repente. — Isso aqui é um precipício. Sim, uma porcaria de um precipício. Nem mais um passo, e não encoste em mim.

Ele sentiu um cutucão nas costas.

— Está tão cego de medo, que não consegue ver a ponte?

— Que ponte?

— À sua esquerda. Dois passos. Uma ponte.

Vescas apertou os olhos e concentrou sua atenção na escuridão. Havia realmente algo ali que parecia uma ponte. Como ela conseguia ver aquilo com tanta facilidade?

— A senhora por acaso tem olhos de gato? Pensei que na sua idade as vistas ficassem piores. E não me diga que já passou por aqui, pois sei que não.

— Fique sabendo que eu provavelmente já entrei aqui, sim. E, se quer saber, minhas vistas *ficaram* piores. — Ela cuspiu no precipício. Vescas sentiu uns perdigotos voando em seu braço e sentiu um calafrio de repulsa. — Quando eu era uma moça, aí, sim. Bons tempos. Eu podia identificar um ladrãozinho mequetrefe como você a léguas de distância.

— Eu já disse que não sou ladrão.

— É, é, já sei. E eu sou virgem.

Com um muxoxo de birra, Vescas deu alguns passos para o lado e experimentou a ponte. Já podia ver um pouco melhor e se apoiou nas cordas laterais. Ela não era muito comprida, uns três ou quatro passos, e logo eles estavam do outro lado. E a sensação ali era quase de estarem em outra caverna. A câmara aberta se fechava bruscamente e convergia em outra abertura de corredor. De lá, vinha um sopro de ar mais morno. Talvez até uma nesga de iluminação.

— Ah — exclamou a velha. — Finalmente.

Vescas suspirou profundamente e entrou.

— Billa, me lembre de matar você — murmurou —, se já não estiver morto.

Não demorou muito, e eles realmente chegaram a um ponto da galeria iluminado por tochas. Era a confirmação definitiva de que Billa ainda não havia ido embora. Era possível, inclusive, ouvir uma leve cantoria vinda de uma câmara à frente, e a voz reverberava com certa alegria.

Mas quando chegaram lá, Vescas demorou a processar a imagem que via à sua frente. Era engraçado como o cérebro às vezes pregava peças nas pessoas, ele pensaria depois. Esperava ver Billa sentado de frente para uma fogueira, quem sabe comendo alguma coisa, ou fervendo água para um chá, talvez cantarolando, animado. Mas não. Havia fogueira no cômodo, sim, mas parecia ter sido montada por macacos, e não pessoas. Dois galhos desengonçados, quase que inexplicavelmente de pé, com uma vara que os interligava. Nessa vara repousava um pedaço de carne, já preta, recebendo tanta fumaça das brasas moribundas, que,

a essa altura, estava incomível. O restante do local estava sujo, úmido e escurecido por fuligem. Apetrechos de caça e limpeza de animais eram vistos presos nas paredes, bem como uma bancada, ou aparador, onde parecia haver um animal abatido, como um cervo, uma cabra, pelo jeito. Um odor de coisa morta pairava no ar. Lembrava a barraca de um açougueiro que não tinha higiene.

Ele não viu em parte alguma a figura alegre de Billa, como esperava, mas uma pessoa magra, provavelmente de pele mais bronzeada e com os cabelos visivelmente desgrenhados. Uma figura com movimentos tranquilos e alheios, quase como se estivesse sob algum tipo de encantamento. Ela mordiscava nacos de carne, limpava a boca com as costas da mão, assoava o nariz e murmurava um som esquisito.

— Não entendo... — Vescas permaneceu com a boca aberta, a frase morta no ar.

A figura se distraiu, tentando apanhar um moscão que revoava em volta de sua cabeça. Depois, voltou a farejar e a mordiscar a carne.

— Billa! — ele se surpreendeu gritando sem motivo aparente.

A pessoa desgrenhada levantou a cabeça imediatamente e olhou em direção ao rapaz e à velha. Ficou de pé, e, então, ficou evidente tratar-se de um homem. Ele tinha algo preso às costas, como uma aljava, e, antes que Vescas pudesse ter certeza, ele passou a mão no chão e apanhou um arco. Vescas, sem qualquer outra reação, olhou para trás, na esperança de que a velha pudesse ajudá-lo a entender o que se passava.

E foi então que seu coração parou.

A velha não estava mais ali. Pelo menos não a que o tinha acompanhado. As roupas eram as mesmas, mas a pele havia dado lugar a um couro cinzento e enrugado, cheio de verrugas. As sobrancelhas foram substituídas por dobras em volta de um olho muito maior. O nariz se espichara, e a boca se tornara um rasgo no rosto e, ao contrário do que era antes, agora crivada de dentes amarelados e pontiagudos. Ela parecia sorrir.

Vescas deu um grito e se afastou, saltando para trás um instante antes de ser atacado pelas unhas compridas. Não teve alternativa a não ser aproximar-se do fogo e, também, da figura desgrenhada que tinha o arco nas mãos.

Não havia o que fazer, era o fim. E o mais doloroso era a perspectiva de morrer sem saber direito o que estava acontecendo. Com as mãos para o alto, como que em posição de rendição, ele esperou a flechada vir em suas costelas. Sua mente era a corrente de água de uma cachoeira quando atinge as pedras. *O que está acontecendo?...* Seus olhos correram automaticamente até o espeto na fogueira, como se ele já soubesse o que veria. De perto era fácil identificar. O que ali estava assando era um braço e mão humanos.

Mesmo com medo do que veria, correu os olhos até a bancada. De fato, não era uma cabra ou cervo abatido.

— Não...

17 – Comunhão

As vozes infantis ecoavam pela câmara escura e úmida:

— Você é muito mais burro, Joppo. Correu com a sacola furada e deixou um rastro de feijões para trás.

— Não fui eu, foi o Cirano!

O mais rechonchudo dos quatro se manifestou imediatamente:

— Eu nem estava lá nesse dia! Parem de inventar!

Bärdey correu até a porta, levantou a mão e pediu silêncio:

— Ele está vindo. Baixem o tom de voz. — Ele correu os olhos pela sala e os pousou no acamado Penumbra, o mais velho do grupo. — Para todos os efeitos, estávamos...

— Cuidando das minhas ataduras — completou o próprio Penumbra. — Ouviram? Sem fazer escândalo, ajam como se estivessem entretidos nisso. Joppo, você está fervendo a água. Um, dois, vai.

Bärdey observou a mão enfaixada de Penumbra apontando — com o único dedo que sobrara — de um lado a outro, delegando tarefas a cada um dos meninos. Ouviu os passos do velho Gobe se aproximando pelos corredores e tratou de apanhar um rolo de ataduras para também parecer ocupado. A comida já estava toda posta à mesinha comprida de pés curtos que cortava a sala, e seu estômago lamentou mais uma vez de fome. Mas ninguém se atreveria a comer antes do mestre, isso seria impensável.

Momentos depois, a figura de Gobe surgia na entrada. Os cabelos brancos do velho estavam encharcados pela garoa interminável de três dias, e, como que vigiando cada um de seus ombros, havia ali duas figuras encapuzadas e silenciosas. O velho parou à porta, fez um sinal para que os dois sacerdotes dessem o fora e, não sem antes dar uma longa conferida no estado da câmara, entrou.

— Bem-vindo de volta, mestre — disse Bärdey.

O velho respirou profundamente, como se sentisse prazer em encher os pulmões de ar com cheiro de mofo e catacumba.

— É bom estar de volta.

— Como foi a expedição até...

— Bärdey! — a voz enfraquecida de Penumbra o cortou. E bem a tempo. Era indelicado fazer perguntas desse tipo ao mestre.

— Me desculpem.

O velho tirou a capa, enxugou nela os cabelos e, em seguida, a pendurou cuidadosamente num suporte fixado na parede.

— Não há problema algum. Vejo que o jantar está posto. O restante está aqui?

Penumbra abriu a boca para responder, mas Bärdey foi mais rápido.

— Cirano e Joppo estão preparando a troca de ataduras.

Gobe olhou para o garoto acamado e apontou para a mão enfaixada.

— E como ela está, Penumbra?

— Melhor, mestre. A febre baixou um pouco, e também o inchaço. A Água quente e a arruda estão surtindo efeito, apesar de eu quase ter tido os pontos abertos. Tudo sob controle agora.

— Fico imensamente feliz. E creio que ficará feliz em saber, também... que os peixes não passarão fome nesta noite.

Penumbra sorriu imediatamente, e Bärdey entendeu o porquê. Pelos rumores que corriam entre os garotos, Penumbra havia sido capturado, dias antes, pela guarda da cidade enquanto roubava mantimentos. Era triste, ele sempre pensava, mas, de vez em quando, precisavam roubar para se manter. Na maior parte das vezes, Gobe ainda deixava algum dinheiro para os meninos se virarem. Por acaso, Penumbra dera o azar da vez.

O soldado responsável por sua captura, em vez de levar o garoto aos seus superiores, resolveu prendê-lo numa casa vazia nas periferias e torturá-lo por conta própria. Pelo que parecia, cortaram um a um os dedos dele, até sobrar somente o indicador, mas ele não se entregou, e nenhuma palavra foi dita. Então, o tal guarda, cansado das pancadas que havia desferido, resolveu tirar o restante da noite para descansar, e o deixou amarrado, sendo vigiado por um de seus colegas. Penumbra conseguiu persuadir o vigia a soltá-lo, e ninguém nunca entendeu como ele realizou a façanha. Bärdey só sabia que, desde o episódio, os dias do soldado torturador estavam contados e que o tal vigia solidário nunca mais comeria sem carne na mesa.

E, pelo jeito, o torturador havia virado comida de peixe.

— Isso... — Penumbra deixou a cabeça tombar para trás e exalou demoradamente todo o ar — soa como música, mestre. Obrigado por isso.

O velho só acenou com a cabeça e voltou a atenção para a comida posta.

— Quem foi o responsável pelas compras de hoje?

— Eu, mestre — Bärdey respondeu, tenso, já antecipando o que viria a seguir.

— Os preços aumentaram?

Bärdey sabia que não passaria despercebido. Ele havia sido tão idiota! Deveria ter conseguido o próprio dinheiro para pagar a puta, mas não soube se controlar e teve de roubar a maldita pedra do curandeiro giudin.

— Talvez, mestre... eu não sei bem sobre os preços...

— Estranho, não?... Daria para comprar a mesma quantia de ontem. Não importa. Vivem aumentando, ainda mais nesta época do ano. Vamos comer, então?

Os outros dois garotos surgiram quase que magicamente do outro cômodo, carregando um balde com água quente. Como se estivessem ensaiando, responderam em uníssono:

— Vamos!

Bärdey sentiu uma leve tontura. Estava há tempo demais sem comer e, pelas normas, seria o último, pois era o mais jovem. Não era justo. Devia ser por ordem do mais faminto para o menos faminto.

Gobe se aproximou dele. Iria delegá-lo para servir as cuias a cada um deles, o que aumentaria seu sofrimento. Quando o velho o tocou no ombro para dar a ordem, Bärdey teve uma ideia relâmpago e se afastou em um salto.

— Não toque em mim, desgraçado!

Todos se entreolharam, e o velho, ainda com a mão suspensa no ar, o encarou com os olhos arregalados.

— Bärdey...

— Desculpe-me, mestre... — Bärdey deixou sua voz minguar para um sussurro. — Foi sem querer, eu juro. Vou servir a comida.

O silêncio já maciço da câmara ficou ainda mais denso.

— Bärdey, estou falando com você.

Bärdey se encolheu ainda mais. Sentia que estava surtindo efeito.

— Sim...

— Alguém o tocou? — Gobe perguntou, com a voz dura.

— Estou bem, mestre. Perdoe-me por isso, por favor.

— Não minta. Saberá identificá-lo para mim nas ruas?

— Ninguém me tocou, mestre, eu... — Bärdey limpou uma lágrima, rapidamente. — Eu juro.

Gobe se afastou e deu um soco na parede, fazendo a prateleira balançar levemente.

— Eu vou matar um por um! É isso que nosso sistema se tornou! Um chiqueiro comandado por porcos! Num dia, arrancam os dedos de um, no outro, a inocência do outro! Imundos desgraçados!

Bärdey começou a chorar fluentemente.

— Eu não tive intenção de irritá-lo, mestre...

Gobe se aproximou dele, sem tocá-lo. Apoiou-se em um dos joelhos e falou, com a voz mais suave:

— Nunca peça desculpas quando não tiver feito nada de errado. Vamos, você está pálido e fraco. Precisa comer.

— Obrigado, mestre... vou servir cada um deles e...

— Penumbra — Gobe interrompeu. — Se importa?

Penumbra sorriu, os olhos fixos em Bärdey o tempo todo.

— De forma alguma, mestre. Deixe-o comer primeiro.

O velho assentiu e voltou-se para Bärdey.

— Ande. Sirva-se, vá comer em seu catre e depois tome um banho quente. Se precisar de qualquer coisa, se sentir algum desconforto, me avise. De resto, conversaremos mais amanhã.

No início da noite, voltando para casa, Bärdey sentiu-se imensamente satisfeito consigo próprio. Fora um dia muito produtivo. Ele sentia como se sua estética franzina não fosse mais um empecilho para nada e tinha a certeza de que sua inteligência aguçada o levaria aonde quisesse. Além de conseguir ludibriar o giiudin e tomar posse de um item valioso, agora ele tinha o mestre Gobe na palma da mão, bem como o cuidado extra do restante do grupo. Talvez ele não tivesse enganado Penumbra — o que era praticamente impossível —, mas algo o dizia que o maneta agora o respeitava. Ele se deitaria em sua cama, que não era muito melhor que o catre da câmara da *Ordem*, e estudaria o objeto que trazia consigo.

Passando por um beco nos fundos da Pétalas Abertas, ele se enfiou na abertura secreta do muro — por onde se espremia diariamente —, parou debaixo do vão, subiu uma escadinha puída de cordas e abriu o alçapão por cima de sua cabeça. Estava em seu quarto.

Não era muito mais que um cômodo abandonado, com dois móveis velhos e uma porta tão feia, que não era de se estranhar que estivesse sempre pintada na mesma cor das paredes, para parecer que não existia. Mas ele entendia que tinham de manter segredo quanto à sua morada ali, caso o Forte Branco resolvesse um dia reclamá-lo de volta. Bärdey se atirou na cama e segurou o embrulho com as duas mãos, admirado, mais uma vez, com o peso da pedra. Como se as funcionárias da casa adivinhassem o momento exato em que ele entrava, veio da portinha duas batidas discretas.

— Bärdey. Está aí?

Era a voz de Wynna, uma de suas mães.

Ele jogou os pés para fora do colchão de palha, foi até a porta e a abriu. Wynna estava meio encurvada, pois a porta dele era menor que as outras. Ela estava perfumada, usando o vestido decotado que costumava usar quando chegava algum cliente importante. Pelo que Bärdey pôde ver, o corredor estava vazio, várias outras cortesãs andando de um lado a outro, arrumando os cabelos, retocando maquiagem ou recolocando os alfinetes em lugares estratégicos nas roupas. Parecia que a noite seria movimentada.

— O que foi, mãe? — ele perguntou, com suavidade.

— Você demorou hoje. Ainda posso pedir a Noilla para que lhe prepare um banho quente.

— Não precisa. Já me banhei nas galerias.

— Água quente? Não quero que se esfrie.

— Quente. Juro.

Wynna sorriu.

— Bom. Devo supor que já tenha comido...

— Não se preocupe e pode voltar ao trabalho. Estou plenamente reabastecido. — Ele lançou mais um olhar para o corredor. — A primeira-mãe está na casa nesta noite?

Wynna baixou a voz e só tombou a cabeça de lado:

— Madame Dortga está no quarto ao final do corredor, tratando com um cliente importante.

— Você não parece contente me dizendo isso.

— Não seja bobo e vá descansar.

Com um beijo lançado ao ar, Wynna se despediu e fechou com delicadeza a portinha feia do quarto. Bärdey atirou-se de volta no colchão, puxou um pouco o cobertor para cobrir apenas os pés e voltou sua atenção para o embrulho.

Seus dedos sentiam a pedra cada vez mais fria, era incrível. Ele puxou as dobras do pano para os lados e a contemplou. Ela não mais se parecia com uma peça de âmbar exótico e vivo, como tinha visto na caixa do mezinheiro. Agora ela estava escura, cinza-azulada, e as nuvens dentro do mineral começavam a se mover de verdade, como se fossem, a qualquer momento, revelar algo que estava escamoteado, como a lua ou uma estrela. Bärdey sentia o seu rosto sendo banhado pela luz fria que nascia da pedra. Tamanho era o transe, que sentiu ardência nos olhos, pois nem se lembrava de piscar.

Nesse momento, seus olhos observaram, impassivos, conforme o cenário do quarto se modificava, transformando-se em uma coisa mais escura, úmida, cheia de bolor. Quando deu por si, percebeu que estava em uma espécie de caverna ou câmara antiga. Era um sonho? Não parecia, pois seus sentidos, como o olfato, captando o cheiro de mofo, e o tato, sentindo o frio do local nas canelas, diziam o contrário. Bärdey deixou os olhos se acostumarem à escuridão e resolveu se movimentar. Foi até um dos cantos da câmara, curioso, e tocou a parede. Era esculpida em ricos detalhes, e seus dedos sentiram a pedra gelada quando correram pelos motivos em relevo. Com um nó na garganta, ele resolveu perguntar a ninguém em específico:

— Onde eu estou?

A voz reverberou forte, ecoando três vezes antes de cessar ao longe. Era uma câmara grande, pelo visto. O menino resolveu andar mais um pouco, ainda que não

conseguisse ver muito mais do que alguns passos adiante, e a sensação de que ele havia morrido começou a crescer em sua mente, deixando-o ligeiramente apavorado. Teria a pedra, com algum tipo de magia, tirado sua vida?

Uma forma comprida na parede chamou sua atenção. Uma tocha apagada. Ele esticou o braço, mas não alcançou. Pulou e a tirou do suporte, mais por instinto do que por esperança de poder acendê-la, pois não dispunha de um conjunto de pederneiras no bolso, muito menos havia, por ali, uma bacia de fogo eterno. Ainda assim, a despeito do que ele pensava ser real ou irreal, possível ou impossível, a tocha se acendeu automaticamente em sua mão, revelando parte do local. Sob uma confusão de sensações, ele não conseguiu parar de olhar para os detalhes do ambiente, e concluiu que, se aquilo era uma caverna, era a mais estranha de todas. O chão era pastoso, viscoso, mas firme ao toque, de maneira inexplicável. Uma névoa verde, com aspecto de gás tóxico, elevava-se até quase o teto, mas o cheiro não era desagradável, lembrava o aroma de malte no início do processo de fermentação. Sombras dançavam pelas paredes, apesar de não haver ali qualquer incidência de vento ou a mínima corrente de ar.

Ele teve a certeza de estar morto.

Então uma figura silenciosa e enorme surgiu à sua frente. Algo meio homem, meio boi, meio monstro. Não era um ser precisamente físico, pois sua imagem se fazia e desfazia diante de seus olhos, mas não era espírito, pois Bärdey sentiu seu hálito quente quando suas narinas ficaram frente a frente. Os olhos eram iluminados como se fossem feitos de labaredas vivas. Apenas um ser tinha tal aspecto, o deus Koma.

— Você... — o menino balbuciou — veio me levar?

Bärdey perguntou com medo, pois imaginou que sua preferência pessoal pelo irmão, Giius, pudesse ter despertado ciúmes no deus mais forte. Pensou ter ouvido o riso de seu pai adotivo, o mesmo riso que ouvia toda vez que o homem o espancava. Perguntou novamente, mas não houve resposta, e a imagem de Koma desapareceu de sua frente. Um par de asas bateu nos fundos da câmara, e Bärdey não pôde ver mais nada, pois sua tocha começava a se apagar. Espontaneamente, assim como se acendera momentos antes.

No lugar da tocha, a pedra surgiu em suas mãos. A mesma pedra roubada do mezinheiro. Ela estava viva, pulsante, e seus dedos começavam a copiar dela a mesma coloração. Uma sensação estranha começou a tomá-lo, um formigamento em todo o corpo, dando a impressão de que cada artéria, veia e capilar tinha parado suas atividades e que seu próprio sangue esperava pela conclusão daquele momento. Algo estranho aconteceria com ele, algum dia, em algum lugar. Sem mais nem menos, ele teve essa certeza.

Então, um grito vindo de outro quarto o despertou do transe.

Bärdey piscou os olhos várias vezes, acostumando-os novamente com a meia-luz do quarto. A pedra estava menos fria em suas mãos e muito mais opaca. Ele descobriu os pés, desceu e correu até a portinha, onde encostou o ouvido.

— Pare, por favor! — era a voz de uma de suas mães, Noilla.

Uma porta se abriu com violência, e uma voz masculina trovejou.

— Puta imunda! — pelo carregar das sílabas, uma voz de alguém muito bêbado. — Está morta, ouviu? Morta!

Bärdey abriu de leve a porta e viu a comoção que se formava no corredor. Noilla estava muito machucada. O lábio inferior praticamente partido em dois, o pescoço melado de sangue. O supercílio do lado esquerdo em seu rosto inchado tinha o triplo do tamanho, o olho completamente fechado. Ela havia sido espancada violentamente. E o responsável, um sujeito medonho, de pele marcada por antigas pestes purulentas, continuava marchando para cima dela, a despeito dos pedidos desesperados das outras moças por clemência. Os cabelos do homem eram de um vermelho tão intenso, que eram quase hipnóticos. A primeira-mãe, Efrin-Dortga, tentava intermediar e oferecia, por alguma razão, uma joia que ostentava no pescoço, mas o homem estava irredutível. Queria matar Noilla.

E foi Wynna quem impediu que isso acontecesse.

Ela surgiu do nada, por entre as colegas, com uma faca afiada na mão e arremeteu-se contra o sujeito. Ele, por ser muito mais forte, conseguiu rechaçá-la com facilidade, atirou a faca para longe e a dominou, segurando-a numa posição de estrangulamento. Wynna se debateu e arranhou o braço do homem, e as outras moças partiram para cima dele, dando-lhe socos e pontapés, mas o braço dele parecia ser feito de madeira. Ele não se movia. Bärdey observou, boquiaberto, como Wynna rapidamente perdia as forças, como seus olhos começavam a rolar para cima e seus lábios ficavam cianóticos. O mais incrível ainda era como nenhuma das meninas se atinava para descer as escadas e procurar pela faca, que, aparentemente, era o único meio de impedir que a moça fosse morta.

Wynna começou a dar ligeiros espasmos com as mãos e pernas. Algumas moças colocaram as mãos sobre as próprias bocas, cobrindo o choro, horrorizadas. Bärdey não pôde mais assistir. Seus dedos estavam quase dormentes, dada a força com que apertava a pedra. Ele resolveu abrir de vez a porta e partiu para cima do homem de cabelos vermelhos. Ele não pensou, não planejou. Só queria acertar a cabeça dele com toda força, para que ele soltasse sua mãe. Porém, não teve a chance. Uma das moças o segurou pela cintura, antes que ele alcançasse metade do corredor.

— Bärdey — ela sussurrou no ouvido dele. — Volte para o quarto. Quer morrer?

— Me larga...

E, de repente, um silêncio tomou a casa Pétalas Abertas. O homem soltou o corpo mole de Wynna no chão e se pôs de pé. Ninguém fez frente a ele, enquanto ele limpava as mãos nas calças e descia as escadas para ir embora. Madame Efrin-Dortga correu até Wynna e tentou ouvir sua respiração. Chorando, começou a esmurrar o peito dela. Duas garotas, putas mais novas na casa, abriram um berreiro enquanto compartilhavam mutuamente os ombros.

— Chamem ajuda! — madame gritava a qualquer uma que ouvisse.

Bärdey ficou ali, parado, os olhos esbugalhados, o peito arfante. A imagem de sua mãe, Wynna, caída e com os lábios azulados, não saíria de sua cabeça por um bom tempo. Ele foi escoltado de volta ao quarto e foi proibido de sair até que as coisas se normalizassem. Ele não entendeu como era possível que sua mãe estivesse viva e linda há poucos instantes e agora não passava de uma peça mole no chão. Ele nunca mais receberia o carinho dela ou seus beijos lançados ao ar.

O homem terminou de cruzar o salão térreo e bateu a porta atrás de si sem encontrar qualquer resistência. Bärdey sentiu um formigamento em seu interior, uma tontura. Uma lágrima desceu fria por seu rosto, e ele fechou os olhos para se recompor.

Teve certeza de que as coisas não voltariam a ser como antes.



18 – Patas

Os gritos de Cid ecoavam na baixada do campanário.

— Desgraçado! Filho da rameira mais engordurada! Maldito!

— Seja homem... — Symas se limitava a dizer, com uma rolha presa entre os dentes.

— Fala isso porque não é o seu tornozelo! Que diabos é isso? Aguardente?

Symas salivou, sentindo saudades de ter o líquido descendo rasgando por sua garganta. Por vingança, aspergiu caprichosamente mais uma dose por cima do ferimento.

— Perdeu o nariz também? Aguardente tem um cheiro agradável, isso é vinagre. E sintá-se privilegiado, pois tenho enorme apreço pela minha espada e, como pode notar, não há muitos mercados por aqui para me reabastecer.

Estavam encostados em uma carroça velha que repousava em meio a outros escombros. Os corpos dos rabujos estavam empilhados longe das margens do córrego, a fim de conservar a fonte de água, e as nuvens mais escuras da tarde já davam as caras. Cid limpou o suor da testa e perguntou, preocupado:

— Não há perigo de aparecerem mais deles?

— Com essa sua gritaria, sem dúvida. Mas se a outra opção era montar no cavalo e seguir viagem enquanto você deixa um rastro de sangue para trás, fico com a menos cansativa. — Ele tapou o frasco de vinagre e deu um tapinha no torniquete improvisado na coxa de Cid. — Além disso, pode infeccionar, se é que já não aconteceu isso. A saliva dos rabujos pode ser bem imprevisível. É problemática.

— Está dizendo que vou piorar?

Symas sorriu.

— Acho bom começar a falar o que sabe, se não quer que sua morte seja em vão.

— Eu vou morrer?

Gorbos, amarrado próximo à água, procurava em vão por comida e raspava as patas no solo. Ele sempre fazia isso quando queria atenção.

— Ei, ei! — Symas estalou os dedos diante do nariz do guarda. — Olhe para mim. Essa será uma noite longa e, se seu ferimento piorar, pode ser difícil suportar a febre. Não quero apavorá-lo, mas, antes que comece a delirar, preciso que me conte o que sabe.

— O que eu sei sobre o quê? Não sei de nada!

— Bärdey! Eu procuro por Gilliam Bärdey! E não me diga que nunca ouviu falar dele.

O cavalo raspou a pata no chão com mais força e bufou.

— Claro que ouvi falar dele. Mas não sei se posso ser de ajuda. Ai, como arde essa merda! — Cid sugou o ar por entre os dentes, acumulou saliva e inclinou-se para cuspir, deixando um fiapo preso na barbicha. — O que ouvi dizer foi que Bärdey havia sido visto por um guarda cernense, mas isso já tem tempo.

— Ele foi visto na capital? Estava rodando dentro de Cerne?

— Não acho que seja o caso e não sei se a informação é confiável. Veio do bordel. A gente ouve muita porcaria naquele lugar.

— Ainda assim, me interessa.

— Que seja. Parece que um soldado, do grupo dos batedores, ou algo assim, o avistou nos arredores da capital. Ninguém sabe quem é o soldado, nem se era verdade. Existe um mercador que faz frequentes rondas entre Cerne e Cistol, frequenta todo tipo de lugar... ah, você o conhece! O Sr. Tomazinho. Você trocou algo na carroça dele, não foi?

— Conheço. Pão-duro. Cheio de conversa fiada. Por que acreditou nele?

— Como eu disse, nem sei se acredito. O Sr. Tomazinho disse que trocou umas rodadas com um soldado que dançava em uma taberna na capital. Esse soldado estaria bêbado feito um gambá e teria soltado a informação, sem dar muitos detalhes. Enfim... é tudo que sei. Desculpe por desapontá-lo, mas, se não se importa, eu gostaria de me deitar um pouco.

Symas coçou o queixo e deixou o olhar vago cair sobre o córrego, avistando o cavalo que ainda raspava a pata no solo, pedindo por comida. Seria verdade?... Bärdey rodando pela capital?

— O que vai fazer? — perguntou Cid.

Symas não pretendia manter o rapaz preso por muito tempo. Daria um jeito para que ele fosse para casa e seguiria em direção a Cerne. Era uma pista de merda, mas era a única de que dispunha.

— Bom... *agora* vou preparar uma fogueira e limpar a lâmina. — Ele sorriu de novo, mas, desta vez, menos animado. — O amanhã não nos cabe.

— Faça ao menos esse cavalo parar... pelos deuses.

Symas se levantou e foi até Gorbos.

— Que coisa, cavalo. Não podia esperar um pouco?

A noite havia caído fazia um tempo. A lua, bem depois de se despedir, deixou para trás um céu crivado de estrelas aglomeradas em uma larga faixa branca. Symas caminhava em meio aos escombros abandonados e se distraía chutando um protetor de elmo enferrujado que havia encontrado pelo caminho. Parou na beira de uma vala, respirou profundamente o ar fresco e passou a mão pelos cabelos e a barba. Ambos descontroladamente grandes e desalinados. Fazia tempo desde a

última vez em que ele se sentira gente. E ele daria qualquer coisa pelos dois melhores tragos de Cistol neste momento. Um para a garganta e outro para os pulmões. Olhou para Cid, que roncava ruidosamente, e riu. Nada mal para quem estava com medo de morrer. Talvez fosse o cansaço.

Mas o *roc, roc* das patas de Gorbos continuava. Ele ia acabar perdendo a paciência.

— O que há com você, cavalo?

Symas foi até onde Gorbos estava amarrado. O cavalo bufou e sacudiu a cabeça para cima e para baixo. Entretanto, parecia tudo em ordem. Ele estava perto da água, e o capim-gordura ali era suficiente para uma semana de pastagem.

— É só charme, não é? — Symas alisou a crina do animal. — Se você não dorme, ninguém mais pode.

— Acho que ele está com medo — disse uma voz estranha.

Symas deu um salto para trás e puxou a espada. Só que sua mão veio vazia. Suas coisas estavam jogadas no chão, ao lado da fogueira.

— Quem está aí? — ele perguntou, olhando para todos os lados e tentando identificar alguém na escuridão.

— Tente aqui em cima.

E Symas viu. Em cima de um muro semidesmoronado, estava sentado o que parecia ser um jovem. Usava roupas leves, provavelmente confeccionadas a partir de peles, couro e cipós. Balançava as pernas alegremente e mastigava alguma coisa, da forma mais despreocupada possível. Não era um humano, e sim um drinar. Os cabelos de labareda por cima da cabeça e os olhos de cabra não deixavam dúvidas.

— Quem é você?

— A pergunta, caro... é quem é *você*.

— Não se preocupe comigo. Estou de passagem e pela manhã já terei dado o fora. Se esse é seu território, eu não quis...

— Quem falou em território? — interrompeu o drinar, com a voz aguda. Ele jogou mais algumas coisas na boca e mastigou, sempre sorrindo. Frutinhas, talvez. — Senti um cheiro asqueroso no caminho para cá. Cheiro comum em criaturas atroz.

— Rabujos. Estão empilhados perto do córrego. Eu pretendia botar fogo nas carcaças pela manhã.

— Não falo de rabujos.

Symas piscou e, no instante seguinte, o drinar não estava mais em cima do muro.

— Falo de outra criatura atroz. — Ele surgiu nas costas de Symas. Farejou duas vezes. — Me refiro a coisa pior. Brakkis.

Symas se afastou.

— Não há brakkis por aqui.

— No plural, talvez não. — Ele sorria ainda mais, tentando se aproximar.

— O que quer?

Gorbos relinchou alto e raspou freneticamente as patas no chão. O drinar avançou, passo a passo.

— Quero saber que espécie de monstro eu tenho diante dos meus olhos.

— Não se aproxime, ou vou machucá-lo.

O drinar parou de repente. Cruzou os braços e olhou para cima, com ar desdenhoso.

— Provavelmente vai, se tiver sorte. Mas acaba de me dar uma boa ideia. Existem mistérios que são mais bem resolvidos se pensados em conjunto. Vamos ver quantos de meus companheiros eu consigo intrigar.

Symas teve certeza de que esse drinar à sua frente não era um desertor, e sim um caçador vindo da própria Fienne. Eles costumavam fazer expedições longe de casa. Além do mais, desertores não podiam exibir as cabeleiras vermelhas.

— Nem pense nisso. Vamos conversar.

O drinar deu as costas.

— Já conversamos. E você fede. Nos vemos em breve, monstrinho.

— Espere... — era uma péssima ideia que ele contasse aos outros.

E Symas se viu correndo atrás do drinar, que deslizava pelas ruas de pedras, vãos, becos e valas como uma sombra. Era como se ele não precisasse usar as pernas para correr. As risadas do maldito ecoavam em seus ouvidos como maldições, vindas de todos os lados. Mas ele continuou no encalço dele, usando todas as suas forças.

Quando percebeu, já estava bem longe do acampamento e da região do campanário. Tinham descido a colina e se encontravam numa baixada ladeada por um muro escuro, formado por árvores mortas entrelaçadas. Ele não podia deixar que o drinar entrasse lá. Com um impulso usando uma energia que não tinha, Symas saltou para frente, e sua mão agarrou algo. Sim. Era o pescoço do desgraçado. O drinar se debateu, mas era franzino, não tinha condições de fazer frente aos braços torneados e a mão dura do ex-soldado.

— Pare, pare... — o drinar ofegou e parou de resistir. — Eu desisto. Não contarei nada a ninguém.

— Quero uma garantia, senão quebro seu pescoço.

Mais uma vez, a risada do drinar ecoou nos ouvidos de Symas. Quando ele olhou para a própria mão, segurava o tronco de uma jovem árvore.

Então ele abriu os olhos e se sentou, como se tivesse sido alfinetado. O olhar desorientado de quem acaba de acordar esquadrinhou os arredores escuros.

— Essa merda não aconteceu? Ilusão?... — O coração dele espancava o esterno.

Ele passou a mão pelos cabelos. Sua testa pingava suor. Depois de um tempo, percebeu que o ar frio gelava a pele úmida, o que não devia acontecer perto da fogueira.

Mas não havia fogo em parte alguma.

Symas procurou ao seu redor, já suspeitando do que tinha feito.

— Não... de novo não.

Ele estava exatamente no local em que havia sonhado. Estava nas bordas de uma floresta escura e pouco convidativa. Ele sabia que se tratava da Floresta de Ossos. Isso significava que ele podia estar em qualquer parte, pois ela ficava no coração do continente, com saída para todos os lados. Torceu para que não tivesse se afastado muito, e, mais ainda, para não ter matado ninguém no processo.

Levantou-se, percebeu, sem surpresa, que suas roupas estavam rasgadas, e deu os primeiros passos em direção a uma colina que via ao longe, na esperança de refazer o trajeto. Parecia não estar tão distante do campanário.

Ao chegar no acampamento, Symas quase chorou de alívio. O fogo ainda crepitava, não havia drinares em parte alguma, e era possível ouvir as malditas patas do cavalo raspando no chão. Ele decidiu acordar Cid e perguntar se ele ouvira alguma coisa.

Ele estremeceu quando só encontrou uma poça de sangue onde deveria estar o guarda.

— Cid...

Seus olhos lacrimejaram. Ele havia feito. De novo. Baixou a cabeça, relaxou os lábios trêmulos e lutou contra lágrimas que nasciam dos olhos.

— Essa monstruosidade precisa acabar... mãe... me ajude, por favor.

Roc ... roc ... continuava o cavalo.

Pelo menos ainda tinha Gorbos para levá-lo para longe. Era isso. Não fazia sentido procurar pelo guarda, pois sabia que encontrar seus pedaços não faria qualquer bem. Juntaria suas coisas e partiria para a capital durante a noite, mesmo. Precisava acabar logo com isso.

Roc ... roc ...

— Vou colocar você num lugar melhor por alguns instantes, Gorbos — Symas se levantou e enxugou as lágrimas com as costas da mão. — Não se anime, pois será o tempo de juntar as coisas e partir. Iremos só... nós dois desta vez.

Quando Symas chegou na beira do córrego, deixou de sentir os joelhos e caiu, mole, por cima deles. O cavalo estava deitado no chão, com metade da barriga aberta, alguns intestinos saltando para fora. A cabeça dele se debatia no

chão, os olhos muito abertos, a boca espumando. As patas raspavam no chão, dando os últimos espasmos.

Roc ... roc ...

19 – Uma Última Prece

Vescas sentiu como se suas forças estivessem sendo sugadas para fora de seu corpo. Na bancada, Billa estava amarrado. A pele branca como cera, os olhos ainda abertos, baços, febris, mas certamente mortos. Seu braço direito, o único que tinha, havia sido decepado na altura dos cotovelos, e um caldo escuro e coagulado escorria do ferimento e grudava na camisa, perto das costelas. As pernas estavam quebradas, pois repousavam em uma posição impossível de ser confortável.

Ah, não, Billa...

Com um guincho, a velha saltou para cima de Vescas, furtando-o de qualquer tempo para pensar. Vescas deu um passo para o lado no momento final, evitando que fosse atingido. O que estava acontecendo? *Aquilo* era uma donzela etérea? Não era bem o que ele imaginava, mas a realidade era sempre menos bonita do que as histórias contadas. Um casal. Ainda que fossem feios como sapos ressecados, funcionou. Ao menos com ele, que, em mais uma demonstração de estupidez, caiu. Vescas olhou para o macho, que andava de lado, fazendo sons roucos com o nariz, e preparava uma flecha. Seria o fim, a não ser que fizesse algo. Ele tentou escrutinar, mesmo na penumbra, as dependências da caverna. Talvez ela não fosse apenas uma câmara fechada. Com alguma sorte, ele encontraria novas galerias e um jeito de fugir dali. Não sabia o que faria para ajudar Billa, mas teria de pensar nisso depois. De nada valeria morto.

A flecha disparada pelo macho assobiou perto do pescoço dele e se espatifou na parede de terra. Tinha alguns instantes antes do próximo disparo, então ele aproveitou para correr.

Optou pelo lado esquerdo da fogueira, mesmo que tivesse de passar mais perto da criatura. O chão se movia em espasmos, graças à dança das chamas, e isso dificultava um pouco as coisas. Vescas chegou a tropeçar em um balde velho, mas apenas se desequilibrou. Continuou correndo paralelo à parede. A essa altura, a velha já havia se recomposto e partiu atrás dele. Vescas continuou em frente, ladeando a parede e se enfiando cada vez mais nas sombras. Seus pés encontravam objetos a todo momento. Ferramentas cheias de teias de aranha que grudavam em sua pele, embrulhos de couro úmidos e fedorentos. Mofados, talvez. Ossos. Muitos ossos. Ele não conseguiria se esconder ali fazendo tanto barulho.

Mais à frente, Vescas sentiu, batendo em seu rosto, uma leve brisa. Uma saída de ar, e isso era um bom sinal. Ele desacelerou um pouco, tentando não chutar mais nada, e bateu com as mãos, até que seus dedos saíram da parede lisa e se afundaram no nada. Uma saída. Mais uma flecha atingiu a parede perto dele, mas ficou claro que o macho não sabia bem em que estava mirando. Arrastando o

pé com cuidado, ele experimentou o chão na saída, pois não podia ver nada. Parecia seguro, então ele entrou.

Era como uma câmara nova, só que mais fria e úmida. Seus olhos demoraram a se acostumar à escuridão, mas em pouco tempo ele já pôde divisar algumas formas espalhadas pelo chão. Muitas ossadas dispersas pelo cômodo. Alguns cadáveres estavam ainda usando peças de vestimentas, outros completamente despídos, mas todos tinham algo em comum: faltavam partes do corpo. Membros, mais especificamente. Isso queria dizer que as *donzelas* gostavam de se alimentar da parte mais musculosa de suas vítimas. Para o azar deles, Vescas pensou, rindo de si mesmo, não teriam muito mais que um aperitivo com ele.

Pelo menos ele podia procurar por algum objeto que pudesse ser usado como arma. Essa era a boa notícia. A má era que o cômodo era muito menor do que o anterior, quase como uma despensa, e não tinha saída.

— Não resista, rapaz... — a voz raspada da velha ecoou pela câmara maior.
— Não quer cansar as pernas.

Ele engoliu em seco. Imaginou os dois monstros prendendo-o com cordas e serrando sua coxa com uma faca cega. Quase chegou a sentir a lâmina atravessando com certa facilidade a gordura, depois tendo trabalho para cortar a parte muscular. A cabeça de Vescas começou a doer, e ele não quis adivinhar o que sentiria quando a lâmina chegasse no osso. Era melhor fazer alguma coisa. Qualquer coisa. Se houvesse ali um abismo, teria um último recurso. Pularia sem pestanejar, para não ser devorado, mas os deuses, aparentemente, gostavam de testar os terrenos com piadas de mau gosto.

Sacudindo a cabeça, sentiu uma chacoalhada dolorosa e afastou os pensamentos. Não tinha tempo para ficar assustado. Suas mãos começaram a vasculhar os corpos caídos na despensa. Um deles vestia uma túnica já toda devorada por traças e vermes, e o tecido parecia querer esfarelar a qualquer momento. Era alguém que fora escravo, um dia. Era possível perceber, pois sua cintura era envolta por um cinto feito de tranças de algodão. Não se usava mais desses entre os cidadãos comuns. Descartando a hipótese de encontrar qualquer coisa útil ali, Vescas resolveu tombá-lo de lado, com um puxão pelo braço. E praguejou mentalmente, logo em seguida. Ao contrário do que sua mente estúpida imaginava, os ossos não estavam grudados um no outro. O braço foi deslocado do ombro, e o resto do corpo caiu, de lado, espalhando pedaços por todo o chão.

Se até então ele não havia denunciado a própria posição, esse luxo, agora, era do passado.

— Ah... — a velha se excitou, e seus passos começaram a se acelerar. — Se escondendo...

Merda...

Não precisava mais ser discreto. Passou a revirar tudo que havia ali, mas não encontrou arma alguma. O mais próximo foi um cabo comprido de lança, com as pontas bem achatadas, por sinal. Portanto, um péssimo instrumento para o empalamento ideal que desejava. Ouviu, mais uma vez, a voz da velha e notou que ela não só se aproximava, como ficava mais extensa, como se reverberasse com mais força.

— Esses pezinhos delicados com cogumelos. — O som asqueroso de uma lambida nos beiços. — Essa panturrilha magra banhada no vinagre...

Que droga. Será possível que não há nada? Esses sujeitos não andavam em posse de nada?

O instinto do rapaz gritava intermitentemente para fazer o básico em situações como aquela: fechar a porta. E só então Vescas se deu conta de que, em algum momento, naquela saleta, houve uma. Ele se levantou, passou a mão pelas ombreiras e sentiu protuberâncias metálicas surgindo das ombreiras de pedra. Estavam frias, enferrujadas, mas definitivamente provinham de metal manufaturado. Dobradiças! Podia ele finalmente ter alguma sorte? Não custava nada dar uma olhada para checar se ela ainda estava por perto ou se já havia virado fogueira.

Sabendo que tinha pouco tempo, ele bateu parede por parede, andando destrambelhado, derrubando prateleiras, ouvindo mais metal caindo no chão e tilintando. Gostaria de poder olhar com calma depois, se vivesse. Passou os dedos de cima a baixo — sentindo-os se encherem de limo —, moveu mais cadáveres para o lado, arrastou botijas, correntes, uma vareta... e finalmente.

Sua mão encontrou, na escuridão, uma chapa de madeira caída de lado. Podia sentir os sulcos, as tábuas, os rebites, a espessura. Era definitivamente uma porta. Aquela caverna devia ter servido, em algum momento, como base militar ou algo que o valesse. Satisfeito, ele moveu a chapa da parede e sentiu como ela era pesada, de madeira maciça, mas daria conta de colocá-la no lugar. Ele tinha um plano. Um plano bastante ruim, era verdade, mas ele sabia que era melhor do que nada. Colocaria a porta de volta no lugar, sem encaixá-la nas dobradiças, é claro, pois os pinos já deviam ter desaparecido, e não havia tempo para procurar. Em seguida, a prenderia com o cabo da lança e formaria uma barricada rudimentar e de eficácia duvidosa. As donzelas não pareciam dispor de muita força física, caso contrário não usariam armas e truques para caçar. E, finalmente, ele procuraria, no meio daquela parafernália, por alguma coisa que pudesse usar para se defender. Com alguma sorte, contra-atacar. Era isso ou virar comida.

Essas eram as únicas ocasiões em que ele acharia melhor ser Symas do que Vescas. Aliás, o que o soldado faria naquela situação?

Num gesto mecânico, ele apanhou um crânio no chão e o atirou para longe da entrada da saleta. Ouviu um guincho da donzela e teve certeza de que aquilo os distrairia por alguns instantes. Satisfeito consigo mesmo, aproveitou para fazer força e arrastar a porta. Era pesada e fazia tanto barulho riscando o chão, que ele via seus instantes preciosos escorrendo muito mais rápido do que gostaria. Arrastou a pesada chapa na horizontal até chegar bem perto da entrada e, num último fôlego, a ergueu e colocou na vertical. Ouviu um estalo de algo batendo na madeira — e, se não fosse por ela, teria levado uma flechada —, além de passos apressados em sua direção. Com a respiração presa e o coração sem bater, ele encostou a porta na abertura, afastou-se dela num piscar de olhos e apanhou o cabo da lança, prendendo-o com força no chão, em sequência.

Quase que instantaneamente, veio o baque da velha golpeando a madeira. A porta estremeceu, levantando poeira no ar, e o cabo da lança reverberou, mas permaneceu no lugar.

— Sai daí, magricela! — guinchou a velha.

Essa era uma boa hora para começar a fazer alguma coisa, mas Vescas sentiu-se paralisado de repente. Seu corpo simplesmente deixou de obedecer e ficou estático. Um filete de suor gelado escorria pela fronte, outro pela espinha. Era medo. Até agora, ele não se dera conta do perigo que estava correndo, mas finalmente aconteceu. Ele seria comido vivo. A dor seria inimaginável. Os monstros estavam a palmos de distância, e apenas uma porta improvisada o protegia.

Outra pancada mais forte na porta. Um chute, talvez, seguido de um grunhido. Do macho.

Com as mãos tremendo, ele passou os dedos pelos cabelos ensopados e engoliu em seco. Sua garganta parecia feita de feno. Então, as palavras saíram espontaneamente de sua boca:

— Por Koma... deem ao menos um espaço, porque esse fedor está de matar.

Os monstros ganiram de ódio e começaram a espancar a barricada com mais força. Mas Vescas sentiu-se bem. Fazer troça da cara deles o ajudava.

— Chutes e socos são fracos — ele continuou. — Deviam experimentar dar cabeçadas para deixar mossas de verdade. Se conseguirem quebrar os rebites com a testa, então, verão como essa porta se desmancha em pedacinhos!

A pancadaria continuou, e a saleta reverberou com os impactos. Era evidente que a proteção não aguentaria para sempre. Mesmo assim, sentindo-se um pouco melhor, Vescas abaixou-se e voltou a revirar os entulhos. Perto do local onde encontrara a porta, ele havia tocado uma vareta comprida, que podia ser uma flecha. E onde havia flechas poderia haver um arco.

Foi até lá e começou a procurar. Encontrou, para sua surpresa, uma espada velha. Deslizou o polegar na lâmina e constatou que não havia qualquer fio. E o metal já parecia uma lixa, de tanta ferrugem. Deixou-a de lado, vasculhou mais um pouco e achou, junto a um esqueleto despedaçado, um arco longo de teixo. De início, Vescas ficou exultante e quase gritou de alegria, contudo, uma análise rápida do objeto revelou que a corda estava solta.

Era só amarrar, não?

Ele rapidamente colocou o arco no chão, prendeu um dos laços da corda na ranhura superior e esticou a outra ponta, mas alguma coisa estava errada. Ela não alcançava. Pensou que estava rompida, o que seria muito ruim, mas não estava. O nó estava pronto, como um laço, porém um pouco mais estreito que o outro. Vescas flexionou, desajeitado, a madeira, viu que ela era firme, mas respondia à pressão. Fazia sentido. Para gerar força suficiente para um disparo, a corda tinha de ser, realmente, mais curta do que a intuição comum dizia. Ele tentou algumas formas de flexionar o arco, mas não funcionou muito bem. O arco escorregava, caía no chão, desfazendo todo o progresso. Ele precisaria de três mãos para fazer aquilo! Por que Symas nunca o ensinara apropriadamente? Bêbado desgraçado... e a porta continuava a ser esmurrada. Por sorte, a garfada que Symas o dera no ombro quando estava transformado já não doía tanto.

Depois de inúmeras tentativas, ele teve algum avanço e já começava a pegar o jeito. Colocou o pé direito bem firme no chão e encaixou a parte inferior do arco, de modo que não derrapasse. A mão direita estava firme na empunhadura, e a esquerda tratou de prender a corda, começando por baixo. Quando ele puxava a empunhadura para si, o arco flexionava, possibilitando que sua mão esquerda passasse o laço na ranhura superior. Fez uma força incrível, mas conseguiu. O arco estava armado.

No exato momento em que a porta desabou devido às pancadas.

O macho surgiu numa silhueta asquerosa, os cabelos como um capinzal seco e desordenado, as mãos segurando o arco e apontando diretamente para o peito de Vescas. A velha, logo atrás, passava a língua pelos lábios e nas garras, ansiosa para começar a destrinchá-lo de uma vez. Ambos ronronando e gorgolejando, avançando aos poucos, deixando-o sem saída. Vescas também apontou seu arco, mas era um gesto mecânico, impensado. A flecha estava no chão, e ele não teria tempo para apanhá-la. Era isso. Morreria de forma estúpida.

Ele não pôde evitar alguns pensamentos negativos, como o ódio ao dia em que conhecera Symas em Cistol, em como sua vida havia se transformado em uma verdadeira desgraça desde então. Pensou em cada pessoa que conheceu e perdeu no caminho, como Baldo, Billa e o próprio bêbado, que devia estar transmutado em monstro, em algum lugar do reino, devorando mais moças inocentes. Talvez sua

vida fosse melhor na época em que ele era perseguido por brutamontes como Galen. Talvez correr o risco de ser preso por um furto aqui e ali não fosse tão desesperador quanto viver com medo de ser devorado por criaturas de cuja existência ele duvidara até recentemente.

Vescas baixou o próprio arco. Baixou ou sentiu que seus braços estavam pesados demais para segurá-lo. Passo a passo, o macho se aproximou, como se precisasse disso para acertá-lo. Estava, na verdade, se divertindo com o medo dele, como faziam os malditos lagartos. Todos adoravam tirar sarro do medo dele. Se ao menos... se ao menos Koma pudesse dar a ele mais uma chance, ele se mostraria merecedor. Aprenderia a se defender e a se impor adequadamente. Dignamente.

— Poderoso Koma... — os lábios de Vescas se moveram, mas não emitiram som. — Se estiver me ouvindo... nunca fui como Symas. Nunca duvidei do senhor.

O monstro parou a dois passos dele e puxou a corda.

— Koma, me ouça, por favor... eu... eu serei honesto. — Ele fechou os olhos e prendeu a respiração. A flechada viria no instante seguinte. Perfuraria seu pulmão e o faria assobiar de forma engraçada quando o ar escapasse. Os monstros ririam antes de começar a comê-lo. — Nunca mais roubarei nada, nem me meterei em encrencas. Eu não... eu não quero que meu pulmão assobie.

De repente, algo na iluminação mudou. Vescas abriu os olhos, piscou, colocou a mão no peito, procurando pela flecha, mas não havia sido atingido. Era como se as chamas da fogueira tivessem aumentado de tamanho e recebido uma lufada de vento. Os monstros também se distraíram, mas não por muito tempo. Não a ponto de desistirem da presa. Até que uma voz forte e trovejante reverberou pela caverna.

— Vescas... — era um som impossível de ser emitido por um humano. Era um rugido, uma coisa abissal. — Vescas, imbecil... proteja-se!

Ele não pôde acreditar no que ouvia. Suas preces haviam sido ouvidas? O próprio Koma surgira na caverna para salvá-lo! Não podia ser verdade!

Os monstros arrotaram algum som horroroso e deram as costas para o rapaz. Também haviam ouvido, o que provava que ele não estava delirando. Era sua chance. Koma os deixara distraídos, dando-o uma chance, e ele se provaria merecedor, como havia prometido. Rapidamente abaixou-se, tateou o chão — nem parou para pensar que só havia uma flecha, dado o tamanho de sua empolgação — e apanhou o objeto errado. A espada. Mas, olhando bem de perto para as costas desprotegidas do macho, ele achou que a espada não era uma ideia tão ruim assim. Pressionou a empunhadura com toda a força, correu até o monstro e atravessou suas costas com a lâmina enferrujada.

Não sabia bem se ali ficava o pulmão, mas gostou de pensar que acertava o órgão.

A criatura chiou e rosnou, o ar escapando da boca, as pernas falhando. Ele segurou a ponta da espada que brotava no esterno, mas não pôde reagir. Apenas caiu ao chão, sem forças. A fêmea, com a atenção dividida entre o ataque ao seu marido e a fonte da voz na caverna, olhou de um lado a outro, decidindo o que fazer. Mas, no instante seguinte, Vescas já apontava uma flecha para ela. E disparava.

Com os olhos ainda abertos e uma vareta fincada na testa, como um galho de árvore, ela também caiu.

— Não acredito... — ele arfou, deixando o arco no chão. — Eu venci! Koma, eu venci!

Seu corpo foi inundado por uma sensação indescritível. Uma mistura de euforia com descrença. Não era possível... ele tinha certeza de que deveria estar morto. De forma totalmente involuntária, as bochechas dele ficaram molhadas, e sua visão ficou turva. Ele estava chorando de alívio.

— Muito obrigado, Koma...

Ele estava com um pouco de medo de sair da saleta, pois sabia que Koma ainda permanecia na caverna. Dava para ouvir seus passos. Encarar um deus em sua verdadeira forma não devia ser uma tarefa fácil para ninguém, mas era hora. Ele havia prometido ser um novo homem, e um novo homem ele seria.

Quando saiu, colocou a mão na frente das vistas, pois a claridade o incomodou um pouco, e ali estava a figura, caminhando em direção a ele. Estranho... ele imaginava Koma como um deus com ombros largos, espessa pelagem e chifres mais largos ainda. Aquela figura na caverna parecia um homem. Careca, usando uma túnica pobre... e faltava...

— Espere aí...

— Seu animal! — Billa também o avistou e agitou a mão direita no ar. — Quería morrer ou o quê?

— Mas... — Vescas não estava entendendo nada. Billa estava morto. Ele havia visto! Estava praticamente despedaçado!

— *Mas nada, saia daí e vamos embora!* Não quero descobrir que esses dois monstros têm filhos.

— Desculpe, eu pensei que você fosse...

— E eu sempre pensei que você fosse homem. Ande.

Ele se aproximou do velho amigo. Era realmente ele. Havia uma lesão em sua testa, provavelmente uma pancada que o deixara desacordado. Mas não faltava mais nada. Os monstros não haviam amputado nada nem quebrado suas pernas.

Billa deu-lhe um tapa na cara.

— Acorde! Eu também caí nos truques desta caverna e desta floresta maldita. Não acredite em toda peça que sua mente lhe prega. Este lugar pode colocá-lo

louco, como quase fez comigo. — Ele esfregou o machucado na testa e fez uma careta. — Quase quebraram minha cabeça, os nojentos. Mas ei... fico feliz que tenha aparecido. Eles realmente teriam me comido.

Fazia sentido...

— Um truque... uma ilusão, então...? — Um sino badalou na mente de Vescas. — Espere aí... o que você disse sobre *esta floresta* ? Eu saí! Eu me lembro! Quase morri, mas consegui escapar. Estamos fora dela, Billa!

— Bateram na sua cabeça também? Estamos presos nesta bosta faz dois dias!

Vescas sentiu suas vistas ficando escuras. Não podia acreditar nisso. Mas, no fundo, ele sabia que não adiantava nada negar. Se a floresta incutia ilusões, fazia sentido que ele pensasse ter escapado dela. E dificilmente ele chegaria a uma cabana, logo nas beiras de uma comunidade, em que morava, por acaso, um monstro que comia gente. Era uma lástima, mas era verdade. A própria resposta à prece de Vescas, pela voz caquética de Billa, havia chegado aos seus ouvidos como se fossem palavras divinas. Droga...

Ele não ouviu mais nada do que Billa falou em seguida.

— Me desculpe por ter me afastado naquela noite. Me arrependi pouquíssimo tempo depois, mas era tarde. A floresta me conduziu para onde quis. — O velho deu-lhe uma batidinha nas costas, sem muitas esperanças. — Não se preocupe. Vamos dar um jeito de sair.



20 – O Prócer

Bärdey respirou fundo quando pousou o pé sobre uma pedra na beira da estrada. Fazia um tempo que ele não se aproximava de casa, de sua base. Seu cavalo, estacionado junto a ele e completamente desinteressado pela paisagem, abanava o rabo para espantar as moscas, e o cheiro de capim misturado a hortelã florescia o ar, vez ou outra, acompanhando o vento.

Ele olhou para o vale que se estendia por léguas lá embaixo, acompanhando o serpenteado do Rio Nodoso. A ponte recurva que dava abrigo momentâneo às embarcações miúdas estava lá, concluída, como se existisse desde sempre. E agora, bem mais apinhada de gente, Rio Largo e seus moradores tiravam proveito dela, migrando num fluxo cada vez mais corriqueiro. Riu do próprio pensamento. Sabia que um dia aquele seria um lugar tão bom de governar quanto qualquer outro.

Olhando para as extensões das sombras espichadas nas colinas encalombadas do vale, ele concluiu que estava bem adiantado na viagem. Acreditara que chegaria ao cair da noite, mas, como Canhoto o avisara, aquele cavalo era diferenciado. O próprio mercenário já devia estar bandeando as cercanias de Cerne a essa hora. Era um excelente cavaleiro. Aliás, Bärdey se deu conta de que sua montaria ainda não tinha nome, mas não havia pressa em batizá-lo. Queria conhecê-lo primeiro. Familiarizar-se com suas forças, fraquezas, anseios.

Uma criatura não podia receber um nome antes de mostrar como e por que vivia.

O vento fresco bateu em seus cabelos, quase arrancando a peruca branca, mas ele não se incomodou. O momento de respirar uma golfada de ar puro, enquanto estava com a consciência mais pura ainda, era um momento que não deveria ser interrompido. Por semanas ele vinha sofrendo com os problemas relacionados àquela grávida, mas agora era coisa do passado. E Canhoto se mostrara, de fato, um companheiro exemplar. Poderia ser muito útil no futuro, e Bärdey saberia como usá-lo. Nem que fosse apenas para fazer frete ou dar recados, como acontecia neste exato momento, já que ele cavalgava em direção à capital a fim de buscar os tais animais que os giudin deram de presente. E Bärdey estava, inclusive, curioso para saber qual era a espécie.

Como já havia feito milhares de vezes antes, Bärdey, puxando o animal pelas rédeas, aproximou-se de um ponto específico na estrada e enfiou-se por entre os arbustos altos. Encontrou a velha trilha e subiu, por onde seguiu caminhando por quase uma hora colina acima.

Quando chegou à boca da caverna, o céu já começava a perder a vivacidade da luz. Algo ali, porém, não estava certo.

Ele amarrou o cavalo em uma arvorezinha qualquer e começou a vasculhar o chão. Seus olhos eram muito aguçados, acostumados demais ao ambiente para deixar passar detalhes como aqueles: marcas de movimentação forte, acirrada, quase como um conflito. Manchas pretas e ressecadas no chão que não deixavam dúvidas. Não era recente. Aquele sangue ali tinha pelo menos alguns dias de idade. Fora isso, tudo parecia em ordem. A pedra arredondada estava perfeitamente encaixada no lugar, bem camuflada, e o local estava em silêncio absoluto. O que quer que tivesse acontecido, ficara para trás, aparentemente.

Ele perguntaria a Crentos, o único de seus homens capaz de se orgulhar por não ser um completo idiota.

Bärdey circundou a caverna pelo lado direito, passando por outra trilha escondida. Ali não havia qualquer marca ou pegada, o que era um bom sinal. O local continuava em segredo para as pessoas de fora. Ele passou por uma estreita garganta entre dois barrancos, teve dificuldade de tirar de seu caminho os novos galhos e ramos que surgiram durante as semanas em que esteve fora e finalmente emergiu do outro lado, quase na nuca da entrada principal. Nem seus homens mais antigos, como Lecos e Perna-e-Meia, atreviam-se a aparecer por ali sem autorização prévia. Esse primeiro menos ainda, pelo medo horroroso que tinha de seu irmão, Crentos.

Havia ali um emaranhado de árvores retorcidas, trepadeiras, arbustos e raízes, que formavam uma espécie de arco por onde ele costumava passar. Era pouco convidativo a quem chegasse ali por acidente. Já conhecendo bem o caminho, ele se pôs de quatro e engatinhou pela fenda do arco. Sujou um pouco os joelhos por causa da umidade, que formara uma camada de lama, mas não se importou muito e surgiu do outro lado. O cheiro umedecido de limo lembrava o de um pântano de vitórias-régias.

À sua frente havia uma parede bonita e bem esculpida, com entalhes da história da criação do mundo. Quantas vezes ele não perdera horas ali, estudando as eras, decifrando enigmas... A figura de Giius era a mais recorrente entre os motivos, e em quase cada uma das pedras ele aparecia, representado em alguma pose. Era um absurdo que nunca tivessem descoberto aquela entrada, que provavelmente era a porta principal do templo em seus dias de atividade. A porta, inclusive, era uma obra-prima de madeira nobre, que valeria uma fortuna por si só. Bärdey passou os dedos pelos entalhes em ouro. Eles ainda estavam bastante escurecidos e pareciam piorar a cada dia. Alguma salinidade no ar, talvez? Ele não sabia nem tinha interesse em polir o metal. Não queria qualquer interferência na discrição do lugar.

Sua mão desceu até uma das aldravas de bronze, e ele deu duas batidas.

A porta foi aberta sem que fosse feita qualquer pergunta. Sabiam que era ele. Do outro lado dela, surgiu um lang'oár usando uma espécie de uniforme de serviçal. Ele fez uma vênia com uma polidez que não condizia com sua aparência e saudou em um tom cortês:

— Seja bem-vindo de volta, mestre Bärdey.

— É bom estar de volta, Ziah... — Bärdey olhou para dentro do salão. Estava tudo em ordem, e o cheiro de incenso indicava que Crentos já devia ter começado suas atividades noturnas. Também ouviu o barulho constante das marteladas que vinham do andar inferior. Tudo certo. — O *prócer* está muito ocupado?

O lagarto fez uma nova reverência.

— Mestre Crentos suspeitava que seu retorno se daria hoje, senhor. Ele me pediu para que eu preparasse seu banho, pois ele podia se atrasar em seus ritos iniciais.

— Não há problema. — Bärdey já havia tirado a peruca e começava a descolar os bigodes postiços. — Mandê encher a banheira e certifique-se de que eu me encontre com ele o quanto antes. Temos assuntos a tratar.

— Como quiser, meu senhor.

Passos ecoaram pelo salão escuro, e uma voz feminina reverberou em seguida:

— Não há necessidade.

Então Bärdey viu, ao fundo, em meio às sombras, surgir uma silhueta deformada caminhando em passadas vagarosas em sua direção. Da escuridão emergiu a figura que, à primeira vista, pareceria um animal andando sobre as quatro patas, mas bem conhecida por ele.

Não importava quantas vezes se deparasse com a imagem de Crentos; ela sempre o surpreendia. O pescoço fino e alongado, com quase dois palmos de comprimento, a cabeça delicada e de cabelos longos que ele sustentava no alto, as madeixas escuras balouçando com a cadência do caminhar. Os braços compridos, como de costume, vinham apoiados no chão. Pelo menos o esquerdo, já que o direito deixava que o cetro ajudasse a suportar um pouco do peso. À medida que se aproximava da iluminação próxima à porta, a expressão melancólica de sua velha máscara se revelava. Uma incrível dissonância entre a aparência grotesca e os detalhes delicados do andrógino feiticeiro.

Crentos parou diante dele. Mesmo encurvado e apoiado nos braços, era ainda mais alto que o próprio Canhoto. Sua voz de mulher saiu meio abafada por detrás da máscara:

— É com imensa satisfação que o revejo, patrão Bärdey.

O feiticeiro apoiou o cetro no chão uma última vez antes de se colocar em uma posição confortável. O objeto, feito em mogno, era uma cobra retorcida e envernizada, paralisada em uma posição de eterna agonia. A cabeça era uma espécie de mandíbula aberta, e o *cetério* preso aos dentes estava com um leve brilho, como uma chama tênue.

— Sem formalidades, Crentos. Estamos em casa. — Bärdey olhou para o serviçal, que se retorcia, esforçando-se para manter uma postura formal. Era evidente que a presença do feiticeiro o apavorava. — O *cetério* está aceso. Atrapalhei o início de seus ritos?

— Ah, essa pedra está tão velha, que já não sabe mais o que se passa.

Bärdey apreciou a gentileza do prócer.

— Posso trazer algo... — veio a voz trêmula do lagarto — para os senhores?

— Está dispensado — apressou-se em dizer Bärdey.

Crentos se adiantou:

— Creio que deseja conversar sobre sua incursão a Fienne, estou certo? — Crentos fez um gesto sugerindo que Bärdey entrasse, para discutirem enquanto cruzavam o salão.

Ele entrou, e passaram a caminhar lado a lado. O lagarto serviçal já desaparecia nas sombras e descia as escadas.

— Evidentemente. Quero saber o que acha disso tudo e também agradeceria muito se pudesse me oferecer seus valiosos conselhos. Contudo, antes de mais nada, quero fazer uma pergunta. Sabe de algo que possa ter acontecido na entrada frontal nos últimos dias? Quando cheguei, agora há pouco, me deparei com vestígios bastante curiosos. Parecia ter acontecido ali uma espécie de briga ou algo assim. Ficou sabendo de algo?

— Ninguém me conta nada nem me responde uma sílaba além do que pergunto. Se quer saber, senti vibrações estranhas vindas de lá alguns dias atrás. Algo como presenças invasoras, mas nada de ameaçador. Duas, para ser exato. Não ficaram por muito tempo, tampouco se encontram lá neste momento. O que quer que tenha sido, já passou, mas, se quer detalhes, terá de perguntar a seus funcionários. Eles não se dirigem a mim quando você não está por perto. E, se quer saber, já não sinto mais a presença de alguns deles.

— Estranho. Farei isso... farei isso. Mas conte-me sobre essa ideia dos brincos. — Começaram a descer as escadarias. Estava um pouco escuro, pelo menos para Bärdey, mas ele não pediria para acender as tochas. Se era uma iluminação boa pra Crentos, teria de ser para ele. — Talvez seja o aspecto do plano de Bertom que mais me incomoda. Acha mesmo que é possível conseguir tomá-los das mãos da rainha drinar?

— É *essa* a tarefa, hã?... Quer saber se eu teria alguma ideia de como fazer isso ou se acho o plano um tanto quanto mirabolante e que o rei Bertom está completamente louco?

— As duas coisas... eu acho. Como ele pode estar são? Acredita que ele mantém uma galeria inteira onde estão reconstruindo a estátua? É enorme... como ele pode acreditar que aquela coisa ganhará o espírito do deus Giius?

— As pessoas acreditam no que acreditam.

— Mas eu e você sabemos que não é verdade. Sabemos quem foi o verdadeiro Giius, e ele não era mais do que um experimento de um homem perturbado. Sabe-se lá se já não foi capturado há eras ou se morreu de velhice. Esse não é o motivo de minha preocupação. Mas não posso evitar pensar nos perigos que corro para satisfazer os desejos de um lunático. Posso morrer tentando pegar esses malditos brincos.

— Por falar no verdadeiro Giius, já pensou no que fazer com as cartas?

— Ainda não sei, mas sinto que podem um dia salvar minha vida.

Crentos riu, e era como a risada de uma menina travessa.

— Sua vida está segura, sabe disso. Sabe disso desde que era pequenino. Não precisa das cartas. — Crentos colocou algum efeito difícil de decifrar na voz ao dizer essa última frase, o que incomodou um pouco Bärdey.

Mas entendeu a que Crentos se referia. Talvez estivesse sim, seguro, era verdade. Mas não podia ter certeza. Fazia tanto tempo, que às vezes nem se lembrava. Preferia não lembrar.

— Nem sabemos se ele funciona...

— Saberemos na hora certa, mas, se me permite a falta de humildade... tenho plena confiança que sim.

Chegaram ao andar inferior. Um corredor se estendia diante deles, e as várias portas dos dormitórios dos dois lados estavam fechadas. Ao longe, via-se a iluminação do galpão das forjas, e o barulho das marteladas ressoou firme em seus ouvidos.

— E eu não duvido de sua palavra. Mas não quero descobrir com uma espada fincada em meu peito. E suas promessas de nada valerão se me prenderem em Fienne pelo resto de minha vida.

Crentos torceu o pescoço comprido e olhou-o fixamente. Bärdey percebeu, pela primeira vez, que crescia algo como um chifre na têmpora esquerda do feiticeiro. Ele mudava cada vez mais. Experimentava cada vez mais. Um dia aquilo poderia cobrar um preço alto.

— Está pedindo minha benção ou a sua própria? — perguntou Crentos.

— Sabe que não posso chegar lá de mãos vazias, prócer. Sabe que não tenho chance alguma de pegar esses brincos, e essa seria uma excelente oportunidade

para construir alguma vantagem sobre Cerne.

— Se está dizendo isso, é porque já tomou sua decisão. Quer a cidade vermelha para si. Uma ideia um tanto quanto atrevida, devo dizer. Diga-me... quantos lagartos recrutou?

— Mais do que o suficiente. Um deles é um místico importante para sua tribo. Ele tem um plano promissor quanto aos muros de contenção das terras drinares. E ele está disposto a investigar minuciosamente as fronteiras no istmo. Cismou que algo lá é importante para a ativação das defesas dos cretinos. Imagine, Crentos. Imagine por um instante o que um exército de lagartos ensandecidos e armados com lâminas poderiam fazer às carnes delicadas dos drinares sem as *égides* para atrapalhar.

Crentos pareceu pensar, realmente.

— Creio que um dano considerável. Eles precisam das torres. E quanto a esse místico, Ziuruh, eu o conheço de outras histórias. Tem reputação... Quanto ao seu poder, não posso opinar. Já me soa estranha demais a ideia de um não drinar operando sua magia sem o auxílio de cetérios, orbes ou qualquer outro condutor. Se é um talento nato, deveria ser usado e estudado, quando possível. Dou-lhe razão, nesse ponto. Não confio, entretanto, nos intuitos desse místico.

— Eu confio no dinheiro que enfiei no bolso dele. Acredite, colocaria reis de joelhos.

— O que posso dizer? Desejo a você toda a sorte do mundo. Esqueça os brincos, então. Tome a cidade e me consiga alguns dos segredos daqueles montadores de dovares. Saiba, porém, que o sucesso é imprescindível. Não haverá volta depois disso. Poderá sofrer retaliações dos vermelhos remanescentes, das tribos desertoras, das comunidades vizinhas. E, como pretende desativar as *égides*, precisará estudar os muros, que os vermelhos conhecem tão bem. Não poderá haver um túnel, uma passagem, nada com que seus lagartos não estejam familiarizados. E claro... não preciso mencionar a própria Cerne. O rei virá com tudo para cima de você e não sossegará enquanto não cortar sua cabeça. Precisaré de ajuda. Alianças.

Bärdey respirou fundo. O místico tinha razão. Não podia falhar de jeito nenhum.

— Acha mesmo que os desertores defenderiam a honra dos parentes que os expulsaram?

— Não é o que eu acho que me preocupa, mas o que não sei.

Bärdey assentiu. Teria de considerar essa possibilidade.

— Posso pelo menos contar com suas... criações?

— Por mais que eu queira estender-lhe a mão... não. Ainda falta para que meus filhos fiquem prontos, e não posso precisar a data.

Bärdey pensou no asqueroso ninho de ovos gosmentos que Crentos mantinha em sua câmara. Morria de curiosidade para saber o que seria germinado a partir deles.

— Isso não é bom.

— Ainda há tempo para repensar. Mas não leve o que eu falei tão ao pé da letra. Existe uma boa possibilidade de os drinares nunca mais voltarem a importuná-lo. E os que sobrarem na capital podem servir bem como escravos para reconstruções e novas guarnições. Não quero desencorajá-lo nem o contrário. Quero dar-lhe um panorama mais amplo. E sempre haverá tempo, antes de tudo, para repensar.

— Já está pensado. É agora ou nunca. Mande os ferreiros dobrarem a produção, e o próprio Ziuruh está perdendo as vistas de tanto pesquisar. Teremos êxito, tenho certeza. — Bärdey pegou-se olhando para baixo e dando bicadinhas com o pé no chão. — Talvez eu estivesse buscando sua bênção, afinal. De qualquer forma, obrigado pelas palavras, prócer. É sempre iluminador conversar contigo.

— O prazer é meu. Mas não pense que todo o assunto é envolto em trevas. Os lagartos ferreiros tagarelam demais e acabaram mencionando um fato que pode ser de grande satisfação a você.

— O que andaram falando?

— Sabe que chegará em Fienne a tempo para as festividades, não é? Um dos convidados da rainha é um homem de seu interesse. O ministro Kacima, do Forte Branco.

Bärdey estacou, com os olhos esbugalhados.

O ministro Kacima, braço direito do rei Albus, governante de Lineliande e também seu pai... Bärdey lembrou-se dos eventos que se sucederam quando ele era ainda pequeno. Pensou em como sua vida não teria sido uma verdadeira desgraça se o maldito não o tivesse abandonado na rua... Se não fosse pelo coração generoso de sua mãe, Madame Efrin-Dortga, se não fosse por ela adotar um sem-número de crianças e as colocar sob os cuidados do falecido mestre Gobe...

— Está bem, patrão?

Ele sentia como se Crentos pudesse sempre ler seus pensamentos.

— Estou ótimo. — Ele riu. Seria bom colocar as mãos naquele desgraçado. Bom demais. Quase melhor do que tomar a cidade. — Não se preocupe comigo.

Bärdey esmurrou a parede.

— E vocês foram incapazes de prendê-la? — Perna-e-Meia se contraiu, amedrontado, e Roney permaneceu sentado no catre. Suas bandagens estavam amarronzadas, manchadas de sangue ressecado, e o ar cheirava a pus. — É para

isso que os treinei? É para isso que os alimentei com o que há de melhor? Eu devia dá-los aos lagartos para que fizessem o que bem entendessem!

— Não foi nossa culpa, chefe... — Perna se adiantou, mas foi interrompido bruscamente.

— Nem pense em me dar mais desculpas. Relate. Eu quero saber em detalhes como vocês foram incompetentes o suficiente para deixar escapar essa... moça, garota giiudin ou o que quer que seja. Como ela entrou, se Mudo fica de guarda durante dois turnos? Aliás, onde está o imbecil?

— Eu ia chegar lá, chefe... o Mudo, bem...

Roney elevou a voz para se fazer ouvido através da máscara de bandagens:

— Ela o matou, chefia.

Bärdey arregalou o olho, a boca permaneceu aberta conforme ele se virava em direção ao subordinado.

— Ela o quê?

— Ela... — Roney estalou as vértebras do pescoço e depois emitiu um leve gemido de dor. — Ela deu nele um golpe com um facão. Bem no meio da cabeça, chefe... Praticamente a partiu em duas bandas.

— Espere aí... estamos falando de uma garota? Estão me olhando no olho e dizendo que uma garota magricela conseguiu adentrar minha base, fuçar em salões que somente eu e meus subordinados conhecemos, sair, escapar de um grupo de homens armados e ainda matar um de meus melhores homens? Olhe, Roney, eu vou perguntar com calma e gostaria de uma resposta honesta. Estamos falando *desse* cenário?

Roney aquiesceu levemente, mas acabou assentindo.

— Não só isso... ela matou Lecos também.

Um silêncio pairou no ar. Bärdey colocou a mão na testa e permaneceu nessa posição por vários momentos, esfregando, coçando os olhos, remexendo nos cabelos. Por fim, esmurrou a parede e indagou:

— E ninguém teve a decência de comunicar ao irmão dele?...

Dessa vez, foi Perna quem respondeu:

— A ge... gente morre de medo dele, chefe. Sempre que nos aproximamos, ele faz ameaças. Uma vez jogou um feitiço em Roney, e ele ficou burro por dois dias.

— Então foi um feitiço de cura. Bando de inúteis! Eu devia estripá-los aqui e agora! Quanto a Lecos, acredito que Crentos merecia receber essa notícia, não? — Bärdey esperou que Perna respondesse, mas o grandalhão manco ficou calado. — Não? Desgraçados! A situação de vocês não está nada boa. Terei de reforçar a segurança a partir de agora, e estejam certos de que não contarei com imbecis. Como? Como isso aconteceu?

Perna-e-Meia coçou a barriga e olhou para cima, tentando se lembrar. As manzorras se agitavam casualmente no ar, conforme ele relatava:

— Foi depois que ela partiu o crânio de Mudo... Ficamos meio em choque, vendo os miolos dele espalhados pelo chão, e ela deu no pé. O irmão dela já tinha morrido, um menininho. Teve o pescoço quebrado pelo próprio Mudo. A menina destrambelhou, sei lá. Ficou maluca e saiu correndo pelo mato depois de ver o menino morto. Ficamos para trás, tanto para juntar os pedaços de Mudo para enterrar quanto por causa do imbecil do Roney, aqui, que mal podia andar. A propósito, ele está com a cara quebrada por causa dela, também. Lecos foi o único a persegui-la, e eu pensei que o caso estava encerrado. Acontece que, como ele não voltava nunca, fui até lá para saber o que tinha acontecido, e ele estava caído lá nos pés da colina, na beira do rio, com a cara estourada. Pó-de-pederneira.

— Inacreditável. — Bärdey abriu os braços. — Simplesmente inacreditável. Me recuso a aceitar isso. Me digam que essa garota é uma maga de efrária ou algo do tipo. Pelo menos isso.

Perna baixou a cabeça.

— Pode ser que sim, chefe. Estava escuro, e foi tudo muito confuso.

— Você não sabe nem mentir direito. É uma vergonha para essa organização. Todos vocês! Estão mortos. Mais que mortos.

— Ei, chefe! — Roney se defendeu. Sua testa já vicejava com gotas de suor. — Eu não... Eu não fiz nada!

— Exatamente. O mais inútil do bando. Podia ter morrido também, para me poupar do trabalho de puni-lo. — Ele virou-se para o outro. — Escute bem, Perna... e me escute com atenção. Eu quero essa merda dessa garota aqui. Viva, morta, não interessa. Não deve ser difícil encontrar uma giudin nesse maldito reino, já que ela não se mistura à multidão. Eu a quero aqui, ou as coisas vão ficar muito feias para o seu lado, está me ouvindo?

— Si... sim, senhor.

— E você, Roney, vai se levantar dessa cama e avisar o prócer que o irmão dele foi morto por incompetência de vocês. Torça para que ele esteja de bom humor.

A garganta de Roney se remexeu, mostrando que ele engolia em seco. Foi esperto em não argumentar. Bärdey estava pronto para cortar sua garganta a qualquer instante.

— Sim... senhor.

— Vou me deitar e não quero mais ser incomodado por hoje. Estão dispensados.

— Che... chefe — veio a voz trêmula de Perna-e-Meia.

— O que foi?

— Antes que vá para seus aposentos, tem algo mais...

— E não me contou ainda? Está realmente brincando com fogo, rapaz... Fale de uma vez!

— Acredito que o senhor... acredito que o senhor não vai gostar nada disso. A tal garota conseguiu chegar até sua saleta e mexeu no seu baú. Sua mãe, ela... bem... como eu posso dizer?

21 – Fogo

Bärdey, na primavera de seus onze anos, mesmo em suas inúmeras andanças pela capital, as quais passou roubando, trapaceando e prejudicando todo tipo de pessoa rica, jamais vira algo tão esplendoroso quanto a festa que prepararam para ele naquela noite. Os móveis pareciam novos — se não eram, mesmo —, as cortinas velhas haviam sido trocadas por outras de seda e linho, e cada castiçal e candelabro do bordel estava enfeitado por lírios, rosas e margaridas. Fitas coloridas presas às paredes cortavam o salão, incensos e perfumes impregnavam o ar com uma atmosfera ainda mais campestre do que a habitual, e a mesa retangular, posta exclusivamente para a ocasião, não tinha sequer mais espaço para comida e bebida. As meninas da casa usavam roupas novas — pelo menos diferentes das que ele estava habituado a ver —, os cozinheiros e copeiros eram pessoas completamente estranhas, contratadas só para aquele serviço, e um conjunto de músicos acompanhava um menestrel de vestes extravagantes e voz retumbante. Sem clientes. Só eles.

Não era real. Não podia ser. Já haviam feito festinhas para ele antes, mas nunca com tanto capricho.

Ele foi despertado de seu devaneio quando uma das funcionárias lhe deu um cutucão e estendeu um embrulho.

— Que tenha muito mais anos de vida — ela disse.

Bärdey riu, agradeceu, meio sem jeito, já abrindo o pacote, enquanto outras moças esperavam a oportunidade de dar seu próprio presente. Era uma escultura esquisita, com um bojo no fundo e vários furinhos laterais. Não fazia a menor ideia do que era aquilo.

— É um espírito defensor — a moça explicou, sorrindo de orelha a orelha. — Você usa para queimar ervas aromáticas na base, e seu quartinho fica protegido.

— Protegido do quê?

— De espíritos ruins, ora.

Uma das moças que aguardava adiantou-se para explicar.

— Madame Efrin-Dortga não lhe explicou a tradição dos aniversários em Eloche? — Bärdey só balançou a cabeça. — Essa é a ocasião em que seu corpo está mais frágil e desguarnecido. É o início de um novo ciclo. Se não se cuidar, pode abrir brechas para que espíritos malignos tomem seu corpo. Acredite em mim... você não quer ter uma sequência de anos de azar. Por isso, aproveite, pois Madame Dortga está efusiva neste ano e disse que queria algo especial. Você já está nas vésperas de se tornar um rapazinho.

— Muito... — ele balançou a escultura e deu mais uma boa olhada de perto. Não era tão ruim, assim. Ficou curioso em saber o que suas outras mães haviam separado para ele — muito obrigado, então.

Outra deu um passo à frente. Segurava um cubinho metálico com dois pequenos chifres — ou dentes — que escapavam pelos lados. Os olhos da moça desviaram de Bärdey para atrás dele. Ela abriu ainda mais o sorriso, e ele também se virou para olhar.

— Por falar em Madame Dortga...

A primeira-mãe estava absolutamente deslumbrante. Ela entrava pelo salão e era recebida quase como se fosse uma celebridade, ou uma daquelas duquesas ricas quando estacionam a carruagem nas portas do palácio. Seu vestido era de um verde vistoso, com babados escapando pelas mangas, e, na cintura, uma faixa de um tecido fino e dourado, que ele não pôde identificar, apertava firme seu umbigo e fazia as curvas do quadril ficarem ainda mais acentuadas. As demais funcionárias faziam vênias como se estivessem diante de uma princesa. Quase quebravam as próprias colunas. Um pequeno detalhe, porém, não escapou do olhar aguçado do menino: Madame Dortga ostentava um invejável decote, como de costume, mas o colar de pedras preciosas não estava mais ali.

Ela forçou seu caminho por entre as bajuladoras e abriu os braços diante de Bärdey:

— Onde está meu menino aniversariante?

Ele sorriu. Uma festa daquele tamanho só para ele era... era indescritível. Uma sensação inebriante. Por que aquelas pessoas haviam decidido tratá-lo tão bem, como se ele fosse realmente da família?

— Segundo as meninas — brincou, mostrando um dos presentes que ganhara —, estou sendo protegido dos maus espíritos.

— Estou vendo, estou vendo... quantas coisas bonitas está ganhando. Eu, entretanto, tive uma ideia diferente de presente. Quando eu tinha sua idade, sonhava em ter meu próprio dinheiro para gastar como quisesse, mas sabe como funcionam as cabeças dos pais. Portanto... — ela olhou para o lado e estalou os dedos — Mallea, onde está o saquinho?

— Aqui, madame — uma das moças entregou-lhe um embrulho, uma espécie de saco de couro, recheado de coisinhas que tilintavam.

Madame Efrin-Dortga estendeu a Bärdey o maior saco de moedas que ele já vira. Devia ter o equivalente a um mês de compras do mestre Gobe ali.

— Foi tudo que restou das minhas... economias — ela disse. — Vá à cidade e compre o que bem entender amanhã. Se não quiser comprar nada, guarde ou invista nos meninos das galerias. Só quero que desfrute bem desse dinheiro.

Bärdey se perguntou se as *economias* dela não tinham nada a ver com o colar.

— Poxa... mas, mãe... — os olhos dele se abriam mais a cada sacolejo na sacola — isso é muita coisa.

— Não é nada de mais. Deixe de bobagens.

Ficaram rindo e trocando presentes por mais algum tempo, enquanto a primeira-mãe corria pelo salão experimentando os quitutes e as bebidas, uma a uma, para certificar-se de que estava tudo a seu gosto. Bärdey ia acumulando seus presentes em uma pilha e já começava a se preocupar em como acomodaria tudo aquilo em seu quartinho. Não pôde deixar de se perguntar o que mãe Wynna o teria dado, e um fio de tristeza pairou sobre ele. Lembrou-se do homem que a matara. Aqueles cabelos vermelhos... ele estremeceu e tentou afastar os pensamentos. Voltou a se concentrar em seus presentes e nos comentários divertidos das moças. Em dado momento, os murmúrios e cochichos foram, de repente, substituídos pela voz de uma delas:

— Estão sentindo esse cheiro?

Outras afirmaram, e o nariz de Bärdey também captou.

— Fumaça. Alguma coisa está pegando fogo.

E começou um alvoroço, afinal, o prédio era quase todo feito de madeira em sua estrutura. A música parou, e todos começaram a trocar esbarrões enquanto checavam cada um dos cantos. Pensaram, primeiro, que o fogo viesse da cozinha, mas lá estava tudo bem. Conferiram as cortinas, as toalhas da mesa, todos os cantos, mas não encontraram o fogo, e a fumaça começava a se acumular no salão.

Bärdey, assustado, ficou paralisado no meio da escada, sentindo uma onda de pânico tomando conta de seu corpo. Seus pulmões começaram a arder, e ficava cada vez mais difícil respirar sem ter vontade de tossir. Ele não conseguiu reagir às trombadas que recebia, pois já estava absorto numa espécie de abstração mental, na qual tudo se passava lentamente diante de seus olhos. Os músicos se juntavam para tentar arrombar a porta da frente, mas ela não se movia. Teria alguém os trancado ali dentro para morrer? Alguém botara fogo na casa, era isso?

Tudo aconteceu rápido demais. Perderam muito tempo procurando pelo problema ao invés de fugir dele. Duas ou três moças já haviam desmaiado e eram pisoteadas de vez em quando pelas outras. Mais uma caía tossindo sobre a comida e lá permanecia. Bärdey sentiu o suor descendo gelado pela nuca, empapando sua camisa. O calor estava começando a ficar insuportável, e as chamas já entravam pelos vidros estourados das janelas, lambendo as cortinas. Madame Efrin-Dortga surgiu na escada, tropeçando e se apoiando em uma das mãos, enquanto a outra mão firmava um pano molhado sobre a boca. Ela gritava:

— O quartinho! Vejam se o quartinho não está pegando fogo! Tirem o menino daqui!

Bärdey se deu conta de que ela falava do seu quarto. Era uma excelente ideia. Seu alçapão secreto podia salvar a vida de todos!

Ele mesmo tomou a iniciativa de ir até lá. Quando chegou ao andar de cima, viu que ali as coisas estavam ainda piores. O telhado já havia sido substituído por um cobertor de fumaça preta e quente. A gritaria no salão era desesperadora. Alguns filetes escapavam pelas frestas entre uma telha e outra, mas não rápido o suficiente para evitar que ela se acumulasse. Mais fumaça fugia pelas portas dos outros quartos, e o piso estava quente demais, mesmo calçando sandálias. Para piorar, ele começava a ficar zozzo, e os tacos no chão passavam a girar lentamente sob seus pés.

Ele alcançou sua portinhola secreta. O calor da maçaneta queimou sua mão, mas ele abriu mesmo assim. Viu que sua cama já pegava fogo, e o carpete já havia sido reduzido à metade, conforme as chamas o consumiam gradativamente. O alçapão estava intacto, pelo visto. Ou não estava. Bärdey já não sabia se estava acordado ou dormindo. Ouvia algo como um estalo forte vindo de algum lugar da casa. Parte do telhado estaria desabando? Estava tonto demais para raciocinar direito e caiu de quatro, ofegante. Ansiava por ar puro, mas também precisava avisar os outros. Eles podiam escapar.

Bärdey engatinhou sobre o carpete, mesmo queimando a mão nas brasas, e voltou para o corredor. Ele teve uma sequência de tosse rascante antes de poder gritar. Ainda de quatro, chamou pela primeira-mãe, mas estavam berrando tanto no salão lá embaixo, que foi impossível se fazer ouvido. Fumaça demais. Ele se levantou com dificuldade e foi até a escada, abandonando o quartinho. O andar de cima estava curiosamente vazio. Por que não estavam ali, junto dele, tentando escapar?

Quando ele alcançou o primeiro degrau, se apoiou no corrimão e olhou para baixo. Foi uma visão que ficaria em suas memórias para sempre. A escada estava completamente desmoronada. Uma pilha de madeira parcialmente queimada soterrava algumas meninas. Era possível ver pés e mãos chamuscados sob os escombros. O cheiro de cabelo e pele tostados fez o estômago de Bärdey ficar embrulhado. Outras funcionárias choravam, tentando desenterrar as colegas enquanto lutavam de forma capenga pela própria sobrevivência. Ele teve certeza de ter visto, entre as pernas soterradas, o vestido e as sandálias de Madame Efrin-Dortga.

Do resto, ele nunca mais se lembrou bem.

Ele acordou algum tempo depois com alguém jogando água em seu rosto. Abriu os olhos e reconheceu um de seus colegas de galeria, Joppo. Estava escuro, e uma brisa fria fazia seus braços estremecerem. O menino sorriu para ele.

— Você está bem. Que bom, Bärdey. Agora precisa descansar.

— Onde estamos?

— Na entrada do beco que dava para os fundos da casa.

Bärdey tentou se levantar, mas sentiu uma onda de dor cortando toda a região de seu ombro esquerdo.

— Não se mexa. — Ele sentiu as mãos de Joppo colocando-o de volta no chão. — Quebrou alguns ossos quando caiu do alçapão. Tem sorte de ainda estar vivo. Se tivesse batido a cabeça, você era história.

— A casa... — ele balbuciou. — Minhas mães... madame Dortga...

Joppo baixou a cabeça e deixou o olhar correr pela rua. Bärdey acompanhou seus olhos e viu o que restava da casa. Não muito. Soldados da guarda entravam e saíam do prédio carregando corpos chamuscados, empilhando-os sobre uma lona no meio da rua. Uma multidão de curiosos se aglomerava nos arredores.

— Sinto muito — disse Joppo. — Ninguém foi encontrado com vida. Madame Dortga foi... reconhecida por seus anéis. Mestre Gobe está com a guarda, assegurando-se de que as moças tenham um funeral digno. Serão cremadas em uma cerimônia apropriada, e você poderá ficar com a urna como recordação.

A mente de Bärdey se recusava a aceitar o que acontecera. Ele não queria urna nenhuma, queria sua casa, suas mães.

— Não se preocupe com nada, irmão — dessa vez quem falou foi outro dos garotos, surgindo subitamente das sombras. Penumbra. — Mestre Gobe cuidará de você agora. Nada de mal vai voltar a lhe acontecer, é uma promessa.

Bärdey sentiu seus olhos marejando. Colocou as mãos sobre eles, conforme as lágrimas desciam pelo rosto. Só queria dormir. Pensar doía demais.

As lembranças começaram a se dissipar à medida que ele se dava conta do que estava fazendo. Sua mão direita apertava firme a garganta de Perna-e-Meia, enquanto a esquerda apontava uma adaga para o olho do sujeito. Bärdey podia sentir a cartilagem sendo esmagada sob seus dedos à medida que o rosto do subordinado ganhava uma coloração arroxeadada. Ele afrouxou a pressão antes que matasse o homem. Perna cambaleou para trás, com uma crise de tosse engasgada, acudindo o pescoço. Roney, apavorado, tentou falar, com a voz trêmula:

— Nós... nós recuperamos a maior parte das cinzas, mestre. Por favor, nos deixe consertar isso. Vamos pegar a garota. Prometemos.

Bärdey sorriu em um esgar deformado e enfiou a ponta da adaga na palma da mão. Ninguém tocava nas cinzas de sua mãe... de suas mães combinadas. Lambeu

o filete de sangue que escorreu da pele.

Lembrou-se da primeira vez em que provou sangue de um homem amedrontado. Era uma lembrança vívida demais para se esquecer. Uma semana depois do incêndio, ele foi despertado pela voz excitada de Penumbra. Gobe havia capturado o homem de cabelos vermelhos conhecido como *drinar*. Nunca souberam ao certo se ele fora o responsável pelo incêndio, mas todos supuseram que sim e gostaram de fazê-lo. O *drinar* estava em outra saleta, amarrado, tonto, pois já havia tomado uns murros para amolecer. Quando Bärdey adentrou a saleta, mancando por causa dos ferimentos que sofrera na queda, Gobe já o esperava com um sorriso no rosto. Ofereceu uma faca a ele e o autorizou a fazer o que quisesse com o homem.

E ele fez muito mais. Foi seu último dia como criança.

Bärdey voltou apenas mais uma vez ao que restara da casa, numa noite de pouca movimentação da guarda, apenas para recuperar sua pedra, que manteve escondida por muitos anos. Nunca mais passou por aquela rua depois disso.

— Ah, vão — ele disse, passando a língua no lábio inferior e sentindo o gosto salgado e metálico de sangue. — Tenho certeza de que a pegarão. Não vão querer me ver furioso.

22 – Yer’lenel, o Abstruso

Symas desgrudou os cabelos suados da testa e removeu dos ombros a manta que usava para dormir, atirando-a para longe do buraco. Estava começando a esquentar.

— Vamos lá, Gorbos. Estamos quase acabando.

Com sua espada, executava uma das tarefas mais desagradáveis de toda a sua vida. Esquartejava o cavalo para ficar mais fácil enterrá-lo. Os nós dos dedos estavam empapados de sangue coagulado, e o punho da arma, grudento, como se estivesse banhado em melado. Ainda assim, julgava ser mais justo com o animal do que deixá-lo ali para os rabujos comerem. Também havia outro fato a considerar: ele agora já não podia mais deixar o campanário em velocidade. Era, de fato, mais apropriado que ele cuidasse das coisas direito e tivesse algum tempo para pensar.

Ele olhou para o buraco que tinha à sua frente e sentiu vergonha. Uma criança com uma pá teria feito um trabalho mais satisfatório, mas era o melhor que podia fazer no momento. Custara até o último fio de sua lâmina e mal dava para enterrar um quarto traseiro do animal. Provavelmente teria de completar tudo com pedras por cima.

Balançando a cabeça de um lado a outro em negativa, ele agarrou a pata traseira de Gorbos e arrastou o pernil ensanguentado pelo chão, atirando-o no buraco. Depois, quando ia pegar mais um pedaço, sentiu como se suas vistas tivessem explodido num clarão, acompanhado de uma dor forte na nuca. E ficou inconsciente.

Symas despertou, mas sempre deixava para abrir os olhos depois de ouvir os arredores por um momento. Esse era um costume que adquiriu na época em que foi flâmule do rei Bertom. Sua cabeça latejava na parte de trás, dando a sensação de que seus miolos pulsavam, mas tentou prestar atenção. Ouviu um crepitar de chamas e, pelo calor alcançando sua pele, supôs que estava deitado perto de uma fogueira de acampamento. Também escutou uma conversa desenrolando-se não muito longe dele. Duas vozes masculinas cujos sotaques indicavam alguma relação com as terras do norte. Talvez com a própria capital drinar.

— Ele deve ser levado para a capital, já disse — era um timbre rascante e trazia certo tom de discordância com as próprias palavras. Como se ele sequer estivesse disposto a defender o que estipulava. — Não haverá mais discussão sobre isso, Cur’molo. Chega.

— Não estou discutindo — essa já era uma voz mais jovem e alegre. Trazia uma melodia otimista, diria Symas. — Me preocupo com o impacto que trará aos cidadãos. Olhe o estado dele! Veja como as costelas estão aparecendo, como se ele fosse um...

— Não se atreva a dizer em voz alta — sussurrou o primeiro. — *Ele* vai ouvir.

— Não vai... ele está no córrego, se lavando.

— Não me importa, apenas faça o que eu disse. Arrume uma linha e uma agulha, costure esses rasgos da melhor forma que puder. Toma, ei... tenho até uma agulha aqui. Só precisa se virar para encontrar linha. Dê um jeito de fechar bem para que pelo menos os... órgãos não caiam no chão, e é só.

— Mas, senhor Bor'iah, não adianta. E quando chegarmos...

— Então nós o enrolamos com um pano, está bem assim? Uma manta. Pode usar a cela. Satisfeito? Vamos embrulhá-lo e colocá-lo por cima do dovar. Temos um sobrando, lembra-se?

A essa altura, Symas já sabia que se tratava de drinares, pois eram o único povo acostumado a usar dovares como montaria. Além disso, os prefixos em seus nomes denunciavam suas castas. Dos dois discutindo, um era caçador ou mago já formado, ao passo que o outro não passava de um aprendiz. Este era o chamado Cur'molo e ele levou um tempo ponderando, antes de responder.

— Está certo. Mas quando Yer'lenel chegar, não quero saber de você recebendo os créditos pelo trabalho.

Symas prendeu a respiração ao ouvir o nome. Esse era perigoso. Um mestre.

— Como ousa falar assim comigo, novato? Quer perder a língua?

— Me... desculpe, senhor Bor'iah.

— Cale a boca e vá fazer o seu trabalho.

O aprendiz baixou ainda mais a voz. Symas quase pôde sentir o olhar dos dois recaindo sobre ele.

— E quanto ao humano?

— O que tem?

— Bem... devo... você sabe, amarrá-lo ou algo do tipo?

— Não. Pelo menos por enquanto. Yer'lenel teria mandado, se quisesse. O que você pode fazer é não desgrudar os olhos dele. Você não quer que ele saia correndo quando acordar. Mas, se ele o fizer, desapare sem piedade.

— Eu duvido que ele vá querer sair correndo antes de tentar recuperar seus pertences. Além disso, o que ele poderia enxergar nessa mata escura?

— Essa é a primeira coisa sensata que diz hoje. Agora vá fazer o que mandei.

— Sim, sim.

Symas abriu os olhos lentamente, a tempo de ver o drinar caçador se afastar do aprendiz. Bor'iah era o nome dele. Um sujeito de cabelos desgrenhados e espetados, bagunçados o suficiente para formar uma dicotomia com sua bela armadura de couro e escamas. Cur'molo permaneceu no lugar, numa posição confortável perto da fogueira. Este já tinha um melhor aspecto, cabelos compridos e uma franja cobrindo o espaço onde deveriam existir sobrancelhas. A luz das chamas revelava, de vez em quando, o brilho vermelho das mechas, mas, para olhos menos experimentados, os dois passariam tranquilamente por humanos. Cur'molo, ainda procrastinando, esticava as mãos para a frente, para aproveitar melhor o calor do fogo, e uma coisa estranha acontecia: as chamas se agitavam. E ele olhava para os lados, tenso, como se tivesse medo de que alguém o visse fazendo isso.

Symas sabia que tinha de tomar muito cuidado. Os drinares dominavam artes que ele nem sonhava tentar compreender. Mas, sem dúvida, seria uma excelente ideia dar o fora dali antes que o mestre deles aparecesse.

Ele cerrou os olhos e estudou a área. Estava num acampamento bem organizado, com mantimentos pendurados nos galhos de árvores, posicionados estrategicamente para uma remoção rápida em caso de necessidade. Um caldeirão de barro estava largado no chão, e um quadripé com rolete, para assar carne, jazia por cima da fogueira com apenas um naco ressecado e começando a carbonizar, indicando que os drinares já haviam se alimentado. Três dovares descansavam nas sombras, e um outro, afastado, mordiscava, meio desinteressado, alguns arbustos. Este último devia pertencer ao tal Yer'lenel, a quem os dois drinares prestavam reverência. Era o que tinha a cela mais enfeitada por penduricalhos e pingentes, bem como os maiores e mais retorcidos pares de chifres. Eram como bodes gigantes, do tamanho de bois, só que com uma pelagem mais comprida, quase se arrastando ao chão. Como eles conseguiam se locomover pela Floresta de Ossos era, se não um mistério, no mínimo intrigante.

Cur'molo se levantou, espalmou as mãos e foi até um dos dovares. Ele removeu uma das mantas usadas para formar a cela, a desdobrou cuidadosamente e abriu no chão. Então ele caminhou para o meio da escuridão e se abaixou por um momento, procurando alguma coisa. Voltou pouco depois, arrastando um par de pernas. Estavam estraçalhadas. Os pedaços de carne pendurados e um dos fêmures aparecendo indicavam que haviam sido arrancadas à força. Cur'molo posicionou as duas sobre o tecido, voltou para os arbustos e trouxe o restante do corpo, puxando-o pelas mãos. Completamente massacrado. Symas estremeceu, lembrando-se de Anne, a filha do médico em Cistol. O rosto da vítima era impossível de reconhecer, mas os cabelos não deixavam dúvidas. Outro drinar.

Um sinal de alerta badalou na cabeça de Symas. Talvez seu sonho não tivesse sido só um sonho. Isso era problemático. Se ele tivesse matado um dos caçadores, as coisas não terminariam bem para o seu lado.

Ele sentiu que seu braço estava ficando dormente e resolveu rolar o corpo o mínimo possível, para que não o ouvissem. Subestimou o ouvido aguçado dos vermelhos. Cur'molo largou os braços do colega estraçalhado e girou o pescoço de forma macabra em direção a Symas. Em um piscar de olhos, num movimento quase impossível, ele já estava com o arco armado e uma flecha apontada em sua direção. O drinar não se moveu — nem precisava, pois Symas teve certeza de que ele jamais erraria o disparo —, apenas abriu a boca e vociferou:

— O homem-fera está acordado!

Quase que instantaneamente, surgiu das sombras o caçador Bor'iah. Ele tinha também um arco preso às costas, bem como uma espécie de azagaia pendurada na omoplata. Ele olhou para o aprendiz, fez um sinal rápido com a cabeça, talvez indicando que precisaria de cobertura, e caminhou em direção a Symas. Agarrou o pulso do ex-soldado — e era incrível como aquele braço delgado de mãos delicadas tinha força —, forçando-o a se colocar de pé. Symas não resistiu, só fingiu estar mais zozinho do que realmente estava.

— O que querem comigo?

Bor'iah passou a mão pelos cabelos espetados e encarou Symas, encostando seu peito no dele. O drinar tinha de olhar para cima, dada a diferença de tamanho entre os dois.

— Eu não sei como você fez aquilo, aberração, mas descobrirei. A sorte não está com você nesta noite.

— Do que está falando? — blefou Symas, com sua melhor atuação.

A mão do drinar estalou com força em seu rosto, fazendo sua cabeça sacolejar por dentro.

— Não insulte nossa inteligência. Sabe por que está aqui. Nós vimos quando matou Bor'mel dentro da *Floresta Umbrosa*. Corremos atrás de você, mas suas pernas são bem rápidas quando querem escapar. Aliás, como conseguiu sair da floresta ainda é um mistério para mim, mas acho que, depois de ver um monstro se transformando em homem, pouca coisa me surpreenderia.

— Floresta...? Eu entrei na Floresta de Ossos?

— Parece que sua memória vai e vem, não? Darei a você o benefício da dúvida, por ora. Nós não costumamos pernoitar do lado de fora, mas hoje tivemos de abrir uma exceção. Como deve saber, não são muitos os que têm coragem de se aventurar pela Umbrosa, mas ela não é problema para os drinares. Sabemos onde ficam seus caminhos para entrar e sair. E, quando queremos, determinamos quais são os caminhos de entrada e saída. Estávamos em um grupo de quatro, caçando

para os mantimentos do festival. Faz três dias que deixamos Fienne. Planejávamos cortar uma parte considerável do território umbroso e montar um estoque capaz de exaurir as forças dos quatro dovars, ali. Como deve saber, a floresta é uma fonte praticamente inesgotável de comida para os drinares. Nesta noite, Bor'mel afastou-se do grupo, perseguindo algum animal, mas não imaginávamos que isso o traria problemas. Pouco depois, ouvimos seus berros, e eu suspeito que foi nesse momento que ele o viu, aberração. Não conseguimos chegar a tempo e, quando o alcançamos, ele já estava... — Bor'iah inclinou de leve a cabeça, sinalizando para o cadáver jogado por cima do pano — você sabe. Já tinha virado obra sua. Seguir seus rastros foi fácil, mas você corria muito depressa e nos obrigou a sair. Quando chegamos ao seu acampamento, naquele velho campo de batalha, você estava arrancando as tripas dum pobre animal, e tivemos receio de atacá-lo. Quem faz aquilo com um caçador drinar é certamente muito poderoso. Depois de trucidar o cavalo e deixá-lo agonizando, sem um pingo de misericórdia, você vagou, sem rumo, até cair no sono. Foi uma visão que nos deixou de queixo caído, aberração. O resto da história você já sabe. Só tivemos de esperar o momento certo para subjugá-lo.

Symas digeriu cada palavra com nojo de si mesmo. Seus lábios tremiam, e ele já não sentia mais vontade de fingir inocência quando perguntou:

— Viram mais algum homem? Um jovem de cabelos pretos. Eu o matei também?

Bor'iah sacudiu a cabeça e fez uma careta. Olhou para Symas com os dois olhos de cabra bem abertos.

— Você provavelmente o comeu. Só vimos sangue por todo lado. Quanto a Bor'mel, era primo de nosso líder, Yer'lenel, e você terá de dar-lhe explicações. E considere-se sortudo por ainda estar vivo, pois, se fosse por ele, você já estaria sem a cabeça. Conseguimos, por pouco, convencê-lo a levar seu caso às autoridades drinares.

Symas não queria ser levado a Fienne. Algo o dizia que suas chances ali, com os caçadores, por mínimas que fossem, eram ainda melhores do que com as autoridades vermelhas.

— Eu... — ele arriscou — quero conversar. Existe alguma possibilidade de dialogarmos? Não sou um assassino. Pelo menos não quando estou consciente.

— Consciente?... Está me dizendo que não tem controle sobre o monstro?

— Estou dizendo exatamente isso. Eu fui amaldiçoado pelo *Braço Negro*, no Forte Branco de Lineliande. Nasci assim.

Bor'iah deu um passo para trás e pareceu analisar Symas de cima a baixo.

— Está falando sério?

— Tão sério quanto possível. É difícil de entender, e mais ainda de explicar, mas eu tenho algum parentesco com os brakkis. Eu tinha um amuleto de proteção, mas me foi tomado por um trapaceiro. Escute, sei que mereço perder a cabeça por tudo que fiz, mas pegar esse tal trapaceiro é fazer um favor ao mundo.

O drinar voltou a aproximar-se de Symas e apontou o dedo indicador para sua cara.

— É melhor que isso seja verdade, aberração. Se for, talvez você tenha alguma chance de viver. Mas não cabe a mim decidir isso. Você ainda matou um caçador importante e deve responder por isso. Terá de se explicar à rainha, e não há nada que possamos fazer.

— Como eu inventaria uma história dessas? Você já viu uma criatura como eu antes?

Cur'molo, que até então observava tudo em silêncio, resolveu se intrometer:

— Mestre Bor'iah, não acha que a rainha terá qualquer clemência, acha?

— Cale-se, novato. O que quer que eu faça? Que o solte? O que acha que Yer'lenel faria conosco?

Foi então que a voz melódica surgiu em meio à escuridão. O timbre era de barítono, carregado com um forte sotaque de um drinar que tentou conviver com os humanos do sul por bastante tempo.

— Falam de mim?

Ele era um sujeito baixo, mas de feições duras. Seu rosto era meio quadrado, mas sem perder os toques delicados que compunham a maioria dos drinares. Os olhos brilharam em uma fagulha amarela quando foram iluminados pela fogueira. Yer'lenel usava um blusão de linho coberto por uma túnica que vinha abotoada até o umbigo e bifurcava em duas lâminas ao lado de cada coxa. Seus cabelos o deixavam com aspecto mais envelhecido, e Symas nunca havia visto um penteado como aquele. Mechas compridas presas em um rabo de cavalo caíam pelas costas, e o topo da cabeça era quase completamente raspado, exceto por uma ilhota do diâmetro de uma moeda, que vinha amarrada em um coque diminuto. O mestre mago veio de braços abertos e dando passadas cadenciadas. Tinha um sorriso no rosto impossível de decifrar.

— Senhor Yer'lenel — prontificou-se Cur'molo —, o prisioneiro está acordado, mas não há alarde.

O mestre levantou uma sobancelha e direcionou o olhar ao aprendiz.

— *Alarde?*

— Desculpe se o ofendi, mestre.

Yer'lenel somente agitou o pulso, dispensando comentários posteriores, e Cur'molo obedeceu. Symas sentiu o olhar do mestre mago recaindo sobre ele. Não sabia o que dizer. Não fazia ideia de como deveria lidar com um indivíduo daquela

importância. Resolveu arriscar qualquer coisa e ergueu as mãos em sinal de paz. Abriu a boca, e as palavras começaram a escapar:

— Em primeiro lugar, mago mestre, quero dizer que estou terrivelmente entristecido por...

A voz parou de sair quando uma dor lancinante tomou conta dos pulmões de Symas. Havia algo errado, ele não conseguia respirar. Levou os dedos à própria garganta, numa tentativa vã de desobstruir qualquer coisa, mas não adiantou. Sentiu as veias na têmpora ficando inchadas e pôde ouvir seu próprio coração reverberando na cabeça. Viu o mestre caminhando a passos lentos em sua direção, sem nunca perder o sorriso.

— Enristecido, você diz?

Symas começava a ficar tonto, e seu peito estava a ponto de explodir. Ele dobrou o corpo em espasmos e percebeu que não demoraria até que desmaiasse. Seus instintos o obrigaram a tentar inspirar de qualquer maneira, e veio outra onda rascante de dor. Água. Estava entrando água em seus pulmões! O mago estava afogando-o.

— Por... — ele tentou falar, mas logo começou a engasgar, num acesso gorgolejante.

— Desconfortável? — perguntou Yer'lenel, levando a mão até sua nuca e prendendo com força seus cabelos. Os dedos eram fortes como galhos. Symas sentiu que estava sendo puxado até determinado local no acampamento, e a próxima coisa que viu foi suas próprias mãos protegendo-o antes que caísse de cara no chão. Seus joelhos doeram, batendo numa pedra, mas ele não conseguiu dar muita atenção a isso, pois sua consciência estava se esvaindo aos poucos. Tudo ficou aéreo, etéreo, enevoadado. Ele morreria ali se aquilo continuasse. Sua mão encostou em algo pegajoso e vermelho, e ele identificou como uma gosma sangrenta. Talvez um pedaço de intestino. O mestre o havia colocado de joelhos ao lado do cadáver do drinar que ele matara. — Como acha que está meu primo? Descontente também? Inquieto, talvez? Responda, animal!

Symas cochilou por um piscar de olhos e logo recobrou a consciência. De quatro, tentou agarrar qualquer coisa. Era impossível ficar inerte ao morrer afogado. Seus dedos resvalaram em metal frio. Ele abriu os olhos pastosos, piscou algumas vezes para limpar as lágrimas acumuladas e identificou o caldeirão de água. Reparou que o líquido baixava, sem mais nem menos. Estava baixando aos poucos, como se evaporasse sem receber calor. Era assim que o mago fazia para afogá-lo? Só trocando a água de lugar? Então Symas não conseguiu mais formar pensamentos racionais. Estava ficando tudo escuro. Muita sonolência...

Antes que ele perdesse os sentidos, começou a tossir. Primeiro veio uma golfada de água garganta acima, e, então, ele começou a expulsar o líquido dos

pulmões. Um dos drinares falou com Yer'lenel:

— Mestre, por favor, não faça isso — era a voz do caçador, Bor'iah. — Sabe que não podemos.

Symas levantou a cabeça, deu mais algumas tossidas e viu os olhos do mestre fitando os seus. Tudo em seu canal respiratório ardia como se estivesse em chamas. O drinar fez uma careta de nojo, talvez por puro ódio a Symas, ou talvez por ter sido lembrado do código dos drinares por um dos subordinados. Existia um boato de que eles não podiam fazer exhibições mágicas fora do território vermelho, o reino de Gatuste. A Floresta de Ossos era considerada território deles, ainda que ela ocupasse parte de outros reinos, mas fora dela a lei valia.

— Eu, *Yer'lenel, o Abstruso* — começou ele, com uma voz pomposa, como a que os reis usavam quando subiam nas varandas —, levo-o como meu prisioneiro até a capital, Fienne, onde será julgado pelo assassinato de *Bor'mel, o Ligeiro*. Como acusado, deverá passar pelo crivo minucioso dos magistrados, bem como pelo conselho dos grão-mestres...

Depois disso, Symas não ouviu mais nada. Tudo que era sólido ao seu redor começou a ficar liquefeito. As pernas do mestre mago viraram um caldo viscoso, o caldeirão derreteu, e o caçador e o seu aprendiz foram tornando-se borrões deformados. Estava acontecendo. Symas sentiu sua respiração ficando mais pesada, rápida, mas era o contrário de quando ele se sentia cansado. Dessa vez, foi reconfortante, e ele sabia o que aconteceria em seguida. Olhou para sua mão, no chão. Os dedos, meio azulados por causa do frio ou dos momentos de privação de oxigênio, pareceram ganhar uma cor mais acinzentada, e suas unhas foram ficando pretas e gradativamente mais compridas. Os cheiros. Sim, três cheiros doces de drinares. Sim, sim.

De repente, Symas sentiu um pisão forte na mão. A sandália do mestre mago, um objeto claramente feito para quem tinha muito dinheiro, dada a quantidade de enfeites, apertou com força seus dedos no chão. Foi uma sensação difícil de descrever. Como se ele tivesse sido curado de uma ressaca terrível em um piscar de olhos. Como ele havia feito aquilo? O monstro estava prestes a se manifestar. Como?

Com o rosto em absoluto choque, Symas permaneceu de quatro, olhando para o mestre mago, enquanto este dava-lhe as costas e falava ao aprendiz:

— Amarre-o e coloque-o no dovar, junto de Bor'mel. Terão muito o que conversar durante a viagem. Você, Bor'iah, desmonte e fique de vigília enquanto abro o portal.

A mente de Symas funcionava em turbilhão nesse momento, mas ele reparou em como os drinares eram rápidos na desmontagem de acampamento. Bor'iah conseguia fazer tudo ao mesmo tempo sem baixar a guarda ou se deixar distrair

demais. Em poucos instantes, os dovares estavam prontos para a viagem, e Cur'molo, já terminando de empacotar e acomodar o morto no lombo de um deles, virava o pescoço e olhava para Symas.

Durante esse tempo, o mestre mago ficou parado em frente a uma árvore mais robusta que o restante. Podia ser só impressão, mas pareceu a Symas que o tronco tinha uma marca de entalhe, algo escrito, como as marcas que as pessoas costumavam fazer com facas ou qualquer coisa afiada. O tronco começou a reluzir, primeiro com uma nuvem discreta, como fumaça branca, que depois se modelou em um formato ovalado até se tornar uma espécie de espelho azulado. Um espelho de tamanho considerável, capaz de permitir que até um daqueles gordos dovares passasse por ele.

Seria aquele o portal? Esse era o método usado pelos drinares para transporte em distâncias longas? Isso explicaria como eles conseguiam se afastar tanto de Fienne em tão pouco tempo. Aquela marca na árvore devia ter esse propósito. Provavelmente a tinham feito nesta mesma noite, como improvisado. As marcas... devia haver inúmeras espalhadas pela Floresta de Ossos.

As mãos de Cur'molo pousaram sobre o ombro de Symas e o puxaram com força, rasgando mais um pedaço de sua camisa, que já estava em frangalhos, e atrapalhando seus pensamentos. Ele tentou retomar depressa o raciocínio. Se deixasse que o amarrassem, seria seu fim. Não havia a menor chance de um homem-brakki conseguir clemência da rainha vermelha.

Então ele viu uma brecha: Yer'lenel afastou-se do portal e caminhou em direção ao seu dovar. O caminho estava livre. Como um raio atingindo sua cabeça, o movimento veio de forma totalmente involuntária. O cotovelo de Symas voou rápido e pousou na ponte do nariz de Cur'molo, estraçalhando a cartilagem. Não foi divertido, não deu qualquer satisfação, pois o drinar não era má pessoa e, por ser meio franzino e aprendiz, não oferecia um combate justo. Porém, justiça seria a última voz a ser ouvida naquela noite.

Cur'molo levou as duas mãos ao nariz imediatamente, e dava para ver o sangue escorrendo entre seus dedos. Symas girou nos calcanhares, mas, antes de poder dar uma passada larga, engasgou-se e caiu de joelhos. Água nos pulmões. O mestre. De novo. Os ouvidos dos drinares eram aguçados. Seus reflexos, mais ainda. Dessa vez, contudo, Symas sabia o que fazer. Arrastou o traseiro pelo chão, suas têmporas começando a latejar com a falta de ar, e posicionou-se de modo que o caçador Bor'iah não pudesse dar-lhe uma flechada sem correr o risco de atingir o aprendiz. Com um pontapé, derrubou o caldeirão de água e sentiu, instantaneamente, o efeito do feitiço se dissipando. Mesmo tossindo, ele sabia que não podia errar ou calcular errado seus movimentos. Uma ação seguiu-se à outra em velocidade. Symas colocou-se sobre os quatro apoios, esticou o braço ao

mesmo tempo em que girava sobre o próprio eixo e roubou a faca de caça da cintura do distraído aprendiz.

Ele tossiu mais um pouco d'água, e os olhos marejados dificultaram as coisas. Cambaleou enquanto se levantava e logo teve uma sensação estranha no peito do pé. A terra estava envolvendo seu calcanhar, seus dedos, cobrindo-os com um aperto firme. Outro feitiço do mestre.

Pelas putas... tudo se transforma em arma nas mãos desses desgraçados?

Symas queria ter podido levar a faca consigo, para usar em caso de combate a curta distância, mas não teve alternativa. Se quisesse soltar o pé, teria de distrair o mago. Ele então pegou a arma pelo cabo e a atirou em direção ao mago. Nesse mesmo instante, sentiu uma flecha passando por suas costas e cortando a parte superficial da pele. Considerou-se com sorte, pois, se não tivesse se abaixado um pouco para atirar a faca, estaria morto. Olhou para o caçador Bor'iah e viu que este, já em nova posição, preparava outro disparo.

Com os pés já livres, Symas encheu os pulmões uma única vez, o que fez seu peito latejar de dor, e disparou em direção ao portal. Não era uma distância longa, mas as gramíneas, os arbustos, as raízes, toda a vegetação local pareceram ter ganhado vida momentaneamente e faziam um esforço coletivo para apanhá-lo. Os galhos das árvores pareciam braços numa multidão, ansiosos para agarrar alguma coisa quando uma pessoa atira dinheiro para o alto. Symas sentiu sua pele sendo cortada pelo capim, como se ele atravessasse um rio de lâminas, e as raízes arranharam e queimaram sua pele na tentativa envolver seus calcanhares. A maior parte de sua camisa ficou para trás, mas ele, soltando o ar e sem fazer a mínima ideia do que aconteceria daquele ponto em diante, saltou para dentro do portal no exato instante em que este se fechava, fazendo-o bater de cara na árvore enquanto uma flecha atravessava sua panturrilha.



23 – O Coelho e as Cartas

Ela prendeu a respiração. Só via diante de si um emaranhado de folhagens, mas usou o calcanhar para levantar discretamente o corpo até que a clareira fosse revelada poucos passos à sua frente. Era uma manhã de muito sol, o que deixava o lugar com a aparência de uma pintura, com os raios bem definidos cortando os dosséis e atingindo o chão. Quando Ashia se concentrava, era capaz ouvir os pequenos saltos do coelho que se deslocava por cima da serrapilheira acumulada ao redor das árvores. E lá estava ele. Um coelho de cor amarronzada, pelo rajado de vermelho na parte posterior do lombo, orelhas alargadas nas pontas, olhos bem arregalados. O mesmo que ela vinha tentando pegar fazia dias.

Ela soltou a respiração lentamente, sem emitir qualquer chiado, e ergueu a faca de arremesso pelo cabo. Tinha de fazer tudo agora com a mão esquerda, que não era muito boa, já que metade da direita se encontrava alojada no ouvido de um dos homens de Bärdey. E ela também teve de aprender a se locomover da maneira correta — pelo menos o que Bor'ze'il considerava correto —, a falar muito mais baixo e só quando fosse absolutamente necessário. Além disso, ainda não estava habituada a usar as roupas tão coladas ao corpo e aquelas botas, mas até que gostara do resultado. A drinar fizera um trabalho e tanto.

No fim das contas, Ashia considerava-se com sorte e já tinha Bor'ze'il como uma boa amiga. Ela vinha aprendendo tanto nas últimas semanas! Seu coração apertava-se quando pensava que não duraria para sempre. Ela precisava continuar sua viagem, mas ainda não tinha muita certeza do que queria fazer. Sua vontade era de entrar novamente no templo onde Bärdey se escondia e matar o restante de seus homens, um por um. Depois disso, ela viajaria até Porto de Marea e degolaria o advogado que destruíra sua vida. Ela tomaria de volta sua casa, os empregados se arrependeriam de suas posturas lamentáveis e tudo voltaria ao normal. E Pitra ficaria orgulhoso.

Era um bom cenário de se imaginar.

Mas, antes, ela tinha de aprender a acertar o alvo com a faca. E com a mão esquerda.

O coração de Ashia quase pulou pela boca quando ela viu o rosto de Bor'ze'il surgindo ao lado do seu. Ela sempre fazia aquilo!

— Até quando vai se assustar dessa forma? — sussurrou a drinar, sorrindo.

— Quando você vai se locomover como gente?

— Aqui na mata não há gente. — Ela olhou para onde Ashia estava olhando.

— Ah, o fujão de ontem. E anteontem. E antes de anteontem... Será hoje o dia?

Vamos, deixe-me ver como está seu disparo.

— Ruim.

Ashia flexionou os cotovelos. Esperou o coelho baixar a cabeça para começar a comer. Prendeu novamente a respiração e, com um movimento firme, atirou. A faca resvalou na casca da árvore, arrancando uma lasca — pela altura, teria acertado o pescoço de um homem adulto — e caiu no chão.

— Droga...

Bor'ze'il abriu um sorriso, exibindo todos os dentes. Um dos incisivos da frente se destacava por ser mais escuro, envelhecido.

— Não foi tão ruim. De novo.

Ashia arregalou os olhos e percebeu que o coelho não fugiu em disparada, como fizera das outras vezes. Em vez disso, ficou movendo a cabeça, assustado, olhando para todos os lados, como se procurasse a origem do ruído.

— Ele não foi embora...

— Então aproveite.

Ashia tinha mais duas facas presas à cintura. Puxou rapidamente uma delas e recalculou o ângulo de disparo. Flexionou o cotovelo um pouco mais, botou mais um pouco de força no calcanhar, içando o corpo mais algumas polegadas, e efetuou um novo disparo. A faca enterrou-se no chão a apenas um palmo de distância do coelho.

— Excelente! — falou Bor'ze'il, com sinceridade. — Está começando a pegar o jeito.

Ashia levantou-se e deu de ombros. Fizera o seu melhor.

— Vou recolher as facas. Espero que você tenha pegado algo para a gente almoçar.

— Ei — Bor'ze'il continuava com um sorriso largo no rosto —, aonde pensa que vai? Ainda tem mais um disparo!

— Do que está falan... — então Ashia se calou, quando viu que o coelho continuava plantado no lugar, com a mesma expressão assustada de antes.

A drinar caiu na gargalhada, e Ashia, sem entender nada, teve um sobressalto quando um homem surgiu por detrás das duas. Ele também ria, como um menino travesso que foi pego no momento em que ia preparar uma traquinagem. Usava roupas parecidas com as de Bor'ze'il, com a diferença de que seu peitoral era protegido com camadas mais reforçadas de couro, e um dos seus ombros levava uma guarnição, algo duro como casca de coco. Nas costas, um arco curto, e, na cintura, uma cinta de facas, presas de forma semelhante à que Bor'ze'il ensinara. Bastou um instante para notar que ele não era bem um homem. Os olhos dele eram de cabra. Seria um dos irmãos dela?

Saltinhos rápidos sobre a folhagem seca. O coelho dava no pé.

— Yer'mene'il — saudou-o a drinar, colocando uma mão no peito. — Que a mãe mata lhe dê fartura.

— E saúde em sua casa — respondeu ele, repetindo o gesto.

— O que faz aqui tão longe de suas unidades? — ela quis saber, com um sorriso nos lábios e curiosidade no olhar. — A propósito, onde estão elas? Pensei que meu destacamento viria por esses dias. Deveriam ter aproveitado sua companhia.

— Seu grupo está pronto, na verdade. Calculou bem a data. Mas eles ficaram nas junqueiras.

— Que modos, os meus. — Bor'ze'il ergueu uma das mãos e fez um gesto. — Quero que conheça Ashia. Eu a encontrei poucas semanas atrás, quando ela estava procurando por comida. É uma órfã. Perdeu os pais e caminhava sem rumo, de modo que eu decidi costurar suas roupas, trocar suas ataduras e ensinar-lhe um truque ou dois com a faca.

O drinar fez uma vênica tão generosa, que Ashia quase pôde ver seu próprio reflexo na careca dele.

— Satisfação, Ashia. Me chame de Yer'mene'il.

— O prazer é meu — ela devolveu.

— Yer'mene'il é nosso capitão, Ashia. Lembra-se de quando lhe falei sobre os desertores? — Ashia fez que *sim* com a cabeça e sentiu uma pontada de tristeza. Era triste a história dos drinares expulsos da própria cidade. Agora tinham de viver isolados, caçar entre os civis e se virar para sobreviver sem as proteções tradicionais de seu povo e sua capital. Drinares não eram muito resistentes aos climas mais frios e não raramente desenvolviam doenças que nunca os acometiam em Fienne. — Ele é nosso mago mais poderoso. Um mestre, na verdade, e o responsável pelo treinamento e destacamento dos mais jovens. Tudo que sei aprendi com ele. É como um pai para mim.

Ashia pensou no coelho de agora há pouco, que nunca fugia das facadas.

— Então o... — Ela fez um gesto na direção onde efetuara os disparos.

— Sim, é um brincalhão, mas sabe que não pode ficar se exibindo assim para humanos.

— O que ela fará a seguir? — o drinar perguntou a Bor'ze'il, mas ainda olhando para Ashia. — Procurará por conhecidos ou parentes em Rio Largo?

— Chegamos a falar sobre isso, mas ela não é uma giiana. Pelo menos não que ela saiba. Cresceu em um barco, onde perdeu os pais verdadeiros, e então foi para Porto de Marea, onde perdeu os adotivos. É uma longa história, mas ela não pode voltar para casa.

— Entendo... talvez seja uma mestiça, então.

— Foi minha primeira ideia.

— Bom, acho que ela só saberá quando um dia visitar a ilha. Isso é, se ela conseguir convencer os emissários a colocá-la a bordo. Pelo que ouvi dizer, essa expedição para o continente trouxe um dos navios mais abarrotados já trazidos pelos giianos. O regente costuma devolver os presentes à altura, mas nunca se sabe. É possível que Ashia consiga pelo menos algum trabalho se houver demanda.

— Em troca apenas de trabalho?... não acho que eles permitiriam uma estrangeira...

— Quer dar outra olhada nela? — perguntou o drinar com ironia. — Com uma boa desculpa, como memória perdida, ou algo que o valha, ela poderia se passar facilmente por alguém de clã importante.

— Eles reconheceriam uma mera mestiça. Eu não sei...

— Isso *se* ela for, de fato, uma mestiça.

Ashia abriu os braços e os interrompeu:

— Não quero ser deselegante, mas... o que importa se sou ou não uma giiiana? Não me interessa viver em Gii-Mahkara. Tudo o que eu tenho ou tinha está aqui. E tudo me foi tomado por dois homens. Não vou a lugar algum antes de me acertar com eles. — Ela olhou desafiadoramente para o drinar. — Capitão Yer'mene'il, eles mataram meu irmão a sangue-frio. Nem sei onde está seu corpo. Nem sei se o deixaram para os animais... — Ela sentiu um nó se formar em sua garganta e parou de falar. Respirou, engoliu a repulsa e prosseguiu: — Eu quero quebrar o pescoço de Bärdey, como seus homens fizeram com Pitra.

O drinar colocou o dedo indicador sobre os lábios.

— Sinto que já ouvi falar desse homem...

— Conseguirá sua justiça, Ashia — falou Bor'ze'il. — Mas nunca conseguirá isso no estado em que se encontra. Precisa aprender primeiro com a faca, depois com o arco e assim por diante. Não está pronta.

— Se é assim — Ashia deu continuidade ao raciocínio —, o que importa se eu for uma mestiça ou uma giiudin? Preciso passar mais tempo treinando sem me preocupar com isso.

— Aí que se engana. Sabe o coelho? Aquilo foi uma demonstração de *influência*, arte na qual ele é mestre. Os drinares dominam os três círculos mágicos principais, que incluem este que citei, também o *manejo* e a *adivinhação*. Não sou adepta do uso da magia, mas sei uma coisa ou outra. Porém, não é permitido aos drinares fazer uso dela longe dos domínios gatustenses. Os que fazem isso com frequência também são jogados para cá, como desertores. — Ela trocou de lado o peso do corpo e cruzou os braços. — Quando estávamos discutindo se era ou não uma giiiana, especulávamos se poderia, também, se tornar uma aluna de um dos círculos. Como deve saber, os humanos não dominam naturalmente a magia, com exceção, é claro, dos giianos de castas nobres. Muitos nem precisam de

canalizadores. Os magos de Gii-Mahkara têm seus próprios círculos e escolas. Não dominamos suas artes, assim como não dominam as nossas.

Ashia parou para digerir as informações. Seria possível que ela um dia aprendesse truques assim?

— E quanto às efrárias? — Ashia perguntou, lembrando-se das escolas mágicas espalhadas pelas grandes cidades.

— Muito bem lembrado. Os homens manipulam magia usando pedras canalizadoras, como orbes ou cetérios. Porém, não se cria um mestre de efrária tão facilmente. Eles são amigos de Fienne, ensinados pelos verdadeiros mestres. E, para se entrar numa escola dessas, em Porto de Marea, por exemplo, é preciso de muito, muito dinheiro.

Ashia mordeu o lábio.

— Eu tenho... deveria ter muito dinheiro. Então, preciso ficar mais forte para recuperar meu dinheiro, mas preciso dele para ficar mais forte.

— Percebe nosso problema? Você nunca poderia aprender de um segundo-mestre, como é o caso do capitão Yer'mene'il, se fosse apenas uma humana mestiça. Seu domínio na *influência* é alto, mas é uma brincadeira de criança ao se comparar aos grão-mestres de Fienne. Seria perigoso demais. Além disso, caso você seja uma giiana pura, e isso não podemos afirmar, é possível que seu corpo não responda bem às artes características de Gatuste, o que tornaria nossos ensinamentos inúteis. E o processo poderia deixá-la em pedaços antes que percebesse.

— Entendo... e creio que não se arriscariam a descobrir em uma aula, não é?

— Isso estaria fora de questão.

— Além disso, menina Ashia — o mestre voltou a comentar —, eu não poderia tomá-la sob minha tutela agora, e é exatamente sobre isso que vim falar com Bor'ze'il.

A drinar descruzou os braços.

— O que houve?

— Quando lhe disse sobre sua unidade, não tive chance de me explicar. Eles ficaram nas junqueiras, pois eu vim com o intuito de convocá-la até lá. Tenho recebido muitos relatórios de ataques em diversos distritos. Brakkis. Estão devastando acampamentos inteiros, uma coisa terrível. Apesar de não sabermos de onde vêm ou onde se agrupam, meu plano é juntar os destacamentos centrais e viajar até a *Pedra Tripla*, a fim de encontrarmos a concentração dos malditos. A maioria dos relatos veio de lá, no início. Bor'ze'il, não podemos nos dar ao luxo de esperar que Tar'lezz faça alguma coisa.

Ashia se lembrou desse nome. Tar'lezz era o nome da rainha drinar.

— Ela nunca faria, nem se o território ficasse somente em Gatuste.

— Como *somente* ? — perguntou Ashia.

— A Pedra Tripla fica exatamente na fronteira entre Gatuste, Eloche e Piriele. É quase um território neutro.

Ashia balançou a cabeça em afirmativa. O capitão continuou:

— Está com suas coisas prontas?

— Não posso ir agora — Bor'ze'il disse. Ela tombou a cabeça discretamente em direção a Ashia, mas não passou despercebido. — Na verdade, eu pensava em convidá-lo para comer conosco, capitão.

— Que insensibilidade a minha. Queiram me perdoar, mas preciso voltar o quanto antes. — Ele colocou a mão no peito, fazendo uma nova vênia. — Ashia, espero que nos encontremos em breve, em circunstâncias melhores.

Sem dizer mais nada, ele apenas sorriu para as duas e misturou-se aos arbustos, desaparecendo de vista. Ashia viu Bor'ze'il se afastando e começando a recolher lenha para uma última refeição antes de partir no dia seguinte. Sentiu uma pontada de tristeza.

A noite veio mais fria do que o esperado ou talvez fosse coisa de sua cabeça. Ashia segurava o espeto bem na ponta, para não queimar os dedos, e experimentou encostar os lábios na codorna. A temperatura já estava boa para morder, e o cheiro da pele e o orégano sapecados fez seu estômago emitir uma lamúria. Bor'ze'il, do outro lado da fogueira, em uma silhueta que pestanejava sob a dança das chamas, sorria para ela. Se estava triste pela separação das duas, não demonstrava.

— Como está a ave? — quis saber a drinar. — Boa?

Ashia engoliu antes de terminar de mastigar direito. A bola de carne desceu inconformada pela sua garganta.

— Deliciosa.

— Bom. Escute, Ashia, quero que tome muito cuidado daqui em diante. Sairá comigo logo pela manhã, e eu a acompanharei até o chão de raízes. Depois disso, deverá seguir o sol até encontrar a estrada para Rio Largo. Está me entendendo? Se fizer tudo certo, chegará à cidade pela tarde, pela periferia, onde moram as famílias dos construtores. Se desviar drasticamente do trajeto, terá problemas e deverá passar a noite sozinha na floresta. Você não quer isso.

— Eu não quero isso — repetiu Ashia, fazendo o papel de boa aluna.

— Isso mesmo. O que pensa que está fazendo? Coma direito, pois precisa de suas forças para amanhã.

— Pensei em deixar algumas para que leve em sua viagem.

— Não se preocupe comigo. Pegue pelo menos mais uma codorna, e as que sobrarem você levará consigo. Combinado?

— Está bem.

Ashia olhou para os próprios pés e viu sua sacola encostada timidamente nas sombras. Puxou-a gentilmente para o colo e se pôs a conferir o conteúdo. Se faltava alguma coisa, queria aproveitar a presença de Bor'ze'il para perguntar. Reparou que havia um frasquinho com ervas maceradas, coisa que ela estava com saudade de voltar a manipular, algumas ataduras, cordas, tiras de carne-seca de veado e alguns maços de charra doce. Todos eram presentes dados pela drinar durante as últimas semanas. Ashia já ia fechar a bolsa quando seus dedos revelaram, escondido bem no fundo da sacola, um pedaço de papel dobrado.

Sim... Ashia se lembrava vagamente da carta. Ela havia sido encontrada no esconderijo de Bärdey em um baú bonito, onde repousava uma urna de cinzas. Como que tomada por lembranças difusas, ela enfiou a mão e revirou o fundo, até encontrar outro pedaço de papel. Este, mais conservado, apesar de ter se transformado em uma bolinha amassada. Tinha um selo, mas ele já havia sofrido tanto dentro da bolsa, que era difícil avaliar se ela já tinha trazido consigo a carta aberta ou não. E ela não se lembrava de nada em detalhes.

Resolveu abrir a primeira e mais judiada das cartas. Primeiro ela correu os olhos pelo conteúdo e o julgou impossível de entender, mas, em vez de fechá-la, incomodou-se com alguns termos, como *Gieus* e *Kwoma*. Releu a carta mais duas vezes e, ao final, tinha a mão sobre a boca. Ela havia lido certo?

— O que tem aí? — perguntou a drinar, limpando a boca com a parte macia da braçadeira.

— Umas cartas... — Ashia deixou as mãos recaírem-se sobre o colo. — Estou confusa com seu conteúdo, só isso.

— Como *confusa*? Carregava cartas consigo e não sabia o que diziam? Ah, perdoe minha grosseria. Esqueci que sua memória não andava tão boa.

— Exato... só agora me dei conta de que estavam aqui, e aconteceu tanta coisa desde que botei as mãos nelas, que havia me esquecido de lê-las. Diga-me, Bor'ze'il, por acaso os drinares acreditam nos irmãos deuses?

Bor'ze'il tombou o corpo para trás e apoiou-se nas duas mãos. Olhou para cima, como quem pondera cuidadosamente sobre a resposta.

— Essa é uma pergunta um tanto quanto complicada. Os drinares têm seu próprio meio de entender as coisas neste mundo. Não acreditamos em tudo o que ouvimos, mas não somos tolos o suficiente para descartar algumas crenças. Digamos que há... *respeito* por parte dos drinares quanto à fé em Koma e Giius.

— Isso não responde muito bem minha pergunta...

— Bem... posso dizer que conheci muitos drinares completamente alheios a essa fé. Mas se quer saber de minha parte, digo que acredito que tudo isso — ela fez um gesto amplo — tenha sido criado por alguém. Se foi Koma? Não sei... mas não acho que foi por acaso. Não me ajoelho no fim do dia e presto agradecimentos

a deus algum, mas olho muito para o céu e procuro. Entende o que digo? Eu procuro, e isso me traz uma boa experiência espiritual. Acho que no meu caso é suficiente.

Ashia deu uma meia risada.

— Está de bom tamanho para mim. Obrigada. — Ela ergueu a carta no ar. — Essa aqui foi encontrada no esconderijo do bandido, o tal Bärdey. Diz que os deuses podem ter sido... criados por alguém há muito tempo. Achei isso muito estranho. Acha que é possível?

— Deixe-me ver. — Bor'ze'il se levantou e limpou as mãos antes de pegar a carta.

Ela a leu em voz alta:

Aos cuidados da excelentíssima majestade, o Rei Albus I, regente real dos estados de Colta, Menura, Omenda e Predima, os circuitos do Sul e as fronteiras com Eloche, bem como de todo e qualquer território pertencente ao reino de Lineliande.

Os escritos a seguir foram traduzidos com esmero a partir de seu idioma original, sob orientação, revisão e cuidados de Kamen, Bromari e Temas, nossos anciãos mais respeitados e versados nas letras antigas, em todas as suas formas.

Relata-se, a seguir, trechos resgatados dos diários de Meneulas, pesquisador e erudito conhecido entre os anos de 2134 e 2152 da Era do Sol, por ocasião de suas primeiras escavações nas Ruínas Eternas, localizadas na ilha de Gii-Mahkara. As demais partes se perderam no grande incêndio, já conhecido de Vossa Majestade, relatado em décadas posteriores.

“Primeiro mês. O invólucro ainda jaz vazio sob o vidro, mas começaram a ser coletados espécimes (...) sangue puro para utilização (...) aos caçadores que me trouxessem primeiramente um bovino de grande porte (...) comuns e de fácil reposição, em caso de catástrofe. Toda a estação de pesquisa já (...) revestida por lâminas metálicas que não sofressem com a incidência dos componentes, se por acaso algo entrar em combustão durante os procedimentos.”

“(...) A cabeça do touro mostrou-se excelente, encaixando-se com perfeição. Removemos a face de uma vez, pois não há problema em deixá-lo exposto na sala. O inverno (...) e sua carne não mostrou (...) de decomposição.”

“(...) Tentei de todas as formas me desculpar pelos atrasos (...). A ave tinha de ser maior, muito maior (...) Lamentável a escolha do (...).”

“Terceiro mês: nosso primeiro protótipo demonstra sinais de atividade viva em algumas partes do corpo. Ainda é (...) para se fazer quaisquer conjecturas, mas tive a impressão de ter captado um leve tremor (...) em seus (...). Pensávamos que o outro reagiria mais cedo, pelo frescor de seus componentes, mas estávamos

(...). Foi de decisão geral que o chamáramos Kwoma, que significa ‘O Primeiro’.”

“(…) O metal do invólucro é deveras fascinante. Nunca vimos algo parecido. Ainda não descobri de que material é feito, mas é como se ele próprio tivesse vida. Não me admira a velocidade com que (...) resultados.”

“(…) Gieus tentou se comunicar com um de nossos alquimistas (...) dissuadi-lo (...). Debandou (...) após a fuga (...) Kwoma não demonstra mais (...)”

“Décimo primeiro mês: as buscas por Gieus continuam, mas são poucas as esperanças de o (...). Concluimos que nadou para o Leste, nenhum relato vindo das terras de cima aponta para seu paradeiro. Com isso, o melhor a fazer é (...).”

Esses foram os trechos mais nítidos, os únicos passíveis de leal e imaculada transcrição. Aguardamos ansiosamente pelo retorno por parte de Vossa Majestade. Com isso, me despeço e desejo minhas felicitações, sem me esquecer dos padecimentos por que passa Sua Majestade, a rainha Delema. Meus sinceros votos de melhora.

Atenciosamente e seu,

F.M.

Bor’ze’il ergueu o queixo após a leitura e ficou contemplando as estrelas, como se tentasse entender o que elas diziam. Ashia perguntou, ansiosa:

— O que achou? Seria verdade isso?

— Bem, eu... acredito que é possível. Esse papel é bem antigo, e faz sentido, pois o rei Albus I morreu há décadas. E a ilha de Gii-Mahkara sempre foi um tanto quanto misteriosa. Pouca gente sabe o que os giianos andam fazendo lá por todos esses milênios. — Ela suspirou e estendeu a mão para Ashia. — Isso explicaria a falta de milagres no continente. Acho que já ouvi esse nome, Gieus... O que diz essa outra?

Ashia abriu sem dificuldade a carta selada. Era um papel muito mais novo, então não devia se tratar de um documento raro como a outra. Leu em voz alta os dizeres:

Bärdey, a Lágrima é verdadeira, mas ela é só o início. Seus esforços para com a causa, além de inspiradores, servem como ponto de partida para muito mais. A ideia não para de crescer, e a Pedra não esquece seus amigos.

Mantenha contato e destrua esta carta.

— E é só. — Ashia fez uma careta desapontada e entregou o papel a Bor’ze’il.

— Não é muito esclarecedora. Esse selo aqui... não parece ser oficial de qualquer cidade. É particular. Eu diria que veio de Eloche, mas não posso ter

certeza.

— Ele fala de uma tal *Lágrima* ...

— Acha que se refere à Lágrima de Giius?

— Faria pouco sentido, não? — Ashia coçou a nuca. — Afinal, pelo conteúdo da primeira carta, é de se supor que Bärdey tenha ao menos dúvidas quanto à existência do deus, pelo menos na forma como rezam os dogmas.

— É realmente estranho. Como a Lágrima funcionaria se os deuses são constructos criados por algum alquimista giiiano?

Ashia apertou os olhos com os dedos e bocejou. Estava exausta, e aquelas cartas a deixavam mais cansada ainda.

— Quer parar de falar sobre isso? — perguntou a drinar.

— Eu queria entender para poder dormir em paz.

— Talvez não haja o que entender... não podemos saber tudo.

— Não funciona assim comigo. — Ela abriu novamente a carta. — Eu simplesmente não consigo. Reparou como a pessoa que escreveu a carta tem medo de ser identificada? Além de não assinar, pediu para que Bärdey a queimasse.

— E ele não o fez. Eu só consigo imaginar um motivo: chantagear o autor ou autora. Sim... aí diz que a *Pedra* não esquece, certo? Tudo se encaixa. O selo é elochense, podendo muito bem ser da capital, e o rei Bertom é conhecido como *A Pedra do Cerne*. Estão trabalhando juntos em alguma coisa que envolva os deuses, e Bärdey tem a vantagem. Pelo menos essa seria minha interpretação, então não a leve tão a sério.

A mente dos drinares mostrava-se, mais uma vez, muito mais aguçada do que a dos humanos. Bor'ze'il poderia estar falando como quem brinca de especular, mas fazia sentido.

— Isso seria problemático se fosse verdade...

— E como. Apanhar um bandido guarnecido por um rei não é tarefa fácil. Por isso, eu insisto: não se meta em qualquer coisa sem antes ter com os giianos. Aprenda sobre suas origens. Aprenda a se defender, forme alianças.

Ashia guardou as cartas e pôs a sacola no ombro. Era como se estivesse muito mais pesada que o de costume. Algo dizia que ela carregava consigo informações de muito, muito valor, mas pensaria nisso no dia seguinte. Era hora de procurar um canto para se aconchegar e dormir.

24 – Escolopendras

Bärdey estava sentado em uma cadeira acolchoada num dos cantos de seus aposentos. Pela abertura quadrada da parede, notava como o dia ia ficando mais claro, com os raios de sol espichando seus braços para dentro do quarto, ao passo que a neblina era varrida aos poucos. Um livro de poemas de Seugut — cujas palavras pusilânimes causavam um efeito indescritível no leitor certo — estava aberto na mesa, pedindo para ser lido, mas estava difícil se concentrar nesta manhã. Ele colocou na boca um cachimbo branco e comprido, uma lembrança comprada num dos famosos bailes de rua cadmenses, esticou o braço, incendiando um fio de palha na lamparina, e começou a esfumaçar o quarto. O aroma adocicado e picante do fumo do norte anestesiou suas bochechas e as memórias.

Pensava nas cartas roubadas pela garota giiudin. Ele não teria muita vantagem sobre o rei sem elas. As possibilidades eram tantas... Bertom concluiria o ritual depois de roubar todas as relíquias de Giius — e daria errado, obviamente —, mais ou menos ao mesmo tempo em que uma camareira *descobriria* uma das cartas em meio aos seus pertences. O caso chegaria aos ouvidos dos escolares. Isso provaria a ciência do rei sobre a verdadeira natureza dos deuses. Ficaria evidente que, mesmo sabendo, ele teria dado continuidade a um ritual sombrio e estritamente proibido aos não místicos. Poderia começar uma reação em cadeia que começaria com a queda de sua imaculada popularidade e culminaria com a sua própria. A outra carta reforçaria ainda mais esse intuito. Essa era apenas *uma* das possibilidades. As cartas tinham de ser encontradas.

Ele relaxou a mão, que já começava a ficar com os nós dos dedos brancos.

— Voltou Perna voltou! — a voz de Roney invadiu os aposentos, dando-lhe um susto.

Bärdey olhou para o subordinado, que ainda andava com a cabeça enfaixada. Os olhos estavam injetados, como se ele estivesse sob um transe.

— O que foi, infeliz? Bata na porta antes de entrar!

— Voltou Perna Meia chegou desculpe chefe.

Crentos fez algo com ele. Bom.

Bärdey se levantou, pegou Roney pelo braço e o arrastou pelo corredor.

— Suma da minha frente e só apareça quando estiver normal, se não quiser que eu o mate. Hoje não estou brincando.

Bärdey viu a figura tétrica de Roney cambalear até sumir de vista no corredor escuro. Ele apagou o cachimbo com o polegar, colocou-o no bolso da camisa e resolveu subir para falar com Perna. Esperava por boas notícias, para o bem de todos.

— Eu juro que tentei de tudo, chefe, mas não foi possível — Perna-e-Meia gesticulava, como se isso pudesse fazer com que suas chances aumentassem. — Ninguém, absolutamente ninguém em Rio Largo ou Anahur ouviu falar da giudin. Ela não foi para lá, estou dizendo.

Roney andava de um lado a outro, com as mãos erguidas, perseguindo uma borboleta.

— Não sei, Perna... com a incompetência de vocês, fico tentado a duvidar da eficácia do seu escrutínio.

— O quê?

— Eu duvido que tenha procurado direito, imbecil.

— Desculpe...

— E quanto aos arredores? — grunhiu Bärdey.

— Vasculhei cada casa, cada barraco. Nada. Perguntei a mercadores, carroceiros, todo mundo que passava pela estrada. Acredite em mim, chefe, ela não foi para lá.

— Inclusive pelos bosques?

Perna-e-Meia deu um passo para trás. Titubeou, como de costume, mas quase caiu com o traseiro no chão.

— Como assim, os bosques? Não podemos entrar lá.

— Por quê? Tem medinho dos *apavorantes* drinares?

— Mas chefe...

— Sem pestanejar, Perna... Você vai, se quiser continuar vivo.

— Eles não deixam ninguém entrar, chefe... por favor... por que pensa que deixariam a garota?

— Porque eles não odeiam os giudin tanto quanto nos odeiam. Apanhe suas coisas e comece a andar. Não vou mandar duas vezes.

Perna-e-Meia fez uma careta e seus ombros caíram. Ele limpou o suor da testa, e era evidente que fazia força para pensar em algo inteligente a dizer. Roney, desistindo de apanhar a borboleta, coçou o rosto por cima das bandagens e falou:

— Segunda segunda vez ela nos engana.

— O que disse, Roney? — perguntou Bärdey.

— Segunda segunda. Cidade fugiu moça. Moça esperta.

Bärdey deu dois passos à frente e apanhou Perna-e-Meia pela gola da camisa.

— De que cidade ele está falando? Que segunda vez?

— Calma, chefe, não é nada de mais, Roney claramente não...

Perna-e-Meia interrompeu o próprio raciocínio para soltar um urro de dor. Sua orelha esquerda caiu no chão, e Bärdey limpou a lâmina da adaga na camisa dele, enquanto ele tentava, em vão, estancar o sangramento.

— Eu disse que hoje não estava para brincadeiras. — Ele apontou a lâmina para a outra orelha. — Que cidade? Que segunda vez?

— Eu conto, chefe... eu conto! — Perna tirou a mão do ferimento e olhou, desamparado, para a quantidade de sangue que estava perdendo. — Estávamos em Porto de Marea nos divertindo quando a avistamos pelas ruas. Roney quis fazer uma gracinha com ela, sabe como é... pensamos que era uma puta rara, uma puta giiudin... então ele fez um gracejo, e a moça não gostou, acabou nos ofendendo. Começamos a persegui-la pela cidade, mas ela sempre dava um jeito de fugir. Houve uma hora em que ela chegou a se atirar nas águas da baía para escapar da gente, então acabamos por perdê-la de vista. Desistimos.

— Cara minha cara — Roney acrescentou.

— Foi ela quem o machucou assim? — Bärdey indagou.

— Sim, sim... ela reapareceu, e Roney continuou atrás dela. Não queria deixar barato, mas ela o tocaiou e o acertou com um pedaço de pau.

A outra orelha de Perna-e-Meia foi para o chão. Mais um urro desesperado de dor.

— Vocês são um bando de imbecis, e meu maior arrependimento é confiar-lhes certos segredos. Apanharam de uma garota, deixaram que ela matasse dois membros do grupo e ainda entregaram nossa posição. Sem contar o que ela roubou!

Perna se engasgou de dor antes de falar:

— Se Roney não a tivesse provocado, nada disso teria acontecido, chefe...

— Pare de jogar a culpa nos outros! Ambos são igualmente moloides e imprestáveis! — uivou Bärdey, encostando a adaga no plexo solar de Perna-e-Meia. Era hora de dar um exemplo a todos que trabalhavam para ele. Aquele grupo havia trazido transtorno demais para sair impune. — Eis o que vão fazer, Perna, e vão fazer agora: descerão até o galpão de ferramentas, apanharão duas pás e cavarão duas covas profundas. Duas braças por uma. Nem mais, nem menos. Quem terminar primeiro enterrará o outro vivo. Quero ver como vão se sair. Você, com meia perna e perdendo todo o sangue do corpo, ou ele, retardado e com a cara toda quebrada. Será uma briga boa. Andem! E chamem os ferreiros para servirem como plateia!

Roney, com total despreocupação, fez uma vênica alegre e caminhou em direção à porta de entrada. Perna-e-Meia começou a chorar e se esforçou para colocar-se de pé. Bärdey deu as costas e caminhou até uma pedra, onde podia ver um pouco acima da vegetação arbustiva que cobria o lugar. Ele levou a mão até o cachimbo e quis dar mais um trago, para ajudar a passar a raiva, mas o fogo estava muito longe. Teria de se contentar em inspirar o ar frio e puro da colina.

De repente, ele estremeceu. Teve certeza de ter ouvido algo se movendo entre os arbustos. A garota teria retornado com ajuda? Os assobios característicos logo fizeram essa ideia desaparecer, pois, em meio à neblina rala, surgia uma silhueta de um homem alto e ombros largos. O cabelo era apenas uma crina de cavalo, e a manzorra logo correu pelas mechas, espantando as gotas de orvalho acumuladas. Ele sorria, como sempre.

— Como adivinhou que eu estava chegando? — perguntava Canhoto, mostrando os dentes.

— Não adivinhei, caro — falou Bärdey, satisfeito por vê-lo e surpreso pela velocidade com que o sujeito cavalgava. Ele não o esperava por pelo menos mais um dia ou dois. — Foi ao acaso. Onde está o resto?

— O cavalo ficou na estrada, e o menino está tomando conta dele. Não tem como trazer aquela gaiola morro acima, é um trambolho e tanto! Não quer ver seus presentes?

— Estou ansioso.

A manhã assentou-se por definitivo, varrendo de vez a neblina e trazendo um dia claro e de ar límpido. O cavalo, solto da carroça, descansava na beira da estrada, pastando, enquanto Bärdey, Perna, Roney — esses dois últimos com pás nas mãos —, Canhoto e Curtume ajudavam a desprender as lonas que cobriam a gaiola. O último nó estava teimando em ser desatado, e Bärdey não conseguia conter a vontade de ver logo o que estava dentro dela. Era possível ouvir algo se debatendo do lado de dentro, e o cheiro era meio metálico ou mineral, e também meio orgânico. Um pouco desagradável.

— Tome a adaga, Canhoto — sugeriu ele. — Corte a corda.

— Não será necessário — respondeu o grandalhão. — Ei, você, sem orelhas. Me ajude aqui.

Perna-e-Meia, agora com uma tira de pano amarrada desde o queixo até o topo da cabeça, servindo de curativo improvisado, deu a volta na gaiola com seu andar manquejante característico e foi ajudar o cavaleiro. Bärdey dera a ele e a Roney mais algum tempo antes de disputarem a cova. Sabia que poderia precisar ao menos da força do manco, por enquanto.

— Curtume — chamou Bärdey —, fique naquela ponta da estrada e assobie alto caso aviste alguém se aproximando. Nós conseguimos vigiar do lado de cá.

— Sim, senhor — assentiu o menino, correndo pela estrada.

Finalmente, a corda terminou de ser desatada, e Canhoto deu um puxão na lona, revelando os presentes do rei. Bärdey estremeceu ao ver as duas criaturas mais asquerosas que já vira em toda a sua vida. Tratava-se de lacraias escuras, ou centopeias, com duas braços de comprimento cada uma. Os corpos eram delgados,

compridos, e os sedimentos tinham aspecto pegajoso, como se elas tivessem se banhado em óleo ou algo do tipo. Embrulhavam-se uma na outra numa espécie de orgia fluida, horripilante, e nunca paravam de se mover. Cada pata pontiaguda devia ter dois palmos de comprimento, e suas antenas, o dobro disso. E elas tinham voz. Um som de caco de vidro raspando no chão de pedra, um sibilar capaz de causar arrepios cada vez que era emitido.

Bärdey afastou-se dela com um sorriso estranho no rosto. Sentia, ao mesmo tempo, maravilha e repulsa.

— São mesmo da ilha? — perguntou ele, com embargo na voz.

— Segundo o rei — falou Canhoto —, foi presente do próprio emissário. Alguns soldados viram quando desembarcaram no porto.

— São... maravilhosas.

— No mínimo, exóticas. *Escolopendras Reais*. Dizem que têm um olfato muito apurado e são usadas por selvagens para apoiar na caça. Pelos deuses... Imagine só, trabalhar ao lado desses monstros! Eu as mataria, se pudesse, pois não me dou bem com insetos, mas acredito que terá um lugar especial aqui para elas. O que pretende fazer? Trazemos mais homens e levamos essa gaiola lá para cima?

Então, uma ideia começou a surgir nas profundezas da mente de Bärdey. Esses animais não poderiam ter chegado em melhor hora.

— Disse que elas têm bom olfato?

— Se as histórias forem verdadeiras...

Bärdey estalou os dedos.

— Perna!

O subordinado titubeou de forma ainda mais caquética, agora que tinha pressa em agradar.

— Sim, senhor.

— Você falou que a garota tinha um irmão, não é isso?

— Exatamente. Nós o enterramos na beira do riacho.

— Vá até lá e traga algo para que possamos usar para ativar o olfato das escolopendras.

— Qu... quer que eu corte uma parte do menino?

— Pela puta chifrosa, Perna! Será que eu tenho de explicar tudo a vocês? Use a cabeça! Traga o que quiser, desde que tenha o cheiro dele.

— V... vou agora mesmo.

— Curtume — Bärdey gritou —, está limpo aí?

— Limpo.

As águas batiam nas curvas pedregosas da margem, cantando uma melodia tranquilizadora, e o ar mais fresco ajudava a manter boa parte dos mosquitos longe.

Perna-e-Meia passou a cana do braço pela testa e secou o suor, mas parecia que as gotas tinham preferência em escorrer para o local onde estava ferido, fazendo suas orelhas arderem de forma insuportável. Mas ele não podia dar mole quando o chefe estava tão interessado em matar um deles. Devia ter trazido Roney junto. Assim, já aproveitaria e o enterraria para encerrar a disputa.

Ele enfiou a pá mais uma vez e, desta feita, pareceu ter atingido um pedaço de carne. Usando a ponta da ferramenta como uma vassoura, ele varreu a terra até surgir algo inchado e malcheiroso do chão. Ali estava o desgraçadinho. Ele cavou em volta por mais um tempo, revelando o abdome completamente dilatado do menino, e uma parte de seu rosto também ficou descoberta. No lugar dos olhos, revolviam-se uma colônia de vermes. Os lábios e as bochechas estavam estufados, como se fossem estourar a qualquer momento. O cheiro de carne putrefata começou a subir pelo ar, e Perna teve de amarrar um pedaço de pano na boca e no nariz, cobrindo-os, para evitar as náuseas.

Ele mirou com a pá na região onde devia estar um dos braços do garoto. Cortaria a mão dele e levaria para as centopeias. Ele levantou a ferramenta e a cravou com força, errando por pouco o alvo e atingindo a lateral inchada do abdome. A carne, mole, se abriu com facilidade, soltando um chorume podre do fígado liquefeito. O pano cobrindo o nariz não foi capaz de protegê-lo do odor de podridão, e Perna caiu de joelhos, vomitando. Ele encharcou a máscara, coalhou a barba com o resto do desjejum e até comeu de volta, sem querer, um pouco dele.

— Merda! — ele arfou, retirando o pano do rosto e tentando limpar o que podia.

Talvez não fosse uma ideia tão boa cortar a mão do menino. Como ele levaria aquele pedaço de carne podre consigo? Ele levantou-se, olhou cuidadosamente para o corpo de Pitra e ponderou se um pedaço das calças ou da camisa do menino não poderiam servir. Fazia sentido, pois a garota giiudin ficava colada nele o tempo todo. E era o cheiro dela que importava, não o do garoto. Não era uma ideia ruim, e Perna xingou a si próprio. Deveria ter pensado nisso antes de inalar o chorume.

Sacou a faca. Tinha de servir.

— Consegui, chefe. — Bärdey, já cansado de esperar, olhou para trás e viu Perna se aproximando com uma expressão animada no rosto. Já não era sem tempo.

— Ah — ele disse. — Bom trabalho, para variar.

— Perna esperto — observou Roney, sem ter sido chamado na conversa.

Bärdey pegou o pedaço de pano das mãos de Perna e aproximou-se de Roney.

— O que pretende? — perguntou Canhoto, entretido enquanto arrumava o próprio cabelo.

— Vamos ver se conseguimos associar esse pedaço de pano a um almoço delicioso. — Bärdey enrolou a tira de roupa apodrecida no pescoço de Roney e, em seguida, puxou o subordinado pelo braço. — Venha comigo, Roney. Animais bonitos, venha ver.

Perna colocou uma das mãos sobre a boca.

Bärdey empurrou o traseiro de Roney com o pé, e o sujeito teve de se apoiar nas grades da gaiola para não bater o rosto no metal. Como duas serpentes furiosas, as escolopendras sibilaram e se revolveram, formando um nó indecifrável. Num piscar de olhos, elas se desprenderam e se separaram, voando em direção ao homem, mas os ataques não o alcançavam. Bärdey aproximou-se de Roney por trás e, com a mão em sua nuca, forçou a cabeça dele contra as grades.

Tão rápido quanto Bärdey imaginara, um dos animais colocou as presas para fora e as cravou no rosto do infeliz. Uma das presas atravessou o olho, e a outra penetrou a boca, empurrando os dentes para trás como se fossem feitos de geleia. Roney nem chegou a gritar. Só estremeceu, ficou completamente rígido de repente e, por fim, amoleceu e caiu no chão. Em um instante, o rosto dele começava a derreter diante dos olhos de todos, fazendo subir um cheiro de carne viva e vinagre.

Bärdey abriu um sorriso e deu uma salva de palmas.

— Perna, seu bastardo! — ele olhou para Perna-e-Meia, que se movia involuntariamente para trás. As mãos no rosto, os olhos esbugalhados. — Que ideia magnífica! Espalhe o cheiro do pano pela estrada, depois trate de queimá-lo. Aproveite e carbonize o corpo de Roney e enterre os restos. Não queremos que as maravilhosas escolopendras procurem a garota em nossa casa, não é? Canhoto, acha que consegue seguir essas maravilhas a uma distância segura? Certifique-se de trazer o corpo da garota e seus pertences, todos eles! Ou só os pertences? Não... traga o corpo. Sim, traga-o para mim. E, Perna, mais uma coisa: esqueça o desafio das covas, está dispensado!

25 – Sumuraq

Os dois saíram da escuridão da caverna, e logo suas vistas se acostumaram com a pálida claridade da floresta. O cenário do lado de fora não era mais aquele de quando a velha trouxera Vescas para procurar Billa. Antes, o que se parecia com uma margem judiada e alagada agora se tornava um palheiro de árvores negras e mortas cercando-os como gado num curral. O chão voltou a estalar com o barulho de ossos esmigalhados sob os pés dos dois, e o ar não ficou mais puro, só mais frio. Havia chovido, como era evidente, e a água apagara não só as pegadas da vinda, mas qualquer esperança de encontrar o caminho de volta. Fragmentos de costelas boiavam junto a folhas secas em áreas onde a água ficara empoçada. Vescas preocupou-se, mas procurou não demonstrar para não aborrecer Billa ainda mais, que vinha mancando ao seu lado com a mão sempre sobre a cabeça, cobrindo o machucado. O velho não parecia muito bem.

— Parece que agora é só a gente seguir por ali — improvisou Vescas. — Foi esse o caminho que tomei com a megera. Quer dizer, quando ela era uma velha.

Billa fez um muxoxo desconfiado.

— Por ali, é?... Que seja.

— Está tudo bem contigo?

— Na medida do possível. Estava melhor há pouco tempo. Você tem água?

Vescas viu que Billa ainda estava com a bagagem nas costas, ajeitada exatamente como da última vez em que o vira, na noite anterior.

— Eu esperava que você ainda tivesse.

— O cantil já era, devem ter afanado. Estou só com a montagem de acampamento e as demais coisas. Acho que está quase tudo aqui, na verdade.

— Isso é uma merda. Precisamos nos hidratar caso tenhamos que passar mais uma noite. A última água que tomei estava cheia de girinos e tive que usar minha camisa para filtrar.

Billa tonteou brevemente e apoiou-se numa árvore. Vescas veio acudi-lo, mas foi dispensado.

— Não consegue ver algo como uma cabaça, uma fruta?... Um cacto, que seja. Ná... esqueça esse último. Cactos não dão em florestas. Você sabe... o sol, a luz e... você entendeu.

Vescas não entendeu, mas balançou a cabeça mesmo assim. Olhou ao seu redor, mas só conseguia ver, antes de tudo ficar escuro no horizonte, árvores pretas e secas. Uma claridade mínima cortava as nuvens de chumbo e caía sobre os ossos espalhados.

— Nada... estranho. Eu jurava que era dia quando entrei na caverna.

— Talvez seja — Billa deu de ombros. — Desde que entramos, não vi o céu mudar de cor. Não dormi nada, por mais que tentasse, e acho que foi porque meu corpo ficou confuso. Eu via noite, mas me sentia disposto. Depois disso, bom, não preciso lembrá-lo.

— Também foi a velha que o enganou?

— Só um idiota seria enganado dentro desta floresta... Desconfiei dela no mesmo instante, mas a maldita insistia que precisava de ajuda. Pouco depois, senti a dor. Paulada na cabeça... Certamente foi o marido. Se é que dá para chamar aquilo de marido. Daí acordei naquela merda de caverna. De qualquer forma, é possível que não tenha passado muito tempo desde que nos separamos, é também possível que tenham se passado dias. Esse lugar é tenebroso, e eu quero sair logo dele.

— Nós vamos sair, eu prometo. Me dê essa bolsa, pelo menos.

— Aqui...

Vescas colocou a bagagem e sentiu certa urgência na voz de Billa. Teve a impressão de que a testa do velho estava úmida, mas ficou com medo de perguntar se era por causa da caminhada ou se era febre, e preferiu seguir em frente. Antes disso, porém, conferiu os mantimentos, retirou sua adaga de brumo — não sem antes ofender a si mesmo por não ter feito isso antes — e colocou as pederneiras no bolso. Girou o ombro e ficou satisfeito. Estava se recuperando rapidamente. Já carregava o arco e uma aljava de flechas encontrada na caverna, e se sentiu um pouco mais seguro com a adaga, apesar de só tê-la usado uma vez e justamente contra seu amigo.

O caminho estava ainda mais sofrido do que Vescas se lembrava. A vista já não alcançava muito longe. O solo parecia ainda mais forrado de ossos, e estes, mais afiados do que nunca. Uma neblina maciça lambia o chão e sempre dava a impressão de que pouco adiante ela se dissipava, mas nunca tinha fim. Da mesma forma, a luz prateada no céu, só um filete, prometia se abrir dentro de instantes, mas nunca ficava mais amplo nem nunca iluminava nada.

Vescas decidiu parar um pouco. Trocou algumas palavras com Billa — talvez só para se certificar de que o amigo ainda estava consciente — e acendeu uma lamparina de mão que mais se assemelhava a uma xícara. Não melhorou muito a viagem, pois não iluminava absolutamente nada. O ar, ainda por cima, seco e repleto de partículas de pó dos ossos, entrava pelas narinas e se alojava no interior mucoso, criando uma remela ranhosa, deixando-os com ainda mais sede, com ainda mais urgência de sair dali. Vescas não entendia como podia haver pó num ambiente recentemente molhado pela chuva.

E, a cada momento, a cada passo, a floresta dava a impressão de embrulhá-los mais e mais.

Quando passou o que Vescas julgou serem horas a fio, Billa já se arrastava usando somente um dos pés. A cabeça seguia sempre baixa, o sangue ressecado no alto da têmpora, e um gemido arranhado era tudo o que ele emitia de quando em quando. Vescas, bastante apreensivo, adiantou-se e usou um pouco de sua reserva de força para ajudá-lo a caminhar com mais facilidade. Agradeceu aos deuses por estarem próximos a uma clareira, pois precisavam de um panorama diferente antes que enlouquecessem. E o cenário ali era mais convidativo do que o anterior. As árvores abriam-se repentinamente, deixando um círculo descampado, onde jazia um esqueleto de algum animal enorme, e os troncos enegrecidos logo se agrupavam e se misturavam à névoa e à escuridão, fechando a mata novamente.

Aproximaram-se da carcaça do animal morto. Um esqueleto tão grande quanto o de uma baleia, e Vescas não pôde deixar de se perguntar como diabos fora parar ali, afinal, não podia ser nativo, não tinha qualquer cabimento. Sentaram-se no que parecia ser a parte mais confortável, uma cabeça chata e comprida, com cavidades oculares grandes o suficiente para que um homem se escondesse ali. Por mais que fosse ridículo, Vescas sentiu um pouco de medo de se sentar naquela cabeça e tomar uma mordida na bunda. Ele ajudou Billa a subir, e o velho deitou-se de costas, o ar escapando dos pulmões em uma só golfada quando o fez.

— Ei... — Vescas puxou assunto. Sentiu que sua boca tinha sido colada por dentro, de tão seca. — Como está indo?

Billa só sacudiu discretamente a cabeça e fechou os olhos.

— Só quero... descansar.

— Ainda há a possibilidade de a gente beber... você sabe — Vescas riu, meio sem jeito —, urina. É nojento, eu sei, mas... sabe como é... posso tentar mijar um pouco, se quiser.

Billa mastigou algo que não existia. A pouca saliva dele também devia estar viscosa.

— Beba você — tossiu uma vez, de forma comprida e dolorosa. — Vai precisar mais que eu.

— Ei, ei... descanse, mas não durma ainda. Não confio neste lugar.

Um galho estalou atrás de Vescas, como se tivesse sido pisoteado. Ele ficou de pé imediatamente e sacou a adaga da cintura. As coisas piorariam bastante se a criatura que o perseguiu na noite passada o encontrasse novamente. Ele firmou a adaga no punho, tentou disfarçar o tremor e, por fim, ouviu outro estalo, mais longe. Depois de um tempo, as coisas voltaram a ficar em silêncio.

Era curioso, inclusive, o silêncio da Floresta de Ossos. Não havia qualquer barulho de insetos ou aves noturnas. Nem sapos, rãs, nada. Quando se andava lá, só se ouvia o craquelar dos ossos se espatifando sob os pés. Quando Vescas foi capaz de ouvir sua própria respiração por tempo o suficiente para ficar mais tranquilo,

baixou a adaga e voltou a alojá-la na cintura. Sentou-se de novo ao lado do velho e deu nele um cutucão.

— Não era nada. Ei... Ei!

Billa abriu os olhos lentamente.

— Me deixe... descansar.

— Pode descansar, Billa, mas não dormir. Olha só, vou até aquela árvore ali pra ver se consigo... um pouco de... *água* .

— Vescas, eu...

— Não vou me afastar. Aqui nas costelas, então. Ainda será possível me ver, está bom assim?

Billa tossiu de novo, colocando a mão na frente da boca. Dessa vez, Vescas viu algumas gotas escurecidas de sangue.

— Vescas...

— Ei, velhote... o que é isso? Por que não me disse que estava tão doente? Acha que foi veneno? Posso fazer algo? — Vescas tentou implantar o máximo de calma na voz, mas sua garganta começava a formar um nó. — Responda, acha que foi envenenado? Ei, fique comigo, Billa!

O velho fechou os olhos e demorou tanto para abri-los de novo, que Vescas ficou com medo de ele ter dormido para sempre.

— Eu... — Ele limpou o sangue na roupa e sorriu languidamente, mostrando parte das gengivas. — Eu estou morrendo, rapaz. Mas você ainda pode sair daqui.

Vescas sacudiu a cabeça, incrédulo.

— Não...

— *Envenenado*. — Billa riu pateticamente e tossiu de novo. — Você ainda é meu burro favorito. Eles quebraram minha cabeça, isso sim. Já estou com um pé na cova desde que... desde que saímos da caverna.

— Não, Billa... não! Você estava bem, eu vi!

— Você viu o que queria ver. O que a floresta queria que visse...

— Deve haver algo que eu possa fazer. — Ele saltou da caveira gigante e começou a procurar no chão, revirando os ossos, mesmo sem fazer a menor ideia de como ajudar. — Não vou embora sozinho, seu velho moloide, não vou mesmo.

Billa estendeu a mão trêmula e a deixou no ar.

— Quero dizer algumas coisas antes de ir...

— Não vai dizer nada! — Vescas secou o olho, por onde já escorria uma lágrima. — Vai ficar calado até eu encontrar um remédio, uma atadura, qualquer coisa assim. Não existem raízes que são anestésicas? Não existem? Então fique quieto e me deixe procurar.

O velho continuou falando, mesmo sem receber de volta a mão de Vescas.

— Precisa encontrá-lo, rapaz. Precisa ajudá-lo. — Vescas percebeu que Billa começava um daqueles tristes discursos de quem está morrendo. Isso não podia estar acontecendo. — Você é amigo dele. Quero que... quero que cuide para que Catrin receba ajuda de vez em quando. Ela é uma boa moça, e foi pega numa tragédia sem ter qualquer culpa. Também quero que vá atrás do tal bandido, qual era mesmo o nome dele... era...

Vescas piscou repetidas vezes para espantar o choro e arrancou o primeiro broto verde que encontrou no chão.

— Tome, mastigue isso e pare de falar bobagens. Você não vai a lugar algum, Billa.

— O que é isso?

— Não tenho a menor ideia, mas é alimento, não? Não pode ter propriedades medicinais ou algo assim? Mastigue!

Billa se apoiou no cotovelo esquerdo e examinou a plantinha.

— Não se oferece mato para as pessoas. — Ele cheirou o broto, e Vescas demorou a ser dar conta de que Billa tinha tirado forças de algum lugar. — Onde encontrou isso?

— Aqui no chão. Tem mais.

O velho se levantou e desceu da caveira, como se tivesse acabado de acordar de um cochilo. A boca de Vescas se abriu e permaneceu aberta por longos momentos.

— Seu miserável... — o velho murmurou. — Não deveria ter qualquer vegetação aqui. Veja! Outra igual... e mais outra! Acho que há maiores quantidades ali, atrás da ossada.

— Co... como você está de pé, velho senil? — Vescas ganiu. — Estava com um pé na cova agora mesmo!

— Do que está falando? Estou velho, mas não estou morto. Venha comigo, vamos descobrir de onde vêm essas plantas.

— Eu não entendo...

— Só há ossos neste chão, imbecil. Plantas precisam de água, de luz... Pode ser que você tenha nos colocado perto da saída deste lugar. Ande! Não entendeu ainda?

Billa seguiu na frente, abaixado, inspecionando o chão e conferindo, vez ou outra, mais dos brotos que encontrava misturados aos ossos. Vescas, ainda atônito, foi atrás, pois a perspectiva de saírem dali era ainda mais entorpecente do que a recente ressurreição do velho. Eles conversariam depois.

Não muito longe da ossada gigante, chegaram a um beco estreito, ladeado por árvores bem mais grossas, mas igualmente desvitalizadas, onde corria, no solo, um filete miserável de água doce. Dali brotavam inúmeras plantinhas como aquela,

em grande quantidade. Vescas achou que devia estar delirando, pois era impossível nascer água naquela floresta cheia de pó. Ele molhou as mãos e constatou não se tratar de um sonho. Passou os dedos frios pela testa, limpou os olhos e experimentou. Resolveu se arriscar e beber um pouco. Estava perfeita. Billa fez o mesmo e, a essa altura, já parecia tão saudável quanto estava dias atrás. Como se lesse a mente do rapaz, o velho começou:

— Disse que eu estava morrendo, não é isso? Não me lembro de nada do tipo. Lembro-me de ter deitado naquela caveira enorme e cochilado. Acho que entendo um pouco mais o que está acontecendo aqui. Essa floresta é repleta de magia de enganação, feitiçaria drinar lá dos primórdios do mundo, só pode ser. Na caverna você ouviu minha voz esganiçada como sendo a de Koma e viu aqueles monstros nojentos como pessoas de idade. Quando imaginou que eu estava morrendo e chorou por isso, desesperado para sair, talvez tenha encontrado uma forma, ainda que distante, de se comunicar com este lugar. — Billa sorveu um pouco da água fria. — Sei lá o que houve, mas sei que demos sorte, rapaz.

Vescas ponderou por um momento. Fazia sentido.

— Eu não chorei — defendeu-se.

— Não insulte minha inteligência. — O velho apontou para outra clareira. — Olhe lá. Percebe como está mais iluminada? Deve ficar bem na borda desta floresta maldita.

— Vamos, então.

— Se quer saber, acho que nunca entramos nela, de fato. Não para valer. Demos dois ou três passos depois da borda, e isso quase desgraçou nossas vidas.

Vescas abaixou a cabeça, imaginando o que teria acontecido com eles caso tivessem ido parar no coração da mata.

A noite já se despedia, abrindo um arco prateado no céu. Fazia um tempo desde que viram a última árvore morta e caminhavam quase como se descansassem ao longo de um tapete forrado por relva. O ar puro vinha como um bálsamo no rosto suado dos dois. Vescas adiantou-se quando percebeu estar próximo a uma escarpa e chamou Billa até si.

— Velhote... — era difícil se fazer ouvido, pois um trovão de água se chocando abafava quase todo som. Deviam estar próximos de cachoeiras. — Velhote, acho que não podemos continuar aqui.

— Pelo traiçoeiro Koma... — Billa largou o pedaço de pau que vinha usando como bengala e foi até Vescas como se reconhecesse algo.

Ainda estava escuro. Nada que se comparasse à floresta, mas, mesmo assim, uma penumbra. Vescas teve dificuldade de identificar o que Billa apontava com o dedo, mas, depois de um tempo, o que se parecia uma pedra alta encostada no

precipício tomou forma diante de seus olhos. Era uma estátua. Tão alta quanto o precipício onde pisavam, que devia ter a altura de uma torre. Mais alta, ainda. A escultura era humanoide, totalmente negra, com poucos detalhes distinguíveis em sua armadura. Das ombreiras largas desciam braços fortes que se apoiavam no punho de uma espada, e esta, por sua vez, jazia fincada no chão. Era uma das coisas mais extraordinárias já vistas por Vescas. Nem os gigantes mais gigantes das fábulas infantis chegavam a ter tal altura.

— Deuses... que estátua é essa?

Billa tomou um pouco de ar antes de explicar.

— Não é estátua, garoto. É uma cria divina há muito adormecida. Você nunca viu, pois os humanos raramente se afastam muito das cidades, mas os drinares passam por aqui com frequência, principalmente os de cabeça raspada. Isso é um *sumuraq*. Foram feitos por Koma a partir de algum metal escuro e brilhante, mas ninguém sabe ao certo que metal seria esse. Criaturas como essa foram comandadas pelo chifrudo para atacarem o irmão na época em que os dois estavam em conflito. — Ele prontamente se adiantou para corrigir: — Segundo as lendas. São majestosos, não são?

— Está me dizendo... — Vescas se esqueceu do rugido das cachoeiras e gritou: — está me dizendo que essa coisa ainda vive?

— Ninguém sabe. Acredita-se que Koma os tenha desativado há milênios. Não se preocupe, se fossem esmagar alguém, já o teriam feito. Não escolheriam como alvo um morto-vivo feito você.

— Veja quem fala...

Billa riu, e as gengivas brilhantes dele à mostra eram um alívio para Vescas.

— Hoje em dia são só relíquias sagradas. Guardiões das cataratas e senhor do Rio Ailen. — Vescas avistou o veio prateado do rio correndo abaixo deles. — Essas cataratas além do *sumuraq* marcam a *Pedra Tripla*, a divisa entre os reinos de Gatuste, Eloche e Piriele. Portanto, estamos em terras sem dono. Devemos, todavia, seguir com muita cautela, pois, como não há patrulhas de nenhum dos reinos, pode haver acampamentos de... indesejáveis.

26 – Periferia de Anahur

Ashia estava com as pernas dormentes de tanto andar, mas não se desviou do caminho indicado por Bor'ze'il, tampouco se demorou em suas necessidades ou refeições. Sentiu imensa satisfação por ter conseguido chegar aos arredores das cidades vizinhas antes que anoitecesse, ou pelo menos era o que calculava. Para se certificar, saltou de um arbusto para a estrada e cruzou para o lado oposto — talvez porque vinha se acostumando a andar longe das vistas de todos —, por onde podia subir uma espécie de rampa e observar quanto ainda faltava.

Ela abriu um sorriso ao constatar que, com mais meia hora de caminhada, estaria em Anahur. Só dava para ver uma beirada do rio, mas uma canoa de pescadores e algumas barracas ao longo da margem mostravam a ela que o caminho estava certo.

Fazia tempo que ela não se sentia tão bem, tinha os pensamentos tão límpidos e os sentidos tão aguçados. Seu coração sentia a falta de Pitra, era evidente, e o silêncio que precedia uma frase e outra — pois ela não perdera a mania de falar sozinha — sempre vinha acompanhado de um leve aperto no peito, já que as frases e as sugestões do irmão ajudavam a colorir seus dias. Mas o passado era o passado e, tão logo ela estivesse pronta, voltaria a cada um dos lugares onde foi machucada e injustiçada. Faria cada um dos homens pagar por tudo.

Ashia julgou, então, ser seguro continuar a viagem a partir da estrada, e assim ela o fez. Não encontrou ninguém pelo caminho e, em pouco tempo, já se dirigia ao primeiro casebre de pescadores que via, e duas mulheres lavando roupas na beira do rio também a viram e a encararam até que terminasse de se aproximar.

— Bom dia — ela saudou as mulheres. — Estou perto de Anahur, não estou?

Uma das mulheres sorriu para ela, enquanto a outra preferiu dar mais atenção às calças que lavava.

— Como é possível que seja giiudin e não saiba? — perguntou a mulher, sem malícia, tinha apenas curiosidade.

Ashia estava começando a ficar um pouco aborrecida por todos a chamarem de giiudin e já se preparou para retrucar. Porém, uma luzinha no alto de sua mente deu a ela uma ideia melhor.

— Eu deveria saber, mesmo, mas deixei a cidade pelo rio. A volta, como podem ver, me custou um pouco as sandálias e a paciência. Confesso que estou até com medo de estar meio perdida.

— Não está, moça — a mulher das calças falou, sem olhar para Ashia. — Continue seguindo a estrada e logo estará em companhia de seus parentes. Nenhum

cabeça raspada quis acompanhá-la na volta, é?

— Cabeça raspada?

— Sim, os drinares desertores. Eles têm laços conosco. Nos trazem caça, e nós oferecemos o que pudermos em troca. Roupas, apetrechos comprados na cidade, coisas assim. Não costumam entrar em Anahur, mas chegam até a pernoitar conosco, da periferia.

— Não diga... — Ashia entendeu o porquê de Bor'ze'il ter indicado o caminho da viagem. Era uma estrada conhecida por ela e seus irmãos, e ladrões não deviam se arriscar muito por lá. — E eles ajudam a proteger, bem... os arredores?

— E como ajudam. Faz anos desde que bandoleiros nos perturbaram por aqui. — A mulher deixou as calças de molho na bacia, enxugou as mãos no avental e virou-se, finalmente, para Ashia. — Por acaso está com fome? Darma e eu fizemos pão fresco para comer com nata de cabra. Deveria experimentar um pouco para não chegar tão fraca em Anahur.

A mulher até que era mais simpática do que aparentava.

— Fico muito agradecida... já parei para comer na estrada.

— Acho que respondeu por educação — falou a outra mulher. — Sei como vocês são resistentes.

— Nós?...

— Vocês, da ilha. — Ela apontou o polegar para a colega, que já se levantava e batia a areia das saias. — Hūda já participou de algumas rodas de conversa do povo da ilha, e eles sempre contam todo tipo de história. Sobre como vocês jejuam por um dia inteiro antes da caçada, para deixar a comida ainda mais sagrada. Já falaram sobre... — Ela colocou a mão sobre o ombro de Ashia, como se as duas fossem amigas de longa data. — Como é mesmo a história da morte, Hūda?

Hūda pegava outra peça de roupa suja e a mergulhava nas águas do rio.

— Deixe a moça, Darma. Acha que ela mesma não está cansada de ouvir isso?

Ashia estava interessada em ouvir mais e já preparava uma desculpa fajuta para que a mulher contasse as histórias, mas tudo aconteceu bem depressa diante de seus olhos. Dos juncos, a poucos passos de Hūda, surgiu uma movimentação revoltosa, fazendo as plantas balançarem vigorosamente e revelando, por um instante, o que pareciam ser as escamas no dorso de um crocodilo. A mulher, distraída com a roupa suja, não viu, mas soltou uma interjeição de susto quando uma centopeia enorme emergiu, fincando as patas na areia. A criatura soltou seu chiado de cacos de vidro raspando na terra.

— Koma!... — Darma caiu sentada.

Ashia, sem reação, assistiu, com os olhos arregalados, enquanto a centopeia passava por Hūda e ia até a colega caída. Darma tentou se arrastar para trás, mas o

monstro a embrulhou como bandagem, abafando seus gritos, e cravou as presas em seu pescoço, fazendo a voz da mulher gorgolejar enquanto a areia ficava molhada de sangue. Um cheiro de metal e vinagre impregnou o interior das narinas de Ashia.

A criatura soltou a mulher, já flácida, cujo pescoço começava a derreter, e remexeu as antenas, fazendo círculos. Pareceu nem ter notado a presença de Hūda e, curiosamente, esfregou as antenas na mão de Darma e se excitou. Crocitou como um gato manhoso e encostou o focinho nos dedos, como se cheirasse. O som dos ossos se esmigalhando logo mostrou que ela os mastigava, não farejava. Quando largou o braço da mulher, que faltava pedaços quase até o pulso, deu um novo guincho, cravou as patas no solo e revolveu as antenas novamente. E então encarou Ashia com uma postura perigosa.

Não houve tempo de falar qualquer coisa, e Hūda também assistia à cena com a boca coberta de horror. As pernas de Ashia se ativaram antes do cérebro e, quando percebeu, já corria colina abaixo, em direção à estrada. A centopeia veio atrás e era veloz.

Ashia saltou de uma pedra, já caindo no meio da estrada, e se enfiou nos arbustos da margem oeste, voltando pelo caminho da floresta dos desertores. Os guinchos podiam ser ouvidos à mesma distância, dando a entender que Ashia não corria rápido o suficiente. Mas ela sabia que só correr pelo mato, de forma desgovernada, não a ajudaria. Ela tinha de sumir de vista ou neutralizar o bicho. Mas como fazer isso? *A propósito*, ela pensou, *de onde diabos surgiu um inseto com duas braças de comprimento?*

Sem tempo para planejar melhor, ela começou a testar a criatura. Saltou um tronco largo de pinheiro e olhou para trás, apenas para confirmar que a centopeia passava pelos obstáculos como se fosse feita de água, modelando-se, ondulando o corpo sedimentado. Ela pensou em subir os galhos baixos e se empoleirar até a copa de uma árvore, mas decidiu não fazê-lo, pois, se a criatura subisse com a mesma facilidade, só uma das duas desceria de lá com vida. Seus dedos tiveram, então, outra ideia e se enfiaram na sacola. Ela agarrou um frasco de pó-de-pederneira e virou-se, correndo de costas, até que avistasse o monstro. Quando as antenas brotaram de um arbusto, ela atirou todo o frasco, causando uma explosão bem na frente da centopeia, que guinchou e se revolveu no chão.

Ashia deixou os braços penderem ao lado do corpo e tombou a cabeça para frente, soltando a respiração. Entretanto, como logo percebeu, a criatura não havia morrido. Na verdade, sequer estava machucada, só dava espasmos com a cabeça e soltava chiados curtos e sucessivos, como se espirrasse. A carapaça dura do animal permanecia intacta, como que feita de ferro.

— Merda...

Ashia não teve alternativa senão voltar a correr e, como esperava, voltou a ser perseguida. A mão esquerda revirou tudo o que tinha na bolsa, mas nada ali dava a ela uma boa ideia de como se defender. Havia as facas de arremesso, ela pensou com ironia, mas, sem um desertor para prender a criatura ao solo, jamais acertaria um disparo.

Ainda assim, por falta de opções, ela tentou. Meteu a mão no cinto, arrancou uma das facas, segurando-a pelo cabo, e arremessou, mirando bem no meio das antenas. Ashia nem viu onde a faca foi parar. Se escondida atrás do mato era difícil acertar, ela tinha poucas esperanças de sucesso enquanto corria. E a tentativa cobrou um preço alto quando ela, distraída com o animal, enganchou o tornozelo em uma raiz e caiu de lado. Mesmo apoiando-se sobre o ombro, sentiu uma onda de dor na região da clavícula e soltou um grito, misturando interjeição de sofrimento e um xingamento qualquer. A centopeia acelerou, chiou de forma aguda e levantou a parte posterior, apoiando-se sobre as patas traseiras.

Ashia rolou antes do bote, evitando que as presas cravassem nela, mas a dor a fez revirar os olhos, e isso quase a fez desmaiar. Porém, ela não desistiu e, segurando o ombro com a mão mutilada, levantou-se fazendo força com os joelhos e continuou correndo, procurando sempre seguir morro abaixo. Aos pés do declive, ela viu um córrego e pensou que, se a água não funcionasse, seria realmente seu fim. Ela reuniu toda a força que podia nas pernas, alargou as passadas e tomou uma leve dianteira, ao passo que a criatura vinha furiosa, chiando, cortando arbustos com suas patas afiadas, saltando buracos como se não fossem nada.

Com os pés na terra barrenta do córrego, Ashia tirou a sacola dos ombros, o que lhe custou uma nova onda de dor, e deu um salto na direção da água. As cartas eram importantes. Não deixaria que se perdessem por causa de um inseto gigante. A mão ruim ergueu a sacola acima da cabeça, e a boa remou até que a água passasse da cintura para o peito, na área mais funda. Olhou para trás com um fio de esperança e, para seu alívio, viu a criatura freando na margem e rodopiando as antenas, desorientada. O monstro não entrou na água. Não gostava dela.

Ashia respirou profundamente e então percebeu o quanto estava exausta. A mão da sacola tremia sobre a cabeça. Ela terminou de atravessar o córrego e, virando-se novamente para a margem, certificou-se de que a criatura ainda estava lá, perdida. Ela não pôde sequer comemorar, pois o que viu, a passos da primeira criatura, a deixou com os pelos da nuca arrepiados. Outra centopeia, idêntica à primeira, margeando o córrego, procurando, farejando, buscando algum vau, alguma canaleta estreita por onde pudesse passar.

— O que está acontecendo? De onde saíram esses bichos?

Ashia não se lembrava de ter ouvido qualquer menção a insetos enormes de Bor'ze'il. Nem de qualquer outra pessoa. Ela sempre pensou não ser possível que

existissem seres assim. Alguma coisa não estava certa. Por que aqueles monstros a seguiam até o fim do mundo com vontade de matá-la? Por que atacaram uma das mulheres da periferia e não a outra? Não era comida mais fácil?

Ashia começou a suspeitar de que os insetos a queriam especificamente, e a única explicação para isso eram os homens de Bärdey, por vingança depois de ela ter matado dois deles. Isso era bem plausível, mas, ainda assim, os bichos precisariam de algo mais do que puro instinto para caçá-la. Ela ponderou se os bandidos não tinham dado um jeito para que as centopeias a farejassem, e fazia sentido, pois a forma como remexiam as antenas sugeriam que procuravam as vítimas pelo cheiro.

Uma luz se acendeu na cabeça dela. A mulher da periferia, Darma... ela havia tocado o ombro de Ashia momentos antes de morrer, ao passo que a outra não. Devia ser isso.

Ashia imediatamente jogou a sacola no chão e começou a tirar a camisa, mas logo desistiu. A ideia seria jogar a roupa toda pelo córrego, para seguir correnteza abaixo, o que faria os bichos ficarem desorientados enquanto seguiam uma presa falsa. Mas poderia não dar certo, pois, quando os insetos percebessem que haviam sido enganados, voltariam para a margem ou pior: encontrariam um jeito de atravessar e farejariam facilmente as pegadas dela, fazendo, assim, a caçada prosseguir indefinidamente. Não, ela devia usar o que sabia para tentar abatê-los e acabar logo com aquilo. Era o que Bor'ze'il faria, com toda certeza. Então, bolando seu primeiro plano desde que fora atacada, Ashia se afastou do córrego. Não sabia se os monstros enxergavam, mas fez questão de não se abaixar ou caminhar de forma sorrateira. Queria que eles a vissem, que observassem para onde ela ia.

Assim, ela não perdeu tempo e se adiantou, procurando por locais onde poderia haver água empoçada ou terra molhada. Ela escolheu a sombra de um carvalho não muito afastado de um brejo e, bem na base, onde as raízes protuberavam para fora da terra, ela começou a tirar a roupa. Peça a peça, arrancou e jogou no chão, fazendo um montinho, inclusive com as roupas de baixo. Deixou também a sacola, mas esta, porém, um pouco mais afastada para não ser afetada caso tudo desse certo. Ashia começou, então, a recolher o barro do chão. Enfiava as duas mãos até o punho e as trazia ao corpo cheias da terra mais mole possível.

A lama era acobreada — Ashia aprendera nos livros de botânica que as florestas geralmente têm o solo pobre em nutrientes e, por essa razão, têm a terra dessa cor; florestas viviam das chuvas constantes, e seus nutrientes provinham da serrapilheira, aquela camada superficial de folhas e matéria orgânica em decomposição —, e parte do humus das folhas velhas arranhava seus braços.

Mesmo assim, ela besuntou todo o corpo, também o rosto, até ficar quase totalmente encoberta. Só seus olhos se destacavam nas sombras.

Agarrou-se aos nós do tronco do carvalho, os dedos escorregando, e alçou um galho onde pudesse apoiar os pés e continuar subindo. Ao chegar a uma altura satisfatória, onde podia ficar suficientemente camuflada, ela esperou. E torceu. Torceu muito para que viesse uma de cada vez, ou não daria certo.

O sol baixou uma quantidade considerável no céu antes de ela ouvir o primeiro guincho ao longe. Tinha de ser rápida e certa se quisesse continuar vivendo. Ashia se abaixou entre as folhas, as abriu com as mãos e observou a centopeia se aproximando, as antenas em absoluto frenesi pelo cheiro das roupas. Passo a passo, o monstro se aproximou e, com ele, veio o cheiro de metal e vinagre, também os sons das patas fincando na relva sucessivamente, arbustos e capinzais sacolejando. Ashia retesou o corpo, tensa. A respiração ficou suspensa no peito. Faltava pouco.

E finalmente chegou a hora. A centopeia detectou a fonte do cheiro e virou a cabeça em direção às roupas amontoadas aos pés das árvores. Ela se lançou tão depressa sobre os tecidos, que Ashia sentiu calafrios subindo pelas costas. Em questão de um piscar de olhos já começava a voar retalhos de pano esfiapados sobre as costas brilhantes do animal, o cheiro de vinagre ficou ainda mais acentuado, e um tufo de vapor se formou como fumaça na palha, dada a quantidade da baba corrosiva escapando das presas da criatura. Ashia passou a mão boa pelo cinto, agarrou uma faca com força, e a mão aleijada se juntou à boa para dar mais firmeza. Ela olhou os arredores, procurando a companheira da criatura, mas esta parecia ainda não ter chegado à área.

Era agora ou nunca, ela pensou. Flexionou os joelhos, calculou bem a trajetória e saltou por cima do monstro. A lâmina, apontada para baixo, descreveu perfeitamente o trajeto que ela calculara e se enterrou bem entre as antenas do animal. Ashia deu graças aos céus pelo fato de os monstros não terem a carapaça dura como metal e só então se deu conta de que esse era um detalhe importante demais para não se levar em consideração. Mas não era hora de se reprimir, e sim de enfiar ainda mais a faca, torcê-la, se possível, e, no pouquíssimo tempo que tinha antes de a centopeia derrubá-la com suas contorções, assim ela fez. Girou o punho, jogou o peso do corpo, e nem os espasmos da criatura foram capazes de repeli-la.

Os guinchos dariam para despertar uma vila inteira. Aos poucos, a resistência foi diminuindo até as mãos de Ashia ficarem cheias de um caldo fedorento, quente e esbranquiçado e a criatura cair no chão. As patas estavam inertes e posicionadas de qualquer maneira, as antenas apontando para a lama. Estava morta, finalmente.

Tinha pouco tempo para subir antes que a companheira avistasse a cena, e Ashia limpou displicentemente a faca, colocando-a de volta na cintura e agarrando-se aos nós do tronco. Quando estava quase chegando, foi surpreendida por uma fígada no ombro machucado — estivera tão excitada que se esquecera dele —, o que fez com que seus dedos perdessem momentaneamente a comunicação com o cérebro e, por consequência, a aderência. Ela despencou de aproximadamente duas braças de altura, caindo de costas na lama. O baque fez o ar escapar de uma só vez dos pulmões, e a bacia doeu de uma forma muito aguda, como se tivesse trincado. Mesmo querendo muito, Ashia não conseguiu gritar ou respirar.

Tombou a cabeça de lado ao ouvir o nada agradável som de arbustos se remexendo. Em um instante, a outra centopeia corria em direção a ela.

Sem forças, Ashia só pôde assistir e esperar para ser devorada. As patas da centopeia moviam-se numa velocidade difícil de discernir, pareciam ondas se formando. Ela piscou pesadamente e, quando abriu os olhos, quase pôde sentir o gosto de vinagre, as presas expostas, pingando a baba corrosiva, as antenas rebolando feito loucas. Ela havia tentado seu melhor. Que uma pessoa mais experiente pudesse pegar Bärdey e colocá-lo de quatro no chão. Fechou os olhos sabendo que não os abriria nunca mais e tentou não pensar em mais coisas tristes. Preferiu se lembrar da risada de Pitra, das aulas do Sr. Degar e das sessões de caçada com Bor'ze'il.

O monstro rebolou no chão, girando sobre o próprio eixo, como se tivesse escorregado numa casca de banana. Estranho. Esse devia ser o momento em que a centopeia erguia a parte posterior, se apoiava nas patas traseiras e dava o bote. Inusitada dança, essa que fazia agora. Um assobio discreto passou pelos ouvidos de Ashia e, no instante seguinte, a criatura dançou outra vez. E outra, e mais uma, até que filetes de baba branca pudessem ser visto escapando de sua carapaça. Ashia não estava entendendo nada, estava quase dormindo, mas, depois de cinco ou seis assobios, viu o monstro parar de correr, de dançar, e cair inerte no chão, espumando pelas placas do corpo.

A próxima coisa que viu, antes de desmaiar, foi um homem careca se aproximando e guardando um arco nas costas.



27 – Entrada do Covil

O pé direito de Vescas derrapou no cascalho e escapou para o precipício, mas as mãos foram ágeis para se agarrar a uma pedra. Ele olhou para baixo, vendo os fragmentos rochosos em queda livre se chocando com as águas do Ailen, umas vinte ou trinta braças abaixo. Sentia um arrependimento tão real, que quase tinha sabor. Billa, vindo atrás, não estava indo muito melhor, mas era mais cauteloso devido à falta de um braço. Maldito aleijado, pensou Vescas, que agora fazia dele sua cobaia para tudo o que era perigoso. Billa nunca mais tomara a dianteira para nada.

— Isso. Jogue-se mais para a direita — resmungou o velho. — Parece que quer descobrir se sabe voar.

Vescas ajeitou os pés na trilha estreitíssima, limpou as mãos suadas na calça e olhou para trás com as sobranceiras unidas:

— Coragem para ir na frente você não tem, não é? Podia, pelo menos, ficar calado uma vez na vida.

— Ande, garoto. Não temos o dia todo. Ali na frente vai melhorar um pouco.

Vescas acompanhou a trilha com o olhar e constatou que o percurso só melhoraria mesmo quando chegassem lá embaixo.

— Não podíamos ter dado uma volta ou algo assim?

— Bateu com a cabeça? São três ou quatro dias de viagem e no estado em que estamos! Não me lembro da última coisa que comi, e, se não me falha a memória, você esteve prestes a beber o próprio mijo! Não. Iremos por aqui. Aliás, não sei por que discuto, já que foi *você* quem nos colocou nessa merda. Disse que sabia o caminho. — Billa estalou a língua. — Sabia o caminho...

— Tá bom, tá bom...

Pelo menos estava fresco. As águas que trovejavam vigorosamente nas pedras respingavam e se espalhavam com o vento, deixando na área uma constante brisa, como uma garoa fina e refrescante. Ambos estavam com as roupas molhadas, e isso ajudava bastante, ainda mais depois da experiência na floresta. Deveriam chegar lá embaixo no início da tarde, a tempo de pegar uma carona até a estalagem mais próxima. Por sorte, carregavam algumas moedas consigo, e devia ser o suficiente para uma pernoitada e uma boa refeição quente. Na própria estalagem, esperavam conseguir alguma informação que os levasse ao seu destino e, com alguma sorte, uma carona. O melhor a fazer agora era não olhar muito para baixo e avançar sem parar.

Seguiram sem problemas, passo a passo, apesar da dificuldade em alguns trechos mais escorregadios — tudo estava molhado naquela droga de trilha,

conformava-se Vescas —, e alcançaram a metade do percurso, onde o caminho alargava-se discretamente, mas o suficiente para caminhar com o corpo ereto, sem precisar agarrar-se às paredes a cada passo. Foi nessa hora que Vescas notou o que parecia ser uma movimentação lá embaixo, nas margens do rio. Ele abaixou-se, pois o precipício ainda se derramava perigosamente nas águas, segurou na beirada e esticou o pescoço para ver melhor.

Duas figuras humanoides discutiam num local parecido com uma entrada de caverna. Elas gesticulavam veementemente, segurando hastes compridas que poderiam ser lanças ou pedaços de pau. Vescas teve certeza de que não se tratava de humanos, pois tinham os corpos cobertos por algo escuro, como uma pelagem.

— Isso não é nada bom... — murmurou.

Billa chegou de fininho por trás dele e também espichou o pescoço para espiar. Estalou a língua.

— Não, garoto... melhor seguirmos com os ombros colados na parede e torcer para que não nos ouçam. A trilha desemboca perto da estrada, e estaremos longe dessa caverna. Venha.

— São brakkis, não são?

— Sim, e parecem meio fulos. Ande.

Vescas balançou a cabeça, desanimado.

— Não seria melhor se voltássemos?

— Escute, rapaz, o que falei agora há pouco não foi o suficiente para convencê-lo? Quer mesmo morrer de fome no caminho?

— Mas e se nos virem?

— Jamais nos verão se formos sorrateiros. Além do mais, temos a vantagem do terreno, e você tem um arco, não tem? Tem a adaga de brumo, ainda por cima. Precisa confiar mais no que pode fazer. Mas só estou dizendo isso como consolo. Não precisaremos passar perto desses monstros, confie em mim.

— Tem razão... vamos embora.

Vescas, de quatro na beira do precipício, esticou os braços para se erguer, mas não se deu conta de que sua aljava estava pendendo meio torta no pescoço, dado o nervosismo em ver brakkis novamente. Não pôde reagir quando o recipiente virou a boca para baixo, derramando cada uma de suas flechas bem em cima das cabeças das criaturas. Com o queixo caído e uma mão estendida para o vazio, ele viu tudo se mover lentamente. Uma a uma, caindo na água, nos arbustos, nos pés dos brakkis.

E então eles olharam para cima.

— Por Koma... você nos matou — gemeu Billa.

— Eu nos matei? — Vescas se pegou berrando. Agora era tarde, mesmo. — Há um instante dizia que eu podia me proteger e não sei mais o quê! O que

faremos? Ande, velho! O que faremos?

Billa apontou o dedo trêmulo para o caminho adiante, na trilha.

— Melhor andarmos mais depressa do que eles.

Vescas recolocou a aljava vazia nas costas e jogou o corpo contra a parede de pedra. Começou a andar o mais rapidamente possível, mas o próprio Billa o interrompeu.

— Pare, não podemos descer mais. Olhe.

Os brakkis haviam se separado. Olhando para cima e agitando as lanças — ou paus —, eles seguiram cada um para um lado. Um deles adiantou-se na margem do rio e começou a escalar o precipício a fim de alcançar Vescas e Billa antes que terminassem de descer o caminho. O outro, mais próximo da boca da caverna, começou a escalar ali mesmo para pegá-los na subida.

— Vão nos cercar — concluiu Vescas. — Estamos perdidos.

Para a surpresa dos dois, o primeiro brakki não conseguiu concluir sua escalada e caiu sem qualquer explicação. Vescas e Billa ficaram sem entender, mas logo viram um destacamento de pessoas invadindo o local com arcos, lanças e espadas nas mãos. Todos eles usavam roupas feitas de couro ou peles e tinham uma característica em comum: as cabeças eram completamente raspadas. Um deles, que parecia tomar alguma dianteira e liderança, apontava para que os outros se dividissem e gritava palavras em um idioma que Vescas não conhecia.

— O que está acontecendo?

Billa tomou a frente e começou a descer a trilha.

— O outro brakki ainda virá atrás de nós. Ande, rapaz!

Vescas o seguiu. Quase escorregou novamente, se recompôs e tomou a dianteira, com medo de olhar para trás e ver o monstro em suas nuças.

— Quem são eles, velho? Responda!

— Não são muito mais amigos que os brakkis, mas com eles há uma chance de diálogo, pois não estamos em suas terras. Esses são drinares renegados, os conhecidos como... — Billa respirou profundamente — como *desertores*. Sorte nossa não termos invadido os domínios deles, isso eu posso dizer.

Vescas pensou melhor e deixou Billa tomar a frente. Ficaria na retaguarda para proteger o velho quando o brakki os alcançasse.

— O que está fazendo, imbecil?

— Não vou deixar que o monstro pule em suas costas, isso que estou fazendo.

— E pretende pará-lo como? Sobrou alguma flecha nessa sua porcaria de aljava?

— Eu ainda tenho a lâmina negra.

— Lâmina negra são meus ovos enrugados. Você mal sabe andar e quer lutar com um brakki... venha aqui!

Billa puxou Vescas pelo braço, e continuaram descendo o mais rápido possível. Não demorou para que o brakki surgisse num ponto mais alto da trilha. Vescas olhou para trás. Primeiro, viu as mãos peludas e depois o corpo surgindo num salto impossível de ser executado por um humano. O monstro cheirou o chão, deu um grunhido que fez os pelos da nuca de Vescas se arrepiarem e começou a correr caminho abaixo, ignorando completamente o perigo de despencar lá do alto. Vescas estava sentindo suas pernas ficando moles, esperava não ter de encarar a criatura e tentar dar nela uma punhalada, mas o faria se precisasse.

Continuou correndo, na medida do possível, até que uma linha de esperança surgiu à frente deles. Um dos drinares também vinha subindo a trilha e tinha, pelo que Vescas notou, um equilíbrio incrível, pois vinha com o arco armado e os pés pisando delicadamente pelo caminho estreito. Avançava sem pestanejar.

— Para trás de mim — o drinar comandou.

Era um indivíduo esbelto como o próprio Vescas, os olhos de cabra olhando fixamente para o horizonte, e o arco parecia esculpido numa posição eterna, a corda sem tremer. Devia ter uma força incrível no braço, apesar da constituição física não muito avantajada. Vescas e Billa se espremeram na parede da ribanceira, cuidando para não esbarrar no arqueiro, e foi possível ouvir o zunido da flecha quando ele soltou a corda. No momento seguinte, o brakki estremecia e desabava no rio, estatelando-se nas águas.

Vescas deixou a respiração escapar aos poucos. O drinar virou-se para trás e olhou sério para os dois. Vendo com mais calma agora, Vescas achou que ele era muito mais velho do que aparentava, e sua voz um pouco mais profunda também.

— O que fazem aqui?

Vescas olhou para Billa na esperança de que este o ajudasse na explicação. O velho balançou a cabeça, aborrecido, e começou:

— Estávamos a caminho da Estrada da Pedreira quando nos perdemos. Fomos parar nas bordas da Floresta de Ossos, e ela quase nos matou. Quando saímos, nos deparamos com o penhasco, vimos a Pedra Tripla e o sumuraq, e eu achei melhor que descêssemos pela trilha antes que definhássemos. Os brakkis nos surpreenderam no percurso.

O drinar guardou o arco com um movimento rápido.

— Disse que escaparam da *Umbrosa* ?

— *Umbrosa*? — perguntou Vescas.

Billa olhou com seriedade para ele.

— É a forma como chamam a floresta. Queria ficar calado, não queria? Fique, por favor. — Ele virou-se para o drinar novamente. — Sim, mestre drinar.

Passamos por maus bocados, principalmente com os seres que na minha terra conhecemos como *Donzelas Etéreas*. A floresta é tão difícil de decifrar a nossos olhos, que já não sei mais se nos deparamos com elas ou não.

— Muitos perigos da Umbrosa são reais, velho, e as *Donzelas* a que se refere também são. Creio que quaisquer deuses em que acredite tenha tido uma forte influência em seu destino. Pouco se ouve sobre os que escapam delas.

— Agradeço as palavras, mestre drinar. Espero que Koma tenha olhado para nós, para variar. E a última coisa que queríamos, neste estado em que nos encontramos, era um encontro com uma dupla de brakkis.

— Estas terras tampouco pertencem a eles. Deram sorte mais uma vez, velho, pois recebemos pedidos de nossos colegas apenas recentemente. Se tivéssemos chegado uma hora depois, estaríamos recolhendo seus corpos. Sabe disso.

— Eu sei — disse Billa, com uma meia vênica —, por isso, somos imensamente gratos.

— Chame-me de Bor'la'il. Vou escoltá-los em segurança, mas ainda não é aconselhável que partam. Esperem até que terminemos a patrulha se não quiserem ser surpreendidos novamente. Trouxemos rações para viagem. Não é muito, mas deve ajudá-los a recuperar um pouco as forças.

— Eu sou Billa, e este aqui é Vescas, um aprendiz de imbecil. Obrigado por tudo, mestre Bor'la'il. Tome a frente, por favor.

Vescas sentiu vontade de dar um cutucão nas costelas de Billa, mas achou melhor ficar quieto. Já se sentia suficientemente pueril até o momento. O drinar passou a mão pela cabeça lisa, já molhada pela garoa da cachoeira, e exibiu o que quase poderia ser considerado um princípio de sorriso.

— Apenas Bor'la'il. Nosso líder é um mestre.

Quando terminaram de descer a trilha, Vescas e Billa foram escoltados para junto dos outros drinares. Era um grupo formado por cinco indivíduos, e todos eles imprimiam figuras calejadas, visivelmente forjadas em anos de sobrevivência e combate nas florestas. As peles eram mais bronzeadas do que as dos visitantes drinares vistos pelos moradores de Cerne, bem como as armaduras de couro e peles. Exibiam cicatrizes por toda parte. Bor'la'il foi recebido com olhares duros — evidentemente pela presença dos dois humanos estranhos —, mas ele logo se apressou a explicar o que havia acontecido, contando a exata história contada por Billa. O líder deles, um sujeito ainda mais velho, era o único usando uma proteção no ombro esquerdo, algo parecido com uma casca dura de coco ou uma cabaça seca. Ele guardava um arco curto nos ombros e tinha a cintura cheia de facas, como uma colega, a única mulher do bando — ou drinar fêmea, Vescas não sabia o termo

certo. Ele era chamado Yer'mene'il pelos membros do grupo, e todos paravam de falar e o encaravam quando ele abria a boca para se pronunciar.

— Situação complicada a de vocês — disse ele, dirigindo-se aos dois humanos.

— Sim, capitão. — Billa pensava realmente rápido. Viu que os caçadores do grupo o chamavam assim e imitou. — Não queremos ser um estorvo, mas o bravo Bor'la'il aqui nos orientou a não sair enquanto não fosse feita uma busca completa.

— E ele está certo.

O capitão Yer'mene'il fez um sinal rápido com os dedos, e dois drinares mais jovens deram passadas largas para lados opostos, flanqueando a mulher, que foi na frente. Vescas ficou encantado com a fina trança vermelha dela, balançando à medida que ela avançava com o arco nas mãos. Os dois jovens portavam lanças curtas e escudos, e lembravam aprendizes, talvez pelo caminhar um pouco mais inseguro. Dirigiam-se em direção à boca da caverna. Vescas aproveitou o rugido da cachoeira para cochichar ao velho:

— O que faremos enquanto isso?

Billa deu de ombros, dando a entender que ficaria próximo ao capitão e a Bor'la'il. Lá na frente, a mulher drinar fez um movimento de cabeça, e o jovem da esquerda se afastou, tomando dianteira, até encostar as costas na parede externa da caverna. Esticou o pescoço para dar uma rápida olhada para dentro e teve de desviar imediatamente a cabeça quando uma azagaia passou voando perto de suas orelhas. A drinar e o outro se lançaram para a direita a fim de se protegerem da saraivada de flechas e projéteis vinda de uma só vez. Vescas cerrou os dentes, preocupado, ponderando se não haviam tirado o sossego de um bando enorme de brakkis, talvez grande demais para eles.

Nenhum dos drinares foi atingido, mas eles não saíram de suas posições, e Vescas entendeu. Os brakkis não eram tão inteligentes e provavelmente dariam as caras primeiro, e isso não demorou a acontecer. Surgiram dois deles, segurando azagaias nas mãos. Não usavam qualquer vestimenta, diferentemente daqueles encontrados na fazenda de Baldo. Talvez fossem mais selvagens e menos organizados. Os dois brakkis avançaram cerca de seis ou sete braças e avistaram os inimigos à esquerda deles, a mulher drinar e um dos aprendizes. O outro não foi visto, ainda estava com as costas na parede, perto da boca da caverna, e prontificou-se a pegar um dos monstros pelas costas. A mulher drinar gritou a ele:

— Cur'neze'il! Agora!

O drinar aprendiz, com sua lança curta, correu até um dos brakkis e o trespassou, fazendo a ponta da lâmina despontar no esterno, cheia de sangue viscoso. A mulher drinar, com um movimento veloz demais para Vescas, armou

uma flecha e derrubou o outro, acertando-o no olho, antes que este pudesse sequer olhar para o colega empalado.

Não tiveram tempo para comemorar. Mais urros selvagens ecoaram de dentro da caverna, e então Vescas viu surgir uma figura pavorosa: um brakki roliço e de braços musculosos saindo do covil. O tronco era largo como um carvalho, e as mãos peludas seguravam firme uma clava feita de alguma madeira espinhenta. A pelagem escura, repulsiva, com áreas onde a sujeira se acumulara numa placa dura e amarronzada, resvalava no chão conforme ele se posicionava para uma briga. O brakki gigante deu um murro no chão e urrou, soltando um filete de baba no ar. Arreganhou as narinas e partiu para cima do aprendiz que matara seu companheiro. A mulher drinar não pôde sair em seu auxílio, pois outros dois brakkis vinham correndo em sua direção. À sua direita, o outro aprendiz colocava o escudo em posição e armava sua lança, posicionando-se, com um jogo de pés ao lado dela.

— Não podemos ajudá-lo, Bor'ze'il — ele disse. — Fique com o da esquerda.

Assim que a frase sumiu da boca do colega, o brakki saltou para cima de Bor'ze'il, obrigando-a a dar um passo para trás. O monstro era rápido, atacava sucessivas vezes com suas garras, e Vescas temeu que aqueles golpes desferidos com tanta força acertassem e rasgassem a carne da bela drinar. Bor'ze'il soltou o arco no chão e usou as duas mãos para apanhar facas de arremesso, que ela usou para combatê-lo a curta distância. Assim como o brakki era rápido para atacar, também o era para se defender, e Bor'ze'il se frustrou com suas duas primeiras estocadas. Começaram a andar em círculos, um de frente para o outro.

Enquanto isso, o colega dela também foi surpreendido por outro monstro de velocidade incrível, mas ele não se portou tão bem quanto a drinar. O brakki o pressionou com seus golpes, fazendo-o recuar cada vez mais em direção ao rio, até que uma sessão de golpes desferidos com as garras o fez perder o escudo e ganhar um talho no braço esquerdo. O sangue começou a escorrer em filetes viscosos, e o drinar recolheu o membro para junto do peito, passando a usar somente a mão direita no combate.

— Cur'le'il! — gritou o capitão ao lado de Vescas, já abandonando a posição de retaguarda e avançando para ajudar seus companheiros. — Bor'la'il, apoio. Agora.

O drinar que socorreu Vescas e Billa na trilha correu em auxílio dos colegas. Pelo visto, a luta não estava acontecendo da forma como tinham previsto. O mestre, entretanto, parecia em dúvida sobre o rumo a tomar a seguir, pois os dois aprendizes estavam enfrentando dificuldades. Decidiu flanquear para a esquerda, onde Cur'neze'il enfrentava o brakki gigante. Vescas teria decidido o mesmo, dadas as chances do aprendiz.

No centro do acampamento, a drinar começava a encontrar seu ritmo e devia fazê-lo logo, uma vez que mais urros vinham de dentro da caverna, preocupando ainda mais Vescas, que olhava para Billa desolado, procurando alguma orientação. O velho, contudo, só dava de ombros e mantinha o olhar firme no campo de batalha, talvez torcendo para que aquilo se resolvesse logo. Vescas chegou a cogitar a hipótese de aproveitarem para fugir, mas o rosto impassível de Billa não o deixava sequer mencionar a ideia.

A situação piorou um pouco quando o aprendiz do braço machucado, Cur'le'il, levou mais um golpe do brakki, dessa vez perigosamente perto do pescoço. Ele mostrou-se valente e não se rendeu, tentando, com metade da velocidade habitual, estocar o monstro com a lança curta, mas, capenga como estava, bastou um chute forte do brakki para lançá-lo de costas para a água. O brakki não se deu o trabalho de mergulhar atrás dele, apenas virou-se para Bor'ze'il, que já estava cercada por um deles.

Bor'la'il, que ia em direção ao rio, parou de correr e armou seu arco, agora que a drinar Bor'ze'il estava cercada. Ele não viu — e ninguém mais viu — quando um pedregulho o atingiu nas costelas, desmontando-o completamente. Já caiu desacordado no chão, e Vescas viu o brakki roliço dando murros no próprio peito em comemoração. À esquerda da caverna, o monstro gigante, satisfeito por já ter derrubado um, disparou e praticamente atropelou o aprendiz, montando por cima dele e levantando os dois braços para o alto, preparando para esmagar seu peito com a clava de espinhos. Um golpe daqueles, com braços tão poderosos, seriam capazes de moer o esterno, as costelas, os órgãos e tudo que estivesse na frente. O monstro, porém, não desferiu o golpe. Em vez disso, ficou paralisado, com as mãos inertes apontando para o céu. A arma caiu ao chão. Os braços tremiam, e a boca espumava, os olhos perplexos olhando para os lados, sem entender o que se passava com ele. A voz de Billa veio discreta aos ouvidos de Vescas:

— Influência...

— O quê?

— *Influência*. É o que o líder está fazendo. É uma das artes drinares.

Os olhos de Vescas correram até o mestre, e a explicação de Billa fez sentido. Yer'mene'il estava com o corpo bem ereto, mas o queixo apontando para o peito, como se precisasse de grande concentração. A mão direita, estendida para frente, apontava direto para o brakki gigante, e foi com uma voz meio enfraquecida que ele orientou o aprendiz:

— Cur'neze'il, agora!

O aprendiz não perdeu tempo e passou a mão pelo chão, procurando pela lança curta. Os dentes dele estavam cerrados, e não era para menos. O peso do

monstro por cima dele devia estar esmagando suas pernas. No próximo instante, o brakki tinha o pescoço perfurado pela lâmina e abria a bocarra enquanto a gosma escura escorria pescoço abaixo, deixando aquela pelagem ainda mais asquerosa que o normal. O capitão foi relaxando o corpo, ao passo que o gigante começava a revirar os olhos. Finalmente, já com os braços de pernil flácidos ao lado do corpo, ele tombou. Também no chão ficou Cur'neze'il, visivelmente abatido.

Ao mesmo tempo, a drinar Bor'ze'il enfrentava o dobro de dificuldades com os dois brakkis e já não conseguia mais atacar. Ela lançava olhares rápidos e desolados para Bor'la'il, caído no chão com as costelas esmagadas. Para Vescas, que observava de longe, ela tinha sorte de ainda estar ilesa, escapando de golpes cada vez mais frenéticos e perigosos.

O capitão, mesmo com a respiração pesada, sacou o arco curto e se aproximou, retesando a corda e mirando. O primeiro disparo não acertou nenhum dos monstros, apenas resvalou na pelagem de um deles, mas isso foi o suficiente para criar uma abertura, e Bor'ze'il aproveitou. Ela girou o corpo, desviando de um golpe que teria arrancado sua cabeça e, com uma faca em cada mão, efetuou uma estocada em cada um dos rins do atacante. O brakki guinchou de dor, e o outro mostrou os dentes, a baba escapando pelos lábios símios. Não foi necessário outro golpe da drinar, pois o próximo disparo de Yer'mene'il acertou o brakki furioso na barriga. Mais duas flechas na região do tórax foram suficientes para aquietar o monstro, que caiu já agonizando. Um último disparo acertou a nuca do primeiro brakki, que morreu com as duas facas ainda alojadas nos rins.

A drinar agradeceu com um gesto ao capitão, e este correu em direção a Cur'neze'il ainda caído e provavelmente com as pernas quebradas. O líder apanhou o aprendiz pelos braços e começou a arrastá-lo para longe da batalha. Bor'ze'il aproveitou os instantes que tinha para recolher suas facas, e só então todos se deram conta de que o outro aprendiz se afogava no rio. Com um dos braços retalhado e inútil, ele tentava se mover nas águas inquietas, e seus gritos, abafados pela trovoadas da cachoeira, não conseguiam chegar aos ouvidos do pelotão, mas Vescas via que sua boca se mexia desesperadamente, e ele cuspiam água e tentava falar algo entre um mergulho e outro.

— Bor'ze'il! — gritou o capitão, com a voz entrecortada, enquanto fazia força para arrastar rapidamente o aprendiz. — Tire-o de lá! Não acabou ainda! Estou ouvindo urros vindos da caverna!

Mas outra figura pavorosa saía de dentro do covil. Dessa vez, não era um brakki robusto, mas um magro, mais alto, quase andando de forma ereta como os homens, e dono de uma pelagem pálida e esparsa. Em suas mãos, ele trazia três correntes esticadas e, ao final de cada uma delas, tinha animais de aparência atroz, parecidos com cachorros. Bor'ze'il estacou antes de poder acudir o amigo no rio e

recolheu novamente seu arco do chão. Vescas sabia quais animais eram aqueles, e não eram brincadeira. Rabujos. Numa das raras ocasiões em que se lembrava da infância, recordou dos casos contados em roda por uma figura masculina — talvez seu pai — sobre tais criaturas. Rabujos eram famosos por gostarem de saltar nos pescoços das pessoas e estraçalharem tudo, até sobrar somente o osso.

O capitão largou o aprendiz no chão e armou novamente o arco curto. Não tinha muita munição na aljava, dava para ver, e sua cintura era cravejada de facas de arremesso, como a da drinar. Ela também tinha duas ou três flechas, no máximo, e as coisas não ficariam bem se tivessem de se engalfinhar com rabujos corpo a corpo.

Vescas deu dois passos para frente, mas sentiu suas roupas sendo puxadas por Billa.

— O que está fazendo? — indagou o velho.

— O que acha? Vou ajudar!

— Está louco? Se os drinares estão com dificuldades, o que acha que farão contigo?

Vescas se desvencilhou. Estava apavorado, suas pernas pareciam dois fios de macarrão cozido, mas ele não podia ficar só olhando. Simplesmente não podia ficar sem fazer nada enquanto um jovem aprendiz morria afogado diante de seus olhos.

— Eu vou ajudar o que está na água, Billa. Fique aí e me espere.

Vescas correu em direção ao rio e precisou avançar pouco para que suas roupas voltassem a ficar encharcadas com as gotículas espalhadas no ar pela cachoeira. Olhou para as águas revoltosas e avistou o jovem drinar lutando para ficar emerso e, pelo visto, não demoraria muito para ser derrotado. Vescas atirou a aljava vazia ao chão e se jogou na turbulência das águas. Sentiu o corpo sendo lançado de um lado a outro, não imaginou que a cachoeira desabasse de forma tão poderosa, e se esforçou para ficar agarrado à margem, onde os pés alcançavam o fundo. Ele se arrastou de lado até chegar perto do drinar e respirou fundo. Se não o trouxesse de volta, era provável que os dois morreriam afogados. A cabeça do drinar surgiu agonizante sobre a superfície, e ele emitiu um som gorgolejante quando engoliu mais uma porção de água. Vescas não pensou mais e mergulhou.

Nesse meio tempo, o brakki esguio e pálido soltava as correntes, liberando os três rabujos em direção aos drinares. Bor'ze'il se preparou para disparar contra um deles, puxou a corda e a liberou logo em seguida. Os animais, tão velozes quanto os brakkis, corriam em zigue-zague, desviando-se dos projéteis com facilidade. Ela atirou outras duas vezes, errando todos os disparos, e se viu obrigada, mais uma vez, a abandonar o arco, lançando-o ao chão antes que o monstro a abocanhasse. Dessa vez, porém, não sacou as facas. Preferiu, em vez disso, apanhar uma das

azagaias no chão, pois ofereciam uma chance de combater a uma distância mais segura.

Vescas agarrou o capim da margem enquanto enlaçou, com o outro braço, a cintura do aprendiz. Então viu o primeiro golpe desferido pela drinar. Uma estocada em linha reta. O cão escapou para o lado sem dificuldades, mas não esperava que ela aproveitasse a proximidade para dar-lhe um chute com toda a força. Ele ganiu, furioso, mas teve as costelas furadas pela azagaia antes de poder se vingar. A terra ficou preta com o sangue que se misturou às pocinhas d'água do acampamento.

Os outros dois rabujos partiram para cima do capitão, que também não teve muito sucesso com o arco. Os cães, porém, se separaram momentos antes do bote, e um deles foi em direção a Billa, que ficara sozinho nas árvores, lá atrás. Os olhos de Vescas se arregalaram, mas ele estava longe, não daria tempo de correr até lá para acudir o velho. Yer'mene'il, também percebendo o perigo, arremessou as duas facas no rabujo próximo a ele, e apenas pela vontade de Koma, pensou Vescas, acertou as duas, neutralizando o cão. O capitão, então, não correu atrás do animal, mas esticou a mão para frente outra vez, usando a arte que Billa chamara de *influência*. O rabujo parou de correr e adotou um comportamento completamente lerdo, como um animal selvagem que é capturado em seu habitat e é solto em uma área totalmente desconhecida.

— Saia daí, velho! — gritou Cur'neze'il, que, mesmo com as pernas quebradas, se arrastava pelo chão empunhando a lança. Aproveitaria a distração do cão para abatê-lo.

Vescas, sentindo o sangue esquentar por assistir à escalada da situação, içou o próprio corpo para fora d'água e usou toda a força que tinha para retirar também o aprendiz. Deixou-o deitado no chão, na relva. O drinar respirava com dificuldade, mas estava vivo. Bor'ze'il, com a azagaia ensanguentada na mão direita, correu para cima do brakki pálido, mas o monstro não se movia de forma débil como sua aparência deixava transparecer. Com o braço comprido, passou a mão na clava espinhenta, caída ao lado do monte de pelos do brakki roliço morto, e a jogou com toda força nas pernas de Bor'ze'il, pegando-a totalmente de surpresa. O ar assobiou com o disparo e, logo em sequência, veio um som desconcertante de algo se partindo. A canela esquerda da drinar revirou de uma forma que causou arrepios em Vescas. Os ossos despontaram para fora da pele, e ela, com um urro de dor, caiu no chão. O monstro abriu a boca cheia de dentes amarelos e quadrados, guarnecidos por duas presas afiadas. Estava sorrindo.

Ele se aproximou de Bor'ze'il grunhindo um som que Vescas preferiu não interpretar, mas que parecia uma canção abominável vinda das trevas. A drinar estava completamente indefesa, mas não se rendeu. Levou a mão até a cintura,

procurando por mais facas, mas, antes que ela pudesse reagir, o monstro deu-lhe um chute na têmpora, deixando-a desacordada. Como último gesto de crueldade, ele levantou o pé comprido e peludo, pisou por cima da cabeça dela e grunhiu, num esgar torto, outro sorriso.

— Não! — berrou Yer'mene'il, atirando uma faca. A lâmina resvalou no ombro do monstro, arrancando uma lasca de pele e deixando à mostra o couro branco que precede a carne.

O brakki tirou o pé de cima da cabeça de Bor'ze'il e apanhou calmamente sua clava no chão. Os espinhos estavam sujos com pedaços de pele e sangue da drinar. Ele andou calmamente até o capitão, arrastando a arma pelo chão, como se o som dos espinhos riscando o solo o divertisse. Mais facas passaram por ele, e uma delas ficou fincada em sua barriga, mas ele não diminuiu o passo. Yer'mene'il esticou o braço para frente, preparando mais uma vez sua arte, mas parecia exausto demais depois de usá-la duas vezes e lutar contra aquelas criaturas. E uma das vezes ainda foi contra o gordão... Então o brakki sacudiu a cabeça, espantando o efeito débil da influência. Levantou a clava para atirá-la contra o capitão e preparou um urro monstruoso. A voz, contudo, morreu no meio do caminho, e ele soltou de uma só vez o ar dos pulmões. A clava caiu no chão, e o monstro teve espasmos, contorcendo ligeiramente os membros, o pescoço e a cabeça.

Um momento de silêncio tomou o acampamento. Vescas saiu de trás do monstro antes que este desabasse sobre ele. Olhou para a mão, trêmula, preta com o sangue quente do brakki, e a adaga de brumo, firme em seus dedos, brilhou de forma tênue sob a luz do sol.

TERCEIRO TOMO

Fiene, Fiene...
Capital vermelha e baluarte do Norte.
Dura como pedra,
Maleável como a arte.
De suas grimpas soam cantos aos quatro,
De seus vulcões, nascem seres longevos.

Hino de guerra dos drinares.

28 – Fienne

Era o primeiro dia da famosa onzena anual drinar. Bärdey já percebia a movimentação e os preparativos para a festividade antes mesmo de passar pelos portões principais. Mercadores, tanto humanos quanto drinares, cortavam a estrada com carroças reluzentes e abarrotadas, e os cavalos de carga, tão presunçosos quanto os donos, trotavam de cabeça erguida, sem se importar se estavam prestes a atropelar alguém. Quando um cavaleiro drinar — Bärdey nem se lembrava que eles também montavam cavalos — passou por ele, lançando poeira em suas vestes impecáveis, Bärdey praguejou baixinho e sentiu um calafrio. Não podia acreditar que estava prestes a adentrar o antro dos abomináveis vermelhos a mando do rei. Simplesmente não podia.

O rei logo descobriria que suas ideologias infrutíferas custariam caro.

Ele não queria pensar muito nas questões deixadas para trás, como o resultado da caçada das escolopendras e o paradeiro de suas cartas, os únicos trunfos que tinha contra o gorducho. Nem conseguia, na verdade. A perspectiva de passar três dias hospedado junto dos asquerosos drinares já lhe causava ânsias de vômito fortes o suficiente para terminar de comprometer sua estadia. Um sino badalou próximo ao seu ouvido, e ele teve de lançar o corpo para fora da estrada para não ser atingido por uma charrete piriense abarrotada de produtos locais.

Encostado na sombra das muralhas escuras de basalto, ele secou o suor da testa, tomando o máximo de cuidado para não mover a peruca, e tomou um pouco d'água de seu odre. Até que não eram feias as tais égides, olhando mais de perto. Eram torres erguidas em trio, sendo a do meio a maior, e, no topo dela, havia uma esfera de energia contendo as cores do arco-íris. As menores abrigavam arqueiros e magos que tomavam conta dos arredores. Havia quatro daqueles conjuntos espalhados pela muralha circular, e essas torres altas eram as responsáveis pela proteção da capital, segundo lhe explicara Crentos. Se os grão-mestres dessem um comando, elas se ativariam e lançariam ao redor da cidade um domo cujo propósito era impedir a entrada de inimigos, projéteis ou qualquer coisa prejudicial. Eram, no mínimo... interessantes, ele tinha de admitir. Teria de ver quão eficientes se mostrariam, no fim das contas, quando Ziuruh começasse a desvendar os segredos do muro.

Um dos guardas do portão tirou Bärdey de sua divagação quando ergueu a voz:

— Senhor — ele tinha os cabelos vermelhos presos em uma trança embutida, e a luz do sol diminuía um pouco a pupila, deixando-o um pouco menos repulsivo. — Está esperando alguém?

— Já vão fechar os portões? — Bärdey não estava com muita paciência para ficar trocando formalidades com um drinar qualquer.

— Não, senhor. É só uma pergunta de rotina. Como sabe, não são permitidas as visitas durante as festividades, exceto quando o convidado traz um passe oficial.

Bärdey enfiou a mão no bolso e entregou ao guarda um papel selado pelo rei Bertom. O drinar leu com calma, balançou a cabeça e disse:

— Emissário Gobe, não é?... Pois muito bem, senhor. Fique o tempo que julgar necessário.

— Passar bem — Bärdey guardou novamente o papel.

Emissário Gobe ... repetiu Bärdey mentalmente, com uma nota amarga. Gobe jamais passaria por aquilo. Mandaria o rei enfiar suas ideias malucas no rabo e voltaria para o submundo sem olhar para trás. Sem medo de qualquer retaliação. Mas as boas pessoas não viviam muito, ele já havia se conformado. Doenças não tinham critérios. Espanando a poeira das calças, ele se empertigou e seguiu, então, em direção ao portão. O arco era enorme, construído em pedra negra, como todo o resto, e o piso, ao entrar na cidade, deixava de ser um caminho insuportável forrado por pó e assumia um simpático aspecto de calçamento quadriculado, como era comum nas cidades menores.

Fienne era exatamente aquilo que Bärdey esperava: uma cidade sem o menor apelo visual. Colunas, prédios, passadiços, escadarias e balaústres, era tudo feito de basalto. Com exceção do chão e das esferas de energia das égides, a cidade seria uma desvitalizada pintura feita em carvão. A torre central, onde vivia a família real, diferia em alguns aspectos, pois tinha anéis vermelhos, como cintas, delimitando cada um dos andares, mas, fora isso, era tão sem graça quanto o restante. Bärdey tinha o olhar aguçado o suficiente para saber que as fitas coloridas, as pétalas lançadas no chão e os fogos de artifício testados vez ou outra não faziam parte do cenário habitual da cidade fora das datas festivas. Se ele fosse o governante ali — e em breve seria, tinha certeza —, mudaria os uniformes dos guardas, mandaria pintar as muralhas e hastear bandeiras por toda parte. Como funcionaria a economia num lugar tão pouco convidativo?

Ele reparou, numa rápida passada de olhos, a divisão de bairros da cidade. Todas as casas eram construídas junto das muralhas, o que deixava a capital com um amplo círculo central, por onde se acessava a torre. Nesse círculo havia canteiros espalhados, uma tenebrosa tentativa de jardinagem, onde podia-se ver cactos e flores descoradas, naturais do deserto. Bom, devia ser bonito para eles, pensou Bärdey. A única quebra de simetria da cidade ficava à esquerda de quem entrava, quando a calçada levava o visitante até uma grande área murada, com arquibancadas saltando para cima das proteções e algumas bandeirolas tímidas e esguias penduradas em postes. Devia ser a arena onde aconteciam as tão famosas

iniciações drinares. Estavam, inclusive, começando a ocupar as arquibancadas, mas Bärdey visitaria a arena em outra ocasião.

No mais, alguma cantoria — em sua maioria, ou talvez totalidade, executada por não drinares —, barracas sendo montadas, músicos preparando instrumentos e mercadores oferecendo as coisas pelas ruas davam um mínimo de vida ao lugar. Tudo paliativo, e, se Bärdey quisesse comprar alguma coisa dos outros reinos, visitaria as respectivas capitais, onde encontraria os melhores itens.

Como nada ali o interessou, decidiu se encaminhar de uma vez para a torre, onde esperava poder falar com a rainha em nome do rei. Ele deveria enrolar e enfeitar qualquer porcaria de discurso, mas o rei exigiu que a localização dos tais brincos de Giius fosse relatada, então essa era sua incumbência. Ele andou meio cabisbaixo, sentindo arrepios por ser encarado o tempo todo pelos guardas vermelhos, atravessou o pátio circular, sentindo o cascalho por baixo das botas, e foi até a entrada da torre. Estava estranhamente mais fresco ali. Dois guardas com guisarmes cruzados endureceram os corpos ao se depararem com o estranho.

— Pois não, senhor?

Bärdey nem se deu o trabalho de responder e tratou de sacar o passe do rei.

Ele foi escoltado por um soldado de elite até uma câmara bem iluminada. Era um largo aposento arredondado, com piso de mármore polido e toda a parede de fundo cortada numa janela que tomava quase metade da circunferência. O corredor era ladeado por vasos de plantas, como palmeiras e saguaros de braços abertos, e uma escadaria larga oferecia uma subida de dois lances até o trono, onde estava sentada a rainha. O aposento real era fortemente iluminado pelo sol, pois metade da parede atrás do trono era cortada em uma janela de folhas amplas de vidro. Dava para ter um belo panorama da parte sul do reino. Ao lado da rainha, havia uma drinar bastante jovem, e, prostrada em um estofado em meio às plantas, nas sombras, havia outra drinar, usando roupas sensuais. Bärdey não deu atenção às outras duas, pois deviam ser meras escravas. Seus olhos buscavam rapidamente, enquanto os pés subiam sem qualquer pressa os degraus, as esculturas espalhadas pela câmara. Queria ver o busto de Elenesta. Por costume e respeito, era mais comum o visitante se apresentar, antes de qualquer conversa, mas foi a rainha Tar'lezz quem quebrou o silêncio.

— Parece que o rei Bertom não nos acha bons o suficiente para uma visita, não é, emissário?

A rainha era, para sua surpresa, uma figura impressionante. Sentava-se numa postura altiva, as costas bem eretas, o peito projetado para frente. Um bonito colar de pedras preciosas pendia de seu pescoço e, pouco abaixo do decote que revelava seios suficientemente fartos, um corselete de couro preso em uma sequência de nós

delineava a cintura. A saia, cortada até a altura da coxa, deixava à mostra a perna tatuada enquanto esta descansava cruzada por cima da outra. A mão direita segurava delicadamente um cálice entalhado em prata e incrustado com brilhantes esmeraldas, e a esquerda, repousando por sobre o encosto do trono, revelava anéis tradicionais da regência. Os cabelos eram lisos, partidos ao meio, e balançavam conforme sua cabeça se movimentava discretamente. Não havia coroa, mas uma pintura na testa: algo comprido como uma folha de ráfia e uma pequena meia-lua. Se ela não fosse uma drinar, com aqueles olhos amarelos medonhos carentes de sobrancelhas, passaria por uma mulher muito atraente.

Então ele finalmente viu e tomou nota mental. O busto de Elenesta estava ao lado do trono e, nos lóbulos de pedra da estátua, os dois brincos azulados de Giius. O rei Bertom certamente não conteria a expressão do próprio rosto se estivesse ali.

— O rei se apequena diante da glória drinar, Vossa Majestade. Não fosse por uma doença que o acometeu nos últimos dias, ele mesmo estaria aqui, ansioso para encerrar qualquer conversa e se fartar com as iguarias de sua terra. Coube a mim, um humilde emissário, portar sua palavra.

— Eu sinto muito em ouvir isso — a rainha prontificou-se a dizer. — Quando retornar a ele, diga que Tar’lezz deseja uma pronta recuperação.

A drinar deitada às sombras falou com uma voz ligeiramente arrastada:

— Ele parecia bem na última semana, quando cantava suas glórias na sacada do palácio. Estávamos com representantes vermelhos em Cerne na ocasião.

Bärdey ficou incomodado tanto pelo conteúdo da frase quanto pela intromissão dela.

— Duquesa Xer’bata — ralhou a rainha. — Não é nosso costume falar assim diante de emissários. Já bebeu vinho demais.

A drinar intrometida riu e se remexeu no banco estofado. Bärdey reparou que ela não usava roupas de baixo e se surpreendeu ao constatar que os pelos púbicos das drinares podiam ser também vermelhos. Ela, sem qualquer preocupação aparente, virou a taça na boca, sorvendo até as últimas gotas, e gargalhou em seguida.

— Pode-se dizer que muito... — ela olhou diretamente para a rainha com faíscas nos olhos — muito do que fazemos por aqui, Vossa Majestade, também não é costume drinar — ela finalizou, passando a língua sobre os lábios.

Bärdey entendeu. Então era verdade que a rainha tinha uma amante. Sua própria duquesa, quem diria... ele piscou e pigarreou quando um formigamento começou a surgir no meio de suas pernas. A rainha olhou para a jovem drinar ao seu lado, que até então não se manifestara, e sussurrou de forma pouco eficiente:

— Lor’tui, busque os escravos. Mande que tragam óleo para perfumar os pés da duquesa e frutas para ocupar sua boca.

— Sim, mãe — disse a garota.

Então a pequena era uma princesa, afinal de contas, concluiu Bärdey. Ele sentiu-se um pouco envergonhado por pensar dela não mais que uma escrava, mas suas vestimentas não condiziam com sua posição. E, pelo tom da conversa das duas, a duquesa vinha envergonhando-a na frente dos convidados há algum tempo e, ainda assim, permanecia com toda a tranquilidade do mundo. Interessante... a amante devia ter alguma vantagem sobre a rainha.

Lor'tui desceu as escadas enquanto a duquesa se entregava ao riso e rolava sobre o banco estofado. A rainha, com o rosto endurecido de constrangimento, firmou a voz e continuou:

— Perdoe qualquer intromissão, emissário Gobe. Dizíamos?

— Não há com que se preocupar, Vossa Majestade. Falávamos sobre a amizade entre Cerne e Fienne, e sobre como todos desejamos que seja frutífera e perene. A delegação do rei chega em um dia ou dois, trazendo presentes que ele espera, de todo coração, que aceite.

Bärdey sabia que não haveria presente algum, já que a cidade seria sua em dois dias.

— Fienne aceitará de coração aberto — ela disse, encostando a taça. — Diga-me, emissário, é sua primeira vez em nossa capital?

— Sim, Vossa Majestade, e meu coração está abarrotado de emoções diversas. A honra é indescritível.

— Será um prazer apresentar-lhe os procedimentos em cada um dos dias de festividade. Hoje, por exemplo, teremos a iniciação dos camponeses. Uma cerimônia muito antecipada pelos visitantes, em que os cidadãos comuns podem se alistar e ficar sob a tutela de um mestre ou capitão. Gostaria de vê-lo na primeira fileira, emissário.

— Mal posso esperar — mentiu ele, sem o menor interesse em ver lutas corporais.

— Amanhã — ela continuou, visivelmente aliviada por não ter sido mais interrompida pela duquesa — haverá o banquete tradicional, no qual costumamos montar uma só mesa à qual as centenas de visitantes se sentam e apreciam as iguarias do reino vermelho. É também uma ocasião para descansar a mente, ouvir música e assistir a apresentações teatrais. Para completar, durante a noite serão sorteadas escravas para que acompanhem alguns felizardos em seus leitos e os mostrem como os drinares podem ser bons anfitriões. Quem sabe não teremos Cerne dentre os sortudos?

Bärdey riu, exibindo os dentes amarelados. Foi uma das raras ocasiões em que se pegou realmente sem ter o que dizer. Para sua sorte, a atenção da rainha

voltou-se para a porta, pois sua filha retornava com dois escravos que traziam o que ela havia mandado.

— Ah — Tar'lezz teve uma ideia de repente. — Emissário Gobe, por que não aceita a companhia de minha filha na iniciação? — Ela estalou os dedos em direção à garota. — Lor'tui, quero que acompanhe o emissário e o explique sobre nossos costumes. Ele deve se sentir em casa.

A filha pareceu, por um breve instante, meio contrariada, mas logo tratou de sorrir e de se aproximar de Bärdey. Os escravos prontificaram-se a cumprir a designação da rainha e colocaram uma bacia e um pano aos pés da duquesa, que aparentava estar, finalmente, sob efeito do vinho. Ela ainda sorria, mas em silêncio.

— Será uma honra, emissário Gobe — a princesa disse, com uma vênua.

Ela era, vendo mais de perto, uma cópia da mãe, com exceção dos cabelos, que eram rebeldes e presos por uma trança comprida na nuca. A testa também tinha uma tatuagem: duas elipses pretas paralelas, na vertical, na região onde as sobrancelhas — caso existissem — deveriam se encontrar. Bärdey pousou, finalmente, os olhos sobre o corpo da jovem drinar. Ela não usava um corselete, como a mãe, e o tecido macio da camisa abriu-se, em um decote, quando ela se abaixou no cumprimento. Foi possível ter um vislumbre dos seios duros e nunca manuseados e, quando ela se levantou, com uma mão na barriga, Bärdey prestou atenção na firmeza de seu abdome, onde não parecia crescer qualquer gordura. Ele cofiou os bigodes e devolveu a vênua. Quantos verões devia ter a garota? Catorze?... Quinze, no máximo. Não pôde evitar pensar no quão apertadas deviam ser as virgens drinares.

— Mostre-me o caminho, princesa.

Enquanto isso, no istmo, Ziuruh mantinha o desejo de estudar as placas de vidro à sua frente, entender como as runas impressas ali exerciam influência sobre as égides de proteção de Fienne. Quando ele compreendesse os segredos do muro, entenderia a arte que serviu de base para tudo e poderia manipular muito mais dispositivos no reino vermelho. Uma inconveniência, contudo, o impedia de ter o máximo de foco. A criatura avistada antes não havia ido embora, pelo contrário. Seguia Ziuruh para onde quer que fosse, encarando-o, ameaçando-o com os olhos frios, e só havia a fina camada de vidro como proteção. Ziuruh concluiu que seria um problema se as runas fossem desativadas enquanto tal criatura espreitava, por isso, o xamã, por mais que desejasse poupar suas energias, se viu forçado a fazer alguma coisa.

Teria de influenciar a besta.

Ziuruh ofereceu um olhar a seus soldados, que entenderam imediatamente e fizeram silêncio. Ele sentou-se no chão, deixando as costas bem eretas, e fechou os

olhos. Queria limpar seus próprios pensamentos, pois só assim poderia entrar na mente da criatura. As mãos, repousadas sobre os joelhos, estremeeceram discretamente ao sentir as primeiras vibrações de energia. Foi transportado em um piscar de olhos para outro mundo, outra realidade, onde tudo se movimentava de forma lenta, viscosa. A água, as folhas das árvores, as essências dos seres sencientes. Até o vento, ali, era descrito com traços no horizonte, como que pintado à mão. Então, nessa nova realidade, o lagarto olhou para seu alvo e viu mais do que um monstro. Viu uma forma avermelhada, como o plasma das chamas, uma coisa com substância, nem sólida, nem líquida, mas existente e tangível. Era aquilo que os influenciadores chamavam de *durame*.

A essência avermelhada da criatura era fácil de ler, como um pergaminho, e ainda mais fácil por se tratar de um animal. Ziuruh já manuseara essências humanas antes, mas essas refletiam a complexidade de seus donos. Agora não... a mensagem ali era clara. O monstro só dizia uma coisa com veemência: estava com medo e com fome, mas principalmente com medo. O xamã, então, fechou os olhos também ali naquela realidade, ficando a sós com seus pensamentos. Ele precisava associar seu próprio domínio, o domínio vivido em sua própria experiência, sobre a diretriz. Medo. Ele sempre teve medo de alguma coisa. Medo do coração traiçoeiro dos humanos, medo de ver seu povo sendo massacrado aos poucos... medo de artes drinares das quais nunca tinha ouvido falar. Mas, sempre que tinha medo, Ziuruh procurava melhorar, estudar, descobrir, ficar mais poderoso. Sim... quanto mais soube, menos temeu, e talvez essa devesse ser a nova diretriz da criatura.

Abrindo os olhos novamente, ele se atentou ao durame vermelho e tremeluzente do animal, passeando à sua frente em vigília. Ziuruh conseguiu disparar seu pensamento em direção à essência e conectar seus pensamentos aos do monstro. Demonstrou seu próprio sucesso e ofereceu de presente. Foi como se falasse de forma telepática: *Você é grande e forte. Nós, pequenos, frágeis e inexperientes. Nós o tememos, e não o contrário.*

Ao receber a mensagem, o durame vermelho à sua frente foi ganhando uma nova coloração mais branda, passando pelo laranja até se aquietar em um tom amarelado.

Diga-me, amigo...

A criatura parou com os movimentos apreensivos, e Ziuruh continuou:

Tem alguma memória de quando não existia este muro?

Se por um lado era mais fácil influenciar um animal, Ziuruh sabia que receber informações era bem mais complicado. As memórias do monstro invadiram a mente do xamã como um dique rompido, e ele só viu atividades corriqueiras de sobrevivência, como a caça e a procura por abrigos. Como ele suspeitava, era um animal carnívoro e devorava enormes quantidades de carne por dia. Necessitava

apenas de poucas horas de sono para repor as energias e bebia pouca água, como devia acontecer com a maioria dos animais do reino do norte. Ziuruh já dissecara, em outras ocasiões, animais naturais de regiões desérticas, e um dos segredos de sua resistência se devia à diferente composição de seus intestinos. Ele deveria se lembrar de levar alguns exemplares ao seu laboratório quando tudo terminasse, para aprender mais, para ficar ainda mais resistente. Em outra onda de lembranças, vieram imagens da criatura correndo, ainda filhote, e batendo com a cabeça na parede de vidro do istmo. Um urro vinha de longe, como se desse nele uma bronca por se aproximar demais, e o filhote se afastava para tentar se distrair com outra coisa. A mãe, talvez? O pai?

Ziuruh abandonou a influência e abriu os olhos. Estava satisfeito com o que tinha aprendido, e era certo que a criatura à sua frente não vira os dias antes da construção do muro. Para a surpresa de alguns lagartos presentes — jamais a sua própria —, o animal estava, agora, deitado tranquilamente sobre uma pedra, tomando sol. Não se importava mais com a presença dos lagartos em seu território.

— Você conseguiu, mestre Ziuruh — disse Zual’lha, um de seus melhores soldados.

— Sim... — Ziuruh tentou disfarçar o cansaço mental não deixando a voz engrolar. — Ainda há muito o que fazer. Nada aprendemos sobre este muro e seus segredos, mas estou disposto a fazer o necessário para que tenhamos progresso. Só nos restam dois dias se quisermos chegar na hora marcada.

— Acha que os outros lagartos têm mantido fielmente suas posições?

Sim... o exército. Ziuruh se esquecera completamente deles. Estavam acampados nos arredores da cidade, usando como manto de camuflagem algumas estacas enfeitiçadas preparadas por ele. Ninguém os veria. As estacas funcionariam enquanto ele quisesse, só era difícil saber quão disciplinado era o exército. Não podiam abandonar as posições.

— Creio piamente que eles se mantêm fiéis às ordens — falou o xamã, mais para o efeito positivo que isso traria ao moral dos presentes. — Atacarão quando dermos o sinal, nem um instante antes disso.

Ele voltou sua atenção para o muro. Queria tocar as folhas de vidro, mas, na última vez em que se aproximou, quase perdeu o braço. Quase...

Quase...

Segundo as lembranças do monstro filhote, a folha não o queimou quando ele bateu nela com a cabeça. Interessante... Ziuruh sentiu o dever de eliminar cada possibilidade. Estalou os dedos, sem olhar para trás, e ordenou:

— Um voluntário. Não pode ser Zual’lha, não pode ser Oro’zhul. Depressa.

Houve um momento de murmúrios entre os lagartos, mas um deles acabou se voluntariando — com ajuda dos empurrões da equipe. Era um lagarto franzino e

com cara de ser ainda mais burro que o lagarto médio.

— Bom — disse Ziuruh. — Agora estique o braço e o coloque naquela folha de vidro.

— Mas, senhor?...

— Está me contestando?

O lagarto estremeceu.

— Não, senhor.

Então obedeceu, esticando a asquerosa e cheia de musgo mão enrugada, movendo-a discretamente para frente. Os dedos tremiam mais a cada polegada e, em determinado ponto, pararam de avançar.

— O que está esperando?

— Está quente, senhor.

— Faça o que estou mandando, ou planto uma brasa em chamas dentro do seu globo ocular, está me ouvindo?

O lagarto tentou avançar mais com o braço, e seus olhos já lacrimejavam. Ziuruh pensou ter visto fumaça saindo da pele do soldado, mas podia ter sido sua imaginação. Um leve cheiro de peixe defumado também. O xamã decidiu, então, puxar o braço do lagarto de volta ao lugar, para o alívio de todos os que assistiam. Os pensamentos de Ziuruh, entretanto, estavam a todo vapor.

Por que o vidro não queimava quem estava do lado de dentro? Não fazia qualquer sentido, pois o muro fora construído para conter os de dentro, não os de fora.

— Posso voltar, senhor? — choramingou o lagarto, esfregando os dedos, como se eles tivessem sido triturados.

— Deixe de drama — disse o xamã. — Foi só um pouco de calor. Preciso que se recomponha, ou não conseguiremos desativar o dispositivo.

E, quando terminou de falar, Ziuruh teve sua melhor ideia. As criaturas ao norte do muro jamais poderiam desativar a muralha, pois não tinham intelecto suficiente para isso. As proteções foram deixadas para os que vinham de fora, para os reais inimigos dos drinares.

— Sim! — Ziuruh levantou as mãos para o céu, orgulhoso de sua capacidade lógica. — Você — apontou novamente para o soldado, mas dessa vez lançando nele uma levíssima sugestão, nada muito exaustivo, mas algo como fizera com a criatura. — Estique a mão e a coloque no muro.

O soldado caiu imediatamente sob o domínio do feitiço e, já com os olhos semimortos, obedeceu. Caminhou despreocupadamente, esticou a mão e a pousou no vidro. Não houve qualquer sinal de queimadura ou qualquer mal que pudesse recair sobre a pele do soldado. Ziuruh exibiu seu sorriso mais largo ao ver uma

runa se acendendo completamente na folha, e, dessa vez, foi possível ver caracteres muito antigos e de uma língua morta, mas algo passível de leitura.

Uma salva de palmas dos soldados o deixou ainda mais envaidecido. Era isso. Uma criatura senciente retiraria a mão tão logo o calor começasse, mas estava aí o segredo de tudo. Agora só precisava entender o sentido dos caracteres, e o muro deixaria de existir. Os drinares deixariam de existir.

Bärdey faria dele um rei dentre os lang'oárs.

29 – O Prisioneiro e a Mãe

Bärdey segurava um espetinho intacto na mão — não tivera coragem de experimentar carne de tor'ah, um animal parecido com cobra e que, segundo a princesa Lor'tui, era uma iguaria deliciosa — e secava a testa usando a outra. Fienne já era quente demais sem ter centenas de pessoas amontoadas ao seu lado, ele pensava.

— Não está com fome? — ela teve de gritar.

— Princesa, eu sou um incurável apaixonado pelas carnes encontradas nas terras vermelhas, mas, como deve saber, minha delegação tratou de me suprir com muitos mantimentos alimentícios, mais do que eu realmente precisava. Tomei um jejum nessa manhã capaz de cevar um pequeno batalhão. Perdoe-me.

— Não se preocupe — ela pegou o espetinho da mão dele e entregou à primeira pessoa que passou ao seu lado. — Devia ter me avisado. Não precisa ser tão formal, emissário, é nosso visitante e está aqui a passeio.

Na primeira fileira, Bärdey podia quase sentir os cheiros vindos do pátio da arena. O palco era circular, calçado também em basalto polido e de um brilho opaco, e, pelas entradas cavadas por baixo do perímetro dos assentos, saíam os participantes. Não era uma estrutura enfeitada com muito esmero, mas era decente. Quatro pilares, erguidos como postes, serviam como luzeiros para se afixar tochas em eventos vespertinos e noturnos.

Um coro de gritos e aplausos explodiu nas arquibancadas quando um drinar bem-vestido passou pelo círculo arenoso do perímetro e pisou na arena. Bärdey olhou para a princesa, e ela se prontificou a explicar:

— Esse é o árbitro. É ele quem anuncia o próximo evento e faz mediação da apresentação. Como na torre já sabemos a programação com antecedência, posso dizer que um dos nossos camponeses fará uma iniciação tradicional.

— Perfeitamente — disse Bärdey, pouco interessado em uma luta, mas tendendo a achar interessante ver algum drinar se machucando. — E esse é um teste feito no modelo *camponês contra camponês* ou é outro tipo de coisa? Sei que os giudin costumam testar os limites não só físicos dos proponentes, mas também mentais, espirituais e assim por diante.

— Você sabe mais sobre os ilhéus do que sobre seus vizinhos — a princesa provocou. — Devia nos visitar com mais frequência.

— Eu... — ele estremeceu — farei isso.

— Como verá — ela anunciou, com voz misteriosa —, nós também mantemos relações comerciais com os giudin.

As arquibancadas reverberaram e balançaram quando o árbitro anunciou os participantes da iniciação. Primeiro, um drinar qualquer — o iniciando — entrou portando um escudo vagabundo e redondo de madeira, que mal dava para proteger a própria mão que o segurava, e ele pôde escolher entre uma espada curta e uma lança, também curta, tão logo seu oponente fosse apresentado. E a multidão foi ao delírio quando três soldados trouxeram ao palco, acorrentado, um escorpião grande o suficiente pra ferroar o olho dum homem adulto. Era preto, opaco, combinando com o basalto predominante da capital. Bärdey achou que a carapaça da criatura era bastante dura para se cortar com golpes de espada.

— Agora — o árbitro fez sua voz reverberar na péssima acústica da arena — o iniciando Mur'jul, morador do setor sudeste, deverá escolher a arma capaz, segundo seu próprio julgamento, de derrotar seu adversário. Para se tornar um aprendiz e ter seu nome mudado para Cur'jul, o camponês deverá ser capaz de mostrar a todos os seus concidadãos que pode protegê-los em combate, se necessário. Não é fácil subir na dura hierarquia drinar, senhoras e senhores, e, como verão, não será fácil hoje. — O árbitro virou-se teatralmente para o candidato, que parecia por demais franzino perto do escorpião gigante: — Iniciando Cur'jul, o público quer saber: com que arma vai lutar?

O candidato coçou a cabeça, fez um aceno mole para a plateia — que respondeu com urros, gritos e até vaias —, e foi até o estande de armas. Havia uma grande variedade de modelos a se escolher, mas somente dentre espadas e lanças curtas. Ele esticou a mão, pensou por um momento e optou pela espada. A multidão vibrou e atirou legumes para o alto, mas Bärdey limitou-se a sorrir e a balançar a cabeça.

— Essa vai ser rápida — murmurou.

Symas foi jogado por Cur'molo em cima de um dos dovares. Não por acaso, o mesmo designado a transportar o corpo despedaçado do primo do mestre. O drinar morto estava enrolado e amarrado sobre as ancas do animal, mas, por mais que tentassem fechar ao máximo o embrulho, ainda era possível sentir o cheiro nauseabundo de sangue coagulado e vísceras. Depois de recolherem tudo, começaram a viagem de volta, com Yer'lenel tomando a frente em seu dovar cheio de enfeites. Logo atrás dele vinha Cur'molo, para dar suporte, e o próprio Symas, com a barriga colada na sela e uma dor incrível na panturrilha esquerda — e nem se incomodaram em retirar toda a flecha, por ordem do mestre —, seguido por Bor'iah na retaguarda.

A princípio, Symas achou que entrariam num daqueles portais brilhantes e sairiam em Fienne, mas a viagem prometeu ser um pouco mais cansativa que isso. Entraram, sim, num deles, mas saíram no coração da Floresta de Ossos, e numa

área tão coalhada de árvores, que parecia impossível de se atravessar usando qualquer tipo de montaria. Mas nenhum dos drinares pareceu preocupado, e o mestre, apenas erguendo um dos braços, fez surgir uma runa no tronco de uma delas. Para o espanto de Symas, as árvores abriram espaço entre si, como se desenhasssem uma estrada, e os dovares seguiram por ali sem qualquer problema. E ele entendeu. Esse era o motivo pelo qual as pessoas ficavam presas ali. Não podiam ver o verdadeiro caminho.

Repetiram esse processo diversas vezes, e Symas chegou a cochilar durante o percurso. Passaram por outros dois ou três portais e finalmente emergiram na beira de uma estrada qualquer, quando ainda era madrugada.

Depois de talvez duas horas, ele avistou Fienne no horizonte. O dovar de Cur'molo desacelerou e passou a trotar ao lado do de Symas. Ele viu o nariz destruído do jovem drinar, mas não havia qualquer ressentimento em seu olhar.

— Precisa de água? — ele perguntou, baixinho.

Symas tentou engolir, mas sua garganta doeu muito. E estava realmente morrendo de sede.

— Por favor...

O aprendiz apanhou o cantil para entregá-lo a Symas, mas a voz de Bor'iah, logo atrás o interpelou:

— O que pensa que está fazendo, Cur'molo?

— Bem, eu...

— Guarde esse cantil imediatamente. Se o mestre Yer'lenel o vir cuidado do homem-fera, fará com que seu corpo fique em pedaços.

Cur'molo, cabisbaixo, obedeceu ao colega caçador e deu com os calcanhares nos flancos do dovar, fazendo-o avançar novamente. Symas sentiu a cabeça ficando pesada com a incidência do sol e a deixou tombar para frente. Não iria dormir. Estavam entrando na capital vermelha, onde planejavam executá-lo em público. Precisava desenvolver um plano para fugir antes de as autoridades colocarem as mãos nele, mas, é claro, precisaria saber quais seriam os próximos passos. O prenderiam numa cela? O exibiriam para o público? Ele sabia que estavam nas festividades do equinócio, e a cidade devia estar abarrotada de gente vinda de toda parte da península. Talvez estivessem recebendo visitas oficiais dos governantes. O rei Albus, por exemplo, costumava assistir ao festival e seria de ajuda, mas desse homem Symas só queria a cabeça, por ter mandado matar sua mãe. E quanto a Bertom?... Não... ele pensou, com amargura. O infeliz rei de Cerne estava por trás da emboscada de Bärdey, Symas tinha certeza. Tudo começara por culpa dele. Não podia provar, mas faria, um dia.

O cenário não era bom...

Os dovares, apesar de parecerem bastante desajeitados, locomoviam-se com eficácia espantosa no chão arenoso e, em pouco tempo, estavam circulando os muros da capital. Symas teve um vislumbre das gloriosas e famosas torres de defesa, as égides, e sentiu como o ar era um pouco menos seco e quente nos arredores da cidade. Principalmente, notou que o conduziam a um portão nos fundos localizado na face norte, talvez para não causar alarde em meio aos visitantes. Passando pela ala oeste da cidade, era possível ouvir alguma música ao fundo e a gritaria predominante vinda da arena. Deviam estar ocorrendo as primeiras iniciações.

O portão norte era consideravelmente menor que o sul, e os guardas tiveram de se afastar para não serem esmagados nas ombreiras. Um a um — pois não cabiam dois lado a lado —, os dovares entraram, e Symas sentiu olhares pesados dos soldados sobre si. Desceram uma ruela que passava por detrás de residências abandonadas, e um declive no caminho os levou até uma área escura, quase nos subsolos da cidade. Sem fazer qualquer pergunta, enquanto Yer'lenel aguardava de braços cruzados, os soldados começaram a recolher os mantimentos, as trouxas de acampamento e a caça, colocando em um cômodo construído como depósito. Estavam de frente para um portão de ferro, e o mestre encostou o corpo nas grades, falando a um dos guardas.

— Notícias sobre os outros destacamentos?...

— Imediatamente, senhor — disse o guarda, com uma meia reverência. — Dois já se apresentaram trazendo bons suprimentos e caça fresca, e os outros dois devem se apresentar até o meio-dia. Os primeiros a chegar foram...

— Eu já sei — ele interrompeu o sujeito, lançando a mão aberta no ar. — Quero falar com o capitão Yer'lio. Faça a gentileza de trazê-lo até aqui, sim? — Ele virou-se para Bor'iah e Cur'molo: — Vocês, voltem aos alojamentos e tratem de descansar. Cuidaremos de tudo por aqui.

— Trarei o capitão, mestre — respondeu o guarda, virando as costas em seguida.

— Imediatamente, senhor — despediram-se os dois companheiros do mestre.

Enquanto o guarda se afastava, o mestre Yer'lenel estalou os dedos e chamou um soldado que guardava os mantimentos no depósito. Ele apontou para Symas e, em seguida, para o pacote onde estava embrulhado o primo morto.

— Prepare grilhões de aço para esse aqui e o coloque nos fundos do calabouço. Aço, ouviu bem? Quanto a esse embrulho, quero que preste toda a atenção do mundo: deve ser colocado na primeira cela e não poderá ser descoberto até a chegada do capitão. Eu fui bem claro?

— Como o dia, senhor.

— Ótimo. — Então, ele deu as costas para o soldado e se aproximou de Symas. — Homem-fera... o que faremos com você? Bem, essa deve ser uma constante em sua cabeça neste momento. Posso lhe assegurar que será tratado com o respeito que merece. E, agora que chegamos — ele abriu os braços, como que mostrando, orgulhoso, a cidade ao visitante —, reconheço ser meu dever perguntar: posso lhe oferecer algo? Água, comida?...

Symas remexeu a língua dentro da boca seca. Apenas balançou a cabeça e murmurou.

— Sim, por favor.

O mestre estalou os dedos para o soldado.

— Atenção. Se alguém der água ou comida ao prisioneiro, será preso e julgado por traição. Ouviram bem?

Symas engoliu em seco quando a gargantilha de aço se fechou com um cadeado em seu pescoço. A cela era úmida, e seus pés escorregavam, derrapavam no chão bolorento o tempo todo, e, ainda assim, era quente, com um ar empestado, fedendo a suor, mijo e bosta. O guarda checou se os pulsos estavam bem presos, deu um chutinho no tornozelo de Symas — onde ainda estava alojada uma parte da flecha —, também conferindo, e balançou a cabeça em afirmação para o mestre Yer'lenel.

— Está seguro, senhor.

O mestre drinar surgiu das sombras, descruzou os braços e acenou para um outro drinar, um sujeito alto e forte, usando armadura reforçada de couro e ferro. Ele tinha os cabelos partidos ao meio e, cruzando o rosto, um tapa-olho preto. Devia ser o tal Yer'lio, que ele mandara chamar. Os dois pararam diante de Symas como se estivessem diante de uma aberração — e ele era. Quem falou primeiro foi Yer'lenel.

— Não se engane com sua aparência, capitão. Partiu meu primo em muitos pedaços usando apenas as mãos. O corpo está embrulhado em outra cela, mas recomendo veementemente que não o veja no estado em que se encontra. Vamos aguardar pelo menos que o funerário o remende primeiro.

— Mas como isso foi possível?

— Parece só um homem qualquer, não é verdade? — perguntou Yer'lenel. — É grande para sua raça, mas, ainda assim, não deveria ter vencido meu primo com tanta facilidade. Existe um segredo nesse sujeito, capitão. — O mestre fez uma pausa longa e quase salivou antes de complementar: — Ele é um homem-fera.

O capitão Yer'lio tirou um tempo para pensar e então perguntou:

— Lagarto?

— Brakki.

— Compreendo — falou, pesadamente, o capitão.

— Ele próprio confessou o crime. Disse ter sido amaldiçoado quando criança...

O capitão pegou sua espada embainhada e a usou para erguer o queixo de Symas, a fim de examiná-lo melhor.

— Não me diga que foi o *Braço Negro*.

— Precisamente. Ele alega ser dono de um colar, um cordão, ou algo assim. Diz ter sido protegido por toda a sua vida, até que um homem, o famoso assassino Bärdey, tomou tudo que tinha, incluindo seu amuleto.

O capitão Yer'lio fez uma careta e cuspiu no chão.

— Acreditou nessa história de amuleto?

— Em momento algum.

Symas remexeu os lábios. Sua língua passou áspera pelas paredes internas da boca. Precisava muito beber alguma coisa, ou iria desmaiar. Temia, também, que tivesse perdido muito sangue com a flechada na panturrilha. Mesmo assim, se esforçou em dizer:

— Eu juro... pela minha mãe. É verdade. Bärdey me tomou o cordão.

Seu rosto foi lançado com violência com o soco do capitão. Ele tinha mãos tão pesadas quanto as dos soldados humanos. Talvez tivesse trincado um osso, talvez um dente; doeu como a desgraça.

— Não fale, a não ser que lhe dirijam a palavra — Yer'lio disse, enfático. Em seguida, olhou para o mestre mago: — Quantas vezes eu avisei, mestre Yer'lenel? Devíamos ter atacado Lineliande quando ainda tínhamos força. Antes da subida de Tar'lezz ao trono. Ela expulsou muitos de nossos irmãos. Na maioria das vezes, por motivos banais. Enquanto isso, o Braço Negro continua crescendo e criando aberrações como essa que matou seu primo. Foi um erro.

— Essa não é a melhor hora para pensar nisso, capitão. A rainha é afeiçoada ao rei Albus, e ele deve chegar a qualquer momento. Acredito que tenhamos perdido a oportunidade.

O capitão xingou usando palavras desconhecidas a Symas.

— Temo que sim.

— Mas ainda podemos fazer algo a respeito do prisioneiro — Yer'lenel sorriu, cruzou novamente os braços e se encostou nas grades da cela. — Estive pensando em oferecê-lo como adversário na iniciação da princesa Lor'tui. O que acha disso?

O capitão coçou o queixo, pensativo.

— Está mesmo querendo acabar com a linhagem, não é, mestre? Que tipo de oponente o homem-brakki seria?

— O mesmo tipo que despedaçou meu primo. Não creio que a princesa teria muita chance.

— Mas ele é apenas um homem, agora... como esperaria que...

Yer'lenel levantou uma das mãos, como quem pede silêncio.

— Não diga mais nada. Deixe-me mostrar.

O mestre mago, então, esticou a mão para frente, e Symas começou a ficar com a visão turva, como se estivesse mergulhando em um sono de sonhos. Ele baixou a cabeça, olhou para as próprias mãos, embaçadas e distorcidas, mas sentiu quando a pele passou a endurecer, sentiu cócegas quando os pelos começaram a engrossar e despontar feito espinhos escuros. Suas veias saltaram, pressionadas contra o metal dos grilhões, e suas unhas foram, gradualmente, transformando-se em garras compridas e afiadas. Vieram sons de tecido rasgado, vozes melodiosas começaram a cantar em seus ouvidos, e o cheiro doce dos dois drinares à sua frente meneava, dançante, diante de seu nariz. Ele piscou várias vezes, perdendo os sentidos, e seus pensamentos já não tinham mais a mesma coerência de antes. Estava flutuando, voando, e no outro instante caçando, com a barriga colada ao chão. Estava faminto e sedento, e os dois cervos suculentos pastavam a poucos passos de distância.

Uma das vozes cantava alegre, à distância, mas não afugentava seu colega cervo.

— Será fácil, capitão.

— Todos — gritou Ziuruh para a fileira de lagartos ao seu lado, cada um com a mão estendida para frente. — Agora!

Tocaram as placas de vidro simultaneamente, ainda que alguns tivessem hesitado por medo de serem queimados, e uma miríade de runas se acendeu diante de todos. O lagarto xamã deu uns passos para trás e visualizou as formas escritas, calmamente, até conseguir discernir alguma mensagem, algum sentido.

Uma a uma, ele identificou. Todas rezavam termos e palavras do drinar clássico, dos dias de guerra entre os irmãos deuses, dos dias em que a terra nevada dos reinos do sul foi lavada de sangue, dos dias da invasão sumuraq aos domínios humanos. Apenas três runas ali pertenciam a um conjunto de caracteres um pouco mais moderno, talvez dos anos subsequentes e das novas variações do idioma, até que ele se tornasse a língua falada nos dias atuais. Ziuruh deu atenção a essas. Pediu que os demais lagartos abandonassem suas posições, deixando apenas os dois tais caracteres, e ele os mentalizou. Formou anagramas em sua cabeça, montou várias frases sem sentido — pois cada runa podia se referir a uma ou mais palavras —, mas achou que dispunha de algumas opções. Fez um gesto aos três lagartos nas folhas.

— Saiam.

Eles obedeceram, e Ziuruh tomou o lugar de um deles. Foi até a folha de vidro e a tocou, revelando uma das runas. A palavra, ele tinha quase certeza, correspondia à atual *Terra* ou *nível mais baixo*. Então, ele fez um sinal com a mão livre, olhou para a palavra e pronunciou: *Irad*. A runa permaneceu acesa, mas se apagou quando ele retirou a mão. Aparentemente, nada aconteceu.

Sua outra opção era uma runa posicionada quatro folhas à direita. Ele repetiu o processo, tocando o vidro, e a palavra *Sol* ou *pai*, no drinar antigo, brilhou num branco ofuscante. Fez um gesto com a mão livre e disse em voz alta: *L'oiá*. Para sua surpresa, a palavra se apagou sem que ele precisasse liberar a mão.

Sim... Exatamente como ele imaginara! *Sol. Só pode ser essa. O alinhamento de astros é importante para os vermelhos.*

Ziuruh pulou duas folhas para sua esquerda, fez o mesmo processo com a runa da *Lua* — ou *noite* — e terminou com a primeira, da *Terra*. Neste momento, quando todas as três tinham sido ativadas verbalmente, Ziuruh sentiu que a corrente de energia que perpassava pelas placas de vidro havia ido embora. Não houve qualquer ruído ou brilho, mas ele simplesmente parou de senti-las. *Sol, Lua e Terra. Um alinhamento.*

Um último teste confirmaria sua tese, e então ele chamou um dos seus soldados mais fortes fisicamente:

— Oro'zhul, dê o seu melhor golpe nessa aqui — comandou, apontando para a folha da *Terra*.

— Sim, mestre.

O lagarto tomou distância e, com um impulso, jogou-se de ombros no vidro, que trincou e se espatifou na hora. Um coro de lagartos irrompeu no deserto, todos eles erguendo as mãos para o alto, em comemoração. Em pouco tempo, tinham derrubado três ou quatro folhas, espaço suficiente para todo o batalhão passar sem problemas.

Ziuruh deixou os soldados irem na frente, pois queria aproveitar para sentir o cheiro da areia, da vegetação e do ar de um lugar não visitado há milênios. Ele passou pela criatura domada e ficou satisfeito em constatar que ela ainda se mantinha pacífica, deitada sobre uma pedra, como se nada estivesse acontecendo. Mesmo assim, apenas por mera precaução, ele resolveu reforçar o feitiço.

Estendeu a mão para frente, mas não foi capaz de afetar a criatura. Em vez disso, sentiu uma dor lancinante na própria cabeça e não pôde fazer nada quando suas pernas perderam as forças e o derrubaram no chão. Ele teve a impressão de ver alguns soldados virando-se para trás, preocupados com ele, mas não ouviu as palavras saindo de suas bocas. Apenas uma voz tenebrosa, profunda e melodiosa ressoou nos recônditos de sua mente:

— Não, mestre lagarto... não mais.

— Quem invade meus pensamentos? — o xamã perguntou, em agonia.

Seus sentidos clarearam um pouco mais, e ele pôde ver. Na verdade, primeiro sentiu a terra tremendo sob suas mãos, ouviu as passadas retumbantes de algo enorme se aproximando e só então viu. Um monstro parecido com a criatura que dominara, mas pelo menos dez vezes maior. As patas, largas o suficiente para esmigalhar um celeiro com apenas um pisão, chegaram lentamente, esmagando dois dos soldados, macerando-os até que virassem nada mais do que uma pasta vermelha e pegajosa. O restante levantou as armas, alguns deles esperando o comando do xamã, e outros tomando a iniciativa e atacando a monstruosidade diante deles. Nenhum ataque surtiu qualquer efeito na pelagem grossa da besta.

Ziuruh assistiu a tudo boquiaberto, pensando no poder contido em tal criatura. Concluiu que um ser tão poderoso poderia triturar as muralhas da capital vermelha — e qualquer outra no mundo — usando apenas a força de uma cabeçada.

— A partir de agora — a voz do monstro continuou —, deixará em paz a mente de minhas crias.

— Você é... — o lagarto resolveu arriscar uma conversa, apontando para o monstro dominado previamente — a mãe de tal criatura?

— Sim.

Ziuruh sentiu a influência do monstro ficando mais branda, e seu cérebro disparou, produzindo ideias. Ele precisava do poder dessa criatura. Precisava dela para subjugar os drinares e entregar a capital a...

Não .

Ele estacou o corpo. Tinha sido ingênuo até agora, mas era hora de mudar. *Ele* havia chegado até ali. Ele, e não Bärdey, muito menos o rei gorducho. Ele desligara as runas que funcionavam há milênios e abrira caminho para a liberdade de incontáveis criaturas. Se alguém merecia a capital, seria ele e seus lagartos. Uma deliciosa ideia tomava forma em seu cérebro, e ele não a abandonaria. Tudo se encaixava perfeitamente. Os monstros temiam a magia drinar, mas foram os drinares quem primeiro ficaram amedrontados ao se depararem com seres cuja influência podia facilmente suprimir a deles.

— Sinto muito se a ofendi — disse o lagarto ao monstro. — Meu nome é Ziuruh, e sou um estudioso. Não é do meu interesse que os de sua espécie, ou até mesmo seus vizinhos, fiquem aprisionados aqui.

— Por isso não o mato. Quem o mandou ao Norte?

— Homens. Em vingança aos drinares.

A criatura estremeceu, e, junto dela, os arbustos ao redor.

— Os drinares precisam ser esmagados pela sua traição. Mas me contentarei em poder vagar pela península sem ter medo de ser aprisionada novamente.

Ziuruh perguntou, mas já sabia de antemão a resposta:

— E por que não os esmaga em sua cidade, onde comem, bebem e se divertem como os ratos que são?

— Não sou capaz de vencer as égides de proteção.

30 – Aquele Homem

Vescas permaneceu parado, como se o próprio tempo tivesse cessado suas atividades, enquanto olhava fixamente para a adaga ensanguentada na mão. O trovão das cachoeiras rugia incessante em seus ouvidos, e a estátua gigantesca do sumuraq começava, finalmente, a lançar sua sombra pelo acampamento. Ninguém veio falar com ele. Em vez disso, o mestre Yer'mene'il e o quase afogado aprendiz Cur'le'il correram para acudir os feridos, caídos em locais diferentes, todos em estado aparentemente grave. Ele deveria ir junto para ajudar, mas estava ainda atordoado pelo que tinha acabado de fazer. Ele matara um brakki enorme com as próprias mãos. Não só isso. Pouco antes, matara também duas donzelas etéreas. Isso superava o tiro no olho dado no lagarto na casa de Baldo.

Vescas riu e baixou as mãos — elas ainda não haviam parado de tremer. Talvez ele não fosse tão inútil quanto dissessem.

Uma onda de calor subiu pelo seu corpo, desde a base do traseiro, na ponta da espinha, até o alto da cabeça. Logo em seguida, sem mais nem menos, sentiu frio. Estava encharcado, descalço e começava a ventar. Uma voz fraca veio de algum lugar, tentando vencer o estrondo da cachoeira, e, aos poucos, ele identificou a origem.

— Vescas! — era Billa e gritava de forma ainda mais esganiçada que o normal. — Se os brakkis não tiverem quebrado também suas pernas, uma ajudinha seria bem-vinda!

Billa estava abaixado, tentando pateticamente dar algum auxílio ao mestre drinar, ambos abaixados ao lado de Bor'ze'il, que tinha tido a perna esquerda destroçada pelo brakki.

— Droga, droga... — Ele enfiou a adaga de qualquer jeito na cintura da calça e correu até a drinar.

A perna dela estava um verdadeiro desastre, e a imagem foi de partir o coração. O mestre havia cortado a calça em duas partes e tirado a bota, então dava para ver os ossos da canela brotando, em lascas, sob alguns pontos da carne. O sangue escorria vivo pelo capim. Bor'ze'il, apesar de desacordada, tinha no rosto uma máscara estampada em agonia, e Billa tentava enfiar água goela abaixo para repor, parcamente, a perda do líquido.

— Ela vai ficar boa? — Vescas perguntou.

— Não sei — respondeu sombriamente o mestre. Ele tinha uns gravetos e um rolo de tecido nas mãos. Uma sacola de viagem estava ao lado dele, aberta, revirada, cercada por mantimentos espalhados pelo chão. — Precisamos estancar o

sangramento de algum jeito, mas não posso desperdiçar bandagens. Arranque uma tira da calça dela para fazermos um torniquete.

Vescas assentiu rapidamente e segurou as bandas rasgadas da calça da drinar. Ele olhou para Billa e perguntou baixinho:

— De que tamanho?

— Se quer que eu use as duas mãos para demonstrar, acho que a drinar vai morrer. Deixe de ser burro. De um tamanho que dê para envolver a coxa e dar um nó.

— Está bem, está bem.

Vescas fez força para rasgar a calça e não pôde evitar o constrangimento na frente dos dois ao perceber que só conseguia rasgar meio palmo de tecido. Os olhos do mestre o fitaram com uma expressão ilegível, e ele achou melhor sacar a adaga para terminar de cortar o resto, antes de seu rosto pegar fogo de vergonha. Quando terminou, entregou a tira de pano para Yer'mene'il, e o torniquete foi apertado da melhor forma possível. O mestre ainda deu a Billa um frasco de um líquido preto e o pediu para aspergir por cima do ferimento horrível. A drinar fez uma careta e se contorceu quando o líquido fez contato com a pele, e parecia que o pior ainda viria.

— Agora preciso que a segurem com força. Senhor Billa — o mestre pediu. — Sei que estou abusando, mas se puder colocar a mão sobre o ombro dela por um instante...

— Claro, mestre Yer'mene'il.

Vescas ajudou a segurar, mesmo sem saber o que o mestre faria em seguida. Ele aproveitou para olhar para os outros membros do bando. O aprendiz Cur'le'il ajudava, mesmo com a dificuldade por causa do braço talhado e por quase ter morrido afogado. Estava abaixado ao lado do prestativo drinar Bor'la'il, o responsável por salvar Vescas e o velho no alto da trilha. O estado do soldado caído não parecia nada bom, e não era para menos. Um golpe como aquele nas costelas devia ser capaz de matar até mesmo um grandalhão como Symas. Pobre soldado... ele tomava a água dada pelo jovem colega e tossia nuvens rosadas. Mais adiante, quase perto do mato, estava deitado o outro aprendiz, Cur'neze'il, que tivera as pernas esmagadas pelo brakki roliço. Ele parecia bem vivo e dormia ao lado de um dos rabujos abatidos.

Um grito da recém-desperta Bor'ze'il tirou Vescas do devaneio, dando-lhe um susto. O capitão Yer'mene'il havia acabado de recolocar os ossos dela no lugar com um movimento brusco e preparava-se para enfaixar o membro ferido. Ele posicionou duas talas de madeira nas laterais da panturrilha e desenrolou as ataduras. A drinar deixou a cabeça pender, mole, para o lado, e Vescas temeu que ela tivesse, enfim, morrido.

— Desmaiou de dor — explicou Billa, como se lesse os pensamentos do amigo.

Enquanto o capitão se levantava para ir conferir os outros soldados, veio o aprendiz Cur'le'il, com o braço esquerdo talhado colado ao peito. Ele tinha um semblante pesaroso, e Vescas antecipou o que ele diria em seguida.

— Bor'la'il não resistiu, mestre — ele balbuciou, com os olhos marejados.

O capitão fitou o chão por um instante e, em seguida, respirou fundo, como quem recobra as energias. Estendeu a mão, pedindo o braço ferido do aprendiz.

— Que ele descanse com seus antepassados. Deixe-me costurar isso, Cur'le'il. Lutou bravamente hoje.

Yer'mene'il vasculhou a própria bolsa.

— Como está a senhora Bor'ze'il? — o jovem perguntou. — Vai se recuperar?

— Ela está dormindo, mas perdeu muito sangue. O monstro destruiu sua perna, e não sabemos como serão seus dias daqui em diante. Levará um tempo até que ela possa caminhar novamente, mas, por ora, temos de nos preocupar em recuperar as forças e sobreviver.

— Sim, senhor. O que posso fazer para ajudar?

O capitão enfiou a agulha na pele inflamada do rapaz. O olho dele deu um leve espasmo, mas não houve reclamação. Yer'mene'il o encarou com seriedade.

— Há uma coisa que pode fazer por nós. Sei que está ferido, Cur'le'il, mas não há ninguém em melhores condições para buscar ajuda, e eu preciso ficar para dar assistência aos feridos. Não podemos carregá-los até Anahur, mas outro pelotão renovado poderia sem dificuldades. Porém, para que cheguem em segurança, precisamos também de mais medicamentos e algumas padiolas. Ficarei, pois em pouco tempo estarei melhor e mais apto a usar minhas artes, caso novas ameaças surjam. Acha que pode fazer isso por nós?

O aprendiz assentiu com vigor.

— Mas é claro, capitão.

Yer'mene'il sorriu e terminou de costurar o ferimento no braço de Cur'le'il. Depois, aspergiu um pouco do líquido escuro e o enfaixou também, com um resto de ataduras. O jovem drinar fez um agradecimento, trocaram frases curtas, como preces, e ele então se afastou. Com um suspiro, o capitão voltou-se para Billa e Vescas.

— Fomos afortunados nesta tarde, companheiros, e cá estamos, vivos. Quase todos, pelo menos. Estão livres para ir quando quiserem.

Vescas não achou a ideia ruim, mas Billa tomou a frente e disse ao drinar:

— Queremos ficar, capitão. Precisa montar acampamento até que o jovem Cur'le'il retorne, e não é exagero dizer que essa caverna carece de uma vasculhada

para que possamos ficar em paz. Não se sabe se outros brakkis nos espreitam, esperando por uma oportunidade. Vescas e eu sabemos trabalhar com fogo e não somos estranhos à exploração de ambientes assim. Além do mais, na melhor das hipóteses, é possível que haja mais mantimentos lá dentro. O que tem a perder?

O capitão cerrou os olhos e pareceu ponderar por um instante. Disse, por fim:

— Não tem obrigação de ficar, senhor Billa. Não entendo...

— Queira desculpar o atrevimento, mestre Yer'mene'il. Não sou hipócrita, tampouco aproveitador. Acontece que essa é a melhor saída, no momento. Veja, Vescas e eu estamos perdidos, já que, para retornar a Cistol, teríamos de cruzar a Umbrosa novamente ou dar uma volta inacreditavelmente longa. Planejavamos encontrar uma estalagem na estrada e nos orientar a partir de nossa estadia. Ora, não é desvantagem para nós ficarmos ao lado de drinares experimentados, ainda que por pouco tempo, pois sei que não costumam carregar visitantes. Ainda mais quando têm um plano de ir para a cidade mais próxima! Peço que aceite, por favor, capitão, nossa mão de obra em retorno, pois sua escolta será de inestimável ajuda para nós.

O mestre balançou a cabeça, satisfeito.

— O pedido não era necessário, meu senhor. Seu amigo foi muito valente em derrotar aquele brakki. — Vescas sentiu o próprio rosto ficando vermelho novamente. — A propósito, é muito bom com as palavras, senhor Billa. O que fazia antes de perder o rumo por aí?

— Eu era um sacerdote de Koma.

— Há! — o capitão deu o primeiro sorriso em um bom tempo. — Parece que seu deus o ajudou hoje, pelo visto.

— O chifrudo estaria do lado dos brakkis, tenho certeza — completou o velho, apontando para a enorme estátua sumuraq.

Vescas sorria, orgulhoso de si mesmo, conforme os três se encaminhavam para a entrada da caverna. No fim das contas, não restava no covil nenhum outro brakki adulto, filhote, fêmea, ou mais dos rabujos acorrentados. O local estava livre para pilhagem, e os três fizeram o melhor possível para trazer para fora tudo o que fosse útil. Ninguém tocou na comida dos monstros, é claro — pelo menos não na que já haviam mexido —, mas algumas frutas e raízes frescas jaziam abandonadas no fundo da caverna. Pegaram também bastante lenha já cortada, bem como palha, para alimentarem a fogueira nas noites subsequentes. Segundo o capitão, o aprendiz levaria dois ou três dias em cada viagem, portanto, Vescas calculou que ficariam ali por quase uma semana. Tentaria caçar alguma coisa no dia seguinte. Certamente o mestre drinar o elogiaria por isso.

— Senhor emissário — uma voz incrivelmente irritante vinha, abafada, de trás da lona da tenda. — Senhor emissário, está acordado?

— Já vou!

Bärdey sentou-se no catre e cobriu o rosto por instinto, caso alguém tivesse entrado. Abriu os olhos, que doeram antes de se acostumarem à luz, e olhou com calma. Estava sozinho. Pelo menos isso respeitavam. Aliviado, ele ajeitou a peruca, quase virada de lado na cabeça, e correu os dedos pelos lábios. Os bigodes haviam sumido. Bärdey tirou o travesseiro do catre, mas não estava embaixo dele. Coçou a cabeça, ainda meio desorientado por ter sido despertado repentinamente, e andou pela tenda. Era um bom aposento para se passar apenas algumas noites. Havia uma tina para ele se lavar, navalha para se barbear e uma jarra de prata cheia de uma água estranhamente fresca, a despeito do calor daquela cidade horrorosa. Ele molhou a mão, passou de qualquer maneira no rosto e tratou de despertar direito. Não podia deixar ninguém vê-lo sem os bigodes.

— Posso entrar, senhor emissário? — a voz do soldado novamente.

— Entre enquanto estou nu, e veremos como se explicará à Sua Majestade, o Rei Bertom. Vamos, faça-me o favor.

Houve uma pausa.

— Eu... não quis ofender. Mas a senhorita Lor'tui está aqui fora e muito apressada para seu próximo compromisso. Faz questão de falar com o senhor imediatamente.

Onde, pela mãe de todas as putas, estão esses bigodes? E o que esse raio dessa princesa quer agora?

— Bem... diga à princesa... que ela não merece ver o emissário recém-desperto e com os olhos cheios de remela. Estou me apressando. Vá, vá.

— Sim, senhor emissário.

Depois de um tempo revirando todos os objetos da tenda, Bärdey os encontrou caídos atrás do catre. Passou o dedo molhado na cola, para estimulá-la, e os recolocou por sobre os lábios. Vestiu suas roupas de forma modesta, afinal, tinha de passar a imagem de quem acabava de acordar, e deixou os cabelos da melhor forma possível antes de sair.

A princesa estava encostada no muro do lado de fora e usava roupas bem diferentes das usadas no dia anterior. A blusa frouxa e deliciosamente reveladora dera lugar a um corselete de couro, parecido com o da mãe dela, mas chumbado nas dobras com presilhas de ferro. Botas altas e reforçadas cobriam as canelas quase até os joelhos, e braceletes metálicos davam lugar às joias. Um deles era bem bonito, incrustado com pedrinhas brilhantes. Talvez fosse o mesmo usado no dia anterior. Os cabelos agora estavam amarrados de forma bem firme e presos por uma única trança caída pela nuca.

— A que devo a honra da visita, princesa? — ele foi o primeiro a falar.

Ela sorriu.

— Passar muito tempo em companhia tão burocrática cansa até mesmo os mais jovens. E ainda é minha incumbência pajeá-lo até o fim do festival, emissário, lembre-se disso.

— Não parece estar disposta para um passeio, eu diria. Nem vestida de forma apropriada.

— Ah, essas roupas? — Ela deu dois tapinhas no saiote e aproveitou para tirar uma poeira incômoda das calças. — Já fico pronta para o próximo evento desde cedo. Gosto de pensar que faz parte do aquecimento. A única coisa que não tirei foi esse bracelete, pois é presente da rainha, e isso seria um sacrilégio.

— Não me diga que... — ele coçou o queixo, interessado.

— Sim, também farei uma iniciação. Não posso me considerar parte da linhagem real se não passar por ela.

— Vai lutar? Não acredito nisso... você é só uma...

— Sei me defender muito bem, emissário, se é o que o preocupa.

Ele abriu os braços em defensiva.

— Jamais a ofenderia, princesa. Perdoe-me. E, caso tenha sucesso, poderá ser considerada oficialmente uma princesa, é isso?

— Não só isso. Poderei ser cotada, em anos futuros, para fazer um novo exame e me tornar uma grã-mestra. Evidentemente, isso não será possível antes que eu passe por outros exames, como o de iniciação para maga ou caçadora, e para mestra ou capitã, que vem logo depois. É um pouco complexo, e não quero aborrecê-lo com isso. Só digo que, nos anos futuros, terá de me chamar por outros nomes, como Yer'tui, ou Nür'tui. Essa é minha ambição, e terei êxito.

— *Nür'tui*? Mas essa não seria a designação dada aos camponeses?

— Não, esses seriam *Mur*. Está com a memória ruim, emissário. — Ela riu. — Não o culpo, já que acabou de acordar. Mas não confunda os dois, pois pode ofender alguém. A diferença entre um *Nür* e um *Mur* é a mesma diferença que há entre o céu e a lama.

— Não errarei mais, princesa. Ficarei na expectativa para que vença bem seu combate. Diga-me... já sabe que tipo de adversário vai enfrentar?

Ela desencostou o corpo do muro e começou a andar, sugerindo que Bärdey a acompanhasse. Isso o deixou ligeiramente ofendido, mas ele não deixou transparecer. Caminhou com uma das mãos na bainha vazia, e ele se lembrou das regras da iniciação. Ela entraria na arena desarmada. Os aromas vindos das barracas finalmente despertaram o interesse do estômago de Bärdey, e ele já começou a ansiar pelo fim da conversa e uma oportunidade para comer a primeira refeição da manhã. E ele devia aproveitar, afinal, esse seria um dia longo e, se tudo

corresse bem, até a tarde as ruas estariam apinhadas de lagartos ensandecidos. Estava bastante excitado com a ideia, na verdade. Mandaria um mensageiro até Cerne, talvez Canhoto, para avisar o rei que os brincos ficavam na torre central de Fienne. Não havia a menor necessidade, mas ele fazia questão de avisar. Gostava de imaginar a cara de animação que o rei faria ao descobrir, e como essa cara se desmontaria quando ele soubesse que a cidade agora pertencia a Bärdey e a seus lang'oárs.

Ele quase tinha um princípio de ereção com a ideia.

A princesa, completamente alheia aos pensamentos dele, elevou a voz quando passaram por um grupo de percussionistas:

— Os iniciandos não podem saber de antemão o perigo que os aguarda, pois isso daria uma brecha para que treinassem técnicas específicas. Tenho tentado fazer de tudo um pouco, me adequar a qualquer tipo de arma ou escudo. Mas você pode, emissário.

— Posso o quê, princesa?... Se me perdoa a ignorância.

Ela abordou o primeiro soldado a passar a seu lado e falou algumas palavras. Bärdey não ouviu, pois a rua estava barulhenta demais. O drinar assentiu veementemente e logo depois pediu licença para continuar seu caminho. A princesa retomou:

— Conhecer o adversário que tentará me matar na arena. Acabei de lhe dar permissão para visitar o calabouço, se assim desejar. Os guardas estarão cientes, e você deve procurar pelo capitão Yer'lio, ou mesmo Yer'lenel, os responsáveis pela prisão. Se eu pudesse, iria junto. Além do mais, estou a caminho do último treino antes do evento, então não terá mais minha agradável companhia. Pensei que pudesse se distrair um pouco.

— Fico lisonjeado, princesa.

Bärdey não achou a ideia ruim. Depois de comer algo, daria um pulo lá embaixo e conheceria algumas das atrações do dia. Seria, também, um movimento estratégico, afinal, o cerco à cidade seria mais eficiente com novas informações vindas de dentro. Ziuruh não ia querer ser surpreendido por monstros, como aquele escorpião da arena, soltos em debandada durante sua invasão.

— De qualquer maneira — ela continuou, estendendo uma das mãos em cumprimento —, mandei chamá-lo para me certificar de que não perca o evento. Seu assento está reservado, novamente, na primeira fileira. Me deseje sorte, emissário.

Ele pegou a mão dela e não apertou, mas deu um beijo delicado. Sentiu um calafrio ao se aproximar tanto de uma drinar, mas o cheiro dela era bastante agradável, com resquícios de óleo perfumado passado na noite anterior. Isso... nascia um planozinho interessante. Pediria a Ziuruh para não a matar, assim, ele

poderia, pessoalmente, lambuzar aquele corpo jovem e intocado. Quem sabe explorar a possível floresta de fogo em meio às suas pernas...

— Que os astros se alinhem em direção a seus intentos.

Symas sentia os pulsos inflamados devido ao atrito com os grilhões, o peito doía a cada respiração, graças aos ferimentos ainda não curados, e seu peso começava a ficar demais para os braços e as pernas. De vez em quando, deixava o corpo pender, mas isso fazia o metal das presilhas nos pulsos cortarem a pele já sensibilizada, e o suor entrava por cada mínimo arranhão, deixando cada instante naquela cela insuportável. Sem contar que isso o estrangulava. Os joelhos latejavam o tempo todo, e os pés eram extremidades das quais ele já nem se lembrava mais. Ele não queria nem pensar na panturrilha esquerda. E talvez a dor não fosse o pior de tudo, mas a garganta seca. Fazia quanto tempo que não lhe davam algo para beber?

Ele já havia ouvido falar em calabouços desumanos e até jogara alguns bandidos dentro de um ou dois porões cernenses, mas aquela cela drinar era inacreditável. O chão úmido enganava o visitante em sua primeira vez, dando a impressão de que os dias seriam amenos, mas não. Quando o sol subia ao meio-dia, fazia o vapor d'água transformar o calabouço num enorme caldeirão, capaz de cozinhar vivos os prisioneiros. Exatamente. Um caldeirão cozinhando ingredientes de uma latrina. O cheiro de suor, urina e bosta era... não havia palavras. Só ficava o sabor, colado nas paredes da boca. Symas não queria imaginar como deveria ser no verão pleno.

Ouvindo passos vindos do corredor, ele baixou os olhos, afastou os pensamentos e engoliu em seco mais uma vez. Um punhado de areia. Essa era a sensação. E, ainda assim, ele não achava tudo uma grande injustiça, ele merecia cada segundo de sofrimento, mas seus instintos primários diziam o contrário. Tinha de sobreviver. Mas as chances não pareciam estar a seu favor.

Dois guardas se aproximaram conversando coisas cotidianas e teciam também comentários vulgares referentes às pernas da rainha Tar'lezz. Como o local era bastante escuro, ficavam mais evidentes os olhos e sorrisos dos dois drinares, iluminados por tochas. O cheiro de fuligem era uma adição bem-vinda à atmosfera fétida do lugar. Symas resmungou alguma coisa, tentando aproveitar a chance antes de ir embora, mas sua voz soou fraca.

— Ouviu alguma coisa? — perguntou um deles.

— Acho que foi o prisioneiro.

O soldado bateu com o cabo da tocha nas grades.

— Ei, homem-brakki! Fique em silêncio. O capitão Yer'lio nos autorizou a machucá-lo se causasse problemas.

Symas tentou salivar um pouco para umedecer o interior da boca, mas foi como rolar, com a língua, uma bola de algodão.

— Água... — conseguiu dizer.

Os dois guardas riram.

— Ele quer água, Bor'ui. Pode fazer alguma coisa para ajudar?

Bor'ui, rindo de forma marota, arriou os cintos e colocou o membro para fora. Symas ouviu o barulho do mijo batendo nas grades e se espalhando pelo piso.

— Pode lambar o chão, prisioneiro — falou, gargalhando, o outro guarda. — Aproveite enquanto ainda está fresco!

Os olhos de Symas começaram a ver tudo ao seu redor ficando embaçado. Suas narinas dilataram-se e contraíram-se repetidamente, e sua respiração passou a vir em lufadas mais pesadas. Aos poucos, as imagens iluminadas dos dois drinares foram tornando-se borrões, e os cheiros, antes discretos, em comparação com a inhaca do calabouço, vieram doces em sua boca. Estava acontecendo. Ele sentiu os pés ficando mais volumosos e as unhas se transformando em garras, com as quais ele começou a esfregar o chão. Arranhava a pedra, assim como fazia um cavalo do qual ele não se lembrava muito bem, mas tinha certeza de ter conhecido um dia. As vozes dos drinares tornaram-se música e ecoaram cantadas pela câmara:

— Deixe-o afiar as garras. Vai precisar delas para mais tarde.

As palavras dos dois não faziam sentido algum. A única coisa que fazia sentido era ele mergulhar a cabeça em um córrego e matar sua sede. Sangue também seria bom. Sim... mas não tão bom.

— O que estão fazendo? — uma voz nova entrou na câmara. Outra melodia. Outra pessoa de cheiro doce. Um não. Dois cheiros.

Symas apertou os olhos para ver melhor e identificou duas manchas se aproximando, vindas do corredor. Uma delas tinha o cheiro dos seres de cabelos vermelhos, e a outra figura cheirava a humano. Usava roupas totalmente brancas, pelo visto.

— Mestre Yer'lenel — o guarda se afastou da cela. — Queira nos desculpar. Estávamos nos divertindo às custas do monstro. Foi um erro.

Symas tentou mexer as mãos, livrar-se das correntes e se aproximar para ver melhor, mas elas eram duras demais, pesadas demais. E sua garganta ficava dolorida, como se o estrangulassem. Ele grunhiu, e isso causou uma nova onda de risadas por parte das pessoas ali presentes. Algo o incomodava profundamente, e ele não sabia exatamente o quê. Um dos cheiros? Uma das vozes?

— Estão dispensados — falou o sujeito chamado de mestre. — Mostrarei o calabouço ao nosso importante convidado. Andem, vão.

Os dois risonhos se afastaram, deixando Symas um pouco triste. O aroma deles era tão apetitoso... Os outros dois, entretanto, permaneceram de frente para a

cela, o encarando. O homem de branco... o que havia com ele de diferente? Onde ele havia sentido aquele cheiro antes?

Foi então que uma série de imagens perpassou a mente de Symas. Imagens dele sendo pego e torturado numa floresta repleta de árvores vermelhas. Um homem de sorriso amarelado montando por cima de seu corpo, cravando nele um punhal, ou adaga, e roubando algo que lhe pertencia. Aquele homem... Aquele homem...

Então o odor do indivíduo o atingiu em cheio nas memórias. A boca de Symas começou a espumar, e ele cerrou os punhos. Fez toda a força possível para arrancar as correntes, até que seus músculos quase estourassem e se soltassem dos ossos. Ele conhecia aquele homem.

Era ele... o homem responsável por toda troça, traquinagem... por prejudicá-lo. Ele era um homem mau e merecia morrer.

Bärdey deu um passo para trás ao ver como o monstro, preso às correntes, havia ficado ainda mais forte, como se estivesse sob efeito de magia. Ele riu diante da ferocidade da criatura. Virou-se para o capitão Yer'lenel — o mestre fora gentil o suficiente ao se oferecer para acompanhá-lo em sua visita — e perguntou, mexendo nervosamente nos bigodes:

— O que houve com ele? Parecia um homem peludo agora há pouco, mas aumentou de tamanho.

O mestre riu e, em seguida, lançou uma bola de cuspe no chão, na direção de Symas.

— Esse foi o desgraçado responsável por retalhar e rasgar em pedaços um membro de nosso pelotão. Meu primo, para ser exato. Estávamos caçando no local em que os cernenses conhecem como *Floresta de Ossos*.

— Pelo deus voador... — falou Bärdey, com os olhos arregalados. — Jamais pensei que a floresta fosse capaz de produzir algo assim. Como conseguiram domá-lo?

— É uma longa história. O que posso dizer, emissário, é que ele foi capturado em sua forma humana. — E, como se adivinhasse a expressão no rosto de Bärdey, acrescentou: — Não sabemos exatamente quanto tempo duram suas... transformações, mas, quando volta a ser homem, não passa de um soldado aposentado. Grande e forte, é verdade, mas nenhum problema para os drinares mais experimentados.

— Esplêndida criatura...

— Sei fazê-lo entrar em fúria e se modificar, mas ainda não compreendo perfeitamente as circunstâncias que o fazem voltar ao normal. De qualquer forma,

isso não importa, pois, se tudo ocorrer... digamos... *bem*, ele deixará de existir nesta tarde.

— Espere — Bärdey voltou-se para o mestre. — Esse será o desafio da princesa Lor'tui?

— Precisamente.

Bärdey achou a ideia absurda.

— Mas não pode ser, ela é uma garota.

— Ela é uma de nós, emissário — o mestre falou, de forma gentil, mas bastante firme. — Não perderia para um monstro selvagem. E mesmo que... digamos... tal tragédia ocorresse, cuidaríamos para que a criatura tivesse o devido e sangrento fim.

Os dois se distraíram quando o monstro deu um puxão nas correntes, fazendo a parede de sua cela estremecer levemente. Bärdey não estava gostando da ideia, era quase... quase como se o mestre desejasse ver a princesa morta ou machucada. Era algo na voz dele, com certeza. Havia algum plano dos mestres e capitães em relação à linhagem real de Fienne? Ou era coisa de sua cabeça? De qualquer maneira, isso não devia ter qualquer importância. O próprio Bärdey não sabia dizer por que se preocupava. A cidade seria dele em questão de horas.

— Certamente sabe, mestre Yer'lenel — Bärdey colocou todo o tipo de sabor agradável na voz — que a maioria dos que compõem a plateia para a iniciação é de fora. Vem de toda parte, como Porto de Marea e a própria Cerne, a qual represento. Não quero, de maneira alguma, me intrometer ou sequer tenho a pretensão de lhe dizer como conduzir seus próprios eventos. Mas, em nossas terras, favoreceríamos nossos próprios heróis. Entende o que quero dizer?

O mestre deu de ombros, dando a impressão de que, para ele, nada fazia muita diferença, mas Bärdey era um mestre em outra arte. E, em sua arte, ele sabia que havia ofendido o drinar, e isso dizia muita coisa.

— Pois que seja feita a vontade do povo, então — falou Yer'lenel. — Pedirei aos meus guardas para darem um jeito de equilibrar a luta, ou, no mínimo, favorecer a candidata da casa. O importante é que se divirta, emissário.

Bärdey levantou a taça de vinho em cumprimento. Tinha se esquecido completamente de estar segurando uma. Ergueu a voz para se fazer ouvido em meio aos rugidos furiosos do monstro:

— O evento será um sucesso, mestre. Tem meus parabéns pelos arranjos e pelas exuberantes instalações.



31 – A Herbalista

Quando avistaram Anahur ao longe, do alto de uma colina, Vescas sentiu suas pernas ficando um pouco mais fortes, numa onda de ânimo. Faltava pouco. Os braços doíam de tanto puxar a padiola, e a camisa estava ensopada de suor. Também os drinares, ao seu lado, não pareciam em melhor estado. O único a não demonstrar qualquer tipo de desgaste físico, talvez para não afetar o moral dos companheiros, era o mestre Yer'mene'il, e ele puxava sozinho a padiola responsável pela drinar Bor'ze'il.

Ela estava ainda desacordada, passara os últimos dias alternando entre estados de semiconsciência e sono profundo, mas sua condição era grave. A pele, perigosamente pálida, acusava a perda exagerada de sangue. Ajudando Vescas a carregar sua padiola, estava um drinar mais fresco, membro do destacamento trazido pelo aprendiz, que fizera um bom trabalho. Mas, para deixar o coração de Vescas mais pesado e sombrio a cada instante, o corpo doente carregado no transporte improvisado era o de Billa.

O velho não vinha respondendo bem ao desgaste da viagem, e os dias de descanso no acampamento, ao invés de o deixarem mais renovado, serviram apenas para revelar as moléstias que seu corpo vinha sofrendo nas últimas semanas. Os cabelos de Billa pareciam mais ralos, a pele mais morta, quase transparente, como a das pessoas muito idosas. O rosto encovado revelava as maçãs protuberantes, e os lábios, finos e enrugados, pareciam cianóticos, meio azulados, talvez. Billa já não fazia as suas necessidades, e não era para menos. Não havia nada em seu corpo para eliminar, pois ele também não vinha comendo ou bebendo nada. Praticamente nada. A última coisa a sair de seu corpo havia sido fezes moles de uma diarreia sentida no início da viagem.

Dessa vez, pensou Vescas, suspirando profundamente, não havia floresta para pregar peças em sua mente. Billa estava mal de verdade.

Os drinares pararam um pouco para descansar as mãos e as pernas, também aproveitaram para tomar o resto de água dos cantis e molhar as cabeças. Um último avanço os deixaria em Anahur em pouco menos de uma hora. Vescas preferia continuar. A cada instante a situação dos doentes e feridos piorava, e o sol já estaria quase tocando o Nodoso quando chegassem à cidade.

— Mestre... — Vescas se aproximou de Yer'mene'il.

O drinar colocou a mão sobre o ombro do rapaz, já antecipando sua próxima fala:

— Fizemos tudo a nosso alcance, garoto. Pela minha experiência, uma hora a mais ou menos não fará diferença. Quando chegarmos a Anahur, procuraremos pelos melhores curandeiros.

— Está bem... — Ele baixou a cabeça, e olhou de esguelha para os pés de Billa, brancos como cera de vela. — Está confiante na recuperação de todos?

— Tanto quanto se pode estar, Vescas, mas guardo um lugar em meu coração para a possibilidade de perdermos Bor'ze'il. — Ele balançou de leve a cabeça em direção a Billa. — Sugiro que faça o mesmo.

Não entraram, realmente, na cidade, como Vescas esperava. Em vez disso, alojaram-se num acampamento montado nas periferias. Só depois ele descobriu que os governantes tanto de Anahur quanto de Rio Largo, sua vizinha, não eram os amigos mais chegados dos drinares, ainda que os desertores prestassem serviços à comunidade. Ali no acampamento havia muitas barracas de pescadores, construções levantadas em madeira e suspensas em palafitas, postes, varais, tinas para banho e lavagem de roupas, áreas cortadas nos juncos e aterradas para servirem como campo de treinamento e muitas tendas de lona. Foi inclusive para uma delas que se dirigiram com os feridos, pois ali ficavam reunidos os curandeiros e herbalistas locais. Era um assentamento bastante decente, Vescas diria.

Dentro da enfermaria, podia-se ver quatro leitos que, apesar de levantados sobre suportes básicos de madeira, mostravam-se camas bem mais apropriadas do que algumas de estalagem, com lençóis limpos e arrumados. Retiraram, com cuidado, a caçadora Bor'ze'il da padiola e a colocaram em um dos leitos. Um dos moradores locais já havia se afastado para buscar ajuda nesse ínterim.

Em seguida, fizeram o mesmo com Billa, e o velho deu um gemido esticado e rascante quando o levantaram. Com o coração na mão, Vescas reparou na forma como o corpo do amigo estava flácido e fraco, e sua túnica suja pelas fezes ressecadas. Cur'neze'il também foi deitado em um leito, mas estava consciente — apesar de suas pernas ainda estarem bem quebradas —, e dispensou ajuda imediata, cedendo lugar aos mais necessitados primeiro. Por último, posicionaram na cama, com muito respeito, o corpo de Bor'la'il, o morto por ferimentos no tórax, e cobriram seu rosto com o lençol.

O mestre Yer'mene'il suspirou e sentou-se ao lado da amiga, aguardando, ansioso, pela chegada do curandeiro. Vescas imitou e ajoelhou-se no chão, ficando bem perto do ouvido de Billa.

— Ei, velho amigo... — ele sussurrou, com medo de que alguém o escutasse — a ajuda está a caminho. Agente firme, está me ouvindo?

Mas o velho não respondia. Só emitia um chiado quando respirava.

Depois de um tempo agonizante de espera, entrou na tenda um sujeito grande e forte, mas claramente drinar. Tinha a cabeça raspada, como os colegas, e trazia nas costas um arco longo enegrecido. O mestre Yer'mene'il se levantou e o saudou com satisfação na voz:

— Bor'gome'il, meu companheiro. Como me alegra o coração vê-lo em boa saúde.

— Faz um tempo que voltei, mestre — respondeu o arqueiro. — Quando vim lhe pedir novas designações, descobri que tinham ido à Pedra Tripla resolver problemas. Parece que os custos foram altos.

O mestre fez um gesto amplo, mostrando o estado dos pacientes.

— Os brakkis se reuniram em uma caverna próxima às cacheiras do sumuraq. Eram os responsáveis pelos ataques aos nossos acampamentos na floresta. Acabamos com todos eles, mas perdemos Bor'la'il, uma lástima...

O arqueiro balançou a cabeça, visivelmente abalado pela notícia.

— Ele tinha acabado de se iniciar caçador...

— Sim. Uma parte de mim se foi com ele. A outra está aqui, neste leito.

Bor'gome'il aproximou-se da companheira drinar, e seu rosto foi se transformando em uma imagem desesperada ao vê-la com a perna destroçada. A voz saiu meio engrolada quando perguntou:

— Sol eterno... minha doce Bor'ze'il. Qual é o real estado dela, mestre?

— Perdeu muito sangue... fiz o melhor que pude com o que dispunha ao relento, mas nada evitou que uma infecção se espalhasse, causando febre alta. Teve alucinações durante quase toda a viagem. — O mestre esticou o pescoço e olhou para a porta da tenda, procurando por algo. — Por que o Sr. Figers está demorando tanto? Está atendendo mais alguém?

— Quanto a isso — falou o arqueiro, com cuidado —, tenho boas e más notícias. O Sr. Figers adoeceu recentemente. Algo terrível que o deixou acamado, amarelou seus olhos e sua pele. Não sabemos a causa, mas a mulher dele o acusa continuamente de beber demais. Aí entra a boa notícia. Resgatei, há pouco mais de uma semana, uma garota no meio da floresta. Ela estava bastante machucada. Acontece que essa garota é uma excelente herbalista e vem ajudando na recuperação do curandeiro. Mandei que a chamassem para ajudar nossos feridos, e ela não deve demorar.

O mestre Yer'mene'il coçou o topo calvo da cabeça.

— Não entendo... uma humana em nossas florestas? O que ela fazia lá?

— Aí entra a parte estranha da história, mestre. Ela é uma giudin, mas não faz parte da comitiva do príncipe Herei. Já vivia em Elenesta. E ainda por cima estava sendo perseguida por, sei que é difícil de acreditar, escolopendras de Gii-Mahkara. É uma garota bastante inteligente, se desfez de suas roupas enquanto

estava sendo caçada para eliminar o próprio cheiro. Lutou totalmente nua. Enganou um dos insetos e conseguiu abatê-lo, mas, por acidente, caiu da árvore e estava prestes a ser morta quando apareci.

Vescas começou a prestar atenção quando o sujeito disse a palavra *nua* .

— Acho que sei de quem se trata. A conheci quando estava sob a tutela de Bor'ze'il. Ashia é seu nome. Diga-me, Bor'gome'il, que espécie de milagre o levou até ela? Como ficou sabendo?

— As criaturas atacaram aqui, mestre. Neste assentamento. Mataram, sinto dizer, a senhorita Darma, e por sorte não levaram Hüda junto. E o nome dela é exatamente esse. Ashia. Ela atraiu o monstro para fora do acampamento e então tudo se desdobrou.

— Que coisa lamentável... havíamos pedido a Ashia para que viesse a Anahur pedir ajuda.

— Sim, ela me contou. Conversei, então, com o príncipe Herei em pessoa. Ele me assegurou não saber de onde saíram as centopeias responsáveis pelo ataque. Disse que alguns dos animais nativos da ilha foram trazidos em visitas anteriores e distribuídos entre alguns líderes da península. Não soube dizer quem seriam os donos daquelas escolopendras, em específico.

— E eu acredito nele. A própria Ashia não mencionou nada do tipo, exceto por certa rusga que ela teve recentemente com uns bandidos vira-latas. — Ele baixou o tom de voz. — Ela passou por maus momentos nas mãos deles, Bor'gome'il, isso posso lhe dizer. Mas nunca mencionou ter visto, no esconderijo desses homens, animais trazidos da ilha... isso não faz muito sentido. Se escolopendras estivessem atrás dela, deveriam tê-la alcançado enquanto Bor'ze'il ainda era sua tutora.

— Não faz muito sentido, senhor. Ela realmente disse não ter rixas com qualquer um dos governantes. Nunca visitou outra capital senão a sua própria, Porto de Marea. Acho que o assunto merece uma investigação posteriormente, mestre.

— Concordo. Podemos ser os alvos, e não ela.

— Quanto a isso, discordo um pouco, e estou aqui usando palavras da própria Ashia. Segundo ela, as escolopendras tinham um comportamento específico, demonstravam a todo instante desinteresse em qualquer outro alvo que não fosse ela. Como Hüda, por exemplo. Mataram Darma por acidente, pois o alvo era a giiudin.

— Entendo. Bem, teremos de abordar o assunto com mais calma depois de tratar de nossas emergências. Agradeço o relatório, Bor'gome'il, e aguardo ansiosamente pela ajuda de Ashia.

Mal o mestre havia fechado a boca, a tal giudin apareceu na porta da tenda. Vescas a reconheceu sem qualquer dificuldade, pois era a única pessoa de pele escura dentre os presentes. Ela havia prendido os cabelos crespos em nós espalhados pela cabeça e os adornado com penas azuis. As roupas lembravam muito as armaduras de pele e couro usadas pelos desertores, porém improvisadas. Como era de se esperar de alguém que passou um tempo acampada com Bor'ze'il.

— Mestre Yer'mene'il! — ela falou, ganhando certa vida no rosto.

— Ashia... — Ele sorriu, cansado. — Não sabe o quanto fico aliviado por ver que está bem.

O sorriso de Ashia desapareceu quando ela bateu os olhos em Bor'ze'il. Ela correu até a antiga tutora.

— O que houve com ela?

— Brakkis. Esmagaram a perna dela com um porrete, uma arma, já nem me lembro direito. Fiz o melhor possível, Ashia, mas a infecção está consumindo sua carne. Veja como a pele dela está pálida. Estamos perdendo-a depressa.

Ashia passou a mão pela testa da drinar, baixou a cabeça para ouvir seu coração e depois moveu o rosto até a canela destroçada. Fungou duas vezes, farejando. Pegou a mão de Bor'ze'il e a segurou, por um tempo de olhos fechados, como se estivesse contando mentalmente. Ao fim do ritual, ela disse ao mestre:

— A infecção ainda não necrosou, e isso é uma excelente notícia. A febre está alta, é verdade, mas pode ser controlada com alguns panos frios sobre o corpo. Quando a despirmos, pedirei que retire os homens — ela lançou um olhar a Vescas, e ele desejou que tivesse durado um pouco mais — não feridos da tenda, para preservarmos a dignidade dela. Espero que entenda.

Ela parou e colocou uma mão na própria testa para enxugar o suor.

— Estou me esforçando ao máximo e aprendendo a cada dia, mestre, principalmente com as orientações do Sr. Figers e sua esposa. Mas não sou médica, eu apenas sei fazer boas infusões medicinais. Posso não saber identificar os problemas corretamente e...

— Será mais que o suficiente, Ashia — o mestre a interrompeu. — Ficaremos em dívida para sempre.

— Sou eu quem os devo. Seu povo me salvou duas vezes, e nunca poderei fazer o bastante para recompensá-los. Bem, quanto a Bor'ze'il, devo fazer algum chá medicinal para que ela acelere a produção de sangue. Eu li muito sobre isso e vi relatos de feridos de guerra que estiveram à beira da morte. Posso fazer uma lista de algumas ervas?

— Faça a lista, e mandarei trazer o que precisar. Temos algum dinheiro, caso sejam encontradas nas barracas de comércio das duas cidades.

— Pois bem... — ela começou a procurar pela tenda por algo onde pudesse escrever.

— Senhorita... — Vescas não se aguentou e chamou. Ashia olhou para ele e continuou procurando.

— Sim?

— Meu amigo, ele...

Ela abandonou a busca e se aproximou de Billa.

— Me desculpe — ela disse, coçando o pescoço nervosamente —, não estou acostumada com isso. Eu devia ter dado mais atenção.

— Não se preocupe com isso. — Ele saiu de perto da cama e deu lugar à moça. — É que estou muito preocupado, ele tem idade avançada e já não...

— Pobrezinho... — ela interrompeu, fazendo exames rápidos, alguns exatamente como fizera com Bor'ze'il. — Ele também foi atacado?

— Não... estava bem até o segundo dia no acampamento dos brakkis. Digo, depois de termos eliminado todos, evidentemente. Billa simplesmente perdeu o apetite, disse que estava com o estômago embrulhado e com dores abdominais. Não conseguiu sequer começar a viagem de volta e teve de vir carregado na padiola. Você já viu isso, Ashia? Talvez seja por causa da idade?...

— Já lidei com pessoas de idade, e elas geralmente não caem de vez. Vão piorando gradativamente. Esse senhor comeu algo diferente ou bebeu alguma água meio turva e parada?

— Tudo que a gente come é diferente. Desculpe se fui grosseiro, mas estamos viajando há dias, ficamos presos no mato e quase morremos. Pensei que Billa estivesse estafado por ser muito velho.

Ashia farejou, detectando um odor estranho, como era evidente por sua expressão, e não demorou a encontrar. Virou Billa de lado e viu a túnica borrada pelos dejetos ressecados.

— Ele está desidratado e talvez com fome, isso é fato — ela concluiu, tentando virar o nariz para o outro lado e buscar um ar mais puro. — Um homem dessa idade nunca deveria viajar a pé. Mas não foi nada disso que o acamou. Continuo achando que ele comeu algo que não devia, e isso não é surpresa nenhuma, com comida vinda de um acampamento brakki. O peito chia um pouco, mas eu culparia a exposição que esse senhor teve a mau tempo e a más condições de conforto. Esse muco será expelido quando ele estiver mais forte e tossir um pouco. É o que acredito. — Ashia balançou a cabeça, procurando confirmar se Vescas prestava devida atenção. — Posso perguntar seu nome?

— Tiarbel — ele falou e se arrependeu em seguida. Odiava seu nome. Por que sua boca sempre funcionava antes da cabeça? — Digo... Tiarbel Vescas. Mas me chame de Vescas, e não Tiarbel. Se não se importa.

— Acalme-se — ela falou, meio que sorrindo. — Vescas, é isso? Pois bem. Posso acrescentar algo à lista para o Sr. Billa? Claro, caso você possa nos fazer o favor de ir buscar.

Ele se levantou imediatamente.

— Eu posso.

Ela encontrou um trapo de pergaminho e começou a escrever uma série de palavras. O mestre Yer'mene'il, aparentemente já mais aliviado, aproximou-se dela e tocou seu ombro.

— Sinto muito pelo que houve com você nos últimos dias, menina. Precisaremos investigar o assunto. Nossa comunidade é mal protegida, não temos paliçadas na outra margem do rio. Se estiver em apuros, precisamos saber quem são seus inimigos.

Ela balançou a cabeça em negativa.

— É como eu disse a Bor'gome'il, mestre. Se só os reis receberam esses animais, fico sem saída. Minha primeira suspeita sempre é e será Bärdey.

Vescas estacou ao ouvir o nome.

— Desculpe... — ele interrompeu a conversa. — O que você disse?

Em outro ponto das periferias de Anahur, havia um homem vestindo roupas sujas e capuz. Ele tinha uma caneca de madeira jogada no chão à sua frente, mas as esmolas recebidas eram escassas. Em certo momento, ele ganhou um botão de camisa e duas uvas-passas, mas parecia não se importar com isso. Seus olhos estavam atentos a um garoto que se aproximava.

— O que eu faço? — o menino perguntou, assim que parou diante do mendigo. — Até que eu gostei da sua roupa. Está parecendo mesmo um desabrigado.

O pedinte olhou para os lados e certificou-se de não haver olhos curiosos ao seu redor. Um pescador descia da canoa e recolhia a rede de pesca, uma mulher esfregava um par de calças encardidas na tina, e um dos drinares carecas mijava atrás de uma moita. Estava tudo certo.

— A garota giiudin está naquela tenda de enfermaria — ele falou, apontando discretamente. — Quero que faça sua cara mais triste e vá até lá pedir alguma coisa. Mas não é para pedir e virar as costas. Quero que puxe assunto, descubra alguma coisa. Entendeu? E tome cuidado. Ela está cercada por caçadores. Seja convincente.

O garoto coçou o lado direito do rosto, bem por cima das cicatrizes.

— Deixa comigo, seu Canhoto.

32 – O Domo

Os olhos de Bärdey iam da arena vazia às arquibancadas e, destas, aos muros e às égides, ainda acesas e vibrantes, com seus círculos cor de arco-íris. Começava a se preocupar, pois, a essa hora, Ziuruh já deveria ter dado um sinal, feito qualquer coisa. O sol já estivera no meio do céu e começava a fazer uma curva típica do início da tarde.

Seus dedos tamborilavam nervosamente sobre os joelhos. A única coisa que o distraiu e o fez pensar em outra coisa foi a movimentação nos camarotes reais, localizados a norte da arena e à meia altura em relação às arquibancadas. Ali estavam reunidos a rainha Tar'lezz — e, para nenhuma surpresa, a duquesa Xer'bata a tiracolo —, o rei Albus, com sua pele amarela e adoentada, característica que o acompanhava há décadas, bem como soldados mistos de Fienne e do Forte Branco. É claro, vestindo uma túnica branca e preta, um chapéu mais espalhafatoso que o do próprio rei, estava sentado e recebendo mimos o odioso ministro Kacima.

Os punhos de Bärdey se fecharam até os nós de seus dedos ficarem brancos, e ele desejou abrir caminho em meio à multidão, escalar a sacada do camarote e enfiar a adaga no olho do desgraçado. Sua testa começou a suar apenas por pensar nisso, e ele se preocupou, tratando de se acalmar, antes que o desejo de matar o dominasse por completo. Faria tudo na hora certa, quando a batalha estivesse ganha e os prisioneiros reunidos. Ele, como novo líder da cidade, decidiria quem viveria e morreria, e como morreria. Queria que Penumbra estivesse ali agora, pois Bärdey certamente conheceria excelentes técnicas inovadoras de tortura para praticar no ministro, mas seu velho companheiro tinha outras incumbências de igual importância. Ficaria a postos em Fienne e entregaria os documentos para chantagear Bertom quando tudo estivesse resolvido em Gatuste. Documentos esses, era evidente, resgatados por Canhoto. Quem sabe ele não traria também a garota giiudin para sofrer o destino dos prisioneiros...

A voz do árbitro o fez voltar à realidade.

— Senhoras e senhores — bradou ele, recebendo imediatamente uma salva de palmas e urros ensandecidos —, estamos reunidos hoje, no último dia de festividades, para celebrar nossa mais tradicional cerimônia. A iniciação de hoje nos honrará com nada menos do que a presença da própria princesa Lor'tui. — Mais gritos e, dessa vez, acompanhados de assobios indecentes. — Ela lutará contra um inimigo encontrado pelos bravos caçadores na ameaçadora Floresta Umbrosa. Um ser capaz de rasgar um homem em pedaços, senhoras e senhores, portanto... — ele fez um gesto misterioso — não deixem seus lugares. Acontece

que nada nem ninguém pode intimidar uma guerreira de sangue real. A princesa jurou lealdade à cidade de Fienne e, já aos catorze verões de idade, jurou com o próprio sangue defendê-la de qualquer perigo. Portanto, com o intuito de sair da cerimônia consagrada pelo nome Bor'tui e uma autêntica caçadora, aí vem ela! Por favor, uma salva de palmas para a filha de Sua Majestade Tar'lezz e futura herdeira da linhagem real, a princesa Lor'tui!

As arquibancadas tremeram quando a jovem saiu de um dos portões posicionados debaixo dos assentos e se direcionou ao centro da arena. Os espectadores ao lado de Bärdey se levantaram e o acotovelaram, insistindo para que ele também ficasse de pé, mas ele, irritado pelo cheiro pungente de porco vindo de alguns deles, fingiu não perceber e manteve-se em seu lugar. Cornetas tocaram, trinando notas altas em acordes que serviam para chamar a atenção do público para o camarote, pois a rainha drinar estava de pé. Ela aplaudia, orgulhosa, sem manifestar qualquer tipo de apreensão em relação à segurança da filha.

Quando a balbúrdia da plateia terminou, o árbitro abriu os braços, agradecendo o apoio, e a princesa posicionou-se, séria, de frente para o estande de armas. O orador continuou, com sua voz potente:

— E agora conheceremos o adversário da inicianda. Que entre a criatura mais vil já encontrada na divisa dos três reinos! Diretamente da Floresta Umbrosa... — as cornetas fizeram uma melodia misteriosa — o homem-brakki!

Bärdey apoiou-se sobre os joelhos e inclinou o corpo para frente, interessado. Queria ver como a menina se sairia contra aquela besta enorme e poderosa. Queria ver também se o mestre Yer'lenel havia implantado alguma dificuldade no monstro para que ele não lutasse com toda sua força. A multidão fez algum silêncio enquanto traziam a besta acorrentada para a arena, e não deveria ser para menos. Não havia nada parecido com aquilo nos quatro reinos. O homem-brakki foi puxado por quatro soldados, havia correntes em seus pés, limitando sua abertura de pernas a não mais do que dois ou três palmos e, quando os pés peludos pisaram no círculo de pedra, Bärdey pôde notar a forma como ele mancava, deixando filetes de sangue pelo chão. Os soldados haviam cortado um dos tendões.

Ele riu. Os vermelhos eram os exatos filhos da puta que ele sempre achara.

— Capturado com muita dificuldade por um destacamento de caçadores — o orador disse, meio que justificando os machucados no monstro —, o homem-brakki chegou a matar o primo de um dos nossos mestres. É um desafio mortal, não tenham dúvidas, senhoras e senhores, mas temos plena confiança de que a princesa está... apta para o desafio.

Bärdey fez questão de olhar em direção ao camarote mais uma vez. A rainha, com o rosto endurecido de seriedade, não parecia demonstrar agora tanta confiança quanto tentava vender o árbitro. Mas ela, certamente para manter as aparências,

continuava debilmente batendo palmas. Dois serviçais a imitaram, batendo as mãos com mais vigor, até que a multidão começou a fazer o mesmo. Em instantes, o frenesi voltava à arena.

Eram dois os tipos de armas disponíveis no estande, os manguais — excelentes para arreentar os miolos de qualquer um com aquela bola espinhenta na ponta de uma corrente — e pares de adagas. A princesa se aproximou do mostruário após uma vigorosa medida do árbitro e passou os dedos pelos espinhos, tentada. Acabou escolhendo um par de adagas douradas. Armas sem muitos adornos, de pontas retas. Ela as girou nas mãos, demonstrando saber o que estava fazendo, e o árbitro autorizou a escolha. A plateia começou a cantar uma canção famosa por exaltar as qualidades drinares.

A princesa havia explicado no dia anterior que, quando as iniciações envolviam pessoas importantes ou quando o adversário era extremamente perigoso, os drinares tratavam de selar a arena. Então, pela primeira vez, ele via com seus próprios olhos. As quatro égides brilharam mais forte lá no alto — certamente controladas pelos habilidosos magos da capital — e lançaram fochos de luz por sobre a área circular de basalto. As luzes se encontraram e formaram uma espécie de domo colorido, mas transparente o suficiente para a boa visibilidade de todos. Isso impediria uma eventual dispersão do monstro e garantia a segurança dos que não participavam. O homem-brakki, vendo a nova cobertura de luz sobre sua cabeça, ficou ainda mais irritado e raspou as patas no chão, arranhando a pedra. Seus urros não podiam ser ouvidos por causa da cantoria e dos assobios, mas apenas contemplar a imagem já causava calafrios.

Quando os soldados desprenderam as hastes responsáveis por segurar a coleira de aço no pescoço, começou o combate. O monstro tentou primeiro bater neles, mas, espertos, deram passos para trás, saindo do domo de proteção, antes de tomarem um golpe. As garras pretas bateram na luz e ricochetearam. Foi como se batessem em uma placa de ferro, e isso o fez ficar ainda mais furioso. Ele, então, voltou sua atenção para a única pessoa restante na arena — até o árbitro já havia saído de fininho —, a princesa Lor'tui.

Bärdey acomodou-se melhor para poder aproveitar o espetáculo e, se ele esperava um combate de proporções memoráveis, se decepcionou. Com apenas uma perna funcionando direito, um domo que limitava sua velocidade, coleira e grilhões de aço e ainda uma plateia urrando e tirando sua concentração, o monstro mostrava-se um oponente milhas à frente da garota. Ele saltava com velocidade sobre-humana, obrigando-a a se esquivar e nunca dando brecha para que ela contra-atacasse. As patadas cortavam o ar, arrancando tiras das roupas e fios de cabelo. Depois de três giros sobre a arena, o monstro parecia ficar cada vez mais ensandecido, enquanto Lor'tui já ostentava cortes na perna. O sangue dela só não

chocava as pessoas porque a calça preta ajudava a disfarçar, mas as mãos, habilidosas em girar e manipular as adagas, já estavam estáticas, cansadas.

Com um último movimento, o monstro se arremessou diante da princesa e a derrubou de costas no chão. Ele, montado por cima dela, ergueu os braços bem no alto da cabeça e soltou um urro capaz de fazer estremecer, pois todos ali tiveram a certeza de que a moça seria despedaçada diante de seus olhos. Lor'tui tentou se debater, mas o peso do brakki enorme parecia insuportável, e só se via os pezinhos dela, as botas batendo os calcanhares na pedra preta. Bärdey balançou a cabeça e deu adeus ao seu plano de lambar todo aquele corpo jovem. Lamentou que também providenciariam para que a cabeça do homem-brakki fosse cortada quando tudo acabasse. Isso era uma pena, pois tratava-se de um espécime digno de meses de estudo nas mãos de Crentos ou Ziuruh.

Mas a luta ainda não havia acabado. Pelo menos não daquela forma.

Tirando forças sabe-se lá de onde, a princesa esticou o braço e apanhou uma das adagas, caída próxima a ela. Cravou a lâmina com toda a força na coxa da fera, e o sangue esguichou por sobre a pelagem cinzenta. Ainda mais enlouquecido, o monstro agarrou o braço da moça, antes de ela poder desferir um segundo golpe — e sim, o membro seria arrancado do tronco sem muita dificuldade —, mas o que ocorreu em seguida o deixou de queixo caído.

Ainda segurando o pulso da princesa, o monstro foi emagrecendo, perdendo a pelagem — aparentemente ela se retraiu para dentro da pele — e o monstro transformou-se, gradualmente, em homem novamente. Não era a forma como Bärdey o conheceu, pois na cela ele estava num estado entre o homem e o monstro. Agora não. Era uma pessoa normal. A plateia fez um burburinho, um zumbido como que emitido por milhões de abelhas. O domo ainda se mantinha intacto, mas o árbitro criou coragem para se aproximar, andando devagar, com as mãos juntas em uma evidente expressão de curiosidade. Também vieram os soldados que antes estavam espalhados pela arena, todos querendo ver de perto o homem. Bärdey também ficou curioso. Incomodado, na verdade, afinal, aquele rosto não era estranho.

Aproveitando-se do tumulto provocado pela plateia — e isso demandou o controle de vários dos guardas —, Bärdey deixou a primeira fileira, pulou a arquibancada e caiu sobre a areia do anel. Olhou para trás, para certificar-se de que não o seguiam, e se aproximou dos dois combatentes. A princesa ainda estava caída no chão, pressionando um dos cortes feitos em sua perna, mas ela já não parecia preocupada com o homem seminua a seu lado. Toda a roupa dele era agora reduzida a alguns farrapos dependurados cobrindo sua virilha. Ele mesmo parecia bastante desorientado.

E Bärdey, chegando mais perto, finalmente o reconheceu. Um calor subiu por suas costas.

Aquele era Symas, um homem que ele havia matado fazia um tempo. Armara uma emboscada contra ele na Floresta de fogo, a mando do Rei Bertom, e roubara seu cordão com uma das relíquias de Giius. A Lágrima. Bärdey arregalou os olhos e sentiu um incômodo nunca sentido antes. Como uma criança ao descobrir as enfadonhas verdades por trás das histórias assustadoras de roda, ele se deu conta de que talvez a pedra funcionasse.

É claro, o mestre Yer'lenel havia dito que o homem-brakki tinha sido uma criação do Braço Negro, uma organização praticante de ritos macabros, sediada em Lineliande. O próprio Symas era daquela região. Seria essa a razão pela qual ele portava o cordão com a Lágrima? O rei sabia sobre o passado de Symas e havia esperado a hora certa para apanhar o objeto? Mas isso era absurdo! A história sobre os deuses não passava de uma lorota, e ele tinha — ou voltaria a ter, quando a garota giiudin fosse pega — documentos capazes de comprovar.

E Bärdey se lembrou de algo mais. O mestre drinar também havia dito que o homem-brakki, ao ser pego, confessou seus crimes. Teria dito algo sobre não ter controle total das próprias ações quando ficava transformado ou algo do tipo. O homem-brakki mencionou ter tido uma espécie de talismã mágico.

As lembranças da conversa com o drinar e a realidade exposta diante de seu nariz foram como um baque para Bärdey. Symas sobreviveu à sua emboscada, mas isso nem era mais uma coisa surpreendente. O próprio Symas sempre soubera a respeito de sua monstruosidade e fora subtraído de seu lado humano por causa dos planos de Bertom. Não que Bärdey se importasse, mas o gorducho deveria ter tido a decência de contar seus planos em detalhes, na época.

E, pensando mais friamente, talvez o mais surpreendente fosse o resultado da luta. Yer'lenel não tinha mencionado o fato de o monstro abandonar a forma de brakki instantaneamente, pelo contrário. O drinar dissera que Symas ficava quase meia hora em agonia até voltar a ser homem novamente. Isso significava uma coisa deveras interessante: algo na princesa desencadeou a quebra do feitiço, exatamente como a Lágrima fazia. Tinha de ser isso.

— Symas Luda... — Bärdey falou, abrindo os braços de forma provocativa. — Ora, ora... Deveras um lugar inusitado para nos reencontrarmos, não acha?

Symas virou o rosto ao ouvir seu nome e ficou encarando Bärdey com os olhos semicerrados. Não devia o estar reconhecendo por causa dos disfarces.

— Quem?... — Symas perguntou e logo fez uma careta. Tentou se mover, mas os ferimentos em sua perna sangravam e pareciam sérios.

Mais pessoas tentavam sair das arquibancadas, mas os guardas os ameaçavam com as lanças. Uma corneta soou nas muralhas da cidade, e aqueles

próximos à arena voltaram seus olhares para as égides. Bärdey não entendeu o sinal, mas uma onda de excitação começou a percorrer seu corpo. Poderia ser o exército de lagartos se aproximando, finalmente. Várias cornetas se juntaram à primeira, e novos pelotões e destacamentos de soldados começaram a correr pela arena, subir as escadas que davam para as balaustradas da muralha. Outros grupos vieram até as arquibancadas e se juntaram aos soldados da contenção de plateia. Dois drinares besteiros se aproximaram de Bärdey e o interromperam:

— Senhor emissário, temos ordens para evacuar a arena. Venha conosco, por favor.

Então havia chegado a hora. Bärdey lançou um último olhar a Symas e sorriu, tendo certeza de que, agora sim, seria reconhecido. Os olhos de Symas, abrindo-se ao máximo, confirmaram.

— Você... — Symas espumou e se levantou rapidamente. Apesar dos ferimentos e das correntes, socou o domo de luz, mas tudo que causou foi um ruído seco. — Eu vou esfolar a sua cara, desgraçado. Fique quietinho aí!

Bärdey fez um gesto com as mãos e se juntou aos soldados. Falou, ainda com um sorriso no rosto:

— Sinto não termos mais tempo, velho amigo, mas fico feliz em ver que ainda está vivo. Por enquanto, pelo menos.

Symas continuou esmurrando e dando encontrões no domo. Gritava, espumando pela boca:

— Volte aqui! Devolva o que roubou, miserável!

— Você nunca precisou do cordão, Symas...

E então Bärdey deu as costas e saiu com os guardas.

Symas não tinha mais forças para bater no domo e já desistia quando sentiu uma mão puxando o resto de suas roupas. Ele olhou para trás e viu a princesa Lor'tui, também ferida, as calças lanhadas por golpes dos quais ele não se lembrava, mas teve certeza de ter desferido.

— É inútil — explicou ela, apontando para o domo. — Ele deve ser desligado em breve, se quiserem me levar para algum lugar seguro. Esses toques de corneta sinalizam perigo vindo de fora das muralhas.

Symas baixou os olhos para as pernas ensanguentadas da jovem drinar e perguntou, envergonhado:

— Eu fiz isso?

Ela deu de ombros.

— Suspeitei que não se lembrasse e, pelo ódio com que olhava para o emissário, imagino que ele tenha algo a ver com isso. Minha mãe sempre me disse

para ficar atenta aos governantes humanos. O tal emissário sempre me pareceu suspeito, e é por isso que o vigiei de perto durante os dias de festival.

— Acha que estão cercando a capital?

— Não só isso. Acredito que Cerne tenha culpa e que o emissário tenha vindo coletar informações. Mas não estou tão preocupada. Não é possível desativar as égides.

Symas procurou pela área, correndo rapidamente os olhos, mas não via mais Bärdey em parte alguma. Já devia estar escondido ou saindo de fininho, como sempre fazia. Isso seria inaceitável.

— Aquele não é um emissário de Bertom — Symas explicou. — O emissário Gobe morreu faz muito tempo e se vestia daquela forma. O homem é ninguém menos que Gilliam Bärdey, o salafrário mais salafrário dos quatro reinos. Fez bem em vigiá-lo, mocinha, mas correu muito risco, se quer saber. — Ele balançou a cabeça e a dor o físgou. Estava com enxaqueca como se tivesse bebido duas garrafas de aguardente. — Desculpe. Estou pelado em sua arena e tentei matá-la. Você é a princesa, filha de Tar'lezz, não é? Se parece muito com ela. Diga-me de uma vez, para que eu não me iluda mais tarde. Seus soldados vão me matar?

— Vão — ela disse, simplesmente. — Pelo que ouvi, você matou um de nós.

— Mas eu...

— Não teve culpa, já sei. — Ela se aproximou perigosamente, as duas adagas nas mãos. Era uma garota, mas era drinar e não estava tão machucada quanto ele. — Ouça-me bem, humano. Digamos que eu esteja disposta a ouvir sua história, então você vem comigo. Mas se tentar alguma coisa, se eu vir qualquer mudança em seu comportamento ou algo que remeta à sua transformação, não hesitarei em fincar essas duas nos seus rins. Me ouviu bem? Tudo o que quero é saber o que está acontecendo e se meu reino está em perigo por causa desse homem... Bärdey.

Symas balançou a cabeça.

— Apenas me tire daqui, e conto tudo. Mas mande seus guardas o prenderem. Se ele fugir...

— Ele não vai a parte alguma. Se há um cerco na cidade, ninguém sai, a não ser que seja um mago drinar ou alguém autorizado por um. As égides não permitirão.

A princesa fez um sinal em direção a uma das torres e, em questão de instantes, o domo na arena foi desativado. Dois guardas vieram depressa em seu auxílio, mas ela os dispensou com autoridade. Symas viu pessoas se acotovelando para escapar das arquibancadas, ouviu gritos de mulheres e crianças e olhou diretamente para o camarote onde havia algumas figuras conhecidas. A rainha olhava de um lado a outro, mas soldados a cercavam, como se a protegessem. O

mesmo acontecia com a figura patética e conhecida de Symas, o rei Albus. O patife teria o que merecia em breve.

A princesa deixou o pátio de pedra, seguiu por um caminho contrário ao da plateia e entrou em um dos portões localizados por baixo das arquibancadas. Sempre fazendo gestos com as mãos para que Symas a seguisse — o que ele fez de bom grado, apesar de se locomover com dificuldade. Eles apanharam tochas e desceram escadas de ligação com os cômodos do calabouço. Lá embaixo, ela parou de frente para uma porta de madeira e disse:

— Os guardas costumam guardar suas coisas aqui. É como se fosse um depósito. Encontre algo para vestir e volte depressa. Ah, antes disso... — ela foi até a parede a apanhou um martelo e um objeto comprido, como um cinzel. — Deixe-me remover pelo menos os grilhões das suas canelas.

— E se alguém aparecer?

— Eles estão ocupando suas posições na muralha neste momento — disse ela, dando golpes nos rebites dos grilhões de aço e os desprendendo. Symas sentiu alívio ao ter o peso retirado da carne infeccionada. — Se a cidade está cercada, trocarão disparos de bestas e flechas até que os inimigos dispersem e desistam do sítio. Temos algum tempo para passar essa história a limpo.

Symas não soube o que dizer em agradecimento e apenas balançou a cabeça, o que pareceu suficiente para a princesa. Então, ele obedeceu à orientação e entrou na salinha escura. Enquanto procurava por roupas, ponderou sobre o tipo de plano desenvolvido por Bärdey para atacar a cidade. Ele era um louco, mas não era estúpido. Provavelmente descobrira alguma forma de invadir as muralhas. Talvez neutralizando os magos das torres... Mas o que ele poderia querer em Fienne? Bärdey havia, na arena, mencionado a Lágrima por nome. Ele sabia a real origem do objeto, mas qual era a utilidade da pedra nas mãos dele? Estaria obedecendo a ordens do rei Bertom? Era confuso demais, e a dor de cabeça só piorava. Contaria tudo à princesa e depois procuraria pelo rato covarde. Uma pergunta ficaria martelando a cabeça de Symas durante horas:

Por que, segundo Bärdey, Symas não precisava da Lágrima?...

Symas encontrou um par de roupas de camponês e uma cota de malhas. Infelizmente, a armadura era pequena demais para ele. Devia servir em Vescas, que tinha metade de seu tamanho. Symas riu com o pensamento. Sentia falta do companheiro atrapalhado. Inconformado, vestiu os trapos cinzentos e largos, mas não era pior do que ficar nu em praça pública. Ele abriu a porta e deu de cara com a princesa em posição de defesa. Ele abriu os braços em defensiva.

— Ainda estou aqui. Acalme-se.

Ela guardou as adagas e apontou com o queixo para duas cadeiras posicionadas ao lado de uma bacia de fogo eterno.

— Cautela nunca é demais. Vamos conversar.

Symas assentiu e deixou o corpo cair em uma das cadeiras, e a princesa já começava o interrogatório, também se sentando.

— Quero partir do começo. Qual é seu nome, humano?

Ele se preparava para formular uma boa frase de introdução à sua longa história quando um novo sinal de cornetas, bem diferente do primeiro, repicou no ar. A princesa se levantou como se tivesse se sentado em uma folha de espinhenta.

— Não... — o rosto dela estava mais branco que o normal. Ela sacou as adagas e se esqueceu completamente da presença de Symas. — Não...

Symas assistiu, perplexo, enquanto a moça subia as escadas apressadamente, alheia a qualquer outra coisa. Algo grave estava acontecendo lá em cima, mas não o interessava, na realidade. A princesa o dera uma oportunidade, e ele aproveitaria. Ele se levantou, então, e olhou ao seu redor. Prestou atenção por um tempo. Não ouvia absolutamente nada, exceto seus próprios passos e respiração. Não seria louco de subir atrás dela, pois os soldados ainda o queriam, então só restava uma coisa a fazer: exploraria o calabouço furtivamente e procuraria um jeito de escapar. Pelo menos fugir até um dos bairros residenciais, onde os guardas não o conheciam. Queria se afastar da vigília do mestre Yer'lenel também, era evidente. Um reencontro entre os dois seria fatal para Symas. Portanto, qualquer lugar era mais seguro do que ali.

Mas não sairia de Fienne sem Bärdey de jeito nenhum.

Bärdey havia se desvencilhado dos guardas e dado um jeito de se aproximar sozinho das muralhas. Sua excitação estava no limite. Os lagartos fizeram exatamente como combinado e cercaram a parte sul da cidade, enquanto o pelotão de Ziuruh se encarregaria de surpreender os drinares pelo fraco portão norte. Perfeito. Sincronizado.

Ele avistou uma das escadas usadas pelos soldados e esperou um momento oportuno. Em um dos poucos momentos sem movimentação ali, desde o primeiro toque das cornetas, Bärdey aproveitou para avançar. Subiu os degraus de dois em dois até galgar o patamar do meio, entre os lances, e se abaixou antes de alguém o avistar. Esperou, encostado num estande de flechas, um guarda terminar sua ronda e recomeçou a subida apressada até o topo. As balaustradas eram altas, mas tinham altura suficiente para ele ver o que se passava lá embaixo sem precisar subir num tamborete. À sua esquerda, havia a torre sudoeste e certamente estaria apinhada de soldados vermelhos. Então, ele resolveu não continuar. Contentou-se em contemplar dali mesmo o resultado de suas táticas.

Só podia ver uma fração do exército lang'oár, mas já dava para ter uma amostra de sua magnitude. Cinco mil lagartos armados com lanças, machados,

maças, arcos e espadas; também vestindo cotas de malha, gibões de couro, ombreiras, saiotes e botas reforçadas. Bärdey olhou para o Norte, mas não viu nada, graças à curva robusta das muralhas, que bloqueavam sua visão. Mas ele sabia da chegada de Ziuruh em breve, e ela seria gloriosa. Que os imbecis dos lagartos no Sul os distraíssem por tempo suficiente.

Só então Bärdey reparou o motivo dos últimos trinados de corneta, e sua pele se arrepiou de emoção. Uma das égides já estava desligada. Era a responsável pela torre noroeste, e os drinares estavam em polvorosa, tentando entender o motivo.

O calor da tarde batia impiedosamente na cabeça dela e se somava ao mormaço daquela região cheia de matagais. O castelo de Paniase, enfiado em meio às árvores, despontava escuro e cheio de musgo no horizonte. Alda estava perto. Ela estava semimorta, assim como seu cavalo. Esperava que seu bebê, já sem se mexer fazia dois dias, pelo menos estivesse com saúde o suficiente para nascer ali mesmo, na cidade.

Vendo o vulto dos guardas do portão, ela sentiu suas vistas ficando borradas e seu estômago embrulhando. Não podia desmaiar. Ainda não. Precisava contar ao duque sobre o rei de Cerne. Sobre como ele andava trabalhando com homens como Bärdey. Alda não teve forças para evitar que o próprio corpo tombasse de lado, mas, por sorte, um dos guardas era um indivíduo robusto e a segurou sem dificuldade.

— Senhora? — Ele deu nela uns tapas no rosto. — Está bem, senhora? Quem é você? — O soldado estalou os dedos e chamou ajuda. — Água, depressa!

33 – Vá à Merda

Quando a quarta e última égide se apagou, Bärdey quase pôde tocar o medo da população em Fienne. O cenário que antes era de leve apreensão, mas calcado em uma profunda segurança, se desmoronou feito um castelo de areia, e os bravos guerreiros deixaram escapar de suas gargantas palavras presas há muito tempo. Os civis, ainda sendo escoltados para a praça central, não caminhavam mais enfileirados, conduzidos por disciplinados soldados de armadura. Agora a cidade havia se tornado palco de uma algazarra de gritos, pisoteamentos, xingamentos e protestos. As pessoas, principalmente os humanos, passavam derrubando barracas com os peitos abertos, trocavam socos com quem tentava atravancar seu caminho e juravam promessas de retaliação quando tudo terminasse. Os quatro governantes foram mais invocados naquele curto espaço de tempo do que em todo o tempo de seus reinados.

E Bärdey ria... Ria a ponto de a baba escapar dos lábios e se alojar no queixo.

Mas, como ele logo viu, os soldados drinares eram metódicos, ordenados e, em pouco tempo, tomaram medidas para conter a invasão dos lagartos. Os graduados capitães estavam distribuídos entre as muralhas — a essa altura, os soldados já não se importavam com a presença de Bärdey ali —, dando ordens, separando os combatentes em fileiras, colocando os besteiros nas ameias, e os arqueiros estavam posicionados dentro das largas torres, dispostos em posição confortável para atirar através das fendas. Do alto das torres, era possível ver os alçapões recheados de matacões prontos para despencarem nas cabeças dos invasores.

A luta começou no Sul, onde deveria. Escadas com ganchos nas pontas foram lançadas para as muralhas e, em pouco tempo, começavam a surgir as primeiras cabeças répteis ansiosas em saltar logo para dentro. Os besteiros eram implacáveis, e uma sarivada de virotes penetrou profundamente a armadura enferrujada dos lang'oárs, repelindo a primeira onda. Uma infantaria estava colocada a postos nas ameias, com espadas em punho, prontas para cortar os primeiros que burlassem as defesas. Os soldados murmuravam entre si, inquietos, apesar das posturas austeras, indagando como os inimigos haviam se aproximado sem que as sentinelas os avistassem à distância. Nesse momento, Bärdey teceu um elogio mental a si mesmo, por ter escolhido Ziuruh como comandante das tropas. Ele os havia camuflado com sua mágica e os liberara na hora certa.

Mais escadas foram jogadas nas muralhas, e o número delas começou a ficar tão grande, que outros destacamentos tiveram de abandonar seus postos na área

norte para ajudar também no portão sul. Bärdey se divertiu, deliciosamente, diante da cena. Longe dali, passava uma escolta bastante reforçada, levando para a torre central os representantes reais, dentre eles a rainha Tar'lezz e o rei Albus. Não demorariam a procurar por ele também; o emissário de Bertom.

Os drinares organizaram um destacamento especial para segurar o portão sul pelo chão, e a infantaria começou a levantar vigas de carvalho para prender nas folhas, pois os aríetes dos lagartos já davam seus primeiros coices na madeira espessa. Do outro lado da fortaleza, ouvia-se o zumbido de milhares de lang'oárs proferindo maldições em seu idioma, chiando feito cobras e exalando o cheiro de peixe podre que Bärdey duvidou veementemente não estar incomodando os defensores. O capitão Yer'lio também veio para o Sul com seus homens — ou seus drinares — e tomou posição no alto da muralha, ordenando que abrissem as comportas e derramassem os matacões sobre os inimigos. Enquanto as pedras caíam, esmagando-os como insetos, pelas cercanias da muralha começavam a subir lagartos enlouquecidos, como que vomitados pelo mundo lá fora. Bärdey se afastou e desceu as escadas, procurando por novos locais onde pudesse apreciar o conflito. Os lagartos não o atacariam, é claro, mas os drinares não sabiam disso ainda.

Como as égides eram importantes para eles, pensou Bärdey. Sem a proteção mágica, a cidade não se comparava em nada com Cerne, cujo castelo era quase inexpugnável. Mas uma coisa de cada vez, ele gostava de pensar.

Symas andava a passos curtos na escuridão quase total dos calabouços — passos curtos era tudo o que ele podia dar com um tendão lacerado e uma ponta de flecha alojada na panturrilha esquerda. Já não era uma perna muito boa e agora estava pior. Meneava a tocha de um lado a outro, medindo a largura dos corredores, passava por dezenas de celas, a maioria abandonada. Umas fediam a dejetos, como a dele, e outras exalavam um cheiro mais podre, como de animais em decomposição. As celas ainda ocupadas alojavam prisioneiros semimortos, escravos comprados para servirem como adversários nas lutas de iniciação e também brakkis. Esses últimos haviam morrido todos ou estavam tão doentes, que já nem se manifestavam. Symas salivou e cuspiu no chão, praguejando contra os drinares. Nunca pensou que o povo vermelho pudesse ser tão sujo quanto o povo humano. Ele levantou a cabeça e olhou para o teto quando ouviu sons de batalha vindos da superfície.

Demorou um tempo até encontrar uma porta nos fundos do labirinto, mas ele finalmente saiu para uma escada oposta à da arena. A iluminação do sol deixava os degraus embranquecidos. Devia estar no setor nordeste da cidade, especulou. Subiu os degraus com cuidado, a cabeça abaixada, mas já sem tanto medo de ser reconhecido, agora que usava roupas de um dos soldados. As ruas estavam vazias,

e os últimos habitantes estavam sendo escoltados sob protestos para o pátio central da torre.

Sua primeira providência foi esgueirar-se por trás de uma das casas, onde havia, perto de uma mesinha nos fundos, alguns vasos e barris. Ele tirou todas as tampas dos recipientes, e quase todos estavam cheios de estopa, palha e uma eventual maçã já meio enrugada. Guardou uma para mais tarde e, em uma cacimba, encontrou água fresca. Com as duas mãos, espalhou água pelo rosto, bebendo até encher a barriga e se refrescando. Fazia tempo que precisava. Foi como ganhar um novo sopro de vida. Depois, ele enfiou a cabeça para deixá-la esfriar por uns momentos. Pensou no que fazer em seguida. Não podia se proteger na praça, pois seria pego em um instante pela guarda, e não podia ficar ali.

Acima dele, na muralha, os soldados em guarda largaram suas posições e começaram a correr para o Norte. Gritavam palavras em seu idioma nativo, e o tom era de urgência. Symas não demorou a descobrir o motivo. Um estrondo ensurdecedor veio do Norte, seguido pelo som de madeira rachando e pedras despencando uma por cima da outra.

— Chifres de Koma... — Symas exclamou, recuperando o fôlego após o susto. Haviam destruído a entrada? Como?

Ele ficou tentado a se locomover nas sombras até o portão, mas sua cautela o orientava a dar logo o fora dali se não quisesse ser pego no meio do conflito. Pelo cheiro que já empestava a cidade, Bärdey havia contratado lagartos para lutarem ao seu lado. Mas lagartos não eram tão bem equipados a ponto de destruir muralhas, isso era comum em barragens de catapultas, e elas eram bem caras e raras.

Passos leves ecoaram pela rua, e Symas, encostado na parede, olhou de esguelha. A princesa subia para conferir a origem do estalo. Sem pensar muito a respeito, aproveitou a ocasião e assobiou discretamente para ela. Lor'tui parou e olhou diretamente para ele. Em poucas passadas, ela estava junto dele.

— O que faz aqui? — ela perguntou. — Devia estar na praça central, com os outros civis. Não pense que me esqueci de nossa conversa.

— O que aconteceu no portão norte? — ele indagou.

— Não sabemos ainda, mas é possível que os lagartos tenham nos flanqueado. Ainda não descobrimos o que causou a falha nas égides, mas a infantaria está fazendo um bom trabalho em rechaçá-los para fora das muralhas.

— Não posso ficar aqui.

— Então se esconda nos aquedutos ou em uma das casas. Encontre seu próprio jeito.

— Está tão segura assim de que eu não vou embora?

— Acredito que, enquanto seu inimigo estiver aqui, você não fugirá. — Ela olhou para trás e viu uma movimentação na rua. — Preciso ir, o mestre...

— Princesa — Symas reconheceu a voz pomposa —, devia estar...

Yer'lenel se destacava de seus soldados com sua armadura dourada e capa colorida. Ele estava parado no meio da rua, fazia um sinal com as mãos para que seus soldados seguissem para o portão norte e olhava para a princesa até o momento em que seus olhos identificaram Symas. Então ele veio depressa, comandando:

— Segure esse homem!

Symas deu dois passos vacilantes para trás — e por acaso a perna passou a latejar ainda mais — e já se preparava para fugir do mestre, mas a princesa o tranquilizou:

— Fique aqui. O mestre não lhe fará qualquer mal. — Ela deu as costas para Symas e confrontou o mestre drinar. — Senhor Yer'lenel, quero que esqueça os últimos eventos, por ora, e se concentre no ataque ao portão. Deixe que eu me encarregue do homem-brakki.

— Mas Sua Alteza... — o mestre abriu os braços, inconformado — ele é perigoso.

— É uma ordem, mestre mago.

Ele cruzou os braços atrás das costas e baixou a cabeça. Fez um muxoxo e falou, com uma nota passivo agressiva:

— Sinto... — ele levantou o queixo e sorriu tristemente — que tenha de ser assim.

Com um movimento rápido demais para o olho humano acompanhar, o mestre sacou, Symas não soube de onde, uma espada curta e desferiu um golpe transversal na barriga da jovem princesa. Por ela estar de costas, Symas não pôde ver a expressão de dor em seu rosto, mas as mãos dela juntaram-se automaticamente no ventre, acudindo os intestinos de caírem no chão. Ele soube, porque algumas partes caíram. Logo depois, caiu ela própria, sem dizer uma palavra. Symas ficou atônito e se afastou, andando para trás, até suas costas baterem contra a parede de uma das casas. O mestre andou calmamente em direção a ele, quase de forma dançante, o cotoco de cabelo no alto da cabeça calva balançando de um lado a outro, as tranças próximas às orelhas se agitando.

— Não, homem-brakki... — ele cantou — não será tão fácil escapar de seu julgamento. — Ficou a meia braça de distância e enfiou a mão em um dos barris, retirando um punhado de estopa. Começou a limpar o sangue da espada e a explicar. — Seria um sacrilégio misturar seu sangue ao da adorada princesa, espero que entenda. Mas não vou matá-lo, só cortar uma ou duas partes. Seu sofrimento não acabou.

O mestre chegou ainda mais perto, e Symas pôde sentir o cheiro de arruda que ele exalava. Abriu a boca para falar a próxima frase, mas, em vez de palavras,

saiu sangue. Yer'lenel, com os olhos esbugalhados, olhou para o próprio peito e viu outra espada, na mão de Symas, atravessando seu esterno. Symas se deliciou com a expressão no rosto dele. Deixou escapar, inclusive, uma gargalhada. Havia pegado a espada no depósito, junto das roupas, e a guardara na cintura, bem escondida nas costas. Reservara a arma para o caso de a princesa resolver atacá-lo e acabou sendo útil contra sua pior ameaça.

— Como... um ser inferior...? — o mestre caiu de joelhos, as mãos tentando acudir o sangue que jorrava do ferimento, os dentes vermelhos de sangue.

— Ah, vá à merda. — E Symas deu mais um golpe, terminando de cortar fora a cabeça.

Enquanto a areia se enchia de sangue, ele mancou até o corpo da princesa Lor'tui. Virou-a de costas e contemplou o estrago que o mestre havia feito. Tentou não movê-la muito bruscamente, para não espalhar ainda mais os intestinos, e fechou os olhos por um momento, desejando que ela passasse para uma outra vida em paz. No fim das contas, fora a pessoa mais gentil encontrada naquela maldita cidade. A mãe ficaria arrasada quando soubesse, Symas pensou, então ele decidiu que levaria algum objeto pessoal da princesa para ela. Daria a algum morador da cidade, diria que a moça fora morta em combate, mas não contaria a verdade. Seria cruel demais.

Ele procurou nos cabelos dela por alguma presilha, algum objeto de fácil identificação, e não encontrou mais do que um pedaço de barbante amarrando a trança. O pescoço estava nu, e os bolsos, vazios. A única coisa aparentemente pessoal era um bracelete de metal, incrustado com pedrinhas brilhantes e azuladas, e ele destoava do resto das vestimentas. Symas não vira outro daquele nos pulsos dos demais drinares, então devia servir. Ele segurou delicadamente o braço dela e puxou o bracelete, guardando-o no bolso em seguida.

Foi quando a comoção recomeçou.

Soldados batiam em retirada, vindos do Norte. Passavam pela rua principal atirando com arcos em direção ao portão, recarregando bestas, apontando, dando ordens, se espalhando. Outros jogavam as lanças encontradas pelo chão, mas todos, sem exceção, pareciam estar apavorados com alguma coisa. Lagartos desciam gritando e chiando pela rua, perseguindo os drinares fugitivos. Usavam as mesmas armaduras enferrujadas de sempre, mas estavam mais ferozes que o normal. Empalavam os inimigos e, depois, quando os corpos já estavam imóveis no chão, eles os perfuravam novamente, para se certificarem de tê-los abatido direito.

Então o chão começou a tremer, e um rugido grave como um trovão ressoou pelo ar. Os drinares começaram a entrar pelas casas, saltando pelas muralhas e entrando nas janelas, alguns se escondendo, outros procurando um ponto estratégico por onde pudessem efetuar mais disparos. Dois deles vinham correndo

na direção de Symas e, antes de chegarem perto, ele viu o monstro atrás deles, surgindo na rua. Uma criatura mais alta do que qualquer uma das casas, talvez mais alta do que as próprias muralhas. A própria boca cheia de dentes, feito estalagmites, parecia grande o suficiente para engolir um prédio de dois andares sem muita dificuldade. As patas, enormes, com três dedos do tamanho de dovers, pisavam com violência, esmagando o que encontravam pela frente, sem se importar se estava vivo ou não. Symas sentiu o sangue abandonando o próprio rosto. Como Bärdey havia conseguido aquilo? O que diabos era aquilo?

Um lagarto vestindo uma túnica, um ser bem diferente dos outros, estava montado em cima do monstro. Com as mãos erguidas para o alto, em comemoração, ele parecia controlar a criatura. Como era possível? Mais rugidos acompanhados de gritos de soldados despencando das casas, prédios sendo esmagados por patadas e cabeçadas, ordens de uma nova saraivada de flechas, tudo passou a compor a cacofonia do bairro. Symas desistiu de ter qualquer ideia depois de contemplar a magnitude daquele ser. Ele tinha de dar o fora dali. A luta havia acabado, e Bärdey havia vencido. Em meio aos gritos agonizante dos drinares, havia outros de júbilo vindos dos lagartos. O líder, montado no monstro, proferia palavras parecidas com orações, e cada nova frase dita parecia fazer a fúria dos subalternos aumentar. As sugestões da princesa voltaram à sua mente como água fresca. Os aquedutos.

Ele já se preparava para se defender dos dois soldados drinares vindo em sua direção, mas eles passaram direto e seguiram rumo às escadas da muralha. Symas guardou a espada de volta na cintura e aproveitou para fugir, sempre mancando e andando pelas sombras. Olhava constantemente para o chão, procurando uma tampa, uma grade, qualquer acesso ao sistema de escoamento e abastecimento. Sabia mais ou menos como funcionavam os aquedutos, construções geniais replicadas numa das antigas cidades drinares, Porto de Marea. Ele encontrou uma grade circular bem no fim do bairro, quase dando para a rua principal. O monstro se aproximava, destruindo tudo e fazendo subir no ar uma nuvem de poeira. A infantaria responsável por cobrir o Sul vinha em auxílio, mas isso abria espaço para as invasões dos lagartos pelas muralhas, e não demoraria muito para a cidade ser totalmente tomada.

Symas, sem lamentar — exceto pelo fato de estar prestes a deixar escapar, mais uma vez, o desgraçado Bärdey —, arrancou a grade do chão, enfiou-se na abertura e puxou a grade de volta.

Ele sentiu imediatamente a mudança na acústica. Os túneis, com água batendo até as canelas, lembravam o reverberar das cavernas. Ele se arrastou por um corredor escuro, tateando as paredes de pedra, procurando por algum objeto capaz de ajudá-lo a se orientar, esquadrinhando à procura de entradas de luz, mas a

penumbra logo se transformou em breu. Ele parou e raciocinou um pouco. Sabia que os aquedutos dispunham de mais grades superficiais nas áreas próximas à praça central, e ali ele teria mais visibilidade. Calculou mentalmente sua direção com base no bairro onde estivera e começou a descer o corredor, junto com a água de esgoto.

As luzes de outros pontos de abertura o ajudavam a se guiar, mas houve um momento em que seu coração quase parou, quando ele chutou alguma coisa, tocou e sentiu que era um rosto. Passou os dedos pelas sobrancelhas e, como não encontrou nenhuma, soube que era um soldado drinar morto em combate. Devia ter caído por um bueiro qualquer. Não demorou muito para encontrar também dois lang'oárs mortos. Symas ficou tentado a vestir alguma daquelas armaduras, mas seu cansaço o venceu. Não estava em qualquer condição de revirar corpos e seguiu em frente.

Quando a iluminação melhorou consideravelmente, o corredor se alargou e depois se bifurcou, como em forma de anel, ele teve certeza de estar por baixo da praça central. O miolo da bifurcação era um paredão de pedra maciça, basalto, e devia fazer parte das bases sólidas do palácio da rainha. À sua esquerda, havia um sobressalto e uma porta baixa de madeira chumbada com rebites. Symas ficou curioso, pois o patamar ficava acima da água, então devia ser um acesso por onde não passava o escoamento. Podia ser um atalho ou uma saída. Ele subiu os degraus e aproximou-se da porta. Não estava trancada, mas fechada por ferrolho e bastante enferrujada. Devia fazer um tempo desde a última vez em que fora aberta. Symas tomou uma curta distância e se arremessou contra ela, arrebatando facilmente a fechadura com o peso do corpo. Ele terminou de abrir a porta e se deparou com um corredor estreito, por onde teria de andar agachado. Mas era menos escuro que os dutos — devia vir algum resquício de luz lá de cima — e o piso era seco. Parecia promissor, então ele seguiu em frente.

Symas logo se perdeu no emaranhado de túneis que se ramificaram pouco depois da portinha de madeira. Todos eles pareciam idênticos, e não havia nada ali para aguçar seus sentidos, como um cheiro novo de mofo, barulho de goteira, nada. Todos davam em passarelas mais largas, onde havia estoques de grãos, carne-seca e raízes colhidas há tempo suficiente para estarem cobertas por teias de aranha. E havia alguns depósitos diferentes na disposição das prateleiras, então ele teve certeza de não estar andando em círculos.

Aproveitou para abastecer os bolsos com os itens aparentemente próprios para consumo. Mas, no fim das contas, era um labirinto de caminhos iguais. Exceto, talvez, ele logo notou, pelo fato de um deles sofrer um leve declive. Por isso, Symas decidiu dar preferência a ele e começou a se afastar das galerias e

descer. O ar ficou mais frio, os ferimentos da perna esquerda começaram a sentir as físgadas incômodas, comuns no inverno.

Não demorou para seus pés pisarem solo não trabalhado, não calçado nem lapidado. Era terra pura, como se ele estivesse em uma caverna. Isso explicava a nova sensação térmica. Ele chegou a um tipo de antessala, onde havia indícios de atividade prévia. Um suporte sustentava uma tocha apagada, e uma bancada pequena, que provavelmente servia para distrair um vigia, como um tabuleiro para se jogar dados, estava presa à parede, perto da tocha, e, sobre ela, um par de pederneiras gastas. Symas arrancou a tocha do suporte e esfregou as pedras, até conseguir uma fagulha e iluminar o ambiente. Era uma sala surpreendentemente grande, com restos de trilhos apodrecidos cortando o chão, pedaços de algo parecido com carrinhos de minério em decomposição e estalagmites surgindo por todos os cantos do piso. Uma aura fumacenta, parecida com neblina, varria tudo de fora a fora. A câmara se fechava abruptamente em uma porta com ombreiras quadradas de madeira.

Ele mancou até a porta e se deparou com uma placa de pedra, entalhada em escritos antigos da língua original dos drinares. Era uma placa grande e quadrada, meia braça em cada lado, e os desenhos eram estranhos. Mostravam cenas de interação entre os deuses Koma e Giius. Em uma das cenas, o deus alado chorava, e Symas sentiu a mão buscando automaticamente no pescoço. Por baixo das runas, ele iluminou caracteres conhecidos, que formavam uma frase no idioma atual, e ele entendeu a maior parte. Algo sobre ser proibida a entrada de não autorizados e sobre a *câmara da mina viva Gieus*.

Symas coçou o queixo — fazendo a incômoda coleira balançar e roçar nas áreas inflamadas da pele — e não fez ideia do que aquilo significava. Ergueu a tocha e analisou alguma forma de destrancar a porta.

Quando um drinar caiu, com a cabeça estourada por um golpe de maça à sua frente, Bärdey saiu de trás da carroça onde estivera escondido. Ele se arrastou de quatro, ficou de pé, bateu a poeira das calças brancas — a essa altura, já sem esperança de salvar o tecido fino — e cumprimentou o lagarto responsável pelo golpe.

— Muito bem, querido... — Bärdey falou, sorrindo, extremamente satisfeito pela destruição que seus aliados haviam causado na cidade. Metade dos prédios estava no chão, reduzido a montes de entulhos, e as calçadas de pedras encaixadas com tanto esmero agora formavam desenhos por causa do sangue escorrido entre os sulcos. Dovares, cavalos, cães, todos mortos e caídos pelas ruas. A nuvem de poeira voava de um lado a outro com a incidência do vento, e o monstro gigante, o que quer que fosse, estava do lado de fora das muralhas, dando cabeçadas em

paredes a esmo, aparentemente por pura diversão. — É hora de oficializar o assunto.

Ele foi conduzido pelo lagarto até a praça central, onde todos os civis estavam reunidos, cercados por parte do exército escamoso. A rainha fora trazida à força da torre, suas roupas rasgadas e, pela forma como ela andava, protegendo a pélvis, era bem possível que os lagartos a tivessem violado com os cabos dos machados. A amante, a meretriz chamada de duquesa, foi lançada ao chão, e haviam cortado uma de suas mãos. O rei Albus, mais doente do que o habitual, e quase desmaiando, estava amparado pelo patético ministro Kacima e alguns serviçais. As mulheres e crianças humanas choravam, pedindo clemência, e os comerciantes humanos ofereciam, sem receber atenção, recompensas por suas próprias vidas. Eram centenas, talvez milhares de pessoas que não tinham nada a ver com a história e não precisavam morrer. Serviam, entretanto, para dar um recado aos quatro reinos.

— Queimem todos — Bärdey ordenou, apontando o dedo. — Comecem pelas crianças, para que tenhamos um pouco de silêncio. Deixem a rainha, o rei Albus e seu ministro. Depois, daremos um fim ao restante. — Sua única pontada de desapontamento foi não ver a princesa dentre os prisioneiros. Ele fazia questão de saboreá-la, por algum motivo. — Encontraram o corpo de Lor'tui?

— Ainda estão vasculhando os bairros, patrão — respondeu um dos lagartos lanceiros. — Mas ela certamente está mortinha. Quase todos os guerreiros estão, a essa hora.

Os demais lagartos começavam a cortar tiras de cordas para amarrar as crianças que seriam queimadas vivas. Enquanto isso, Bärdey virou-se para trás e ouviu um cantarolar já conhecido por ele. Era a voz de Ziuruh, e o xamã mereceria todas as honras possíveis.

— O que está fazendo? — perguntou Ziuruh, se aproximando.

— Onde está sua alegria? — Bärdey indagou, abrindo os braços. — Celebre, sujeito! A cidade é nossa! — Ele apontou com o polegar para trás, casualmente, como se estivesse se referindo a uma colheita de alfaces. — Seus rapazes... *nossos* rapazes estão amarrando as crianças humanas para virarem assado. Depois será a vez dos pais.

Uma mulher começou a chorar e a implorar pela vida de seu filho, mas foi espetada na garganta por uma lança e caiu morta, com o resto de voz gorgolejante se esvaindo do corpo. Algumas crianças menores zumbiram em uníssonos, com o característico choro fino, e tomaram pauladas nas cabeças. Algumas morreram na hora, outras permaneceram deitadas de costas, tendo espasmos nas pernas. Isso ajudou a conter as manifestações. Bärdey, satisfeito, virou-se novamente para seu xamã.

— O que achou de tudo?

O lagarto ignorou a pergunta de Bärdey e fez um sinal com a cabeça para seus soldados, como se autorizasse novamente a ordem de amarrar os pequenos humanos.

— Podem continuar — disse ele.

— O que disse, Ziuruh? — Bärdey cerrou os olhos. Não estava gostando da postura do xamã.

Ziuruh respirou fundo e empertigou-se, olhando de um lado a outro, contemplando a destruição de metade da cidade. Declarou a próxima frase com a voz bastante cansada, mas com autoridade o suficiente:

— Fienne nunca mais receberá visitas humanas. Essa cidade agora pertence a nós, os lagartos. Todo o reino do norte pertence a nós. O sangue que pintou essas terras quentes era lang'oár, e o sangue de nossos inimigos será responsável por expiar os erros dos antepassados e nos honrar, como merecemos.

Bärdey retrucou sombriamente.

— Sabe com quem está falando, não sabe? Desça do pedestal imaginário e venha ter uma conversa séria comigo. Neste instante.

— Agora Fienne é uma capital lang'oár — Ziuruh continuou, ignorando completamente o padrão. Em seguida, ele fez um gesto a um de seus soldados.

Bärdey não teve tempo de virar para trás. Uma pancada surda fez luzes se acenderem diante dos olhos e, depois, não viu mais nada.

34 – Sentença

O mercador estava cansado. Há semanas vinha recebendo cobranças por parte do conde cadmense Geha, filho do famoso Deha, o príncipe não coroado. A voz do nobre, aguda demais para um homem daquela idade, estava martelando em sua cabeça como uma daquelas trovas enjoativas, cantadas por menestréis em festivais:

— *Apenas venda meu linho, senhor Möl. Esse linho deve cruzar os quatro reinos, pois vale muito e receberá o devido crédito.*

Sujeito insuportável. Falou tanto, que o acabou convencendo a encher a carroça com rolos intermináveis de linho e perder espaço que seria destinado às suas próprias mercadorias. Agora não podia mais *desouvir* a voz ranhenta do infeliz. E, em segundo lugar, o mercador odiava ser chamado pelo nome. Todos na cidade o conheciam por *Chapéu de Bico*. Era assim que ele gostava de ser chamado. Ainda mais quando se pedia um favor. Um verdadeiro ultraje.

Agora, sentindo o corpo sacudir com o balanço da carroça, dirigia até uma cidade localizada ao Norte, *Correia de Feno*, e ele nem sabia se lá era território humano ou drinar. Teria de pedir informações na primeira estalagem que avistasse na estrada. O pior de tudo era não saber quanto iria receber pela venda, pensou, praguejando e cuspiendo um fio de saliva marrom, misturada com fumo mastigado.

A estrada era estreita até para uma carroça pequena como a dele, os sulcos definidos por rodas eram finos, e a maior parte do meio era tomada por tufões de capim amarelado. Havia pedras demais, não só no meio da via, como também eram maioria na composição do cenário. As árvores eram mais baixas, troncos finos, não tão diferentes de arbustos comuns, e muitas, muitas espinhentas ressecadas, só esperando a chegada da primavera para vicejarem novamente, faziam cercas demais e sombra de menos. O reino de Piriele estava, definitivamente, ficando para trás.

De repente, uma movimentação em uma das espinhentas secas chamou a atenção do Sr. Chapéu de Bico. Os galhos secos deram uma farfalhada meio forte para uma tarde em que não ventava muito. Ele deu uma puxadinha nas rédeas, diminuindo o passo do cavalo, e virou-se para trás, procurando pela sua besta. Sempre a carregava consigo, pois as estradas acima dos pântanos eram traiçoeiras feito rabujos. Ladrões em excesso. Na maioria das vezes, andavam em bandos e tocaiavam os latoeiros. Mas, se quisessem pegar o linho do conde, o velho pensou, teriam de resistir a alguns virotes antes.

Primeiro, o velho viu um pé despontando dos arbustos. Um pé humano descalço, talvez de criança, ou de mulher, branco como cera, apontando para o

Leste. Depois o resto da perna, mas nunca o corpo. A perna estava cortada e pendurada na boca cheia de dentes de uma criatura da qual ele nunca ouvira falar. Parecia um gato enorme, do tamanho de um pônei, com duas cabeças, sendo que uma delas tinha os olhos atentos analisando a área — e eles avistaram a carroça e o velho —, enquanto a outra tratava de transportar a perna recém-arrancada. A pelagem era meio alaranjada, e seria fácil camuflar em meio às dunas de Gatuste. Ele ronronava um som grave, como um discreto trovão.

— Por Koma... — o velho deixou escapar, com a voz trêmula. Os dedos não tiveram força para acionar o gatilho da besta. O quê, em nome dos deuses, era aquilo?

A criatura de duas cabeças ignorou a presença do carroceiro e seguiu seu caminho, atravessando a estrada e enfiando-se novamente nas folhagens ressecadas. Foi procurar algum lugar onde pudesse apreciar sua refeição.

Bärdey acordou com um sobressalto. Outro pesadelo. Não conseguiu, contudo, levantar-se da cama, pois não havia cama. Ele estava preso a correntes no pescoço, braços e pernas, tal qual Symas, quando o visitou nos calabouços. Um líquido salgado pingava de sua testa, escorria pelo nariz e pousava nos lábios. Poderia ser sangue ou suor, mas devia ser o primeiro, pois um corte em sua têmpora ainda ardia, inflamado. O resto do corpo estava igualmente ruim, ele sentia os machucados por toda parte, como esfolados nos nós dos dedos e, nas pontas, unhas arrancadas latejavam; o estômago queimava, fundo de fome, as costas fígavam com os últimos suspiros dos músculos, implorando para que o corpo se deitasse.

Quanto tempo havia se passado desde a traição dos lagartos? Algumas semanas? Um mês?... Não soube dizer. Perdera as contas depois do sétimo dia e, por estar trancado no escuro, não sabia mais quando havia sol no céu ou lua. As únicas interações aconteciam quando um dos lagartos descia um lance de escadas e lhe trazia pão velho ou peixe cru, acompanhado por uma caneca d'água de gosto salobro. Os dias de luxo e requinte eram os dias em que traziam um balde para ele fazer suas necessidades, pois, na maior parte das semanas, ele tinha de se aliviar nas calças, mesmo. As assaduras na virilha cobravam um preço alto, ardendo o tempo todo e o impedindo de dormir sonos profundos. Por que não o matavam logo? Estava quase na hora da comida, e ele tomou uma decisão: provocaria o guarda lagarto até não poder mais. Quem sabe assim não lhe enfiavam a espada e acabavam com sua agonia?

Bärdey calculou certo. Passou menos de um quarto de hora, e os passos pesados do guarda começaram a retumbar escada abaixo. Ele especulou se esse era um dia de sorte, se era um dia de peixe. O lagarto surgiu de frente para a cela, a

chama bruxuleante da tocha iluminando seu rosto e o distorcendo, formando uma figura ainda mais atroz que o normal. Não havia, entretanto, nada em sua outra mão. Nem mesmo o pão duro.

— Cadê a comida?

O lagarto não respondeu. Apenas enfiou uma chave na tranca da cela e, depois de um estalo, a porta estava aberta. Ele passou por Bärdey, mexeu em algumas coisas atrás dele e, pouco depois, as correntes estavam no chão — pelo menos as que prendiam o pescoço —, fazendo ecoar na sala um som metálico. Os braços e as canelas permaneceram sob grilhões.

— Você vai embora — o lagarto chiou, puxando o “c” e fazendo um som parecido com o sibilar de uma cobra. — Pagaram por sua soltura. *Shah* ...

— Do que está falando?

Bärdey mal perguntou e sentiu seu ar escapando de uma só vez dos pulmões. O lagarto lhe dera um soco no estômago com toda a força.

— Apenas me acompanhe, em *shilêncio* .

Bärdey tossiu e caiu de joelhos, não por causa do soco, mas porque suas pernas não tinham mais força para sustentar o corpo de pé. O lagarto prontamente o puxou pelos cabelos, chiando:

— Não me faça arrastá-lo.

Desgraçados ...

Bärdey fez força para empertigar-se, os joelhos tremendo feito bambus ao vento, mas, com muita dificuldade, deu o primeiro passo, apesar de precisar se escorar nas grades da cela. Depois deu outro, tentando acompanhar o ritmo do guarda. As escadas foram muito mais difíceis, mas a luz quente vinda lá de fora o deu novas forças. Ele só queria sair dali e nunca mais voltar. Só queria sentir o sol sobre sua cabeça novamente.

Levou um tempo para perceber, quando chegou à superfície, que estava em Fienne. Aquela não era a capital da qual ele se lembrava. No lugar dos drinares, a cidade estava apinhada de soldados lang'oárs fazendo ronda, as construções em basalto haviam perdido o resto de vitalidade e agora estavam ainda mais opacas, mortas. Os bairros, antes constituídos por casas de aspecto razoável — alguns belos prédios de dois andares e sacadas, inclusive —, agora eram formados por barracas e redesenhados em um grande acampamento, como os assentamentos levantados quando há cerco de guerra em algum castelo.

Boa parte das muralhas tinha sido reduzida a entulho, e o anel preto e circular, proteção primária da cidade, se tornara um desenho feito pela mão inábil de uma criança. No lugar delas, foram erguidas paliçadas duplas de madeira, e as estacas pontudas estavam recheadas de pedaços de corpos carbonizados, formando uma espécie de enfeite macabro. Cabeças desprovidas de olhos, bocas carentes de

lábios e com dentes escancarados, esculpidas em sorrisos eternos ou expressões de agonia. Braços e pernas de crianças, mãozinhas diminutas fincadas em estacas, como se, por piada do humor sinistro dos lang'oárs, fizessem acenos a algum eventual viajante.

Animais estranhos rondavam a cidade, também. Resultado das manipulações do xamã no istmo.

Bärdey não viu o mais traiçoeiro dos seres, Ziuruh. Não o dedicaram ao menos essa demonstração de respeito. Ele foi puxado pelo guarda — já sem paciência com suas passadas caquéticas — até o portão sul, onde era possível ver, na estrada, algumas carroças com a bandeira de Cerne, uma espécie de delegação.

— Pode ao menos me contar o que houve? — Bärdey perguntou, tentando parar de pé.

O lagarto falou, mas sem sequer olhar para trás:

— Parece que o rei de Cerne quer ter a honra de cortar sua cabeça em sua capital. *Sheiah* ... Pagou quase o peso dele em prata pela sua liberdade.

Bärdey teve vontade de sorrir, mas não o fez. Não aguentava mais apanhar. Mas ele daria um beijo nas bochechas gordas do rei quando estivessem a sós. Sabia que não o deixaria preso, não enquanto ele tivesse informações tão valiosas. E a situação era perfeita. Como o plano de tomar a cidade havia falhado, desmentiria qualquer coisa dita pelos lagartos e diria que foi surpreendido pelo exército lang'oár. Diria nunca ter tido conhecimento a respeito dos planos de Ziuruh. Contaria a ele sobre os brincos e sobre seu ex-flâmule, Symas Luda, dando o exemplo do real poder da Lágrima de Giius. O gorducho ficaria tão excitado, que ignoraria qualquer coisa contada pelos lagartos.

Ele não pôde acreditar quando a carruagem real começou a andar e a tirá-lo daquele lugar horroroso. O vento batia na janela, agitando os seus cabelos — não muito, devido à quantidade de sujeira acumulada nas mechas — e provavelmente espalhando seu fedor. O rei, ao seu lado, fazia um excelente trabalho em disfarçar. Nem cobria o nariz.

— Satisfeito? — perguntou Bertom, após tomarem alguma distância de Fienne.

— Não foi a mais confortável das experiências, majestade. — Bärdey olhou para a janela e viu os cactos e as pedras avermelhadas se movendo junto da estrada, ficando longe. Tudo doía, até para falar. Mas melhoraria com o tempo. — O que o lagarto xamã lhe contou?

— Falou pouca coisa. Disse que não era da minha conta os reais motivos que o levaram a invadir a capital vermelha, e eu não quis saber. Sabe por que vim atrás de você.

Um alívio lambeu a pele de Bärdey. De repente, seus ombros ficaram menos doloridos, e as costas acomodaram-se melhor no encosto macio do assento.

— Só sei que um dia voltarei e cobrarei o preço daquele traidor. Mas sim, Vossa Majestade, tenho notícias sobre os brincos. E muitas outras, também. Gostará de saber que vi o poder das pedras com meus próprios olhos. Seus planos estão mais próximos da realidade agora, meu senhor. Acredite em mim. Uma meia dúzia de lagartos não protegerá as relíquias.

— Um pouco mais de meia dúzia. — O rei deu uma risadinha e finalmente colocou o rosto bochechudo para fora da janela. O couro do assento dava estalos, claramente sofrendo sob o peso sobre-humano daquele espécime.

— Nada demais para o glorioso exército cernense, senhor.

O rei não comentou mais. Colocou um dos braços para fora e deu dois socos na lateral da carruagem. O condutor freou os animais, e o veículo parou. Bärdey não entendeu, mas ficou em silêncio, esperando a melhor hora para perguntar. O rei desceu, e dois soldados entraram em seu lugar. Um de cada lado, empurrando-o para o meio do banco. Tinham espadas afiadas apontando em direção ao seus órgãos. O rei, antes de sair, abaixou-se na janela e disse a Bärdey:

— Vou no veículo de trás, para me certificar pessoalmente de que não escapará. Quanto aos brincos, fique tranquilo, pois os recuperarei. Pela espada ou pela prata, o que o lagarto xamã preferir.

— Vossa Majestade, eu não entendo... — Bärdey ganiu, finalmente. — Não deve acreditar no que aquele praticante de magia negra diz. Eu não fazia ideia de que...

— Não me interessa quem invadiu Fienne ou por quê — Bertom o cortou. — O que me interessa... — ele colocou a manzorra no pescoço de Bärdey e começou a apertar. Os dedos de linguixa tinham muito mais força do que qualquer um imaginaria. Bärdey começou a ficar tonto por falta de ar — o que me interessa, desgraçado, é que a maldita grávida contou a toda Paniase sobre nós dois. E isso, maldito, não posso deixar passar. Preciso tentar consertar as coisas diante do público, diante de um número incontestável de testemunhas.

A praça estava apinhada de gente, e não só nas ruas. As casas estavam prestes a vomitar curiosos também. Tomates, repolhos, cabeças de alface, cenouras, tudo voando das mãos dos indignados camponeses de Cerne. Penumbra observava, impassível, a todo o evento. De braços cruzados e de pé sobre um caixote, assistiu ao julgamento, ouviu com desdém as palavras pomposas do rei Bertom e achou incrível que a comitiva do duque de Paniase tivesse acreditado. Todos bateram palmas quando o rei deixou o palanque e fez um sinal para que o carrasco cumprisse a sentença. O próprio Bärdey, seminu, com as tatuagens à mostra, para

que todos confirmassem sua identidade, não disse uma palavra sequer e aguentou a tudo com uma resignação admirável. Ele estava limpo, de banho tomado, mas as cicatrizes das torturas drinares eram evidentes, e o corte na testa ainda sangrava, soltando também um pouco de pus. Penumbra aplaudiu, também, junto do público, mas em homenagem ao líder da Ordem. Tinha de admitir que Bärdey era um homem e tanto.

O carrasco levantou o machado com as duas mãos. Dois soldados posicionaram a cabeça de Bärdey sobre a madeira — e o líder do submundo sorriu, mostrando os dentes amarelados —, e então o golpe veio, de cima para baixo e com bastante força. Penumbra havia se perguntado, até o momento, se Bärdey seria capaz de sobreviver ao golpe. Em suas fantasias, o homem era quase um ser místico, impossível de ser morto. Especulou se alguma lufada de vento divino não desviaria o machado, se alguma decisão de última hora não o livraria do destino, ou quem sabe o rei Bertom não mudasse de ideia e mandasse todo mundo se danar, pois o reino era dele e executaria quem bem entendesse.

Nada disso aconteceu. A cabeça de Bärdey rolou no chão como um melão, batendo na madeira com um som oco e sem graça. O sangue claro esguichou com força e continuou assim por um tempo, enquanto o corpo mole dava umas estremecidas no tablado. Foi só um momento de silêncio, muito pouco para homenagear um homem da estatura de Bärdey, e o povo logo começou a comemorar, atirando os vegetais para cima, gritando e cantando, aplaudindo a atitude do rei Bertom.

Mesmo assim, Penumbra sorriu.

Epílogo

Symas pegou a caneca de cerveja e jogou uma moeda ao taberneiro. Não podia ficar gastando o pouco que conseguira, mas estava desesperado para tomar alguma coisa. Aguardente ele queria evitar, para não voltar a ser um bêbado inválido, e cerveja era um bom começo. Depois de sentir o líquido descendo frio pela garganta e o amargor no final de boca quando arrotou, ele encostou-se na cadeira e relaxou o corpo. Passou a mão pela cabeça e ainda estranhava a falta de cabelo. Teve de raspar tudo para não ser reconhecido, além de cultivar uma barba felpuda. Apesar de quase todos os seus problemas terem sido resolvidos, ainda havia a questão das mortes em Cistol, e isso não podia ser ignorado. Um dia, cobriam dele o sangue daquelas moças.

Mas nunca mais, ele pensou, com satisfação, nunca mais faria aquilo e, pela primeira vez, acreditou nisso. Passou a mão pelo bracelete da princesa Lor'tui — ele teve de adaptá-lo ao seu braço para que servisse — e se certificou ainda mais conferindo os bolsos. Três pedras. Brutas, era verdade, mas perfeitamente funcionais. Exatamente como a Lágrima.

A imagem do que viu por baixo dos esgotos de Fienne, entretanto, não sairia de sua mente tão cedo. Os lamentos daquela criatura, a voz meio infantil, somada ao rosto sinistro de carne costurada... Um lamento eterno... Não fazia qualquer sentido e, ainda hoje, desafiava tudo em que ele acreditara por toda sua vida. Mas era real, e as provas estavam em seus bolsos.

Ele teve um arrepio e deu mais um gole na cerveja. Voltaria para a casa de Baldo, onde ele sabia que estaria em segurança, e ficaria em paz, até decidir onde seria sua nova casa. Torceu para que Manchado e Vescas ainda estivessem cuidando dos porcos por lá.

Crentos cantarolava uma canção drinar enquanto mexia em seus aparatos alquímicos. Ele derramou uma solução em um frasco contendo enxofre e se afastou, divertido, quando uma faísca se acendeu, iluminando a sala por um momento. Ele ouviu passos descendo as escadas e virou-se para trás. Devia ser o membro da Ordem.

Sim. Penumbra apareceu, escoltado por dois sujeitos tatuados, e eles carregavam o corpo de Bärdey todo enfaixado. O próprio Penumbra trazia nas mãos a cabeça dele, também coberta por bandagens.

— Bom, bom... — disse o prócer. — Foi muito difícil?

Penumbra fez um muxoxo e estudou a sala de alquimia.

— Caro, não difícil. Mas valeu a pena — tratou de acrescentar.

— Bom... muito bom. — Crentos apontou para uma mesa de ferro no centro da sala. — Coloquem ali, por favor, e tirem as bandagens. Você, tenha a gentileza de me trazer aquele rolo de linha e agulha.

Crentos reparou que Penumbra não se incomodava com sua aparência. Os homens ficaram meio apreensivos, mas foram extremamente profissionais. Bärdey os treinara bem. Eles trouxeram os objetos de costura e descobriram o corpo. O corte no pescoço estava bem feio, um pouco descolorado e decomposto. Ficaria para sempre marcado, mas era um mal necessário. A menor das consequências. A cabeça de Bärdey foi colocada sobre a mesa e colada junto ao corpo. Os olhos estavam fechados, as pálpebras remelentas e coladas. A boca ainda estava entreaberta, e dela exalava cheiro de carne putrefata. Não muito podre, mas bem no início da decomposição, quando o odor fica maduro e pungente.

— Costurem, por favor — Crentos pediu aos homens, e Penumbra acenou para que um deles obedecesse.

Depois de remontado o corpo, os quatro contemplaram a imagem do patrão, magra e pálida, e fizeram um momento de silêncio em sua homenagem. Crentos trouxe a pedra que Bärdey guardara com tanto carinho por toda a vida e a depositou sobre o peito dele. Pegou o frasco onde fizera a mistura e espargiu por cima do mineral, fazendo-o se acender.

Passou um tempo, e, quando Bärdey mexeu um dedo, os homens ficaram inquietos, mas Penumbra sorriu. Um companheiro e tanto, pensou o prócer, também sorrindo por trás da máscara. Os olhos de Bärdey tiveram dificuldades para soltar as remelas, mas se abriram. A íris estava bem viva agora. Crentos tirou a pedra do peito dele e falou:

— Vou guardá-la no lugar de sempre, patrão. Eu a protegerei com minha vida.

Bärdey piscou, desorientado. Não fazia ideia de onde estava, era evidente.

O prócer pousou, gentilmente, a mão sobre o peito dele e sussurrou:

— Eu disse que ela funcionaria, é um filactério. Eu disse para confiar no Älememoti.

Fin.

Agradecimentos:

A todos os que aguardaram pacientemente por essa continuação e à editora Kalima (é claro, por intermédio do meu amigo Vagner Neubert). Durante a pandemia, foi difícil encontrar ânimo e concentração para escrever, e todo o ano de 2020 pareceu um tempo perdido para quem tinha esperanças nos campos artísticos. Graças ao apoio e ao incentivo do Vagner, encontramos um caminho para continuar com os trabalhos.

A Sol Vieira Buzzacaro, por sua diligência e presteza, seus comentários certos e sua fidelidade. Também a Porttos Wolf, por ter se oferecido a ajudar na leitura crítica, por ter apontado erros e acertos no manuscrito com suas observações perspicazes. Ambos fizeram a gentileza de contribuir enormemente para o andamento do livro.

A todos vocês, meu muito obrigado.